

Provedor do Ouvinte

Relatório de Atividade 2025



Ana Isabel Reis
Provedora do Ouvinte

Março 2026

Relatório de Atividade 2025

Provedora do Ouvinte

Ana Isabel Reis

Índice

Introdução	1
1. O Gabinete do Provedor do Ouvinte	2
2. Mensagens e Ouvintes	3
2.1. As Mensagens	5
2.2. Perfil dos Ouvintes	12
2.3. O Programa Em Nome do Ouvinte	15
2.4. Casos	24
2.4.1. A Rádio Pública no país e informação de proximidade	24
2.4.2. O Apagão de 28 de abril de 2025: ligados ao rádio a pilhas	28
2.4.3. As Antenas	31
2.4.4. Debates e exercício da cidadania	32
2.4.5. 90 anos de Rádio Pública	34
2.4.6. Mensagens de Satisfação e Sugestões	35
3. Reflexões Finais e Recomendações	38
3.1. Informação de Proximidade	38
3.2. Partilha de Recursos	39
3.3. Cativar AS ouvintes numa Rádio Pública masculina	40
3.4. Rádio Pública e situações de calamidade	42
3.5. A rádio no digital: Podcasts, Webrádios e RTP Play	43
Anexos	49

Introdução

O presente Relatório de Atividades diz respeito ao primeiro ano do segundo mandato enquanto Provedora do Ouvinte da RTP. As competências do Provedor foram definidas em 2006, aquando da criação do cargo¹: compete ao Provedor receber e avaliar a pertinência de queixas e sugestões dos ouvintes sobre os conteúdos difundidos e a respetiva forma de apresentação; produzir pareceres sobre as mensagens, transmitindo-os aos ouvintes e aos visados; formular conclusões sobre os critérios e métodos utilizados na elaboração e apresentação da programação e da informação; assegurar a edição de um programa semanal, tendo em conta o limite máximo de uma hora de emissão por mês; e apresentar um relatório anual sobre a sua atividade. É neste âmbito que se produz este Relatório.

Em 2025 continuei a responder à correspondência dos ouvintes sobre as rádios hertzianas, as *webrádios* e as plataformas multimédia com conteúdos de áudio da RTP. Algumas mensagens foram selecionadas para uma reflexão mais profunda no programa da Provedora - Em Nome do Ouvinte.

No terceiro ano de mandato dei continuidade às duas vertentes que tenho privilegiado na minha atividade: responder às mensagens dos ouvintes e mostrar a rádio por dentro. Assim, acompanhei programas realizados em diferentes locais do país e visitei Centros Regionais e Delegações do território continental.

Neste relatório faz-se o balanço da atividade desenvolvida em 2025: funcionamento do Gabinete da Provedora do Ouvinte; caracterização das mensagens e perfil de quem escreve à Provedora; o programa Em Nome do Ouvinte; reflexão sobre alguns temas suscitados pela correspondência; balanço das visitas aos centros regionais, de produção e emissão; considerações finais e algumas recomendações.

¹ O Estatuto dos Provedores, bem como as respetivas designações e competências, constam do Capítulo V da Lei nº 8/2007, de 14 de fevereiro, que procedeu à reestruturação da concessionária do serviço público de rádio e televisão. A Lei n.º 2/2006, de 14 de fevereiro cria o Provedor do Ouvinte e o Provedor do Telespectador nos serviços públicos de rádio e de televisão.

1. O Gabinete do Provedor do Ouvinte

No primeiro ano do segundo mandato foi dada continuidade à descentralização do Gabinete do Provedor. Nestes 12 meses, desempenhei funções em Lisboa, onde se mantém o Gabinete dos Provedores; e em Vila Nova de Gaia, onde gravo regularmente entrevistas e locuções do programa Em Nome do Ouvinte; visitei também as delegações de Coimbra para a realização de entrevistas; e de Faro, cidade em que decorreu um dos programas da série Fora de Portas.

O Gabinete mantém as jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz, que integraram anteriormente a redação da rádio, para apoio ao trabalho da Provedora; e um elemento de apoio ao secretariado, Susana de Faria, comum às duas Provedorias, do Ouvinte e do Telespectador.

Com a Provedora do Telespectador, participei na Conferência da ONO (The Organization of News Ombuds and Standards Editors), que decorreu em Madrid, em maio². O encontro reuniu cerca de cinquenta Provedores e *Standards Editors* de todo o mundo. As temáticas debatidas centraram-se nos desafios atuais enfrentados pelos meios de comunicação social: as redes sociais, *influencers* e as audiências jovens; inteligência artificial; os conflitos mundiais; *fake news*; questões de género; violência sexual; e literacia.

A Conferência foi enriquecedora, pela troca de experiências com provedores de outros países, de meios públicos e privados. Julgo que é fundamental a RTP integrar este tipo de organizações e estar presente neste género de iniciativas enquanto grupo de média público.

Relativamente aos aspetos formais, reforço uma nota já enunciada nos anteriores relatórios: o facto de a Provedoria do Ouvinte não dispor de Orçamento próprio, ao contrário do que acontece com a Provedoria do Telespectador. Essa circunstância não

² O jornal espanhol El País foi o anfitrião da Conferência da ONO, tendo feito a cobertura noticiosa do primeiro dia de trabalhos no artigo “Fifty international readers’ advocates meet in Madrid to discuss threats to journalism”:

<https://english.elpais.com/international/2025-05-08/fifty-international-readers-advocates-meet-in-madrid-to-discuss-threats-to-journalism.html>

tem provocado impedimentos, mas, reforço, deve ser ponderada - uma vez que tem implicações logístico-burocráticas.

2. Mensagens e Ouvintes

Em 2025 registou-se um total de 338 mensagens, considerando todas as formas de receção. Verificou-se, assim, uma diminuição em relação ao ano anterior.

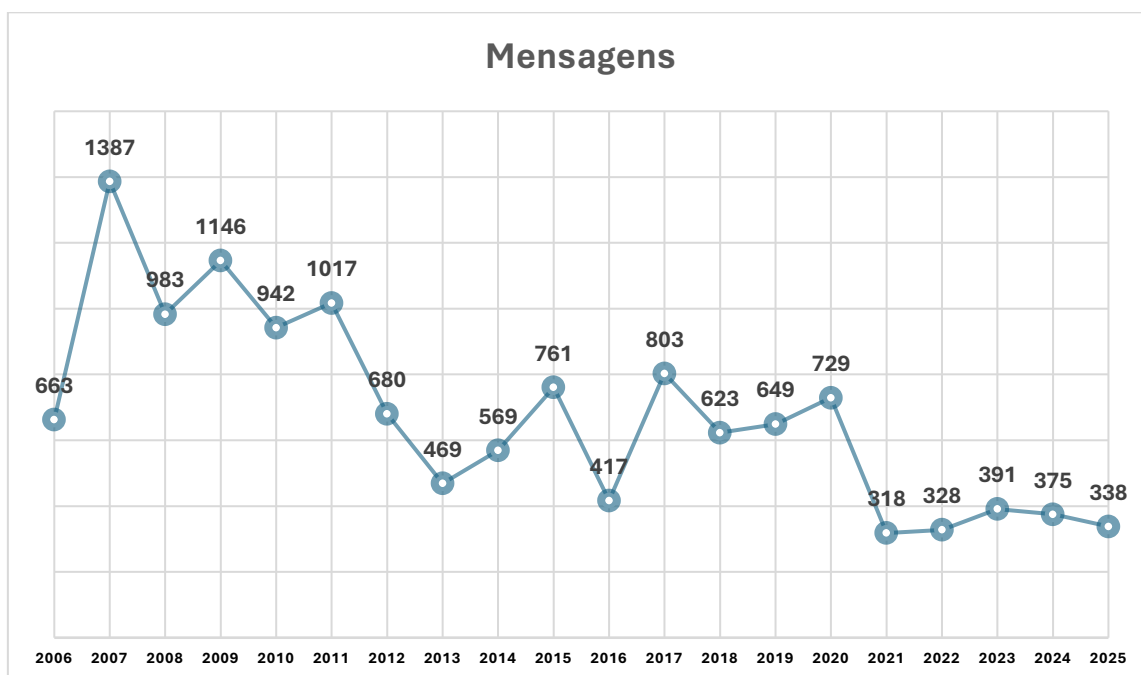


Gráfico 1 - Evolução do número total de mensagens 2006-2025

Sublinhe-se que a diminuição do volume de mensagens coincidiu com um ano em que se realizaram vários atos eleitorais (legislativas, autárquicas e regionais da Madeira), o que poderia ter feito aumentar o seu número, caso a cobertura informativa tivesse sido considerada parcial ou insatisfatória pelos ouvintes.

Os ouvintes podem enviar mensagens de cinco formas: pelo formulário disponível na página das provedoras, na Internet; pelo sítio da Antena 1³ na Internet; por correio

³ Em 2024 o site da Antena 1 passou a dispor de um formulário eletrónico pelo qual os ouvintes podem endereçar mensagens à Provedora. Essas mensagens são automaticamente reenviadas para o email da Provedora do Ouvinte e são respondidas pela mesma via.

eletrónico⁴; por carta; e através da linha de atendimento aos ouvintes. A maioria das mensagens chega pela página das provedoras no sítio da RTP.

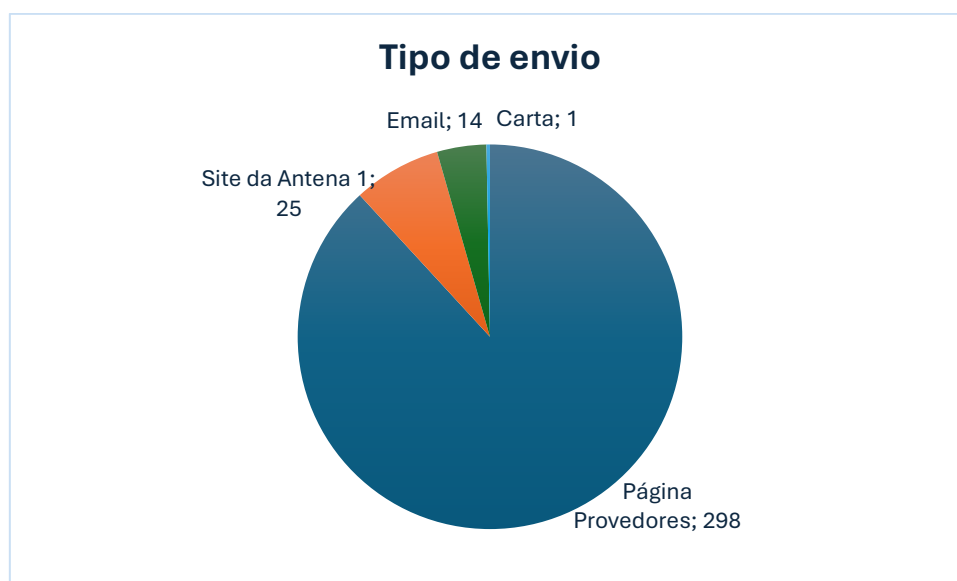


Gráfico 2 – Mensagens por tipo de envio

As mensagens são classificadas por assunto e inicia-se o processo de resposta: audição dos segmentos de emissão a que dizem respeito; pedido de esclarecimentos aos visados; e compilação da informação; resposta aos ouvintes, que é também remetida a quem prestou explicações.

Quando as mensagens incidem sobre a falta de sinal das diversas antenas são enviadas à Direção de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da RTP. Se for necessário contactar o ouvinte para obter informações, fazer o diagnóstico da situação ou solucionar localmente o problema, é necessário solicitar-lhe autorização para a transmissão dos seus dados pessoais à equipa técnica. Como foi referido nos relatórios anteriores, é um imperativo legal⁵. Contudo, verifica-se que muitas vezes não há resposta por parte de quem enviou a mensagem. Assim, o departamento técnico nem sempre pode agir no sentido da identificação e resolução dos problemas expostos pelos ouvintes. Na

⁴ As mensagens por email são enviadas quase sempre pelos mesmos ouvintes, que já manteriam esta forma de contacto com anteriores Provedores.

⁵ Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados 2016/679 - regulamento do direito europeu que determina as regras relativas à proteção, tratamento e livre circulação dos dados pessoais das pessoas nos países da União Europeia.

prática, o cumprimento escrupuloso do RGPD resulta num impedimento ao diagnóstico e resolução de questões técnicas que poderiam ter solução.

2.1. As Mensagens

A análise que se segue reúne apenas o total das mensagens rececionadas através da página das provedoras no sítio da RTP (298) e que permite o seu tratamento estatístico.

A grande maioria dos ouvintes assinala as mensagens como Crítica ou Queixa, num total de 198. As Dúvidas (31) são, quase sempre, pedidos de informação. E a Satisfação (25) traduz-se em elogios a profissionais, programas, rubricas ou emissões. As Sugestões (32) incidem sobretudo em temáticas que podem ser abordadas em programas de informação ou entretenimento.

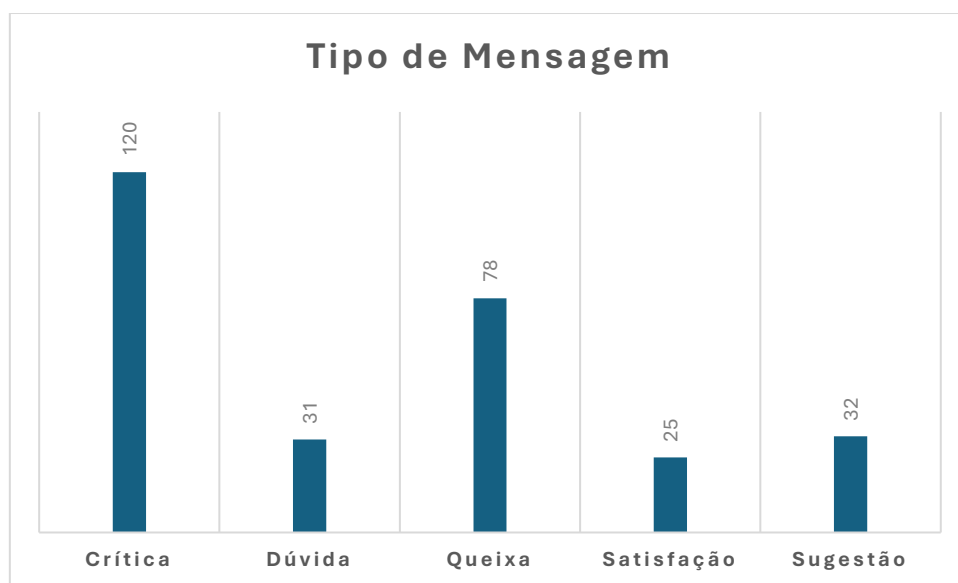


Gráfico 3 - Classificação do tipo de Mensagens

O maior número de mensagens visa a Antena 1 (173), seguida pela Antena 2 (44) e Antena 3 (19), RDP África (3), Antena 1 Madeira (2), Antena 1 Açores (1), e RDP Internacional (2).

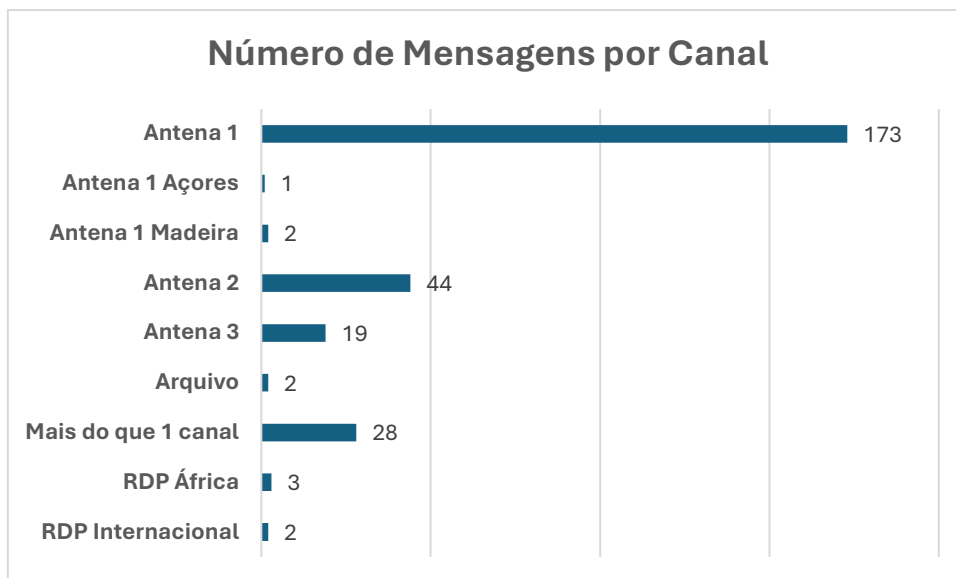


Gráfico 4 – Número de Mensagens por cada Canal

A classificação do número de mensagens é feita tendo em conta o canal que origina o tema principal da mensagem. Relativamente à RTP Play, foi incluída nos gráficos seguintes.

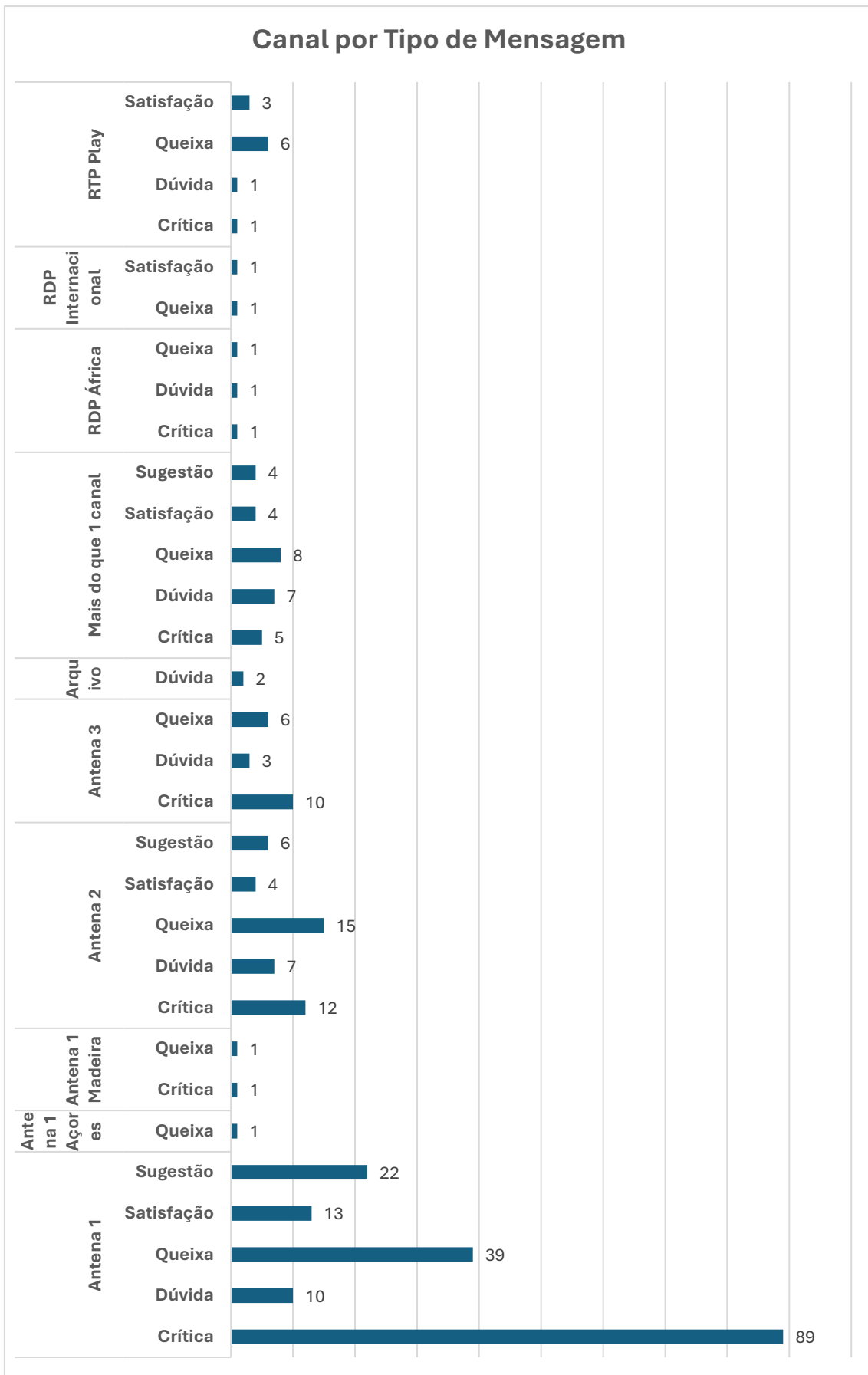


Gráfico 5 – Mensagens por canais de rádio

Relativamente ao tipo de assunto, destacam-se as mensagens sobre a Informação e Programas e Rubricas, ambas com 30; e Futebol, com 29.

Na Informação, os ouvintes contestam com frequência as opções editoriais e os critérios que presidem à seleção de temas e convidados, bem como a forma como é feito o tratamento jornalístico da atualidade nos noticiários.

No futebol são igualmente questionados os critérios editoriais e a duração das transmissões desportivas.

No entretenimento as mensagens centram-se na seleção musical, convidados de programas e rubricas e alterações na programação.

Sobre a RTP Play recebemos 17 mensagens que visavam exclusivamente o sítio da RTP. Houve outras, mas, por abordarem mais do que um tema, foram classificadas pelo assunto dominante. A maioria era sobre a disponibilização de programas e rubricas na RTP Play, o que reflete o consumo crescente de *podcasts*.

Chegou também correspondência sobre rubricas ou programas de opinião (11), tutelados por ambas as direções, questionando o critério de seleção dos intervenientes ou as suas opiniões.

As mensagens de satisfação não representam um número real, uma vez que não abrangem as que - no decorrer de críticas, queixas ou sugestões -, também incluem algum elogio, sendo, no entanto, catalogadas de acordo com o assunto principal.

As mensagens assinaladas como Outros Destinatários ou Outros Conteúdos referem-se às que são remetidas por engano para a Provedora do Ouvinte ou que abordam questões que ultrapassam as suas competências.

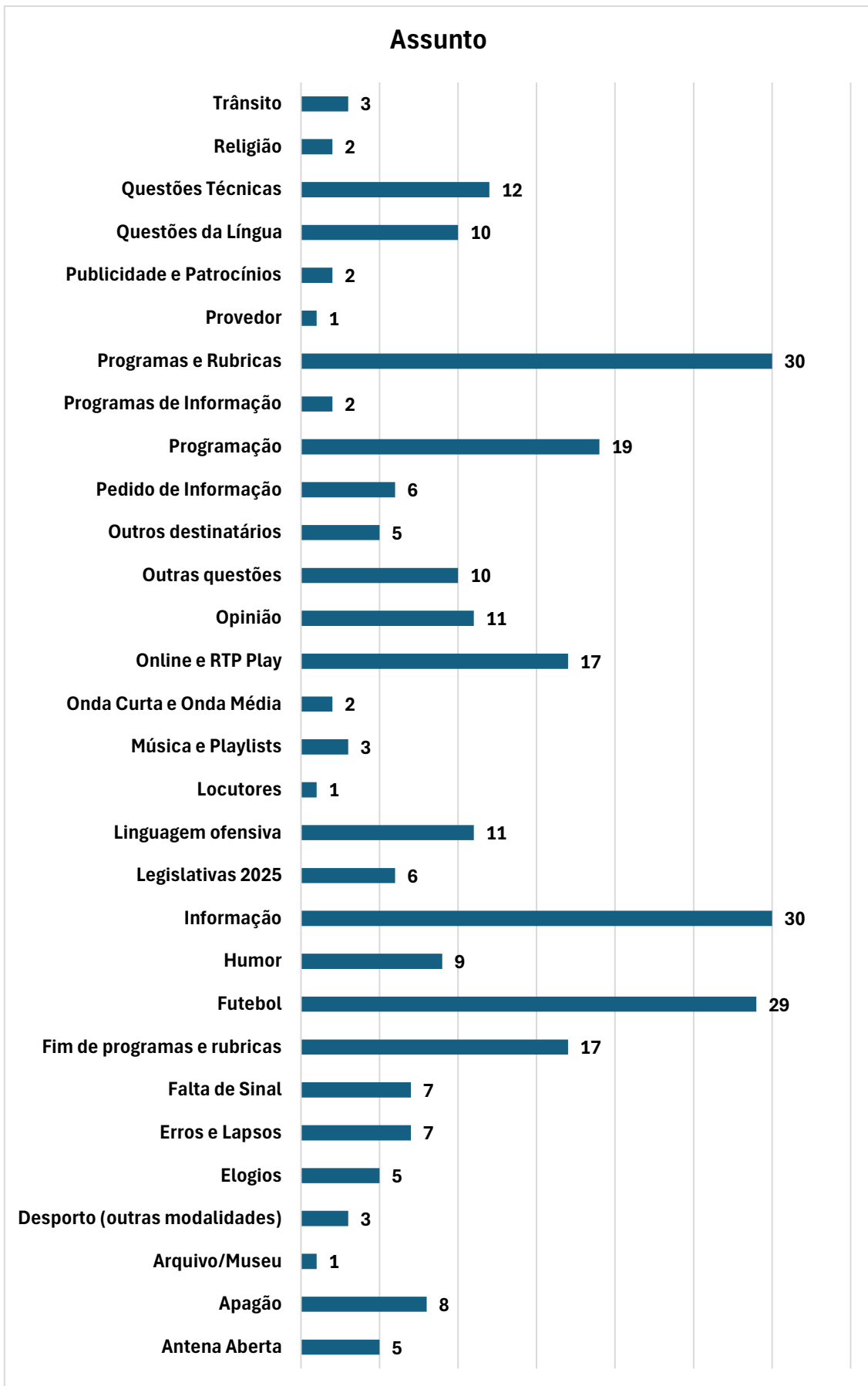


Gráfico 6 - Mensagens por tipo de assunto – Totais

A Antena 1 regista uma maior diversidade de assuntos, embora os temas da área da informação e, em concreto, do futebol se destaquem.

Na Antena 2 e na Antena 3, as mensagens centram-se, essencialmente, nos programas e nas opções musicais, mas também na disponibilização de programas e rubricas na RTP Play.

No que diz respeito à RDP África e à RDP Internacional, a correspondência não visa os conteúdos, mas a receção, como é o caso da ausência de sinal em Cabo Verde, ou a impossibilidade de sintonizar a RDP Internacional no aparelho de rádio.

Quanto ao Arquivo, pela plataforma no sítio dos Provedores apenas foi rececionada uma mensagem, mas por *email* chegam várias a solicitar a disponibilização *online* de, por exemplo, programas antigos da Emissora Nacional, peças de teatro radiofónico e folhetins. Depois de remetidos os pedidos para as áreas respetivas, estes conteúdos ficam acessíveis na página da RTP Arquivos.

Assunto por Canal

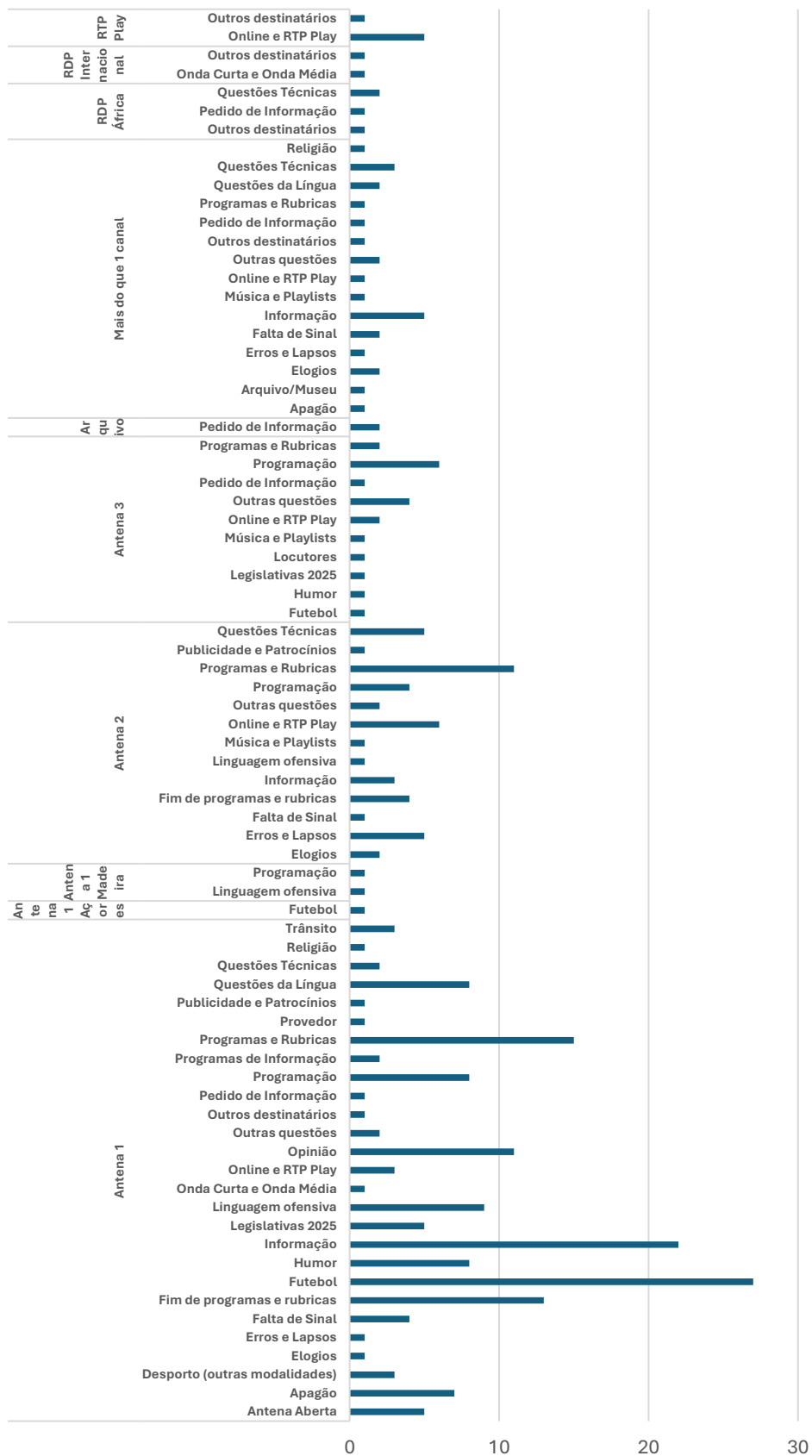


Gráfico 7 - Tipo de assunto por canal

2.2. Perfil dos Ouvintes

Ao preencher a plataforma do *site* da RTP, o ouvinte tem de preencher campos com diversas informações. Assim, é possível traçar um perfil de quem escreve à Provedora: homem, com mais de 45 anos, com ensino superior, residente em centros urbanos do território continental.

Relativamente à idade, a maioria dos ouvintes tem mais de 30 anos.

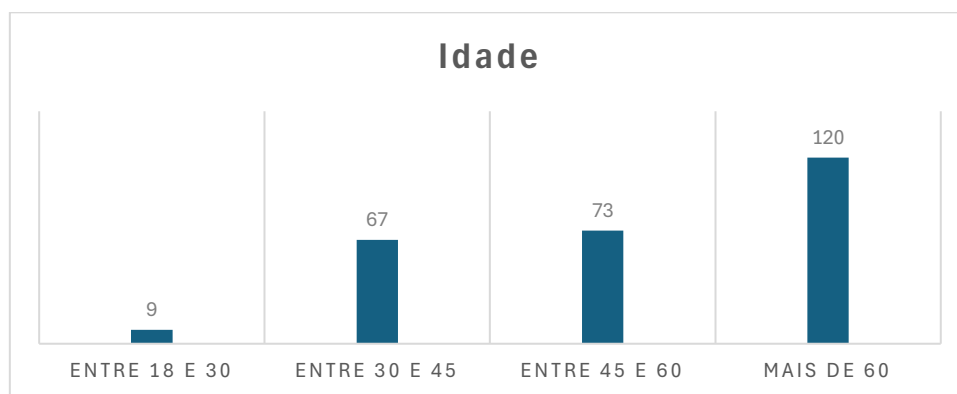


Gráfico 8 - Idade dos autores das mensagens

O gráfico não inclui os que, ao enviarem a mensagem, não preenchem ou não assinalam a idade.

Quanto ao género, são os homens que escrevem mais à Provedora. A diferença é assinalável: 231 homens e 69 mulheres, o que corresponde ao perfil da audiência da rádio pública.⁶

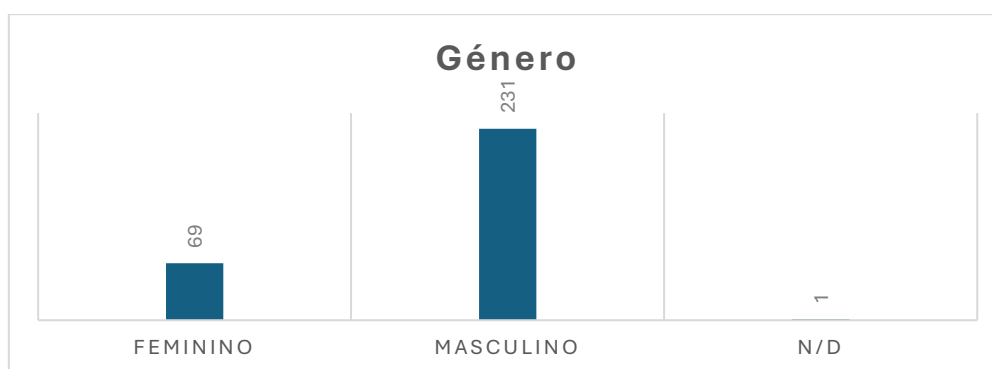


Gráfico 9 - Género dos autores das mensagens

⁶ Assunto tratado no programa Em Nome do Ouvinte nº 34: Quando AS ouvintes não ouvem: <https://www.rtp.pt/play/p11100/e887563/em-nome-do-ouvinte-o-programa-da-provedora-do-ouvinte-vii-serie>

O leque de profissões é variado, uma vez que a plataforma permite que cada ouvinte insira livremente a sua ocupação. Uma das mais frequentes é aposentado, ou reformado, seguida dos professores de todos os níveis de ensino, engenheiros, economistas, profissões da área da saúde e da justiça, e do sector terciário. A menos frequente é estudante.

As profissões coincidem com o grau de escolaridade assinalado, pelo que pode concluir-se que a audiência do serviço público de rádio é composta por cidadãos com formação superior (177) e ensino secundário (36) e, em menor número, com o 3.º ciclo (7), 2.º ciclo (3) e 1.º ciclo (4).

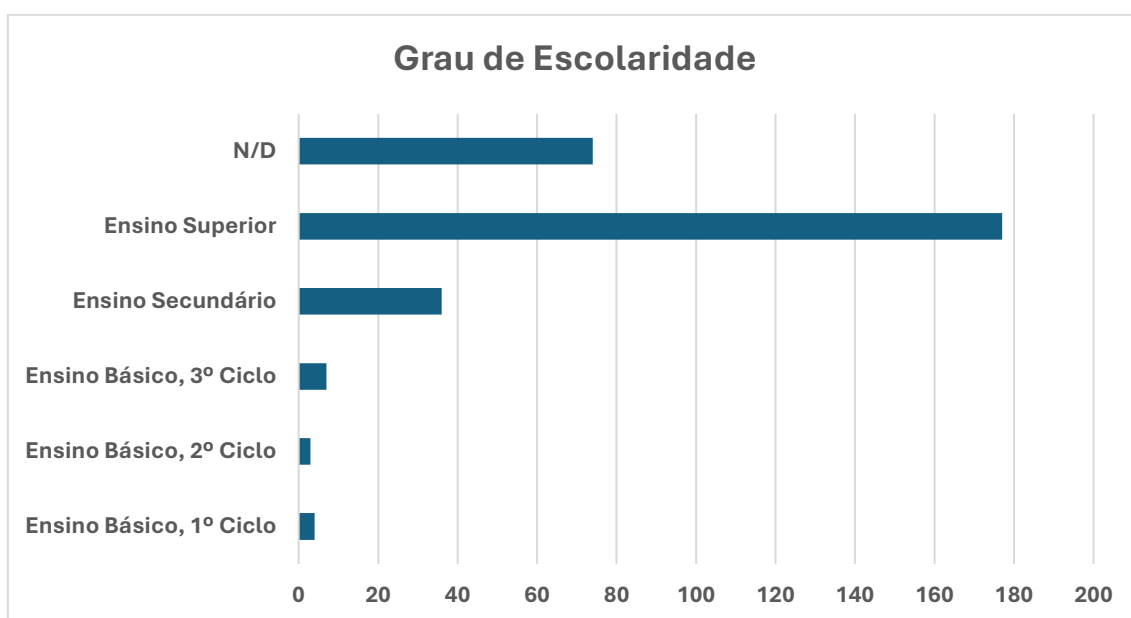


Gráfico 10 - Grau de escolaridade dos autores das mensagens

Os ouvintes residem, na sua maioria, nos dois principais centros urbanos do continente, Lisboa e Porto (132), mas evidencia-se um equilíbrio entre a soma das duas cidades e o resto do país (128).

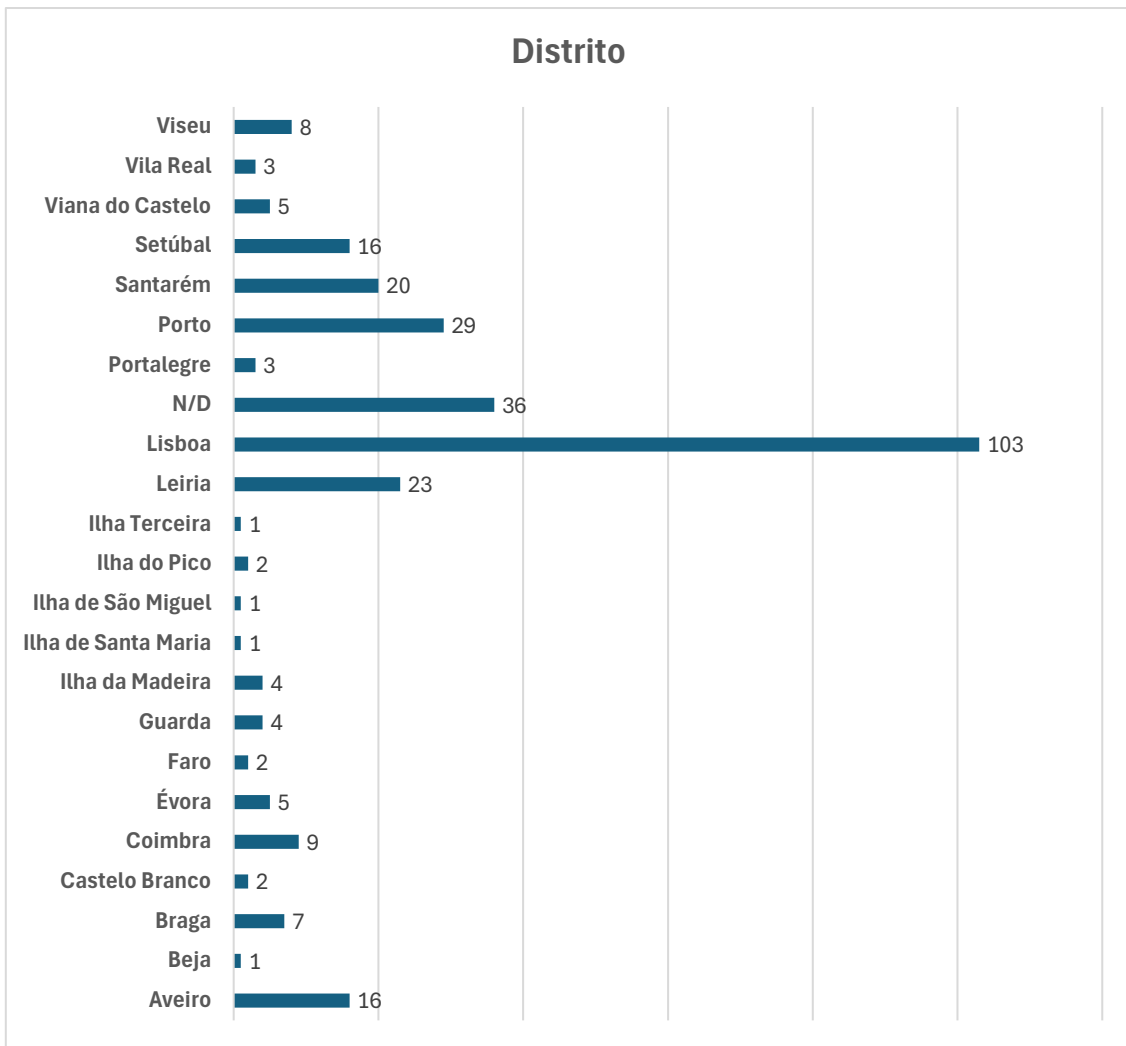


Gráfico 11 - Distrito de origem das mensagens

O arquipélago dos Açores totalizou cinco mensagens, a maior parte relativa a quebras de emissão ou sinal fraco. Sobre outros assuntos, o número é residual. Do arquipélago da Madeira foram enviadas quatro.

Relativamente à origem por país, a maioria das mensagens são enviadas por ouvintes que residem em Portugal (288).

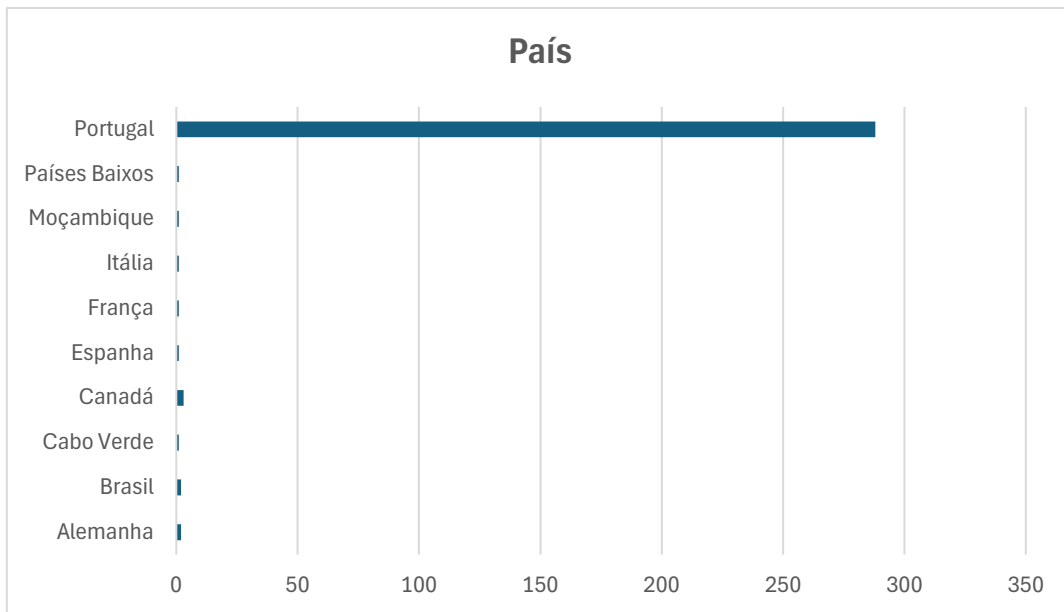


Gráfico 12 - País de origem das mensagens

Deixo ainda uma nota para o facto de o conteúdo das mensagens normalmente não estar relacionado com a sua origem territorial. À exceção da falta de sinal, raramente os ouvintes referem o local em que habitam.

2.3. O Programa Em Nome do Ouvinte

Em 2025, o horário do programa Em Nome do Ouvinte foi alterado por motivos de programação. Em setembro entrou uma nova grelha na Antena 1 e o programa passou a ser emitido quinze minutos antes do horário que tinha até aqui, ou seja, logo a seguir ao noticiário das 15 horas, à sexta-feira. Nas restantes antenas, o programa é transmitido quando aborda assuntos que lhes dizem respeito, em horários definidos pelas respetivas direções.

O programa semanal Em Nome do Ouvinte aborda questões colocadas pelos ouvintes. Regra geral, são seleccionadas mensagens que suscitem uma reflexão sobre temas mais estruturais ou abrangentes, mas também são incluídas algumas mais casuísticas quando consideradas pertinentes no contexto do serviço público de rádio.

O programa não se limita a responder às mensagens dos ouvintes, assumindo também uma vertente pedagógica e de literacia mediática. Em algumas queixas é notório o desconhecimento da audiência sobre o funcionamento de uma rádio e seus processos de produção, decisão e emissão. Assim, durante 2025 prossegui a série de programas

“Rádio fora de Portas”. O Gabinete da Provedora acompanhou o trabalho das equipas da informação e programação das diferentes estações da rádio pública, e a equipa das antenas, nomeadamente:

- Braga: para acompanhar a emissão da Antena 1, que assinalou a abertura da “Braga 25 – Capital portuguesa da cultura”;
- Ílhavo, em Aveiro: palco do Festival Rádio Faneca, em que a Antena 3 participou;
- Leiria: onde se realizou a última eliminatória do Prémio Jovens Músicos, promovido pela Antena 2;
- Melo, Gouveia: para assistir à emissão em direto do programa Geometria Variável, no decurso da 4.ª edição do Festival Literário “Em Nome da Terra”;
- Faro: onde a rádio pública encerrou o ciclo “Independências”, dedicado aos 50 anos de independência das antigas colónias portuguesas em África, com uma emissão simultânea da Antena 1, RDP África e RDP Internacional;
- Centro Emissor de Montejunto: reportagem sobre as obras de renovação e colocação de novas antenas

Tal como referi nos anteriores relatórios, encaro esta descentralização como um exercício de transparência e prestação de contas. No serviço público de *media*, o programa do Provedor é, assim, mais um instrumento de “*accountability*”, ou de responsabilização perante o público – a quem deve respostas e explicações.

Durante o ano de 2025 foram transmitidas 40 edições do Em Nome do Ouvinte, com uma duração média de 15 minutos. O programa não foi emitido quando coincidiu com momentos de programação especial, em dias feriados e durante o mês de agosto.

PROGRAMAS EM NOME DO OUVINTE – 2025

PGM Nº:	TÍTULO:	CONVIDADOS:	DATAS:
Nº 01	A RÁDIO NO PAÍS, O PAÍS NA RÁDIO Depois de ter visitado todas as Delegações e Centros Regionais da rádio Pública em Portugal continental, a provedora faz um balanço do que encontrou.	Subdiretora de Informação da Rádio, Rosa Azevedo; Coordenador do Centro de Produção de Coimbra, Pedro Ribeiro; Jornalistas/Correspondentes: Paulo Nobre, Paulo Brás, Jorge Esteves, Fátima Pinto, Ana Gonçalves, Mário Antunes.	10/01/2025
Nº 02	O PAÍS NA RÁDIO, A RÁDIO NO PAÍS Os correspondentes são o rosto da rádio em cada região e são também a voz que nos mostra o país. Neste programa olhamos para o mapa da rádio pública.	Luís Bonixe, professor de rádio e jornalismo no Instituto Politécnico de Portalegre; Rosa Azevedo, Subdiretora de Informação da Rádio; Jornalistas/Correspondentes: Fátima Pinto, Jorge Esteves.	17/01/2025
Nº 03	VIAGEM AO CENTRO DA RÁDIO Neste programa recuamos às origens da rádio, entramos na Coleção Visitável Museológica da RTP.	Rosário Vivaldo, da equipa museológica; Alunos da Escola Profissional do Infante.	24/01/2025
Nº 04	VIAGEM ÀS PROFUNDEZAS DA RÁDIO Visitamos a Reserva Visitável Museológica da RTP, onde estão guardadas peças únicas que contam a história da rádio em Portugal.	Manuel Lopes do Núcleo Museológico da RTP; Pedro Braumann, Diretor do Núcleo Museológico; Paulo Figueiredo, da equipa museológica.	31/01/2025
Nº 05	O TRÂNSITO NA RÁDIO Como funciona o Serviço Nacional de Trânsito? A Provedora responde às perguntas dos ouvintes e dá a conhecer as vozes muito humanas por trás desta função.	Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1; Paulo Galvão, Sandra Pereira e Mónica Amaral, do Serviço Nacional de Trânsito da Antena 1;	07/02/2025
Nº 06	HÁ IR E VOLTAR De regresso à série de programas Fora de Portas, a Provedora do Ouvinte acompanhou uma emissão especial da Antena 1 em Braga.	Ana Sofia Carvalheda, produtora; Nuno Rodrigues, Editor; José Carlos Trindade, locutor; Rita Roque, responsável pela programação especial; Cláudio Calado, técnico de som; Mário Galego, Diretor de Informação da Rádio;	14/02/2025

Nº 07	<p>CONGRESSOS E CRITÉRIOS</p> <p>Em resposta às mensagens dos ouvintes, a provedora Ana Isabel Reis questiona a direção de informação sobre os critérios editoriais que presidem à cobertura noticiosa dos encontros partidários.</p>	<p>José Guerreiro, Diretor Adjunto de Informação da Rádio.</p>	27/02/2025
Nº 08	<p>PODE OUVIR EM PODCAST</p> <p>Para lá da emissão em FM, há um público fiel para os podcasts. Procurando respostas para as mensagens dos ouvintes, a provedora falou com os diretores dos vários canais da rádio pública.</p>	<p>Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1;</p> <p>Nuno Reis, Diretor da Antena 3;</p> <p>Mário Galego, diretor de Informação da Rádio;</p> <p>João Barreiros, Diretor Adjunto da RDP Internacional;</p> <p>Nuno Sardinha, Subdiretor da RDP África;</p> <p>João Almeida, Diretor da Antena 2.</p>	06/03/2025
Nº 09	<p>ANTENA ABERTA AOS OUVINTES</p> <p>A Provedora do Ouvinte mostra os bastidores do programa Antena Aberta.</p>	<p>António Jorge, moderador do Antena Aberta;</p> <p>Ilda Brito, assistente de programação e informação.</p>	14/03/2025
Nº 10	<p>CIDADANIA</p> <p>Nos programas com participação dos ouvintes, os papéis invertem-se – é o ouvinte que tem a palavra. Mais do que barómetros da opinião pública são um espaço de exercício da cidadania. A análise da Provedora do Ouvinte.</p>	<p>Frederico Pinheiro e David Jochua, moderadores de A Hora dos Ouvintes;</p> <p>António Jorge, moderador do Antena Aberta;</p> <p>Fábio Ribeiro, professor de Ciências da Comunicação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.</p>	21/03/2025
Nº 11	<p>RÁDIO COM AINDA MAIS OUVIDOS</p> <p>Para falar sobre um Serviço Público de podcast, a provedora entrevista um investigador e conversa com responsáveis da rádio pública, sobre podcasts.</p>	<p>Ruben Martins, jornalista, formador e investigador na área do podcast;</p> <p>Miguel Soares, coordenador multiplataforma da informação da rádio;</p> <p>Luís Oliveira, Subdiretor da Antena 3;</p> <p>Mário Galego, Diretor de Informação da Rádio;</p> <p>Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1;</p> <p>Nuno Reis, Diretor da Antena 3.</p>	28/03/2025
Nº12	<p>RTP ÁUDIO</p>	<p>Ruben Martins, investigador e formador de podcast;</p>	04/04/2025

	O Digital é uma prioridade, mas faltam condições técnicas, recursos e uma estratégia para o áudio e para as rádios. É disto que fala a Provedora do Ouvinte neste programa.	Miguel Soares, coordenador de podcasts da informação; Luís Oliveira, Subdiretor da Antena 3; Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1.	
Nº13	ELOGIOS A audiência da rádio tem ouvintes atentos que escutam e escrevem à Provedora. Enviam sugestões, críticas, pedidos de informação, e também elogios. Neste programa damos voz aos elogios.	Rui Alves de Sousa, autor do programa Pranchas e Balões; Rita Colaço, coordenadora do A1 Doc; Luís Caetano, autor de A Ronda da Noite;	11/04/2025
Nº14	LIGADOS AO RÁDIO Na sequência do apagão, os ouvintes escreveram à Provedora declarando o seu amor pela Rádio. A Provedora responde com uma crónica em nome dos ouvintes.	(crónica – Ana Isabel Reis)	02/05/2025
Nº15	LIGADOS AO RÁDIO A PILHAS Neste programa respondemos aos ouvintes que escreveram à Provedora, sobre o serviço público de rádio no dia do Apagão.	Francisco Sena Santos, jornalista; Vitor Fernandes, responsável técnico dos emissores da RTP; Mário Galego Diretor de Informação da Rádio; Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1; Nuno Reis, Diretor da Antena 3; João Almeida, Diretor da Antena 2.	09/05/2025
Nº16	HUMOR E LUTO NACIONAL No dia da morte do Papa Francisco, a Antena1 antecipou-se ao Luto Nacional e decidiu não emitir os espaços de humor durante uma semana. A Antena 3 manteve-os. Ambas as opções levaram os ouvintes a escrever à Provedora.	Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1; Nuno Reis, Diretor da Antena 3.	16/05/2025
Nº17	CLICAR E OUVIR Navegamos pelo sítio do Museu Virtual da RTP. Mergulhamos num mundo de sons, imagens e palavras que nos transportam para outras Eras.	Pedro Braumann e Manuel Lopes, do Núcleo Museológico; Joaquim Machado, ouvinte; Carlos e Lucas, alunos da Escola de Monte Longo, Fafe.	23/05/2025

Nº18	FOMOS A VOTOS A campanha eleitoral para as legislativas dominou os espaços informativos da rádio pública, os ouvintes tomaram notas e escreveram à Provedora. Neste programa aborda-se critérios editoriais e equilíbrio entre partidos.	Mário Galego, Diretor de Informação da Rádio; Natália Carvalho, Editora de Política da Antena 1.	30/05/2025
Nº19	MODELO DE DEBATES Independentemente da forma, os debates entre políticos são ainda o único espaço de discussão de ideias, ideologias e programas eleitorais. Neste programa abordamos o atual modelo dos debates	Mário Galego, Diretor de Informação da Rádio; Natália Carvalho, Editora de Política da Antena 1; Maria Flor Pedroso, jornalista; Rita Figueiras, Investigadora na área da Comunicação Política e professora na Universidade Católica Portuguesa.	06/06/2025
Nº20	RÁDIOS À MEDIDA O Serviço Público já criou várias rádios temporárias, a RTP Play oferece também <i>webrádios</i> temáticas. Assunto para a reflexão da Provedora do Ouvinte.	Jorge Alexandre Lopes, coordenador da Rádio Rali; Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1; João Almeida, Diretor da Antena 2.	13/06/2025
Nº21	ENTRE EQUILÍBRIOS Os resultados das eleições legislativas alteram os critérios para ouvir as diferentes forças políticas? Partindo da correspondência dos ouvintes, a provedora conversa com o responsável pelo programa Entre Políticos.	João Alexandre, moderador do programa Entre Políticos.	20/06/2025
Nº22	RÁDIO PARA TODOS A Antena 3 foi a Ílhavo participar no Festival Rádio Faneca. E a equipa da provedora fez-se à estrada para mais um programa da série Fora de Portas.	Marta Rocha, animadora de emissão da Antena 3; Maria Inês Santos animadora de emissão da rádio Faneca; Catarina Palma animadora de emissão da Antena 3.	27/06/2025
Nº23	OUVIR E SER OUVIDO As novas tecnologias ampliaram as hipóteses de participação dos ouvintes na emissão da rádio. Nesta edição falamos com quem fala, em direto, com os ouvintes. E recuperamos sons de arquivo de Matos Maia e Jorge Alves.	Filomena Crespo, animadora de emissão; José Candeias, Animador de emissão; Valentina Jesus, jornalista; António Jorge, jornalista; David Joshua, animador de emissão.	04/07/2025

Nº24	JORNALISMO E DEMOCRACIA Qual é o papel do jornalismo na construção das sociedades democráticas? E que responsabilidade tem no desenvolvimento de uma cidadania esclarecida? Pistas para a reflexão com Maria Flor Pedroso e João Figueira.	Maria Flor Pedroso, jornalista com experiência na área política e parlamentar; João Figueira, jornalista e investigador da Universidade de Coimbra.	11/07/2025
Nº25	JORNALISMO E DEMOCRACIA – 2ª PARTE Continuamos a reflexão sobre Jornalismo e Democracia, com Maria Flor Pedroso, jornalista com experiência na área política e parlamentar e João Figueira, jornalista e investigador da Universidade de Coimbra.	Maria Flor Pedroso, jornalista com experiência na área política e parlamentar; João Figueira, jornalista e investigador da Universidade de Coimbra.	18/07/2025
Nº26	90 ANOS DE RÁDIO PÚBLICA A Provedora do Ouvinte entrevista Sílvia Correia Santos, investigador da Universidade de Coimbra, sobre os 90 anos da rádio pública.	Sílvia Correia Santos, investigador da Universidade de Coimbra.	25/07
Nº27	PRÉMIO JOVENS MÚSICOS Da série Fora de Portas, o Gabinete da Provedora viajou até Leiria para acompanhar a última eliminatória do Prémio Jovens Músicos, promovido pela Antena2.	Luís Tinoco, Diretor Artístico do Prémio e do Festival Jovens Músicos; Ana Teles, pianista, Presidente do Júri do Prémio Jovens Músicos.	12/09
Nº28	QUEIXAS EM AGOSTO A Provedora, Ana Isabel Reis, responde a queixas dos ouvintes chegadas à caixa do correio em mês de férias. Destacam-se dois assuntos: os noticiários da Antena 2 e a Tarde Desportiva da Antena1.	Mário Galego, Diretor de Informação da Rádio.	19/09
Nº29	O RESTO É PAISAGEM Falhas no sinal da rádio e um debate anunciado, mas não transmitido. Queixas que chegaram à Provedora, Ana Isabel Reis, em plena época de incêndios e que merecem reflexão Em Nome do Ouvinte.	Mário Galego, Diretor de Informação da Rádio; Vítor Fernandes, responsável técnico dos emissores.	03/10
Nº30	GEOGRAFIA VARIÁVEL	Maria Flor Pedroso, jornalista.	10/10

	O programa Geometria Variável foi até Melo, em Gouveia, foi transmitido em direto. O Gabinete da Provedora esteve na plateia com os ouvintes, em mais uma edição da série Fora de Portas.		
Nº31	IDENTIDADE E MISSÃO A Provedora, Ana Isabel Reis entrevista o novo Diretor de Programas, de todas as estações da rádio pública. Quais são os planos de Nuno Reis? É o que vamos ficar a saber nesta edição - Em Nome do Ouvinte.	Nuno Reis, Diretor de Programas.	17/10
Nº32	OLHAR GLOBAL O que vai mudar em cada estação, como e com que critérios? É o que vamos saber na segunda parte de uma entrevista a Nuno Reis, o novo Diretor de Programas das Antenas 1, 2 e 3, RDP Internacional e RDP África.	Nuno Reis, Diretor de Programas.	24/10
Nº33	TEMPO DESPORTIVO Grande parte das mensagens que chegam ao Gabinete da Provedora diz respeito ao desporto na Antena 1. Neste programa, a Direção de Informação responde às perguntas dos ouvintes.	Mário Rui Cardoso, responsável pelo desporto da Direção de Informação.	31/10
Nº34	QUANDO AS OUVINTES NÃO OUVEM Adulto, homem e da classe alta é este o perfil dos ouvintes da rádio pública. Neste Em Nome do Ouvinte, procuram-se explicações e soluções para captar a atenção das mulheres.	Vera Roquette do Departamento de Audiências e Estudos da RTP; Rita Basílio, professora na Universidade de Coimbra e investigadora sobre as questões de género nos media.	07/11
Nº35	AUDIÊNCIAS E CONSUMOS NA WEB Onde, como e quem ouve a rádio pública na internet? Que estudos há sobre estas audiências e que influência têm nas decisões estratégicas da rádio? A provedora do ouvinte procurou respostas a estas	Ruben Martins, jornalista, formador e investigador na área do podcast; Vera Roquette do Departamento de Audiências e Estudos da RTP; O subdiretor da RDP África, Nuno Sardinha; Diretor de programas da rádio pública, Nuno Reis	14/11

	perguntas.		
Nº36	EM ALTITUDE TUDO MUDA A provedora visita o Centro Emissor de Montejunto, depois de uma renovação total que veio resolver várias queixas de falta ou quebra de sinal da rádio pública.	Vítor Fernandes, responsável pelas antenas; Pedro Mendes, técnico das antenas.	21/11
Nº37	INDEPENDÊNCIAS Em mais um programa Fora de Portas, o Gabinete da Provedora acompanhou a emissão especial que encerrou - em Faro - o ciclo dedicado aos 50 anos de independência das antigas colónias portuguesas em África.	Subdiretor da RDP África, Nuno Sardinha; Carina Jorge, animadora de emissão; Nuno Rodrigues, jornalista.	28/11
Nº38	LIVROS PARA OUVIR Em Nome do Ouvinte, a provedora Ana Isabel Reis folheia a oferta de programas sobre livros nos vários canais do serviço público de rádio.	Luís Caetano, animador da Antena 2; Fernanda Almeida, animadora da RDP África; Ana Daniela Soares, autora de programa na Antena1; Rui Miguel Abreu, autor de programa na Antena 1; Raquel Morão Lopes, jornalista da Antena 3; Cláudia Godinho, jornalista.	05/12
Nº39	MAIS CULTURA Qual é o lugar da cultura na rádio pública? Que espaço ocupa na informação e na programação? Em Nome do Ouvinte a Provedora reflete sobre a forma como a cultura é tratada nas diversas antenas.	Sandy Gageiro, coordenadora da editoria de cultura; Mário Rui Cardoso, Diretor Adjunto da informação; Nuno Reis, Diretor de Programas.	12/12
Nº40	BALANÇO DO ANO O apagão, os 90 anos de rádio pública e a rede de correspondentes. Três dos vários assuntos que suscitaram reflexão em 2025 e que passamos em revista neste programa.	Luís Bonixe, investigador; Vera Roquette, do Departamento de Audiências e Estudos de Mercado da RTP; Rita Basílio, professora na Universidade de Coimbra e investigadora sobre as questões de género nos media; Francisco Sena Santos, jornalista.	19/12

Tabela 1 – Guião dos programas em Nome do Ouvinte

2.4. Casos

Neste capítulo abordo com mais detalhe alguns dos casos que marcaram o ano de 2025, pelo número de mensagens, pela relevância do tema ou pela forma como foram – ou não - solucionados.

2.4.1. A Rádio Pública no país e a informação de proximidade

No primeiro mandato o Gabinete da Provedora fez uma ronda pelo país, a fim de saber onde a rádio pública está presente e ausente e para conhecer as condições de trabalho nos centros regionais, delegações e dos correspondentes.

Os recursos humanos e as condições técnicas e logísticas determinam, ou, pelo menos, influenciam, muitas das decisões editoriais. É, por isso, essencial conhecer essas realidades - até para melhor responder às dúvidas e queixas dos ouvintes. Assim, desde 2022, quando iniciei as funções de Provedora do Ouvinte, estive em Faro, Évora, Coimbra, Vila Nova de Gaia, Viseu, Castelo Branco, Guarda, Bragança e Braga, no continente; Ponta Delgada, Praia da Vitória e Horta no arquipélago dos Açores; e Funchal, na ilha da Madeira.

As conclusões parciais foram sendo apresentadas nos relatórios anteriores e nos programas Em Nome do Ouvinte que dediquei a cada visita. Uma visão global foi apresentada no início de 2025, nos dois primeiros programas do ano e em parte, no relatório de 2024.

A informação de proximidade e a presença da rádio no país é, no meu entender, uma questão fulcral no serviço público, consagrada, de resto, no contrato de concessão. Nesse sentido, considero relevante voltar ao assunto para atualizar e, simultaneamente, reforçar alguns pontos.

Se assinalarmos no mapa a presença da rádio pública no território nacional, há uma constatação evidente: metade do país está a descoberto. Dos 18 distritos no continente, a rádio está presente em dez: Braga, Bragança, Porto, Castelo Branco, Guarda, Viseu, Coimbra, Lisboa, Évora e Faro. Destes dez, há sete com um único jornalista que, por vezes, cobre mais do que um distrito e que trabalha também para a televisão.

A rádio pública não está representada em Vila Real, Aveiro, Leiria, Santarém, Portalegre, Setúbal e Beja. Ou seja, em quase metade do território continental.

Nos Açores há correspondentes nas nove ilhas e a Madeira continua sem jornalistas em Porto Santo.

O mapa da rádio no país está claramente desequilibrado.



Figura 1 - Presença da rádio pública por distritos⁷

É uma lacuna que se sente todos os dias e, sobretudo, quando algo acontece nos distritos que não têm jornalistas.

É preciso lembrar que a audiência não se restringe aos grandes centros urbanos, antes se distribui por todo o país. A rádio pública tem de estar onde estão os seus ouvintes, até porque o contrato de concessão é claro quanto à sua missão de promover a coesão territorial e de falar de todos - para todos -, independentemente do lugar onde habitem.

⁷ Distritos com jornalistas que trabalham exclusivamente para a rádio: Faro, Lisboa, Coimbra, Vila Nova de Gaia, Braga, Bragança; no Arquipélago dos Açores: Ponta Delgada, Horta, Praia da Vitória. No arquipélago da Madeira: Funchal. Em regime de partilha com a televisão: Viseu, Guarda, Castelo Branco e Évora

Os ouvintes perguntam frequentemente por que motivo não se fez uma reportagem, porque se demorou a chegar, ou nem sequer se foi, a determinado local. Quando procuro uma justificação, a mais comum é a falta de recursos humanos. Faltam jornalistas na redação de Lisboa, mas também na de Vila Nova de Gaia, em Coimbra, e em Évora. Em Faro, a redação foi reforçada com mais uma pessoa. É, no entanto, necessário referir que a equipa cobre todo o Algarve - desde a Ponta de Sagres até à fronteira com Espanha -, e ainda uma parte significativa do baixo Alentejo – são cerca de 20 concelhos para dois jornalistas.

É uma situação comum a todos os correspondentes e delegações que trabalham numa área geográfica que vai além dos seus próprios distritos. Se num acontecimento programado se consegue planear a deslocação, quando há algo inesperado a demora em noticiar mede-se pelo tempo da viagem. Ou seja, há uma componente de atualidade que, inevitavelmente, se perde.

No que diz respeito às condições técnicas, o estúdio principal de Faro foi, entretanto, modernizado. Mas isso não significa que tenha ficado concluído. Há arranjos de finalização que ficaram por fazer. Também por terminar está o pequeno estúdio para gravação de peças e entrevistas, cujas obras se iniciaram em 2024 e que continuam paradas há meses, conforme a equipa da Provedora constatou na última visita efetuada em novembro. Acresce o facto de Faro não ter técnico de som e, quando é preciso garantir os noticiários de madrugada, torna-se necessário deslocar um técnico de Lisboa para assegurar a emissão e para que a/o jornalista não fique sozinho no edifício.

Há ainda que referir que o Centro Regional não controla o sistema de entradas e saídas. É a empresa privada de segurança que está na sede da RTP, em Lisboa, que dialoga com quem toca à campainha e abre o portão de acesso ao Centro Regional no Algarve. Não é situação única. O mesmo se passa nos Açores, na delegação da Ilha do Faial, situada na Horta, durante a noite e fins de semana. Ou seja, a RTP substituiu a segurança presencial e de proximidade por uma segurança a quilómetros de distância. Em Coimbra, o estúdio principal foi, finalmente, modernizado, mas, apesar disso, continua a registar problemas que ainda não foram solucionados. As obras estavam previstas há muito, mas foram sendo adiadas mediante outras urgências em Faro e em

Vila Nova de Gaia. O segundo estúdio continua a funcionar com equipamentos obsoletos, do século passado, com todas as suas contingências. Ou seja, o Centro Regional de Coimbra mantém-se subaproveitado.

Registo outra situação que se mantém e que venho a assinalar desde o início do meu 1º mandato: à exceção de Faro, os estúdios e redações no país não estão ainda ligados por um sistema de gravação e gestão da emissão comum, ou seja, não foi concretizada a prometida atualização do Dalet Galaxy. Esta particularidade tem consequências “audíveis” que reporte em vários programas e nos relatórios: interrupção do curso normal da emissão, “brancas”, noticiários que não são emitidos, gravações que não vão para o ar ou se perdem, etc. Em face de várias situações que se repercutiram nas emissões das rádios, solicitei um esclarecimento à Direção de Engenharia, Sistemas e Tecnologia (DEST). Fui informada de que a uniformização do Dalet Galaxy em todo o país estaria concluída em dois anos, isto é, em 2027. Até lá, os problemas técnicos vão continuar a ouvir-se.

Sublinho ainda duas situações que, no correr do ano, se mantiveram: Bragança e Centro Regional de Faro.

Caso da situação do correspondente em Bragança: apesar de ter um estúdio de rádio e um jornalista, a delegação é utilizada apenas pelas equipas de televisão, uma vez que o correspondente continua a não ter chave para entrar no edifício. Dei conta desta situação no relatório do ano passado e nada mudou. É um exemplo de não aproveitamento de recursos, que pode ser interpretado como uma desvalorização daquele território. É também o único correspondente sem viatura da empresa, o que restringe a área geográfica da qual faz cobertura noticiosa. Este é um dos casos que mostra como as questões editoriais são condicionadas por outros fatores, com a agravante de não ser solucionado e se arrastar no tempo.

Como já referi, em 2025 voltei à delegação de Faro. Classificada como imóvel de interesse municipal pela autarquia, tem dois pisos - mas apenas um é utilizado. O outro não oferece condições de segurança. A situação já foi descrita em anteriores relatórios, mas não houve alterações de fundo. A redação está instalada no rés-do-chão, um espaço antigo e degradado, a precisar de obras urgentes que garantam condições de trabalho e dignifiquem a presença da RTP no Algarve. Nos três anos do meu mandato visitei o Centro três vezes e não registei alterações ao edificado.

2.4.2.O Apagão de 28 de abril de 2025: ligados ao rádio a pilhas

“A rádio foi ubíqua, foi ágil, foi instantânea, deu-nos o país. A rádio foi a amiga que nos disse, ao instante, o que precisamos saber para recuperar a tranquilidade” - as palavras são do jornalista Francisco Sena Santos ao programa Em Nome do Ouvinte, sobre o dia 28 de abril de 2025, que ficou conhecido por dia do Apagão, um dos acontecimentos que marcou o ano e a rádio.

Face às limitações energéticas, a decisão passou por manter no ar a Antena1 - com os restantes canais em simultâneo. Foram 16 horas a radiodifundir para o país: todas as estações da rádio pública numa emissão conjunta, que manteve os ouvintes informados - e ligados -, quando tudo o resto falhou.

Garantir a emissão por ondas hertzianas sem interrupções foi um trabalho de muitas equipas: dos que estiveram no terreno, em estúdio, nas redações, ou nos serviços técnicos - que se mantiveram no ar graças à equipa das antenas da RTP. Sem estes técnicos, teríamos tido apenas o silêncio. São eles quem cuida para que a voz da rádio nunca se apague.

No dia do Apagão, percorreram os centros emissores para assegurar que a rádio chegava a todos e a todo o país. O facto de a RTP ter equipas próprias, autónomas e conhecedoras de todos os detalhes sobre as antenas, garante que tudo funciona mesmo quando não há comunicações. Cada elemento sabe qual a sua função e avança para o terreno. Sem depender de outros e dos seus *timings*.

Assim, 95% das estações emissoras mantiveram-se ligadas, sem interrupções, até a luz voltar. Os acontecimentos do dia 28 de abril obrigaram as rádios de perfil musical, como a Antena 2 e a Antena 3, a repensar prioridades. Optou-se por unir todas as rádios numa emissão única, para racionalizar recursos em face da imprevisibilidade da situação. A decisão teve razões práticas e logísticas, mas também editoriais - por se tratar de uma situação de emergência em que informar, orientar e tranquilizar, são prioridades.

A rádio assume, nestes casos, uma dupla função inerente ao serviço público que presta: reportar o que está a acontecer em todo o país e dar informação útil. Ou seja, a rádio é uma ferramenta insubstituível na proteção civil.

Foram muitos os ouvintes, figuras públicas e governantes que elogiaram e agradeceram o trabalho da rádio pública. Num dia sem eletricidade e sem comunicações, a rádio foi companhia e quem manteve os ouvintes informados.

Recebi diversas mensagens de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido. Cito alguns exemplos:

1.

Peço que, lhe for possível, transmita os meus cumprimentos, reconhecimento e agradecimento a todos os trabalhadores que no dia de hoje fizeram o trabalho de informação. Sem internet, sem telefone, sem qualquer comunicação, o rádio a pilhas ligado toda a tarde permitiu-nos estar permanentemente a par do que se passava.

Esta informação foi preciosa para estarmos calmos, ouvirmos os avisos e apelos. Nunca houve sensacionalismo. As descrições dos jornalistas ajudaram a que não se instalasse a ansiedade o medo.

Grata aos trabalhadores e à direção que hoje prestou um SERVIÇO PÚBLICO. Sei de pessoas que, sem o aparelho de pilhas, iam ao carro ouvir a Rádio Pública para estarem informados.

2.

"A rádio ilumina o caminho"

Cara Ana Isabel Reis, serve esta mensagem para agradecer e elogiar o trabalho feito pela Antena1 na passada segunda-feira, 28 de abril. Para um habitual ouvinte de rádio, foi reconfortante ter contado com a vossa companhia por 12 horas seguidas sem cessar em darem informação a toda a gente. Por várias vezes ouvi na emissão a frase "A rádio ilumina o caminho". A frase não poderia estar mais certa. Muito obrigado. Continuem. Cumprimentos.

3.

Escrevo esta mensagem para dar os parabéns a toda a equipa da Antena 1 que esteve a fazer o acompanhamento em direto do apagão energético que ocorreu no dia 28/04/2025.

Num dia em que apenas os rádios funcionavam para grande parte dos portugueses a seriedade com que a informação foi sendo transmitida, complementada com os excelentes apontamentos dos repórteres de rua com histórias da população, merece todos os louvores e revela os excelentes profissionais que fizeram o direto.

A condução da emissão foi exímia e sem problemas de receção na área da grande Lisboa o que revela também o excelente trabalho de bastidores a garantir energia aos estúdios e ligações a quem entrava em direto. Por um dia tivemos a magia do rádio a pilhas de volta e a rádio pública esteve à altura do desafio.

Mais uma vez os meus parabéns e um muito obrigado a todos.

4.

Exma. Senhora Provedora do ouvinte;

Face ao apagão que assolou o País, venho por este meio:

1- *Agradecer ao Serviço Público, nas pessoas dos profissionais que, durante horas e horas foram a companhia e a fonte de informação das populações;*

2- *Realçar que o Serviço Público de informação, apesar de todos os constrangimentos, cumpriu, de forma geral o seu papel, confirmando assim, se dúvidas houvesse a sua cabal importância;*

3- *Porque nem tudo é perfeito, mas há sempre lugar a melhorar, sendo eu morador dum concelho do interior, não posso deixar mostrar um descontentamento, com a falta de informação permanente, acerca da situação fora de Lisboa, Porto, Coimbra e uma ou outra região em que regularmente repórteres, entravam em direto, fazendo o ponto de situação;*

4- *Por um País mais igual, importante era, que, numa estratégia concertada, em situações de emergência/calamidade, à Rádio, tivesse repórteres ou correspondentes (da antena 1, 2 ou 3, da RTP por ex) em todos os distritos, que pudessem entrar em antena e dar informações específicas acerca da região.*

Obrigado a todos, pelo esforço e dedicação.

5.

Parabéns à Antena 1 pelo trabalho de ontem. É caso para apropriação da frase do Mark Twain e dizer que as teorias da morte iminente da rádio que surgiram há uns anos atrás, eram manifestamente exageradas. Agora podemos dizer que eram completamente erradas. É caso para dizer que é o único meio de comunicação que tem a possibilidade de nos informar e fazer companhia em todo o lado, a qualquer momento, em qualquer situação. Apesar de por vezes me irritar um pouco algumas opções editoriais, programáticas e musicais de Antena 1, tenho de reconhecer que continua a ser de longe a melhor rádio do País.

Obrigado aos seus profissionais e continuação de bom trabalho.

O volume de mensagens de agradecimento e elogio supera largamente o das críticas – que também as houve. Sobretudo contra a concentração de reportagem e informações sobre Lisboa e Porto, em detrimento de outras regiões. É um facto que a rádio pública não está presente em todos os distritos do país, mas é também um facto que na emissão do dia 28 se ouviram repórteres de norte a sul e informações sobre o que estava a acontecer fora dos grandes centros - apesar da quebra nas comunicações e dos constrangimentos enfrentados por jornalistas, produtores, técnicos restante equipa. Os jornalistas foram conseguindo entrar em antena, mas as dificuldades nas comunicações puseram à vista a importância de ter alternativas que funcionem em casos como este, de emergência.

Nem tudo foi perfeito, como escreveu um ouvinte, e como reconheceram as diversas direções. O Apagão serviu também para detetar fragilidades e lacunas, identificando necessidades, nomeadamente de sistemas de redundância.

2.4.3. As Antenas

O Apagão veio reforçar o quão estratégicas são as antenas e de como este é um sector vital que vale todo o investimento que nele se faça.

O contrato de concessão determina que cabe à RTP assegurar a cobertura integral do território nacional. A empresa tem também de garantir a continuidade de uma emissão nacional em caso de emergência ou de catástrofe.

Por estas razões, as antenas são colocadas nos locais que garantem melhor cobertura e maior alcance de sinal para que a rádio de serviço público cumpra a sua missão: ser escutada pelo maior número de pessoas possível, sobretudo em situações de emergência - quando a rádio é o único meio de comunicação que não cai. O apagão foi um abrir de olhos para todo o País. Os incêndios são-no, todos os anos, para os que vivem nas rotas do fogo, tal como foi a tempestade Leslie - que privou várias regiões de comunicações e energia.

Nesta linha de raciocínio está a filosofia que presidiu à renovação, em 2025, do Centro Emissor de Montejunto. Montejunto é relevante em situações de catástrofe, porque pode garantir que a rádio pública se mantém no ar caso falhe a estação de Monsanto. Era um projeto muito aguardado, precisamente por ser fundamental na estratégia de cobertura do serviço público de radiodifusão. Este investimento resolveu também os problemas de receção em algumas zonas que os ouvintes sinalizavam com faltas ou quebras do sinal. Desta forma, a rádio passou a ouvir-se melhor na parte norte de Lisboa, na zona da Lezíria do Tejo e na A23 (autoestrada da Beira Interior) – percurso em que a sintonia era também deficiente, sobretudo no distrito de Santarém.

No entanto, a 28 de janeiro de 2026, pouco tempo depois da renovação do Centro Emissor de Montejunto, a tempestade Kristin derrubou toda a infraestrutura. De imediato foi encontrada uma solução de recurso, provisória, com menos potência, até ser colocada uma nova torre. Será um dos projetos prioritários para 2026 e que abordarei no próximo relatório.

A Direção de Engenharia e Sistemas Tecnológicos tem definidos outros planos - uns já aprovados, outros à espera de luz verde, a saber: melhorar a cobertura em Trás-os-Montes, Chaves e Vila Pouca Aguiar; e fazer melhorias em Faro, Bornes e no Pico, nos Açores. Projetos para que todos possam sintonizar a rádio pública, onde quer que estejam. Para isso, é preciso investir nos centros emissores e em equipas dedicadas.

Mais do que uma obrigação legal, melhorar a cobertura tem de ser um desígnio nacional - para que a informação chegue aos cidadãos em caso de emergência, mas também para acompanhar os dias daqueles que não desistem de escutar a sua rádio pública, apesar de terem outras estações à escolha.

2.4.4. Debates e exercício da cidadania

Em 2025 dediquei vários programas a alguns dos pilares do serviço público. Entre eles, o papel da rádio como instrumento da democracia, bem como o seu contributo para a formação de uma opinião pública informada e conseqüente exercício da cidadania.

Desde o início do meu mandato que recebo mensagens a questionar o número de debates realizados no período eleitoral. Algumas tiveram resposta no programa Em Nome do Ouvinte, cujo mote partiu da seguinte pergunta, lançada numa das edições do programa da Antena1, Antena Aberta: “os debates partidários ajudam a esclarecer os eleitores?” Os ouvintes participaram com opiniões diversas, mas sobressaiu a importância dada aos debates para clarificar, informar e discutir ideias, embora não haja consenso sobre o seu modelo - nem entre os ouvintes, nem na rádio pública.

No passado, a Antena 1 promoveu debates com todos os cabeças de lista, em qualquer eleição, pequenos partidos incluídos. Mas nas legislativas de 2025 transmitiu apenas o chamado debate das rádios, com os oito líderes dos partidos com representação parlamentar, organizado por quatro estações: TSF, Renascença, Observador e Antena 1. E, nas autárquicas, a Antena1 reduziu os debates às principais autarquias do país. É suficiente? Dirigi a pergunta à Direção de Informação, que esclareceu que a rádio pública quis fazer mais, mas a recusa de convites inviabilizou a sua realização. A tendência atual dos candidatos e líderes partidários é privilegiarem o meio televisivo, ou o contacto direto e sem filtros jornalísticos das redes sociais, apesar da tradição que o debate das rádios já construiu ao longo dos anos, atendendo ao facto de que, na rádio, o ouvinte se centra mais nas palavras, sem distrações. As recusas condicionam, por si só, a apresentação e o debate de ideias na rádio. Mas há outras questões a considerar: a agenda e prioridades de candidatos e líderes, o período de campanha eleitoral (que não se cinge às datas oficiais), a multiplicação de debates e compromissos nas televisões, o tempo disponível em antena, tendo em conta o número de candidaturas, e o próprio modelo dos debates.

No caso da rádio pública não deveriam ter sido promovidos mais espaços de discussão de ideias entre as diversas forças políticas e candidatos? A Direção de Informação reconheceu que sim. Mas, em face das recusas e das circunstâncias de cada eleição, a opção foi procurar outros modelos informativos, como rubricas para apresentar e explicar pontos dos programas políticos e candidaturas, debates mais temáticos ou reportagens com retratos do país e das questões em causa no sufrágio. Ou seja, não foram apenas as circunstâncias que ditaram a realização de menos debates, foi também uma opção editorial. Tal como foi uma opção editorial o formato adotado para as entrevistas nas legislativas, com uma duração média entre os 15 e os 20 minutos. Foi um tempo manifestamente insuficiente para aprofundar um programa eleitoral dos que aceitaram o convite.

Em democracia, os debates são essenciais. Representam uma oportunidade única para confrontar e debater ideias. A profusão de canais e a popularização da presença de políticos nos espaços de humor ou entretenimento não são alheios a esta discussão. Tal como a profissionalização das estratégias de comunicação, os novos hábitos de consumo de informação, a multiplicação de canais não jornalísticos e a desinformação. Vivemos novos contextos. Os grandes debates deram lugar a outros modelos. Proliferam as entrevistas curtas e os frente-a-frente ao estilo *speed dating*, encontros com tempo contado. Vivemos uma época de escrutínio permanente, com reações quase imediatas: o confronto de ideias mede-se ao segundo. O cronómetro pode ajudar a gerir o equilíbrio entre as diferentes forças políticas, mas limita a exposição e troca de argumentos. Na voragem do tempo, também os meios de comunicação ficam acantonados na ideia-chave que já vem embrulhada, no resumo superficial e na frase simbólica - ou *soundbite*.

Ouvidos jornalistas e investigadores, todos concordam que continua a ser necessário discutir ideias, programas eleitorais, propostas e soluções. O formato é que poderá evoluir de acordo com os tempos e expandir-se para lá das ondas hertzianas.

A página da RTP Notícias reúne tudo o que a rádio produziu sobre os diversos atos eleitorais. Só que o *online* não pode ser apenas um agregador do que foi emitido, nem as redes sociais podem ser vistas apenas como um meio de divulgação. As redes representam hoje um meio poderoso de acesso à informação, pelo que a rádio pública

deve abrir a possibilidade de explorar novas e velhas soluções - para chegar a novos e velhos públicos, sejam os ouvintes da rádio em FM ou ouvintes do digital.

Cada modelo de debates espelha o seu tempo. Mas, independentemente da forma, os debates entre políticos são, ainda, um espaço efetivo de discussão de ideias, ideologias e programas eleitorais. O formato não está esgotado, pelo contrário: mantém-se um instrumento da democracia e contribui para a formação de uma opinião pública informada.

2.4.5. 90 anos de Rádio Pública

Em agosto a rádio pública assinalou 90 anos, a data corresponde à inauguração oficial, uma vez que, no ano anterior, já se escutava a Emissora Nacional.

A efeméride foi assinalada nas diversas antenas, com uma programação especial que reconstituiu a história da rádio e do país dos últimos 90 anos, recorrendo ao acervo sonoro do Arquivo – único no país, já que nenhuma outra empresa de comunicação social tem registos sonoros desde os primórdios da telegrafia sem fios e da rádio. A pretexto deste aniversário, três programas Em Nome do Ouvinte foram dedicados à Coleção Visitável Museológica da RTP, à Reserva Visitável Museológica e ao Museu Virtual. O objetivo foi o de dar a conhecer um espólio – o que está aberto ao público e o que está num espaço mais reservado – de milhares de peças e sons dos Fundos da Emissora Nacional, Rádio Clube Português e RDP.

A coleção tem mais de 7.500 peças de rádio e televisão, mas apenas 200 podem ver-se no pequeno espaço de exposição aberta ao público. Muitas estão acessíveis no Museu Virtual, que disponibiliza igualmente fotografias e documentos. Ou seja, espaço físico e espaço virtual complementam-se.

As peças do presente e do futuro já não são apenas de radiodifusão porque a rádio instalou-se nos ecrãs e na nuvem global dum mundo virtual. Hoje, já não se rodam botões: é o dedo que percorre o ecrã e desliza até parar num *podcast* ou numa música que se escuta de auriculares nos ouvidos.

A história da rádio e dos seus equipamentos também se faz desta evolução, tal como a dos Museus. Sem limitações físicas, toda a coleção da RTP pode ser vista e ouvida virtualmente no sítio da internet, em museu.rtp.pt⁸.

O atual Contrato de Concessão dedica apenas um parágrafo aos deveres Museológicos da RTP: a empresa só é obrigada a manter uma coleção museológica visitável. E é isso que existe. A referência breve e sintética contrasta com o valor desta coleção para a história da rádio em Portugal - em número de peças, conservação, relevância, raridade e simbolismo. Mas um legado como este pede um espaço de exposição maior e mais flexível, e, sobretudo, um espaço que reflita a real importância dos objetos, documentos, sons e imagens preservados desde o início do século passado. Cada um deles é um mergulho nas profundezas da nossa história coletiva.

2.4.6. Mensagens de Satisfação e Sugestões

À caixa de correio da Provedora chegam também elogios e sugestões dos ouvintes. Recebo mensagens exclusivamente de elogio, mas as manifestações de satisfação também surgem na introdução, ou no rodapé, a críticas e queixas. Tal como já explicado, por conterem outro assunto dominante, não entram para a contabilidade estatística dos elogios. Mas podem e devem ser considerados, para uma leitura mais exata da relação dos ouvintes com a rádio e os seus profissionais. Transcrevo, por isso, alguns exemplos de elogios aos diferentes canais, emissões especiais, critérios e opções editoriais, programas e autores.

1.

Antena aberta

Quero dar os parabéns a toda a equipa da Antena1 especialmente ao programa do dia 4 de julho de 2025 da Antena aberta. Sou mãe de uma menina autista e adorei ouvir o programa. Façam este programa chegar aos ouvidos do nosso governo.

A Antena 1 é para mim a rádio mais completa de todas. Nunca desligo.

Muito obrigada.

2.

Programa de pessoas com necessidades especiais

Quero dar os parabéns à maravilhosa equipa que fez este programa durante toda a semana se dedicou a este tema tão necessário.

Antena 1 será sempre a estação de rádio mais completa.

⁸ <https://museu.rtp.pt/>

3.

Felicitações e palmas de pé

Queria manifestar a toda a equipa que no dia 27 de novembro convidou 5 pianistas para celebrar a data do Concerto em Colónia de Keith Jarrett.

Foram quase 2 horas de muito prazer em ouvir fazer rádio. De deixar os convidados falarem (normalmente passa-se o contrário...) da boa coordenação no tempo pergunta resposta. Muito bom mesmo, aguardo por outros mais, porque ainda oiço as vossas emissões todos os dias, e não queria desistir desse hábito e memória.

Assinalo que no fim do programa enviei este mesmo sentimento a pessoas que também gostaram de ouvir, logo não estamos sós!

4.

Satisfação de ter ouvido (espero que bem) na antena 1 a entrevista a João de Melo. Curioso.

Estava a ler um dos romances do João de Melo, homem da minha idade, que viveu o período da Guerra do Ultramar, como eu.

O curioso é eu estar exatamente a ler o Romance de Gente Feliz com Lágrimas.

É que esse retrata muito uma família açoriana, muito parecida com a minha.

Pais trabalhadores no campo, 9 filhos, cada um procurou o seu destino, principalmente suíça, passando por Venezuela e Iraque.

Pretendo apenas mandar um abraço ao Poeta João e Melo e à jornalista que o estava a entrevistar esta manhã dia 15/11/2025 no programa das 9 às 10.

Estes programas são muito interessantes para que as novas gerações saibam que nem tudo são rosas.

Um abraço

5.

Sete Pecados Mortais

Bom dia, parabéns à Antena 1 pela emissão do programa "Sete Pecados Mortais".

Esperava ouvir um desfiar de banalidades, mas fui surpreendido com a pertinência das questões colocadas e pela qualidade e nível intelectual dos psiquiatras convidados.

Muito bom, uma pequena joia no panorama geral da media radiofónica; excelente serviço público.

6.

Muito obrigado pela atenção à Banda Desenhada.

Expresso a minha satisfação pelo facto de, apesar de a rádio pública ter suprimido o programa semanal sobre BD "Pranchas e Balões" da grelha de programas da Antena 1, terem os responsáveis da estação decidido a continuidade do programa em formato podcast. Aliás, agora sem o constrangimento do limite de tempo na duração de cada episódio, o programa está muito melhor porque pode abarcar mais temas. A colaboração quinzenal do senhor Luís Bernardino no programa é verdadeiramente um acréscimo de qualidade, pelo saber e conhecimento profundo que este tem sobre BD. O autor do programa, Rui Alves de Sousa, é um excelente profissional da comunicação, bastante conhecedor de certas áreas da cultura, pessoa que eu já acompanhava de outros podcasts, e que foi uma excelente contratação, imprimindo à rádio pública um

ar de juventude e de atualização que são necessárias. Agradeço também a decisão de incluírem este e outros programas da rádio pública em formato podcast nas plataformas de streaming, neste caso o Spotify, que utilizo para ouvir todos os podcasts que acompanho, entre os quais figuram outros programas da Antena 2 e da Antena 1. Se a opção fosse apenas disponibilizar estes programas na RTP Play não os ouviria assiduamente, como faço agora. Cumprimentos.

7.

Cravo ao Peito

Apreciei muito os diferentes programas que foram resgatar testemunhos a diferentes pessoas que fizeram parte ou que assistiram ao 25 de Abril, não me lembro agora do nome de todas as rubricas, mas destaco em particular o "Cravo ao Peito", é sempre com grande curiosidade que fico à espera do próximo episódio (tenho no spotify as notificações ativas para quando surgem novos episódios deste programa), nos meses anteriores à data do 25 de Abril havia mais episódios agora são mais esporádicos. Parabéns ao senhor Mário Galego, João Carrasco e Paulo Cavaco. Se lhes puder reencaminhar esta mensagem, fico agradecido.

Melhores cumprimentos

8.

Consulta Pública

Quero dar os meus parabéns ao programa que estou agora a ouvir na rádio (10:56h dia 02/04/25). É necessário falar mais e consciencializar os pais para o Não uso das suas crianças as redes sociais e aos telemóveis

Na minha opinião acrescentando ao que foi dito, que estou totalmente de acordo, acho que os pais não estão preparados para ser pais, ser pais é um grande desafio, temos que deixar de ser nós e a nossa vontade, mas passar a priorizar os nossos filhos

Por vezes são os pais que fazem questão de oferecer o telemóvel mais moderno ao filho para se elevar perante os outros, estamos perante uma sociedade "oca" já não há leitura de livros, passeios na natureza

Muito obrigada por este tema. Na minha opinião na tv deveria haver mais programas em horário nobre a falar sobre isto.

Bem-haja

9.

Venho reforçar o pedido de muitos ouvintes que existe muita síntese desportiva na Antena1. Que tal síntese desportiva às 9h,12h,6h 21h. E mais informação ecológica na hora certa por ex: que árvores caíram nesta tempestade e quais iram substituir, mais informação de hortas urbanas, flores, plantas, frutos e legumes que se devem plantar, quantidade de pólen no ar e atividades ao ar livre.

Gosto muito de ver o Biosfera e gostaria também que existisse essa informação na rádio.

10.

Bom dia, quero desejar uma feliz semana a todos os elementos da Antena1 e muita saúde para todos.

3. Reflexões Finais e Recomendações

As mensagens dos ouvintes, a ronda pelo país e o acompanhamento de emissões fora dos estúdios - em direto ou gravadas -, suscitaram reflexões e algumas recomendações.

3.1. Informação de Proximidade

A abrangência territorial é comum a todos os correspondentes e delegações que, além dos seus próprios distritos, cobrem ainda aqueles que não têm jornalistas. São centenas de quilómetros que fazem toda a diferença, quando algo imprevisto acontece e a rádio pública demora a chegar e, por consequência, a reportar. Quando não há gente, falham-se notícias de última hora. A agenda dos acontecimentos programados vai sendo cumprida, mas nem sempre há espaço e tempo para construir e explorar informação própria, ou para sair e ouvir as pessoas – ouvir quem sintoniza a rádio pública.

A descentralização dos espaços de programação e informação cabe neste capítulo e é uma questão passível de reflexão.

Ao contrário do que aconteceu no passado, Coimbra e Faro não têm, de momento, espaços regulares na programação ou na informação. O aproveitamento dos Centros Regionais e Delegações, que poderiam assegurar maior presença em antena, fica reduzido, muitas vezes, a substituições - o que pode ser interpretado como um sinal de desvalorização do território para lá das fronteiras de Lisboa e Porto.

A falta de condições humanas e técnicas espelha o desinvestimento progressivo nas Delegações e Centros Regionais, com a consequente centralização das emissões em Lisboa e Vila Nova de Gaia.

O jornalismo de proximidade vai além das fronteiras físicas. As notícias de Vila Real, de Leiria, de Aveiro ou de Portalegre não são apenas para quem ali vive, são também para os que saíram da região.

A rede de correspondentes, Delegações e Centros Regionais deixa metade do país a descoberto. Aquela que existe desdobra-se para que a informação não falte aos seus ouvintes, num esforço diário notável e meritório, mas tem as suas limitações e não pode ser eterno. Mesmo assim, a rádio pública marca a diferença no panorama radiofónico nacional: a Antena 1 tem um programa diário de informação regional, o

Portugal em Direto, e a atualidade local pode ainda ser ouvida noutros canais e noutros espaços da emissão. Esta componente de proximidade é única nas estações de âmbito nacional. É uma forma de marcar presença, de afirmação do serviço público de rádio junto dos territórios mais invisíveis. Reforça a confiança entre a rádio e as comunidades, para que se sintam escutadas e se identifiquem com a sua rádio.

A informação local nem sempre consegue ocupar um lugar de destaque na agenda mediática. Estar no terreno ajuda a combater essa invisibilidade.

A presença física do serviço público no país é uma mais-valia: alimenta a ligação de proximidade com os ouvintes, afirma a marca da rádio no território e vai ao encontro dos pressupostos garantidos no contrato de concessão, ou da sua missão, contribuindo para fortalecer a democracia e a cidadania e reforçando o sentimento de pertença e a identidade e a coesão nacionais.

A proximidade é também medida pela recetividade sentida de cada vez que a rádio sai do estúdio e vai ao encontro dos seus ouvintes. Esta tem sido uma aposta do serviço público. Todas as antenas fazem emissões em direto, gravações de programas ou *podcasts* em todo o país, dos grandes centros urbanos às localidades mais remotas, no continente ou nas ilhas. Transmitem ou associam-se a eventos e acontecimentos relevantes para quem habita nesses locais, dando-lhes visibilidade sem contrapartidas, dando-lhes um espaço para exporem os seus problemas e expectativas, mas também as suas expressões culturais – a sua identidade e modos de vida.

3.2. Partilha de Recursos

O emagrecimento progressivo das delegações foi acompanhado pela política de sinergias. Ou seja, o mesmo jornalista desdobra-se pela rádio e pela televisão, meios que têm tempos, linguagens, metodologias e formas de comunicar diferentes. Quando as situações são de uma atualidade premente, há que fazer escolhas - porque não se consegue estar no mesmo sítio à mesma hora e em simultâneo para os dois meios.

Levanta-se também a questão da diversidade: um só jornalista a trabalhar para diversos meios reduz a diversidade e o pluralismo inerentes ao jornalismo e ao serviço público. O trabalho no terreno passa a ser condicionado não pelo desenrolar do acontecimento, mas pelos vários meios e os seus *timings* de publicação/emissão – tempo que deveria ser ocupado na recolha de informação, investigação, contacto com

várias fontes, verificação e tratamento jornalístico. Estes são os passos da prática jornalística que garantem a veracidade, o rigor, a qualidade, diversidade e pluralismo. Optar pela regra do repórter único, que trabalha para vários meios, reduz a possibilidade de outras abordagens e perguntas. Mais uma vez, quem sai prejudicado é quem lê, vê e ouve. É quem se depara com notícias todas iguais – e, se são iguais, não encontrará razão para diversificar a sua dieta diária de *media*.

Já o afirmei no anterior relatório e reforço esta constatação: entre a rádio e a televisão, a rádio acaba por sair a perder. Os profissionais no terreno fazem um esforço para equilibrar os dois meios, mas o direto para a televisão sobrepõe-se - relegando a rádio para os ‘falsos diretos’, peças gravadas que em poucos minutos podem ficar desatualizadas.

Na política de sinergias não é a rádio que é prejudicada – são os ouvintes que sintonizaram a rádio, o meio do imediato, para acompanhar a par e passo um acontecimento e que são defraudados. E, para muitos, é o único meio de comunicação de que dispõem.

A partilha de recursos terá aspetos positivos a nível de gestão, mas, na prática do dia a dia, tem implicações que afetam as opções editoriais e o trabalho dos repórteres, afetando também os ouvintes – o fim último do serviço público de rádio.

3.3. Cativar AS ouvintes numa Rádio Pública masculina

Em 2025 dediquei dois programas às audiências. No geral, os homens consomem mais rádio do que as mulheres. A audiência masculina situa-se nos 88 por cento, e a feminina nos 78 por cento ⁹. No caso do serviço público, a diferença é significativa. Cada estação tem ouvintes com características próprias, mas há um perfil comum a todos os canais da RTP: homem, adulto e da classe alta.

Os números fornecidos pelo gabinete de Audiências e Estudos de Mercado da RTP são claros: a audiência é marcadamente masculina, assunto que em 2025 mereceu um programa Em Nome do Ouvinte.

⁹ Dados da Marktest em janeiro de 2025: <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~2b7e.aspx>

Canais	Homens	Mulheres
Antena 1	8.6%	2.2%
Antena 2	0.9%	0.3%
Antena 3	2.5%	1.4%

Tabela 2: Audiência por género das rádios ¹⁰

A medição de audiências é quantitativa. Conhecemos os números: idade, sexo, região, género, horários de escuta, mas sabemos pouco sobre o que está além destes dados. Faltam estudos de receção que revelem o que o ouvinte pensa, deseja e como age, para compreender que está na origem dos hábitos de escuta e encontrar soluções para cativar e fidelizar essas audiências.

Sabemos que, no geral, os dados mostram que as mulheres preferem as estações de música e os homens as que têm mais informação¹¹. Mas a preferência em si não explica as escolhas. Os contextos de escuta de cada um, a vida profissional e as tarefas do dia a dia, a programação radiofónica e os seus horários, podem ajudar a encontrar uma explicação. É ainda preciso ter em conta a evolução da história, da sociedade e do papel da mulher dentro e fora das rádios.

Os resultados recolhidos merecem sempre uma análise mais profunda, porque são um instrumento da programação. Quando há sinais nos números, como neste caso, em que se verifica que a rádio pública é marcadamente masculina, deveria soar uma campanha de alerta que fizesse aplicar o que tem de ser uma regra. Sem lugar para "achismos", é preciso olhar para o que nos rodeia e perceber o porquê das coisas para mudar alguma coisa.

Conhecer a audiência é fundamental para definir e ajustar o perfil de cada rádio. Os estudos qualitativos não são um luxo dispensável, antes são um instrumento de programação que permite desenhar a rádio à medida do seu ouvinte, conquistá-lo e

¹⁰ Números divulgados pelo gabinete de Audiências e Estudos de Mercado da RTP para o programa Em Nome do Ouvinte emitido a 7 de novembro de 2025

¹¹ Dados dos diversos estudos da Marktest, da Obercom e da ERC, Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

fidelizá-lo – ciente dos seus contextos, gostos, anseios, necessidades. Uma rádio construída a pensar em quem a escuta, porque conhece quem a escuta.

No Relatório de 2024 um dos casos enunciados foi o perfil dos comentadores. Havia uma discrepância entre homens e mulheres nos espaços de comentário e opinião na Antena 1: em 27, apenas quatro eram mulheres. Na renovação de grelha de setembro desse ano, foi introduzido um painel de opinião constituído exclusivamente por mulheres, uma por cada manhã - um dos períodos de maior audiência -, de segunda a sexta-feira. Entraram, assim, seis novas vozes femininas em antena. Em setembro de 2025, este espaço foi substituído por um painel de comentadores misto (seis homens e três mulheres) e registou-se a entrada de mulheres em alguns programas de debate sobre a atualidade (Geometria Variável, Contraditório, jornais de campanha), no desporto e nos noticiários.

Na programação das rádios, verifica-se um esforço para encontrar um equilíbrio entre vozes femininas e masculinas, embora esta seja uma demanda inerente à própria dinâmica do meio rádio, que favorece a alternância de género e de timbres para captar e manter a atenção do ouvinte. A título de exemplo, na Antena 1 e na 3, em todos os horários, na informação e no entretenimento, há um efetivo equilíbrio entre vozes masculinas e feminina

Em resumo, foram dados passos para uma maior presença de mulheres em antena nos diversos canais, mas ainda não se alcançou um equilíbrio que espelhe a paridade desejada. Com base nos números já disponíveis, seria imperativo avançar para estudos de receção - a fim de se conhecer a fundo a audiência, descobrindo assim o que a move e motiva a sintonizar a rádio.

3.4. Rádio Pública e situações de calamidade

No dia 28 de abril, data do Apagão, a rádio pública entrou em emissão especial. Foi, mais do que nunca, aquilo que já é: serviço público. Uma prova real de que a radiodifusão é um bem precioso quando tudo falha. Se dúvidas houvesse, a realidade demonstrou que a aposta nas ondas hertzianas continua a ser fundamental - e não vestígio de uma época que já passou.

Acessível, ágil, imediata e de longo alcance, a rádio fez-se de todo o lado e chegou a todos, onde quer que estivessem, como sempre fez, porque é essa a sua essência, a

sua missão primeira, como a história nos ensina. Não é por acaso que os rádios portáteis a pilhas fazem parte do kit de emergência definido pela Proteção Civil.

O rádio de pilhas avivou a memória – foi O meio da informação, da comunicação, da companhia, porto seguro. Foi a voz de um serviço público com gente. Um guia para quem estava de ouvido à escuta: no carro, em casa, na rua, para quem continuou a trabalhar - como aqueles que asseguraram a emissão especial e os que a mantiveram no ar, os que fizeram chegar informação contínua e fiável ao velho-novo transístor, ou seja, às pessoas, que precisavam de saber o que se passava.

O apagão também serviu para testar o que funciona bem e menos bem e para refletir sobre o que aconteceu, corrigir e melhorar. E deixou bem claro que é urgente repor a rede de correspondentes, ter meios técnicos que não dependam exclusivamente de energia, ter sistemas de redundância e cuidar das antenas de FM e de Onda Média. Em resumo: é preciso investir mais na rádio, para que não falhe quando é mais precisa - quando os ouvintes mais precisam. Não basta falar da relevância do meio quando alguma coisa acontece. São necessários planos estratégicos e investimento para que, efetivamente, a rádio possa corresponder ao que dela é esperado.

3.5. A Rádio no Digital: Podcasts, Webrádios e RTP Play

Já lá vai o tempo em que a rádio era apenas radiodifusão. Há muito que integra no cardápio outros tipos de áudio, a par do *podcast* - que já não é novo, nem emergente. Vinte anos depois de ter surgido, o *podcast* emancipou-se da emissão em antena, ganhou vida própria, conquistou ouvintes e consolidou-se.

Mais do que uma moda, o sucesso vem das formas de consumo *on demand*, ou a pedido, que facilitam a escuta: escolher e receber, em vez de procurar; ouvir a qualquer hora, onde, como e quantas vezes quisermos, com a vantagem de podermos guardar o que mais gostamos de ouvir.

A proximidade, conexão, empatia e o intimismo que já existem na rádio são reforçados, assim como a ligação entre quem faz o *podcast* e quem escuta. No entanto, há diferenças na produção, distribuição e consumo.

O *podcast* contorna as limitações de tempo de uma grelha de programação em FM. Aborda outros assuntos, por vezes com mais profundidade, sem duração ou

periodicidade rígidas. A fragmentação dos conteúdos favorece a multiplicação de temas e de formatos, alcançando outras audiências

Recebo com frequência mensagens de ouvintes fiéis aos *podcasts*, o que pode ser interpretado como um indicador da crescente audição em diferido, à qual as diversas rádios tentam corresponder.

Em 2025 multiplicaram-se as estreias de *podcasts* tão diversos quanto os interesses e os gostos das audiências da rádio pública.

Há uma clara aposta no formato e na variedade de temas: cidadania, média, saúde mental, política, desporto, livros ou filosofia, são alguns dos assuntos pensados e tratados à medida de cada ouvinte. Todos estão disponíveis na RTP Play e noutras plataformas de distribuição externas.

A Antena 1 e a Antena 3 têm produções exclusivas para a Internet. Os restantes canais adotaram estratégias distintas.

Na Antena2 o *online* não foi prioridade. A somar, os direitos de autor e conexos condicionam a utilização de obras e autores fora da Frequência Modulada.

A RDP Internacional oferece programas com versões diferentes, consoante a via de difusão.

A RDP África disponibiliza o que foi produzido para a emissão linear, o que se explica pelas características da escuta: apesar da estação ser muito ouvida nas plataformas *online*, há quem não tenha acesso à Internet.

Perguntei a todas as direções em que condições são produzidos os *podcasts* e obtive respostas idênticas: há ideias, estratégias e vontade, mas faltam recursos para concretizar o que fica no papel, sobretudo recursos humanos. Até aqui recorreu-se à prata da casa, que acumula trabalho e tarefas. Faltam também equipas multidisciplinares, com formação específica para o digital, que assegurem a produção de conteúdos para várias plataformas com diferentes linguagens.

Hoje, conceber um *podcast* vai muito além do som. É preciso articular nome, fotografia, imagem, descrição do conteúdo e divulgação.

Esta “rádio visual” exige câmaras de vídeo que não existem, por exemplo, nos estúdios do Centro de Produção do Norte, apesar das recentes obras de renovação. As opções editoriais, mais uma vez, estão dependentes das condições logísticas e técnicas.

Neste caso, as sinergias dentro da RTP poderiam abrir portas a outros tipos de produções, cruzando saberes e competências das diferentes antenas da rádio e dos canais de televisão. Alguns programas já o fazem, mas há um caminho ainda a explorar no *online*, não para contornar a ausência de meios e equipas, mas sobretudo para trazer o Serviço Público de Media para o século XXI. Dotá-lo de meios é imprescindível para cumprir esta missão.

O Digital é definido como prioridade no novo Contrato de Concessão e no Plano Estratégico da RTP. Apesar de ser uma prioridade, nota-se a indefinição de uma estratégia concertada a longo prazo - tanto entre as rádios, como dentro do próprio grupo. Falta apontar um caminho para o que deve ser o *podcast* no serviço público de media: conceito, função, conteúdos, formatos, por que meios de difusão, e para que audiências. O *podcast* potencia a missão de serviço público, cumprindo a diversidade prevista no contrato de concessão: ao falar para nichos serve mais pessoas, mais ouvintes.

Os princípios do serviço público mantêm-se, mas é fundamental uma política que estimule a inovação e a experimentação numa área em crescimento. Seria igualmente relevante desenvolver um plano de divulgação que desse a conhecer tudo o que se produz fora dos meios tradicionais, que é onde já está boa parte dos ouvintes – os do futuro, e os de agora.

O *podcast* representa uma oportunidade para chegar a outros públicos – aos que não sintonizam a rádio tradicional. E rejuvenescer a audiência é um dos grandes desafios para o serviço público.

Se os meios tradicionais têm canais com um perfil e uma audiência definidos, o *podcast*, e o que é produzido exclusivamente para a Internet, pode servir para cruzar experiências, saberes e ideias. O caminho está aberto e pede para ser explorado – para uma rádio com ainda mais ouvidos.

Webrádios e canais temporários

Os canais temporários, chamados rádios de oportunidade, têm a mesma duração do evento que acompanham e juntam conteúdos emitidos em FM, diretos para a internet e alguma produção própria.

O Serviço público já criou várias rádios temporárias - musicais, sobre compositores, associadas a celebrações ou a datas históricas.

A RTP Play oferece cinco *webrádios* temáticas desenhadas a pensar em nichos de ouvintes, em contraponto às grandes audiências das rádios generalistas em FM: a Zig Zag, para crianças; Jazz in; Fado; Ópera; e ainda a Lusitânia, para a música portuguesa que marcou os últimos 50 anos. No último ano, outras deixaram de estar disponíveis, como a Antena 1 Vida.

As razões apontadas para a criação, continuidade e o fim de alguns projetos são os de sempre: falta de recursos para manter e renovar o fluxo musical ou da programação.

Como um fato feito à medida, os *podcasts*, *webrádios* e rádios temporárias são uma forma de aumentar a oferta e chegar a outras audiências.

O Áudio na RTP Play

Reforço uma recomendação deixada nos anteriores relatórios, sobre a presença do áudio na RTP Play – ou sobre a sua invisibilidade, que persiste.

A RTP Play reúne tudo que se produz nos diversos canais de rádio e televisão, mas é mais vocacionada para o consumo em vídeo. A página de entrada é, sobretudo, uma montra dos produtos televisivos e de vídeo, em que as rádios e tudo o que oferecem têm uma presença secundária. Esta permanente invisibilidade deve ser motivo de reflexão e combatida com decisões que não se arrastem no tempo, para não se perderem oportunidades e se darem passos que revelem alguma inovação.

O áudio tem características e formas de consumo que o diferenciam do vídeo. Impõe-se, por isso, uma reflexão sobre a necessidade de um espaço próprio para o áudio e as rádios no serviço público de media. Seja aplicação, um sítio, ou plataforma, certo é que o som precisa de um espaço com identidade própria que agregue toda a produção em áudio e as rádios. O Projeto Estratégico da RTP para 2024-26 prevê uma aplicação. O documento promete uma reflexão sobre o futuro da rádio, as plataformas de *streaming*, os *podcast* e as redes sociais; e inclui a renovação tecnológica e adaptação de soluções à produção digital no Centro de Produção do Norte, centros regionais e delegações.

Quanto à catalogação e busca do áudio na RTP Play, são fragilidades já identificadas e referenciadas noutros relatórios. À imensidão de ficheiros não corresponde uma

organização intuitiva e que guie o utilizador pelo que procura, transformando a pesquisa numa viagem labiríntica que se perde em múltiplas páginas, ausência de informações, dados errados ou contraditórios, horários e autorias incorretos ou desatualizados. Também neste ponto, há trabalho a fazer para valorizar a RTP Play como plataforma de *streaming* de acesso gratuito, com uma oferta de milhares de conteúdos em língua portuguesa, e não só, atuais e antigos - e em que o áudio mereceria um lugar de destaque.

Os números de consumo dos *podcasts* da rádio pública são relevantes, sobretudo fora da RTP Play. No caso das rádios e dos *podcasts*, os números da RTP Play representam apenas uma pequena parte do universo de ouvintes. Exemplo disso, é a RDP África¹², que tem entre a sua audiência uma fatia significativa de ouvintes que não procuram os sites das rádios, preferindo as plataformas que agregam tudo o que lhes interessa ouvir. Um comportamento que condiciona a estratégia digital para o som neste canal.

A apresentação e distribuição de áudio é diferente na internet e em FM - tal como o comportamento de quem escuta. Por outro lado, vídeo e som, são coisas distintas e reclamam estratégias próprias – adequadas ao público a que se dirigem.

Os hábitos da audiência determinam os conteúdos, os formatos e até a distribuição. Se os ouvintes mudam a forma de escuta, só resta à rádio acompanhá-los – como tem feito ao longo dos anos. A rádio é maleável: adapta-se a todos os cenários, mesmo aos mais inesperados. Mas tem também de antever tendências para preparar o futuro – porque o digital já é o presente. Só assim, com estratégia e investimento adequados, se ganhará a aposta no único meio de comunicação que nunca falha quando tudo o resto colapsa – a Rádio.

Num tempo histórico incerto como aquele em que vivemos, a que se somam tempestades e outros fenómenos climáticos cada vez mais destrutivos, torna-se ainda mais urgente apostar no Serviço Público de Rádio – para um País com ouvidos.

¹² Programa nº35 Em Nome do Ouvinte dedicado ao tema das audiências na Internet

ANEXOS

Anexo I

Correspondência com os ouvintes: alguns exemplos

1.

Como ouvinte da Antena 2, oiço com frequência os blocos de notícias através desta antena.

Porém, no passado dia 18 de gosto, no bloco das 10h da manhã, o noticiário não aconteceu e foi interrompido no seu lançamento sem que tenha sido dada qualquer justificação para a não realização do programa.

Gostaria de perceber o porquê do sucedido e dizer, com esta mensagem, que os ouvintes merecem ter algum tipo de justificação na altura, mesmo que seja algum problema técnico, quando a normal programação foge do normal.

Sem outro assunto, agradeço a atenção dispensada.

Cumprimentos,

Da Direção de Informação recebemos o seguinte esclarecimento sobre o sucedido: "A razão por não ter havido noticiário prendeu-se com uma falha da parte da DI Rádio [Direção de Informação da Rádio]. Por imprevistos e falha de comunicação na organização de equipas (em tempo de férias acontecem falhas) não foi possível cumprir a nossa obrigação de emitir o noticiário. Mais ainda, não houve tempo de alertar o realizador de serviço para esse facto, para que houvesse uma justificação em antena. É uma falha grave que foi detetada de imediato e que tentamos diariamente que não aconteça. Desta vez, a DI Rádio falhou e assume a inteira responsabilidade pelo sucedido."

À explicação da Direção de Informação, acrescento que a Provedora do Ouvinte tem insistido na necessidade de dar explicações aos ouvintes, em antena, sempre haja falhas.

Agradecemos, uma vez mais, a sua mensagem.

2.

Programa sobre o 25 de novembro de 20 de novembro de 2025 entre as 10 e as 11 horas

Bom dia

Acabei de ouvir o programa suprarreferido. Não o ouvi desde o início e, por isso, pode existir informação veiculada sobre os participantes que torne irrelevante o meu texto. No entanto, devo dizer que estranhei que apenas tivessem estado no programa pessoas do PS, CDS e IL, para além de outra pessoa do PS, à data no MRPP. Não estava ninguém da esquerda à esquerda do PS, nomeadamente do PCP, tão falado no debate.

Isso teve como consequência, no que ouvi, que datas marcantes (28 de setembro ou 11 de março) tenham sido referidas "en passant" apenas por um dos interlocutores e que acontecimentos no chamado Verão Quente como os assaltos a sedes do PCP e as redes bombistas de extrema-direita tenham sido pura e simplesmente ignorados. Este facto afunilou a discussão transformada numa propaganda descarada às comemorações do 25 de novembro, embora com algumas nuances por parte de algumas pessoas.

Claro que o caso de alguém do PCP ter sido convidado e não ter querido participar (a minha dúvida quanto a não ter ouvido do início) mitigará a minha crítica. Se não, foi uma grave falha do programa.

Obrigado pela atenção

Caro ouvinte,

Recebi e agradeço a sua mensagem, que se refere ao programa Entre Políticos emitido na data que indica. Devo esclarecer que, logo no início, a moderadora respondeu à sua observação: o PCP foi convidado e não se fez representar.

Cordialmente,

3.

Boa noite.

Mais uma vez, hoje verificou-se que não foi transmitido o jogo da selecção Nacional feminina. Gostaria de saber o porquê de sempre que a selecção Nacional masculina joga, é transmitido o relato e quando joga a feminina isso não acontece. Lamento imenso que isto aconteça numa radio do Estado, verificando se mais uma vez que o Estado pertence aos homens e as mulheres ficaram em segundo plano. Lamento imenso e entristece-me ver que nos dias de hoje ainda existe discriminação e discriminação essa feita por um estação de rádio que deveria de dar o exemplo. Lamento

Caro ouvinte,

Agradeço a mensagem que me enviou. Para lhe responder pedi a colaboração da Direção de Informação, que esclarece o seguinte: “Tratava-se de um jogo particular/amigável da selecção feminina de futebol e, por esse motivo, decidiu-se não fazer a transmissão. No entanto, a Antena 1 tem estado a relatar todos os jogos oficiais da selecção feminina de futebol, como na recente Liga das Nações, e fará as transmissões das partidas em que a selecção feminina irá participar no Campeonato da Europa, em julho. Será enviado um repórter à Suíça para esse efeito. Inclusivamente esteve prevista a transmissão do jogo da final do Europeu feminino de Sub 19, caso a selecção nacional tivesse atingido essa fase da prova, o que infelizmente não aconteceu. Pode-se contrapor que a Antena 1 transmite todos os relatos da selecção A masculina, incluindo os particulares, o que é verdade. Mas a transmissão desses jogos está muito consolidada. Já em relação à selecção feminina, é um caminho novo na Rádio Pública que está a ser trilhado. A Antena 1 não pode tornar-se numa rádio de desporto, "quase só de relatos". Por isso é preciso fazer escolhas e encontrar equilíbrios. Foi considerando todos estes aspetos que se decidiu não transmitir o jogo a que o ouvinte se refere. Mas não se afira daí que a Antena 1 está ou irá alguma vez esquecer a selecção feminina de futebol, porque não é manifestamente verdade.”

Para justificar a não transmissão, a DI explica que há condicionantes que determinam as opções editoriais: a disponibilidade de antena e recursos humanos e financeiros, em face do número de competições e provas com equipas e atletas nacionais.

A rádio pública transmite os jogos de preparação das equipas masculinas, e não das femininas, com o argumento da “consolidação”. É um caminho novo, como escreve a DI. Nestes últimos dois anos tem sido percorrido com a transmissão ou o acompanhamento de competições com as equipas femininas de futebol e outras modalidades, o que não acontecia antes – e este é um facto que tem de ser reconhecido. Mas, sim, ainda há um caminho a percorrer, uma vez que a rádio pública tem responsabilidades e obrigações acrescidas.

Cordialmente,

4.

Jornal de desporto

É habitual ouvir o chamado Jornal de desporto na Antena; às 12h30.

O espaço radiofónico referido dever-se-ia intitular Jornal de Futebol ou Jornal das modalidades da Federação Portuguesa de Futebol.

Dos 16 a 17 minutos habituais, entre 14 e 16 são dedicados a estas modalidades.

Não pondo em questão uma eventual paridade de sexos, parece que o futebol feminino, veio retirar tempo não ao futebol masculino, mas sim às outras modalidades.

Não é, pois, de estranhar que Portugal seja um país mono desporto. Desporto é futebol e o resto é paisagem.

Nem é de estranhar que não nacionais, como o jornalista francês, Olivier Bonamici, quando chegou a Portugal tenha estranhado a tamanha preponderância do futebol perante as restantes modalidades.

Que o futebol (e seus sucedâneos) seja(m) o "desporto -rei" é uma coisa, outra coisa diferente é ser tratado em Portugal, pelos meios de comunicação social (nomeadamente públicos) como monarca absoluto totalitarista.

Obrigado

Caro ouvinte,

Recebi e agradeço a mensagem que me enviou. Dela darei conhecimento à Direção de Informação (DI).

A questão das modalidades e do futebol nos espaços de desporto da Antena 1 já foi tratada em mais do que um programa em Nome do Ouvinte. A DI reconhece que esse é um aspeto sempre a melhorar e que há um esforço para diversificar a cobertura das modalidades.

Acrescento que se tem acompanhado competições de diversas modalidades em que, muitas vezes, só a rádio pública está presente e que isso é espelhado quer nas emissões desportivas, quer nos jornais de desporto. No entanto, o peso do futebol é incontornável. Dá-se mais atenção ao futebol em detrimento das restantes modalidades – e, entre estas, umas terão mais relevância do que outras – o que também suscita reparos por parte de alguns ouvintes.

A Direção de Informação já se comprometeu a dosear de forma mais equilibrada a informação desportiva. Esta é uma questão a acompanhar.

Cordialmente,

5.

Desporto

Inaceitável a Antena 1 não ter acompanhado a final do Campeonato de Portugal de futebol, que consagrou o histórico Lusitano de Évora. Nem uma breve nos noticiários deram. Tive de sintonizar uma rádio local de Évora para saber o resultado. O Campeonato de Portugal é o futebol das terras e províncias e dar voz a esses clubes é fazer Serviço Público. Infelizmente tenho vindo a criticar com muita frequência o desporto da Antena 1 porque não consigo compreender os critérios de quem manda na secção. Essa pessoa só pode ser incompetente. Já sou antigo e nomes como António Pedro, Costa Martins ou Gabriel Alves eram grandes referências. Hoje nem sei como se chama a pessoa que manda na secção. Ninguém o deve conhecer porque de certeza que não é nenhuma referência.

Caro ouvinte,

Agradeço a sua mensagem e a sua observação. Para lhe responder pedi um esclarecimento à Direção de Informação, que me enviou a seguinte resposta: “A Rádio Pública não tem os recursos humanos e financeiros suficientes para poder estar em todo o lado. Ainda mais numa altura em que foi necessário alocar um grande número de recursos ao Mundial de Clubes, nos EUA; às participações das seleções nacionais de futebol, masculina e feminina, em três competições internacionais; e a uma variedade de partidas decisivas nas mais diversas modalidades, que a rádio tem acompanhado com repórteres nos locais. Portanto, é preciso fazer escolhas. E no caso, em concreto, da final do Campeonato de Portugal, é preciso sublinhar que se trata do 4º escalão do futebol nacional. Também é importante referir que essa final não passou completamente ao lado da emissão da Antena 1 naquele dia, como o ouvinte parece sugerir. Com efeito, a conquista do Lusitano de Évora nesse sábado foi destacada no espaço de desporto dedicado ao jogo Portugal - Polónia, referente ao Campeonato da Europa de Futebol de Sub 21, que a Antena 1 acompanhou com um repórter enviado à Eslováquia.

Acrescente-se, a terminar, que em todas as edições da Tarde Desportiva, ao longo da temporada futebolística, há sempre um espaço dedicado à divulgação dos resultados e classificações do Campeonato de Portugal, pelo que, apesar de se tratar do 4º escalão do futebol nacional, não é uma competição a que a Antena 1 não dê a atenção possível.”

É um facto que a Antena 1 não transmitiu este jogo, mas é também um facto que noticiou o resultado durante a emissão desportiva, pouco depois das 20 horas. As opções foram tomadas em função das condições que existiram naquele fim de semana: recursos humanos, calendário desportivo e a disponibilidade da antena. Ou seja, os critérios editoriais são condicionados. Não se consegue dar atenção a tudo, mas, mesmo assim, considero que a rádio pública faz o possível para cumprir a sua missão de proximidade.

Cordialmente,

6.

Noticiários (de hora a hora) sobre a campanha eleitoral

Exma Senhora Provedora do ouvinte:

Gostaria de solicitar a V.Ex.ª uma avaliação imparcial sobre os noticiários, neste tempo de campanha eleitoral que estamos a viver, porquanto tem sido confrangedora a forma antidemocrática como 'levam ao colo' o PS, dando a primazia a este partido na abertura dos noticiários, passando as intervenções mais inflamadas do seu secretário-geral, enquanto os outros partidos, em particular a coligação AD, são relegados para um plano secundário, com referência indireta ou nem têm qualquer menção.

Como ouvinte assíduo da Antena 1, tem sido com enorme estupefação e desagrado crescente, que assisto à forma altamente tendenciosa como a estação tem feito a cobertura da pré-campanha e campanha eleitoral.

Alguém tem de ser responsabilizado pela ausência (gritante) de imparcialidade numa área tão relevante para a cidadania.

Reitero, assim, o meu agradecimento pela promoção de uma avaliação imparcial ao que se está a passar e a correção desta abordagem, a bem da democracia e da liberdade de expressão.

Grato, os meus melhores cumprimentos,

Caro ouvinte,

Recebi a sua mensagem e agradeço as suas observações. O exemplo que refere não está datado, mas, reportando à véspera do dia em que me escreve, 12 de maio, a campanha eleitoral é notícia de abertura em 7 noticiários: PS–2 notícias; AD–2 notícias; IL –2 notícias; Chega–1 notícia. Os restantes noticiários abrem com temas da atualidade. O primeiro partido ou líder a ser noticiado tem a seguinte distribuição: PAN–2 notícias; AD–2 notícias; PS–2 notícias; IL–1 notícia; Chega–1 notícia. O exemplo é de apenas um dia e qualquer generalização seria enviesada, além de que os espaços jornalísticos não se restringem aos noticiários. Assim, foi efetuada uma análise global aos noticiários da Antena 1 entre as 7 horas e a meia-noite e também às duas edições diárias dos jornais de campanha. Concluí que entre noticiários, jornais de campanha e programas (de entrevista ou debate) a cobertura da rádio pública foi equilibrada e coerente.

Compreendo que haja a expectativa de que todos os noticiários façam a ronda por todos os partidos, ou uma distribuição equitativa de declarações dos diferentes líderes - de facto, não acontece nem poderia acontecer. Nem tão pouco se pode medir a imparcialidade pela notícia de abertura – o alinhamento do noticiário é ditado pelo critério jornalístico que reside na atualidade e nas características imediatas e sonoras inerentes ao meio rádio e não na equidade.

O acompanhamento da campanha eleitoral não se restringe às notícias de hora a hora. O equilíbrio não pode ser avaliado num único espaço informativo, deve ser avaliado no seu todo tendo em conta toda a emissão.

O fluxo informativo da rádio distribui-se pelas 24 horas do dia. Os partidos promovem várias ações de campanha que vão sendo noticiadas ao longo dessas 24 horas, ou seja, a informação dispersa-se entre noticiários, entrevistas e debates durante toda a emissão. Já as duas edições diárias do Jornal de Campanha agregam e resumem tudo o que todos os candidatos foram fazendo nas horas anteriores. E neste espaço, sim, estão presentes todas as forças políticas e há um permanente esforço de equilíbrio, embora prevaleça o critério jornalístico. Na maior parte dos casos os ouvintes são fiéis a um horário e escutam apenas o que é transmitido nesse período, tendo uma perceção parcial do que é transmitido. As notícias das campanhas eleitorais não se medem com cronómetro, nem numa folha Excell. Mantêm-se o valor-notícia, a relevância e a atualidade imediata inerente à rádio. Prevalecem, e bem, os critérios jornalísticos.

Cordialmente

7.

Excessos e debilidades da Antena 1

Bom Dia, Cara Sra. Provedora.

Sou um ouvinte assíduo da Antena 1 e 2 e espectador da RTP1 e RTP2. Há programas imperdíveis, para mim, em todas elas. Gostaria de deixar aqui a minha opinião sobre:

Excessos:

É incrível, cansativo e quase tortura, o tempo dedicado às Marchas de Lisboa, St. António de Lisboa, Casamentos de St. António, etc...

Podcasts com episódios diários, programação regular com referência permanente e tempo dedicado ao assunto, etc., etc. O país tem que ficar a saber tudo sobre este tema...

Lamento este excesso e também o esquecimento de outros "santos", eventos, tradições por este país fora. Bastava distribuírem o tempo e recursos empregues neste assunto, por todos os outros, e haveria equilíbrio entre todos. A preservação da nossa cultura e do nosso património, não se deve limitar - e excessivamente - apenas à capital, pois isso apoia e promove o centralismo que já existe em muita dose e muitos aspetos. é o que espero de uma rádio pública.

Debilidades:

Há vários programas bem concebidos, que fazem sentido, na lógica do Serviço Público que invoco. Por exemplo, Portugal em direto, diário à semana, pelas 13h, José Candeias, sábado de manhã, entre outros. Neste caso refiro-me ao estilo de comunicação: o apresentador fala mais que os entrevistados, dá as respostas nas perguntas que faz, um claro sinal de desejo de protagonismo... A comunicação é um assunto sério e os "comunicadores" devem ter formação contínua e melhorar as suas competências.

Caro ouvinte,

Recebi e agradeço a mensagem que me enviou. Dela darei conhecimento à Direção da Antena 1.

Sobre os excessos que refere, permita-me discordar. A Antena 1 teve um *podcast* diário, sim, com 21 episódios, e realizou uma emissão especial na noite do desfile das marchas de Lisboa - de 12 para 13 de junho. Não me parece excessivo. Há outros eventos que ocupam o mesmo ou mais espaço de emissão. Relembro, por exemplo, que a Antena 1 transmitiu a Serenata Monumental de Coimbra a 22 de maio, esteve em emissão especial em Braga na abertura de Braga Capital Portuguesa da Cultura 2025 em janeiro, transmitiu os concertos do Festival Músicas do Mundo em Sines, assim como transmite festivais, concertos e espetáculos em todo o país. Ainda recentemente, para assinalar os 10 anos em que o Cante Alentejano foi

reconhecido como património cultural imaterial da humanidade pela UNESCO, dedicou uma das semanas temáticas às Tradições, com *podcasts* e reportagens diárias sobre tradições de norte a sul do país e ilhas. No âmbito das semanas temáticas, têm sido emitidos especiais e reportagens diárias realizadas fora dos grandes centros urbanos.

O Portugal em Direto, como refere, mas também à Volta do Largo ou Porque Vivo Aqui, são bons exemplos de descentralização.

Realço, por exemplo, a emissão especial que a Antena 3 fez no mês passado do Festival Rádio Faneca em Ílhavo, um exemplo da ligação à comunidade e às suas tradições – como de resto faz há anos. E relembro que a Antena 2 corre o país para ouvir novos talentos no Prémio Jovens Músicos. São apenas dois exemplos de serviço público.

Porém, reconheço que o peso da capital na programação e na informação é uma realidade. Já abordei esse assunto mais do que uma vez no programa Em Nome do Ouvinte. Mas também não posso deixar de referir que a rádio pública faz um esforço permanente de descentralização. Pode não ser ainda o mais equilibrado, mas é, sem sombra de dúvida, a que mais descentraliza e faz emissões especiais fora da capital. Pode fazer mais e melhor, também, e disso não tenho dúvidas.

Cordialmente,

8.

Agradecia o encaminhamento da minha questão para o Programa " Na Ponta da Língua ", pois é uma questão que gostaria de ver esclarecida por quem sabe, no caso a Professora Sandra Susana Tavares.

Assim, qual destas duas frases está correta ou será que ambas são corretas?

1 - INCUMBE-ME o Sr Presidente da Câmara e o Sr Presidente da Assembleia Municipal de o informar que pode levantar o seu cabaz de natal,

ou

2 - INCUMBEM-ME o Sr Presidente da Câmara e o Sr Presidente da Assembleia Municipal de o informar que pode levantar o seu cabaz de natal

Desde já, o meu muito obrigado pelo esclarecimento e votos de um Feliz Ano Novo

Caro ouvinte,

Agradeço a sua mensagem, que encaminhei para as responsáveis pela rubrica. Sempre que tiver uma dúvida pode colocá-la pelo seguinte email: filomena.crespo@rtp.pt

Cordialmente,

9.

Cancelamento da emissão do Portugalex na Antena 1 durante esta semana

Bom dia

Venho manifestar a minha perplexidade com o cancelamento da emissão do Portugalex na Antena 1 durante esta semana. O programa continua, e bem, a ser emitido na Antena 3. Recordo ainda a reunião do Papa Francisco com humoristas de todo o mundo no Vaticano em junho de 2024, reconhecendo como "a arte da comédia pode contribuir para um mundo mais empático e solidário" (conforme se podia ler no comunicado da Santa Fé).

Caro ouvinte,

Recebi a sua mensagem e agradeço a pertinência da questão que coloca. Será, aliás, tema do próximo programa Em Nome do Ouvinte. A rubrica Portugalex não foi transmitida na Antena 1 depois de conhecida a morte do Papa Francisco, e durante toda a semana, mas manteve-se na Antena 3 e na RTP Play. Os ouvintes que escreveram à Provedora a contestar a decisão, evocaram a relação do Papa Francisco com o humor. Alguns lembraram – e bem –, o momento

em que humoristas de todo o mundo foram recebidos no Vaticano. Esse momento, e as palavras do Papa sobre o humor, foram recordados na Antena 1 na emissão especial das cerimónias fúnebres, no sábado.

O Luto Nacional é um período de homenagem, solidariedade e pesar decretado pelo Governo - na morte de algumas personalidades ou em acontecimentos excepcionais.

A Antena 1 suspendeu os espaços de humor no dia em que o Papa Francisco morreu, e antecipou-se mesmo à data oficial. A Direção da Antena 1 justifica a decisão com o cumprimento de um guião de procedimentos da empresa para o Luto Nacional, aplicados independentemente da figura ou do acontecimento pelo qual é decretado. Não são consideradas exceções, nem tidas em conta particularidades – e foi isso que aconteceu, mesmo sendo conhecida a posição deste Papa em relação ao humor e ao papel dos humoristas na relação com a Igreja e com Deus.

Cordialmente,

10.

Publicidade na informação de trânsito

Não entendo, nem posso aceitar, que contra o que está definido para as rádios públicas no que respeita à ausência de publicidade, exista, como é referido, um "apoio" a uma "marca de carros usados" no programa das informações de trânsito.

Obrigado.

Caro ouvinte,

Compreendo o seu desagrado. Efetivamente, o Contrato de Concessão não admite a publicidade na rádio pública, mas prevê a existência de patrocínios. Ou seja, os patrocínios têm o enquadramento legal no Contrato de Concessão, na Lei da Rádio e no Código da Publicidade. Sobre este assunto já me pronunciei no programa Em Nome do Ouvinte, mais do que uma vez. O Serviço Público de Rádio é mantido única e exclusivamente pela Contribuição Audiovisual, que está congelada desde 2016. Os patrocínios são uma gota no financiamento da rádio, isso mesmo foi reconhecido pelo presidente do Conselho de Administração. Aquilo que importa avaliar é se, em face das reações negativas dos ouvintes, vale a pena enveredar por esse caminho, apesar de previsto e legalmente enquadrado e limitado.

Cordialmente

11.

REM losing my religion morte do papa

I cadáver do homem ainda não está frio e os engraçados da antena3 já se lançaram as piadolas ofensivas. Eu também não sou católico praticamente, no entanto eu respeito quem o seja. A antena 3 é paga também por gente que dá mais importância à religião que eu e os locutores da rádio. Era de bom tom respeitar quem paga o vosso salário e colocarem as vossas opiniões egoístas no raio que vos parta .!.

Caro ouvinte,

Recebi a sua mensagem e desde já lamento a linguagem e o tom que utiliza.

A crítica é aceitável, desde que seja feita de forma civilizada, o que me parece ainda mais apropriado tendo em conta o assunto da sua mensagem.

Respondo de forma sucinta: o episódio da Aleixopédia foi gravado vários dias antes da morte do Papa e assinala o aniversário dos REM. Uma banda cuja música mais conhecida é Loosing my religion – nome citado no início do episódio. Em nenhum momento deteto aquilo a que chama “piadolas ofensivas” ou sequer qualquer referência ao Papa, à morte do Papa, ou à religião católica.

Considero, por isso, a sua queixa desadequada e ofensiva.
Cordialmente

12.

Sempre que tenho oportunidade para ouvir rádio, normalmente a conduzir, ligo preferencialmente a Antena 1 pelo bom nível geral dos seus programas e do profissionalismo de quem os apresenta.

Foi assim que, com alguma surpresa, hoje de manhã dia 04/Janeiro/2025, cerca das 08:56, a seguir ao programa “David Ferreira a Contar...”, a pessoa que dirigia o programa até às 9:00 colocou no ar uma música cuja letra continha alguns palavrões, vulgarismos obscenos, de cujo autor não fixei o nome, nem o da música, não compatíveis com a rádio pública. Podemos sempre usar o argumento de que há ouvidos “mais sensíveis”. No entanto este argumento ignora o aspecto importante de que estamos a falar de uma rádio que deve, na minha opinião, respeitar uma sobriedade própria da sua função de rádio pública, acima do facilitismo ou ligeireza que por vezes verificamos noutras rádios. Ou seja, deve obedecer a padrões de exigência, equilibrando o nível indispensável quer se trate de programas mais sóbrios ou mais ligeiros. A vulgaridade é que é sempre inadmissível, não compatível com a missão de serviço público da rádio pública. A RDP não terá um Livro de Estilo com princípios a serem observados por todos os profissionais? É apenas a minha opinião, sujeita a crítica como qualquer outra, e que não prejudica a ideia positiva que tenho da Antena 1.

Caro ouvinte,

Recebi a sua mensagem, que agradeço, e encaminhei-a para a Direção da Antena 1.

O calão nas músicas já foi objeto de um programa Em Nome do Ouvinte. Na altura, tal como agora, sublinhei o facto de a música refletir o seu tempo e não poder, de forma alguma, ser ‘censurada’ ou omitida. Pode integrar a playlist da rádio pública? A questão pode ser colocada e ser objeto de reflexão, mas há um princípio que me parece fundamental: a rádio pública não pode alhear-se do que se produz musicalmente.

A música – e sobretudo as letras -, refletem a sua época e as gerações que a produzem. Ignorá-las é ignorar o mundo que nos rodeia. Não quer isso dizer que passe tudo, porque há critérios e há um trabalho de ponderação na seleção, que deve ser feito caso a caso. e Cada música é analisada para avaliar se o calão utilizado se insere num contexto que faça sentido, se é insultuoso ou agressivo. Haverá sempre limites, mas não podem ser rígidos ao ponto de desvirtuarem a realidade em que vivemos.

Compreendo o seu desconforto, mas a rádio pública não pode, nem deve, atuar como supressor de palavras ou de músicas, sejam elas quais forem. As músicas são obras artísticas que refletem o tempo em que são criadas e a Antena 1 não pode ser alheia a esse facto.

Cordialmente,

Cara Provedora do Ouvinte,

Venho agradecer a amabilidade de ter respondido à minha mensagem o que suscitou dois apontamentos que me parecem oportunos, para os quais não reclamo qualquer réplica da sua parte, ocupada que estará por certo com muitos outros assuntos.

O primeiro é para fazer justiça ao seu trabalho de Provedora de que só me apercebi depois da sua resposta. O ter dito que o calão nas músicas já foi objecto de um programa Em Nome do Ouvinte despertou a minha curiosidade para ir ouvir esse programa, que achei interessante. Daí fiz a ligação ao Livro de Estilo, que a rádio pública não tem, e que me direcionou para o Relatório de Actividade 2023 de Fevereiro 2024 da Provedora do Ouvinte. Este Relatório revela um importante trabalho de serviço público, de atenção minuciosa aos aspectos relevantes do papel da rádio pública e a sua interação com os ouvintes. Por isso gostaria de elogiar o meritório trabalho de serviço público desenvolvido pela Provedora.

O segundo apontamento liga-se com a substância da questão por mim levantada sobre o uso do calão nas letras das músicas. É óbvio que concordo que a música e as letras refletem a época e as gerações que a produzem. Mas é também importante quando diz que a rádio pública não pode passar tudo e que tem de haver critérios e ponderação na seleção. Claro que é aqui que surge o problema, o critério para avaliar os limites. E é por isso que quando diz, por outro lado, que a rádio pública não pode nem deve actuar como supressor de palavras ou de músicas “sejam elas quais forem”, receio ver aqui uma ligeira contradição com o que disse antes, porque parece abrir uma janela para ultrapassar os limites. Como diz Adelino Gomes, reproduzido nas Recomendações do seu Relatório 2023 a propósito do Livro de Estilo, “... o ouvinte não sabe o que deve esperar, então isso é absolutamente inaceitável numa rádio de serviço público”. O que significa que na rádio pública o ouvinte não pode ser colocado na situação de não saber o que esperar, haja ou não Livro de Estilo. É uma questão de bom senso. É claro que há lugar para todas as formas de arte incluindo a música, mas nem todas as formas de arte devem fazer parte do espaço público por razões óbvias que se torna penoso ou mesmo desconfortável enunciá-las, numa sociedade que goste de se ver respeitada ao cultivar padrões de educação e urbanidade na esfera pública, que também é um espaço de formação. O que não significa que não deva haver espaço para outras formas de arte, mas que têm lugares privados ou mesmo próprios para quem for apreciador.

Significa que, no espaço público, temos de nivelar os limites por cima, como a vida quotidiana nos mostra nos vários “discursos” públicos: os jornais, as rádios, as televisões, não publicam nem transmitem programas de entretenimento ou de comentário em que é usado o calão ou vulgaridades. O discurso político não usa o calão, mesmo que consideremos por vezes a narrativa deprimente. Na escola, que é, ao seu nível, um local de discurso público por excelência, não se ensina com recurso ao calão. O espaço público, por ser um espaço comum, tem uma dimensão de cidadania que deve ser preenchida com padrões de exigência.

Peço desculpa pela extensão do comentário

M. Cumprimentos

Caro ouvinte,

Agradeço muito os seus comentários e a atenção que dispensou.

Para mim, as mensagens dos ouvintes são relevantes sobretudo pela reflexão que podem motivar, minha e interna. O objetivo é que produzam efeitos no que se escuta. Como pode ter verificado, também acontece.

Votos de boas escutas.

Cordialmente,

13.

Exma. Senhora,

Escrevo-lhe em desespero de causa. Não sei o que hei-de fazer mais para comunicar à Antena 1 dois erros nos podcast em epígrafe.

Envio-lhe abaixo copy/paste de um email que remeti há pouco (12:22H) para o endereço que consta em [www.https://antena1.rtp.pt/contactos/](https://antena1.rtp.pt/contactos/) para o Programa O Amor É e que não está activo (Your message wasn't delivered to oamore@rtp.pt because the address couldn't be found or is unable to receive email.):

Caros Senhores,

Digiro-me a vós por este meio quase esgotando os canais de comunicação que consigo imaginar para chegar à vossa fala (depois deste email, só se recorrer à Provedora do Ouvinte). Já usei o WhatsApp da Antena 1 várias vezes (2025/06/15 e 2025/06/22), o formulário online da RTP (2025/06/29) e o telefone (2025/07/10), sem que a minha questão fosse resolvida ou tivesse uma resposta ou no mínimo, um acknowledgment.

Então, afinal, o que se passa? Há dois erros no podcast dos programas transmitidos em 2025/06/15 e 2025/06/22, a saber:

1. o podcast que diz referir-se ao programa transmitido no dia 15, na verdade refere-se ao programa transmitido no dia 22;

2. falta o podcast referente ao programa transmitido no dia 15.

Junto em anexo um copy/paste da mensagem que escrevi no formulário online da RTP em 2025/06/29. Vamos lá a ver se é desta...

Muito obrigado.

Cumprimentos e afecto para a Inês Maria Meneses, o Prof. Júlio Machado Vaz e toda a Antena 1.

Caro ouvinte,

Muito agradeço o seu reparo. Dele dei conta à produção do podcast de “O Amor é” e já foi efetuada a correção.

Cordialmente,

14.

No programa Último Terço de hoje notei o seguinte: o autor referiu 17 vezes o nome da equipa Futebol Clube do Porto, sempre com a denominação completa. Referiu 7 vezes o nome da equipa Vitória Sport Clube, mas sempre com denominação simples de Vitória. Isto é recorrente em quase todos os jornalistas. Falam do Benfica, do Sporting, do Braga. Mas quando é o Porto, é sempre Futebol Clube do Porto. Não será possível dar um jeito nesta assimetria de tratamento? Note-se que utilizei um termo diplomático. Cumprimentos,

Caro ouvinte,

Agradeço a sua mensagem e o seu reparo. O Último Terço é uma rubrica de autor e não me cabe pronunciar sobre o conteúdo proferido pelos convidados. Posso apenas reencaminhar a sua mensagem à Direção respetiva.

Cordialmente,

15.

Programa da Manhã

Prezada Provedora do Ouvinte,

Venho por meio desta expressar minha insatisfação com o programa da manhã. Não posso concordar com a escolha de três comentadores que, na minha opinião, não representam a diversidade e a pluralidade que esperamos. Será que não há jovens qualificados neste país para serem comentadores? Onde está a pluralidade de opiniões e perspectivas? Em cada 10 comentadores 7 são de direita?!?

Atualmente, temos três comentadores, uma carcaça do CDS, outra do PSD e outra do PS. Acredito que a inclusão de vozes mais jovens e diversificadas enriqueceria o debate e tornaria o programa mais representativo da nossa sociedade.

Agradeço a atenção e espero que considerem esta sugestão para futuras edições do programa.

Atenciosamente

Caro ouvinte,

Recebi a sua mensagem que agradeço.

Coloquei as suas questões à Direção de Informação (DI) que esclarece o seguinte relativamente à rubrica Nem Mais, Nem Menos: “Como tem sido prática, a rádio pública não toma partido, nem pela direita, nem pela esquerda. Ao convidar figuras próximas dos partidos que têm mais votação para o Parlamento, a rádio coloca-se ao lado do eleitorado, tentando

equilibrar o comentário com vozes que merecem respeito, são de análise consciente e que podem ajudar o auditório a entender as decisões políticas. Não é dada «atenção excessiva» a nenhum partido em particular. O equilíbrio de vozes analíticas, nem sempre é conseguido, mas o esforço da rádio pública acaba sempre por resultar bem, no nosso entender. O espectro político dominante está representado. É isso que nos interessa. De resto, todo o espectro político representado no Parlamento tem voz nos noticiários, nos debates, nas entrevistas e nas reportagens que diariamente se ouvem na rádio de serviço público.”

A resposta da DI contém o critério de seleção das opinadoras. Pode-se concordar ou não com o critério - o espectro político dominante -, mas é um critério. Pela minha parte, e conforme já abordei num dos programas Em Nome do Ouvinte, desejaria mais diversidade nos espaços de opinião assinados, nomeadamente na idade e geografia, ou, utilizando as suas palavras “mais representativos da nossa sociedade” – mesmo tendo em conta a globalidade dos espaços de informação. Mas congratulo-me pelo facto de haver uma evolução significativa quanto ao género que estava claramente deficitário.

Cordialmente

16.

Programa Radicais Livres de hoje, dia 1 de Fevereiro

Na impossibilidade de o fazer em directo, procurei ouvir em gravação o programa emitido hoje.

No entanto, foi-me impossível, porquanto o episódio disponível era lamentavelmente e ainda é, à hora a que faço esta exposição, o do dia 25 de Janeiro p.p..

Não é este trabalho que se espera e pretende um Canal público.

Os meus cumprimentos,

Cara ouvinte

Recebi a sua mensagem e agradeço o reparo. De facto, é uma situação frequente e que já reportei à área respetiva. Peço desculpa e espero que não volte a repetir-se.

Cordialmente,

17.

Falta de comédia do Portugalex

Bom dia,

é com tristeza que todas as manhãs na Antena 1 temos de ser expostos a ouvir um programa que não tem graça alguma, comédia é zero, cultura não sei onde se pode encontrar, falam sempre do mesmo e para além disso é um programa com viés político. Seria de muito bom tom retirarem esse programa da grelha de programas da Antena 1, uma rádio. Obrigado

Caro ouvinte,

Agradeço a sua mensagem e registo a sua crítica. A rubrica Portugalex é um espaço de humor e sátira que se autodefine como “noticiário humorístico, inspirado na atualidade do país e arredores”. Dadas as suas características, suscita as mais diversas reações no auditório da Antena 1. No seu caso é uma reação de desagrado, no caso de outros ouvintes é de agrado. Tanto recebo mensagens de insatisfação pela transmissão da rubrica e que pedem que seja retirada da programação, como recebo veementes protestos quando não é transmitida, como já sucedeu e foi até tema de um dos programas em Nome do Ouvinte. A rádio pública é de todos e para todos - é esse o espírito inerente à missão de serviço público.

Cordialmente,

18.

Exmª Senhora

Provedora do ouvinte

Já expressei esta minha crítica (construtiva) numa outra ocasião, mas, face a uma viagem que fiz num fim de semana com muito mau tempo, tive que mudar a sintonia para saber se o trânsito nos acessos ao Porto estava normal. A emissora é de serviço público, tem a contribuição directa dos portugueses através de uma taxa obrigatória e tem contribuições indirectas por via dos impostos. Por isso custa-me a aceitar que esta emissora se escude na falta de pessoal ou meios para não prestar esse serviço durante o fim de semana. A emissora privada que nesse dia passei a sintonizar presta esse serviço e, como já ouvi no final a informação que me interessava e que não percebi, liguei para o nº que a mesma faculta e verifiquei que foram de uma simpatia extrema explicando tudo muito bem.

Por outro lado, em Espanha consigo sintonizar quase até Cáceres as emissoras privadas e a nossa Antena 1 não. Aliás, mesmo em Portugal a sintonia falha nalguns locais.

Deixo esta minha indignação à sua consideração.

Os meus cumprimentos

Caro ouvinte,

Esta questão foi abordada anteriormente num programa Em Nome do Ouvinte dedicado ao Serviço Nacional de Trânsito. Como refere, a justificação dada nessa altura foi a falta de recursos humanos. Passados meses, a situação não se alterou, como se poderá concluir da resposta que recebi do Diretor das rádios: “os constrangimentos mantêm-se, o que torna muito complicado assegurar informação de trânsito ao fim-de-semana. O que temos alinhado é a possibilidade de assegurar esse serviço, quando temos fim-de-semana em que teremos situações de trânsito mais complicadas. Mas, ainda assim, a equipa é muito curta para assegurar o trânsito durante a semana e fim-de-semana. No entanto, gostava de lembrar que o serviço de trânsito não é uma obrigação do contrato de concessão de Serviço Público. É um serviço que efetuamos dentro das possibilidades operacionais da equipa da Antena 1. A rádio pública tem um caderno de encargos extenso que cumprimos na totalidade, todos os anos. Apesar de tudo, o trânsito não é um deles.”

Devo dar nota que tanto recebo mensagens sobre a necessidade de alargar as informações de trânsito ao fim de semana – como, de resto, já houve –, como recebo mensagens de protesto pelo tempo que estas informações ocupam em antena e que, quem não utiliza carro, considera excessivas e inúteis.

Efetivamente, a informação de trânsito não faz parte das atribuições que constam no Contrato de Concessão. No entanto, há que ter em conta que mais de metade dos ouvintes da rádio pública (e da rádio em geral) sintoniza os diferentes canais no carro – principal local de escuta da rádio em FM. E, em face dos indicadores dos restantes locais de escuta, somos levados a pensar que é esse o único local em que o fazem. Em face desta realidade, secundarizar o serviço nacional de trânsito pode ter consequências na fidelização e no crescimento da audiência da rádio pública.

Acrescento que, durante a semana, as informações de trânsito abrangem todo o país e não apenas as grandes cidades, pelo que, efetivamente, o Serviço Nacional de Trânsito faz jus ao seu nome – como é de esperar de uma rádio de serviço público.

Cordialmente

19.

Programação

Já há muitos anos que sou ouvinte da Antena 1. No entanto estou a ver que tenho que procurar outro Emissor, devido a que a maior parte do tempo só transmitem Futebol. Nunca sabemos quando é que transmitem notícias e informações de transito. Nota: Não tenho nada contra o Futebol.

Caro ouvinte,

Recebi e agradeço a observação que faz. O assunto que aborda foi tema recente do programa Em Nome do Ouvinte e é controverso. Tanto recebo mensagens a contestar o tempo dado ao desporto, como recebo outras por não se terem transmitido provas desportivas. Os noticiários mantêm-se durante a Tarde Desportiva, à hora certa, exceção feita no período de transmissão/relato dos jogos principais.

O contrato de concessão é claro ao definir que, no campo do desporto, o serviço público deve promover a divulgação e transmissão de provas e competições que envolvam equipas ou atletas nacionais. Ou seja, a Antena 1 tem de cumprir o que está determinado e não pode, nem deve, furtar-se a essa tarefa.

Reconheço que o futebol tem vindo a ocupar espaço na emissão na Antena 1. É um facto e pode explicar-se pelo aumento do número de competições e transmissão de provas em que equipas e atletas nacionais se destacam. Estes dois factos refletem-se no número e duração das transmissões. E essa é uma questão que efetivamente deve ser ponderada para se equacionarem alternativas sob o risco de a Antena 1 se “futebolizar” ainda mais.

Cordialmente,

20.

Dúvida

Ouvi há minutos na Antena 1, no programa Portugal em Directo, o locutor por mais que uma vez a se autocorrigir depois de dizer "trigésima" edição a propósito de um evento cultural. Pelo menos, por duas vezes, autocorrigiu-se dizendo primeiro "trigésima edição" e logo alterando para "edição 36".

Fiquei perplexo com isto e questiono-me se se trata de alguma "norma" de simplificação deste canal para as pessoas (quem?) que eventualmente não entenda o significado de "trigésima". É, a meu ver e seja por que razão for, uma acção estupidificante e contribuidora para a degeneração da nossa língua. A rádio tem uma função pedagógica e de serviço público.

Atenção a essas situações e não se deixem ir por "ondas" infantilizantes.

Abraço

Caro ouvinte,

Agradeço a sua mensagem e a sua dúvida. A resposta está nos manuais de escrita da notícia radiofónica: os números ordinais só devem ser usados até ao 20º para se tornarem compreensíveis ao ouvinte e também por uma questão fonética e de pronúncia. Utilizando o exemplo da sua mensagem, a regra é substituir “trigésima sexta” por “edição 36” ou “36 edições”. O jornalista corrigiu-se em direto e fez bem. É essa a regra.

A escrita em rádio deve ser clara, correta e concisa – a denominada regra dos três cês –, deve optar por formulações simples e diretas, próximas da linguagem oral e que sejam facilmente apreendidas por todos à primeira escuta. O vocabulário deve ser diversificado, comum e acessível sem deixar de ser rigoroso.

Cordialmente,

21.

Falha na programação

Bom dia, uma nova rubrica, “andar a pensar”, anunciada na programação da antena 2, para hoje, 4 de março, às 11:00, não foi transmitida, nem foi dada nenhuma explicação sobre a falha.

Sei que várias pessoas que tiveram conhecimento do anúncio dessa rubrica, estão neste momento, tal como eu, perplexas e algo frustradas.

Não é a primeira vez que isso acontece e acho que a equipa da antena 2 devia melhorar a sua coordenação.

Aproveito para transmitir a toda a equipa as minhas felicitações e agradecimento por persistirem na divulgação cultural.

Muito obrigado

Caro ouvinte,

Recebi a sua mensagem a agradeço o seu reparo. Pedi um esclarecimento à Direção da Antena 2 que pede, desde já, desculpa pelo sucedido, admitindo que se tratou de uma falha da coordenação. Transcrevo a resposta que recebi: “a emissão de terça-feira de Carnaval foi pré-gravada (e não em direto) não tendo sido providenciada a inserção da nova rubrica nessa gravação. Em conversa com a autora, decidimos passar então a estreia da rubrica para dia 11 de março às 11h00, e decidimos também disponibilizar em todo o caso desde já o 1º episódio na RTP Play. O 2º episódio será emitido, pois, no dia 18 e será disponibilizado online nesse dia, permitindo finalmente a regularização da rubrica tanto em antena como online.

Só me resta pedir desculpa aos ouvintes pelo incómodo causado.”

Julgo que a resposta da Direção da Antena 2 vai ao encontro do que pretendia. Subscrevo, também eu, o pedido de desculpas.

Cordialmente,

22.

Euroradio Christmas Music Day 2025

Ex.ma Sra. Provedora do Ouvinte da RTP,

Professora Doutora Ana Isabel Reis,

Com os cordiais cumprimentos, serve a presente mensagem para que V.Exa possa indagar junto da Direção da Antena 2, caso considere pertinente, o motivo para que esta estação não se tenha associado ao Euroradio Christmas Music Day 2025, promovido pela EBU.

Entendo que para além da perda para o meio rádio de não existir essa ligação, não abona a favor da imagem institucional do país essa ausência de ligação, através da RTP.

Grato pela atenção dispensada.

Atentamente,

Caro ouvinte,

Agradeço a mensagem que enviou e enderecei-a à direção da Antena 2. Obtive a seguinte resposta: “optámos este ano por ter produção própria. Um Especial, um Grande Auditório temático e a estreia de uma cantata de um autor português. É muito provável que em 2026 tenhamos novamente conteúdos da EBU na programação de Natal. “

Julgo que esta justificação responde à sua questão.

Votos de um Bom Ano!

Cordialmente,

23.

Programação Antena 2 domingos

Sou ouvinte da Antena 2

Nos domingos, dia de descanso, dia em que existe maior disponibilidade para a audição de rádio deparo-me durante a tarde com música contemporânea, que presumo seja pouco acolhida pela esmagadora maioria dos ouvintes ou programas com extensas entrevistas. Não existe alternativa pois a antena 1 está a transmitir futebol e o que resta das emissoras transmitem música que reputo de pouca qualidade. Será boa opção, transmitir música que toca a um escasso número de ouvintes no horário em que esses mesmos ouvintes têm maior

disponibilidade para a audição de rádio? A opção é sintonizar uma emissora estrangeira talvez a RNE Clássica. Ou seja, deixar de ouvir a antena2. Acho que existe um desajustamento entre o que é transmitido e a apetência dos ouvintes por boa música.

Caro ouvinte,

Agradeço a sua mensagem, que enviei à Direção da Antena 2. Recebi a resposta que transcrevo: “o programa de música contemporânea que o ouvinte refere é, presumo, o Vêu Diáfano de Pedro Amaral. Não se trata de um programa exclusivamente dedicado à música contemporânea. Nos episódios mais recentes abordou por exemplo a música de Wagner (ópera alemã do período romântico) e Dufay (música do renascimento). Porém, mesmo que fosse apenas música contemporânea, tratando-se apenas de uma hora semanal, não julgo que fosse apropriado excluí-la da escuta diurna ao fim-de-semana, remetendo-a, por exemplo, apenas para a madrugada. A divulgação de música contemporânea é, a meu ver, um dever incontornável e até central do serviço público, mesmo imaginando que a maioria dos ouvintes prefere música de outras épocas. Seria a meu ver errado e até imoral deixar cair a divulgação dos criadores do nosso tempo (ou remetê-la para a madrugada), não a exibindo sequer numa única hora diurna com o pretexto de ser menos apreciada do que os outros géneros. A ideia do ouvinte implicaria na prática o “extermínio” da divulgação de música contemporânea pois nunca poderia ser divulgada num horário minimamente normal. “

Recebo mensagens de elogio ou de desagrado relativas a um horário, programa, transmissão ou rubrica que confirmam que a Antena 2 tem vários públicos. Por essa razão, a sua programação tende a satisfazer essa diversidade – é a natureza do serviço público. Não se trata de manter ou excluir géneros musicais, mas de dosear com equilíbrio, o que nem sempre é fácil.

Cordialmente,

24.

Exma. Provedora do Ouvinte, Prof.ª Ana Isabel Reis,

Nos ciclos que a cantora e docente Tânia Valente já realizou e apresentou na Antena 2, cumpre-me realçar a louvável preocupação que teve ao mencionar os autores dos poemas das canções e de outras peças musicais assentes em textos literários que escolheu para os seus programas. Infelizmente, tal cuidado não tem sido extensivo a outros autores/realizadores de programas emitidos pelo canal cultural da estação pública de rádio. Foi o caso de Ana Mafalda Pernão na edição hoje emitida do ciclo "190 Anos do Conservatório Nacional", quando passou a canção "Fermoso Tejo meu", com música Jorge Croner de Vasconcellos, interpretada pelo Coro de Câmara de Lisboa, sob a direcção de Teresita Gutierrez Marques, ao omitir o autor de soneto, no caso Francisco Rodrigues Lobo.

Uma canção é uma unidade não dissociável de texto e de música, e quando se transmite um determinado registo, além da referência (óbvia) ao intérprete, importa identificar ambos os autores: o do texto e o da composição. Mencionar apenas o compositor ou, inversamente, só o poeta é desrespeitar um dos autores a quem se deve tal unidade. E se isso é grave numa rádio generalista, onde correntemente se refere, quando refere, somente o intérprete, ainda mais o é numa rádio de Cultura.

Poderá a Senhora Provedora fazer o favor de diligenciar junto do Sr. Director de Programas da Antena 2 no sentido de ele dar instruções às pessoas a quem encomenda programas para que, quando forem apresentadas canções, nunca seja descurada a menção dos autores dos poemas?

Antecipadamente grato, com os melhores cumprimentos,

Caro ouvinte,

Recebi a sua mensagem e dela dei conhecimento à Direção da Antena 2. De qualquer das formas, devo esclarecer que o programa que refere é um programa de autor e, como tal, tem liberdade de o conceber e executar.

Cordialmente,

25.

Hoje de manhã, no programa Império dos Sentidos de Paulo Alves Guerra, o ouvinte foi introduzido ao "Concerto de Halloween" no dia 26 de Outubro no CCB.

O reportório incluirá música relacionada com as bruxas e os mortos e foi isso que o ouvinte pôde logo ouvir: músicas relacionadas com a Dança Macabra e a Totentanz.

Entretanto o locutor não se calava com o concerto das bruxas e do "Halloween".

Saberá o excelso locutor que o "Dia das Bruxas" coincide com a véspera do Dia de Todos os Santos? Será fortuito? Será coincidência que logo no dia seguinte os cemitérios se encham de visitantes empunhando flores para homenagear os defuntos? E saberá o excelso locutor que também as abóboras luminosas existiam em Portugal e que eram oferecidos bolos e bolinhos às crianças? Porquê então chamar-lhe o Dia das Bruxas e o concerto de Halloween? Por moda? Por preguiça? Por provincianismo cultural? Não sei.

Caro ouvinte,

Recebi e agradeço a sua mensagem.

Escutei o segmento da emissão da Antena 2 que menciona. Devo esclarecer que o concerto anunciado, segundo a folha de sala disponibilizada pelo CCB, é referido da seguinte forma: "Concerto de Halloween, Orquestra Sinfónica Portuguesa e Coro do Teatro Nacional de São Carlos". Ou seja, Concerto de Halloween é o nome do Concerto. As expressões a que se refere são também as que constam quer no site do CCB, quer na Folha de Sala.

A entrevista de Paulo Alves Guerra ao maestro Cesário Costa centra-se no reportório do concerto. 'Concerto das Bruxas' é uma possibilidade de tradução de 'Concerto de Halloween', abordada e adotada por ambos durante a entrevista, tendo em conta o nome ou o historial das obras que vão ser tocadas - como foi expresso no início da conversa.

Cordialmente,

26.

Declamação de poema na Antena2, em português variante brasileira

Hoje de manhã, perto das 11h da manhã, ouvi na rádio, enquanto conduzia, como faço habitualmente a escutar a Antena 2, ouvi eu um poema a ser declamado em português variante brasileira.

Não me parece correcto que a Antena2 emita a declamação de poemas em brasileiro, porque se trata duma variante de português com palavras muito deturpadas. Exemplo, no poema havia uma frase com um MAS, como os falantes daquela variedade não dizem MAS mas dizem MAIS.... a frase perdeu todo o sentido, além de que sendo a Rádio meio de Educação, não pode transmitir, no meu entender falas com palavras deturpadas.

Poderão os senhores, dizer que há muito falantes de brasileiro em Portugal... mas os convidados é que têm de se adaptar a quem convida e não ao contrário. A minha objecção não é relativa ao sotaque em si, mas à deturpação das palavras que fazem... Mas não é Mais nem Más. Este é um exemplo e que há mais. Poderão os senhores dizer que Portugal tem muitos sotaques, o que é verdade, mas seria correcto um algarvio declamar poemas na rádio, dizendo todes e tude ou Lagues? creio que não. Há sotaques muito bonitos em Portugal, alguns com poucos falantes como o sotaque de Albufeira. Outro sotaque muito bonito e doce com palavras bem pronunciadas é o de Castelo Branco. Se não há declamadores em Portugal, então a

Antena 2 que faça concurso de declamadores e verão quantos aparecerão a concurso. Direi que o sotaque bras. é muito feio, o mesmo que os bras. dizem do nosso.

Caro ouvinte,

A rubrica que refere é, como a sinopse indica – e transcrevo: “A vida breve, poesia por quem a escreve”. Como saberá, o episódio que refere dá voz a um poeta brasileiro. O autor da rubrica, Luís Caetano, dá-nos conta do conceito do programa: “A Vida Breve valoriza e celebra a língua portuguesa nas suas variantes, entende as diferenças como estimulantes e enriquecedoras, testemunhas que são de uma história e património cultural comum, e orgulha-se de reunir poesia publicada de autores de língua portuguesa de 3 continentes, para além de muitos poetas de outras línguas. A caminho das 3 mil emissões, o programa caracteriza-se por dar a ouvir poesia exclusivamente na voz dos autores, como se compreende facilmente ouvindo uma só emissão. Acrescento ainda que os autores têm de estar obrigatoriamente publicados em editoras comerciais, para além de existir uma seleção que passa pelos meus critérios enquanto realizador.”

A resposta pode cingir-se a esta explicação, mas a sua mensagem coloca em causa a missão do serviço público de rádio. Discordo, por isso, da sua visão. Os argumentos estão contidos de forma muito clara no Contrato de Concessão: “valorizar a língua e a cultura portuguesas, fomentando a coesão entre os portugueses e os falantes de português, em todo o território nacional e fora de Portugal; Promover a coesão territorial e a cidadania, e refletir a diversidade que compõe a sociedade portuguesa em todas as suas dimensões, de acordo com uma visão universalista, aberta aos diferentes contextos civilizacionais; garantir que a atual diversidade da sociedade portuguesa se espelha na diversidade de protagonistas do serviço público de *media*, na informação e no entretenimento, e de igual modo em todas as plataformas, incluindo vozes de franjas etárias sub-representadas e das minorias invisíveis; sensibilizar os públicos para questões de integração e coesão social, igualdade de género e não-discriminação.”

Escreve que não lhe “parece correcto que a Antena2 emita a declamação de poemas em brasileiro”. Tenho a interpretação oposta. Não só é correto, como é uma obrigação da rádio pública dar voz à língua portuguesa com todas as variantes, sotaques, expressões – uma língua viva e em permanente evolução. Cabe à rádio pública refletir essa riqueza e diversidade. Não há autores nem falantes de português de primeira ou de segunda.

Cordialmente,

27.

Emissão da Antena 2

Não se compreende como pode uma estação de rádio ter constantes interrupções da emissão, com um ruído insuportável, durante tantos dias.

Refiro-me, como terá conhecimento, à Antena 2.

Agradeço a sua melhor atenção a este problema.

Caro ouvinte,

Recebi a sua mensagem, mas, para poder responder-lhe, necessito de saber em que local ou região sintoniza a Antena 2 e, se possível, que me indique um horário em que terá acontecido essa interrupção.

Cordialmente,

Boa tarde, Senhora D^a Ana Isabel Reis

Faça o favor de facultar o meu contacto telefónico à Direção Técnica.

Melhores cumprimentos.

Boa tarde, Dr^a Ana Isabel Reis
Agradeço a rápida resolução do problema da emissão da Antena 2 na área de Sintra.
Com os melhores cumprimentos.

28.

Mudança na programação Antena 3

Boa noite. Sou ouvinte da Antena 3, um fã, no caso. Adoro programas como Coyote (lamentavelmente só 60 minutos aos sábados e domingos), Matéria Prima, Notas azuis e outros. A razão deste mail é que ouvi hoje uma entrevista (parte dela) sobre uma mudança nos rumos da Antena 1, 2 3, assim como rdp internacional e África. Obviamente fiquei um pouco preocupado com a possibilidade de deixar de ouvir músicas da minha faixa etária e de qualidade, para outros géneros não agradáveis.

Agradeço o seu tempo e espero continuar a ouvir os programas citados e, até com um pouco mais de espaço.

Sem outro assunto.

Atentamente,

Caro ouvinte,

Recebi a agradeço a sua mensagem. Transmiti a sua preocupação aos responsáveis da Antena 3 e recebi a seguinte resposta:

“A música continuará a ter um papel central nas rádios - numas mais, noutra menos, sempre em função do perfil de cada uma. Relativamente aos programas mencionados, e que fazem parte da grelha da Antena 3, não está prevista, para os próximos tempos, a supressão de nenhum deles, porque a qualidade e diversidade musical que caracterizam a Antena 3 mantêm-se como prioridade.”

Na mesma entrevista ao programa Em Nome do Ouvinte, Nuno Reis sublinhou que “não estão previstas mudanças substanciais nos perfis das estações. Mas, naturalmente, como em qualquer estação de rádio, poderá haver alguns ajustes pontuais de horários ou, eventualmente, programas que possam transitar entre estações do universo das rádios da RTP. Caso essas alterações venham a ser feitas, serão devidamente comunicadas e anunciadas com a maior antecedência possível - inclusivamente pelos próprios autores. Além disso, todos os programas continuarão disponíveis na plataforma digital gratuita RTP Play.”

Julgo que, nesta fase, este esclarecimento vai ao encontro do que pretendia.

Votos de boas escutas,

Cordialmente,

29.

Manhãs da 3

Ando há umas semanas a refletir sobre o assunto que aqui me traz e julgo que chegou a altura de o abordar.

Existe uma falta de visão estratégica no que ao programa da manhã (7:00-10:00) da Antena 3 diz respeito.

Durante anos nós, ouvintes, fomos habituados a elencos e programas de altíssima qualidade. Não nos esqueçamos que foram as manhãs da 3 que formaram ou deram destaque a figuras como Nuno Markl, Joana Marques, Luís Franco Bastos, Hugo Van der Ding, Ana Markl, Inês Lopes Gonçalves, entre muitos outros.

Este espaço radiofónico foi-se renovando ano após ano e, na minha humilde opinião, sempre soube - umas vezes melhor, outras nem tanto - manter um nível de qualidade elevado. Muito recentemente houve uma mudança radical, entrando Inês Henriques, Alexandre Guimarães e Luana do Bem - nada a obstar quanto a este elenco. No entanto, em pouquíssimos meses, o

programa Vamos todos Morrer, do Hugo VD Ding termina - de forma abrupta - a Luana do Bem sai das manhãs, temos semanas em que apenas fica um locutor, porque o outro foi de férias. E agora anunciam a entrada de uma nova locutora, saindo a Inês Henriques, e ficando o Alexandre Guimarães.

Onde é que quero chegar? Dá a sensação que a Antena 3 está a menosprezar os seus ouvintes. Estamos há 2 meses sem um substituto (já não digo digno, um substituto apenas) para o Vamos todos Morrer, às 8:30, e vão agora ficar apenas 2 pessoas aos comandos dum programa da manhã. Vale a Linha Avançada para salvar a honra do convento.

Cara ouvinte

Agradeço a sua mensagem, que enviei à Direção da Antena 3. Recebi a resposta que transcrevo: “De facto, em maio do ano passado, procedemos a diversas mudanças na grelha da Antena 3, incluindo a equipa das Manhãs. Contratámos o Alexandre Guimarães e a Catarina Palma, que se juntaram à equipa de animadores da estação. No caso das Manhãs, é um facto que a equipa que lançámos nessa altura, não correu bem. Por diversas razões, algumas delas de ordem pessoal, neste início de ano, a direção sentiu a necessidade de remodelar a equipa das Manhãs, juntando a Andreia Pinto ao Alexandre Guimarães. Esta passa ser a nova dupla das Manhãs, replicando o modelo que tem estado a resultar no painel do final de tarde da Antena 3. As saídas da Luana do Bem e de Hugo Van Der Ding, devem-se a motivos pessoais, e não a decisões da direção da Antena 3.

As Manhãs da 3 continuam a apresentar vários conteúdos de qualidade, incluindo o Portugalex, a Linha Avançada, Aleixo FM e Aleixopédia, Voz de Cama. Sobretudo, queremos apostar numa diversidade de temas e conteúdos diariamente, reforçando a missão de serviço público da Antena 3, atenta a todas as novidades da cultura pop nacional e internacional. Não sinto, por isso, que estejamos a menosprezar os ouvintes da Antena 3. A mudança faz parte da vida de uma rádio, e, por vezes, as coisas nem sempre correm bem. Lembro ainda que a Antena 3 não tem que replicar os modelos das rádios privadas nas suas emissões, utilizando os recursos disponíveis de forma criteriosa e racional. “

A Direção da Antena 3 não subscreve as suas críticas, mas a resposta é sobretudo um esclarecimento sobre as mudanças. O trabalho de programação numa rádio faz-se de opções que são validadas pelo tempo e pelos ouvintes. Umhas vezes confirmam-se, mas noutras não. É sempre um risco. Os resultados, sejam eles quais forem, são sempre oportunidades para se refletir e tirar conclusões para decisões futuras. Julgo que, pela resposta aqui transcrita, há esse espaço e essa perceção.

Cordialmente,

Resposta à Mensagem

Registo a resposta que me foi endereçada e que, desde já agradeço. Importa aqui referir que sou um defensor ferrenho da RTP, assim como do seu modelo de financiamento (em linhas gerais), que a permite apostar em programas de elevada qualidade e com um espectro de diversidade enorme - algo absolutamente proibitivo em meios privados. É por isso que sinto que devemos ser exigentes com a qualidade dos conteúdos apresentados - não porque "todos os meses pago 3,06€ na minha fatura da luz", mas precisamente para evitar que quem diz isso possa dizer que é dinheiro mal pago.

No que às Manhãs da 3 diz respeito, registo a resposta dada pela Direção. A minha opinião é apenas isso mesmo, a minha opinião. Apesar de ser gestor, nunca geri uma rádio, reconhecendo que este não é - de todo - um ramo com o qual esteja do ponto de vista técnico à vontade. Mas sou ouvinte. E a minha impressão, enquanto ouvinte é que as Manhãs da 3 são, ainda, insuficientes. Não é uma questão de nomes. O Alexandre é ótimo (ótimo mesmo), a Andreia também me parece ser boa, mas faltam duas coisas: um terceiro elemento (até porque quando um deles for de férias, vamos sentir bem a diferença) e um programa que calce as

botas do Vamos Todos Morrer, às 8:30. Sem isto, não creio que a Antena 3 possa concorrer de igual para igual com as suas congéneres.

30.

A consciência dos profissionais da RTP/RDP

Boa tarde.

Muito do estado em que as coisas, em geral, chegaram no nosso país devem -se á comunicação social.

Hoje, venho referir duas:

1- a vergonha como os repórteres e não só, também locutores e pivôs se expressam assassinando a língua portuguesa pois, como se deve saber, com a repetição provoca, pelo menos, nos jovens o mesmo tipo de forma de se exprimirem.

Exemplo....o uso abusivo e descabido (não aplicável!) de: esta, essa, naquilo que, essa mesma...por exemplo.

Pergunto... que cabimento é que tem a RTP/RDP incluírem na sua programação rubricas onde especialistas referem a forma correcta como nos devemos expressar e escrever e permitir que os seus profissionais não se saibam exprimir devidamente e sendo um péssimo exemplo para a população no que diz respeito á Língua Portuguesa.

2- o estado em que está o relacionamento de clubes, como instituições e no que diz respeito a adeptos.

Veja-se a boa contribuição que a RTP/RDP dá ao abrir um espaço desportivo, hoje dia 07/04, com a queixa que o Benfica, apresentou á Liga de Futebol, pelo facto de considerar que a iluminação verificada no balneário do Estádio do Dragão não ser normal (baixa intensidade).

Que importância é que este facto tem, para ser divulgado e ainda por cima na abertura do espaço desportivo!!!?? Com franqueza!!! Acham que estão a contribuir para uma boa informação? Será que não sabem que o meio de informação tem uma responsabilidade formativa!?!?

Vejam se exercem a vossa profissão com dignidade!!!

Caro ouvinte,

Recebi a sua mensagem e agradeço os reparos que enviou.

Relativamente à primeira questão, registo as suas observações. Sobre o segundo ponto, fui ouvir novamente os Jornais de Desporto da Antena 1 de dia 7 de abril. A notícia que refere - a queixa que o Benfica apresentou à Liga de Futebol, por causa da iluminação no balneário do Estádio do Dragão -, não abriu, e nem sequer foi dada, nas diversas edições do Jornal de Desporto da Antena 1 ao longo do dia.

Cordialmente,

31.

Como ouvinte assídua da Antena 1 e Antena 2, manifestei, em tempos, o meu desagrado com alguma programação e com a escolha de alguns comentadores.

Devo agora manifestar o meu agrado pelos bons programas que se mantêm (programa da manhã, a Música a Contar, Visão Global (pena, sem a estória da Alice Vilaça), Portugalex, Vibrato, A Ronda da Noite, Jazz a 2, etc.) e por alguns novos (?) como, Sou Pessoa para Isso, Mesa para Dois, A1 Doc, A Cena do Ódio, Uma Noite em Forma de Assim....

Também verifico que as entrevistas de sábado, após o Visão Global, têm agora maior diversidade de protagonistas, embora continuem a não ser chamados, representantes de importantes sectores da sociedade, normalmente invisíveis.

Com votos de um bom trabalho

Cara ouvinte,

Agradeço a sua mensagem e o cuidado em nos transmitir o seu agrado. Não é de todo comum receber mensagens deste género e apreciamos o facto de o fazer.

Resta-me desejar-lhe a continuação de boas escutas.

32.

Exma. Provedora do Ouvinte, Prof.ª Ana Isabel Reis,

Uma vez que conheço muito insuficientemente a obra teatral de Almeida Garrett, pensei colmatar essa lacuna procurando ouvir as versões radiofónicas que estivessem disponíveis na plataforma RTP-Arquivos. Pesquisando com o nome do autor, só me apareceram, em registos áudio, "O Tio Simplício" [Noite de Teatro, 1969] e o segundo acto de "Frei Luís de Sousa" [Noite de Teatro, 1992].

Sendo Almeida Garrett uma figura tão importante da dramaturgia portuguesa, palpiti que muitas mais peças tivessem sido adaptadas e produzidas na rádio pública, e dei-me ao cuidado de ir pesquisar em várias fontes, entre elas o arquivo digital do "Diário de Lisboa". Logrei referenciar, descontando as duas atrás mencionadas, as seguintes peças/produções:

- *A Sobrinha do Marquês [Rádio-Drama, 1954]*
- *Afonso de Albuquerque [Teatro do Século XIX, 1967]*
- *As Profecias do Bandarra [Teatro das Comédias, 1954]*
- *D. Filipa de Vilhena [Teatro para Novos, 1954]*
- *D. Filipa de Vilhena [Teatro do Século XIX, 1967]*
- *Falar Verdade a Mentir [Noite de Teatro, 1972]*
- *Frei Luís de Sousa [Teatro Radiofónico, 1948]*
- *Frei Luís de Sousa [Teatro das Comédias, 1958]*
- *Méropé [Teatro do Século XIX, 1967]*
- *O Alfageme de Santarém [Rádio-Drama, 1959]*
- *O Camões do Rossio [Teatro do séc. XIX, 1967]*
- *O Conde de Novion [Teatro das Comédias]*
- *O Tio Simplício [Teatro das Comédias, 1954]*
- *Um Auto de Gil Vicente [Teatro do Século XIX, 1967]*

E é bem provável que, pelo menos em 1954 (ano do centenário da morte), mais peças e textos romanescos tenham sido adaptados para a rádio. Certo é que foi emitido naquele ano um folhetim de cariz biográfico, em 10 ou 11 episódios, intitulado "Cenas da Vida de Garrett" que eu também não desdenharia ouvir. O mesmo direi de outro folhetim biográfico bem mais recente (1998), em 12 episódios, da autoria de Pedro Pinheiro, intitulado "Almeida Garrett: Perfil de um Homem Português".

Poderá a Senhora Provedora fazer o favor de diligenciar junto dos serviços do arquivo histórico no sentido de serem disponibilizadas as produções mencionadas e eventualmente outras adaptadas de textos (peças e narrativas) de Almeida Garrett?

Antecipadamente grato, com os melhores cumprimentos,

Caro ouvinte,

Reencaminhei a sua mensagem para a área respetiva e recebi a seguinte a resposta:

"Para além do material já publicado, que o ouvinte corretamente identificou, existem em arquivo as seguintes peças de Almeida Garrett adaptadas a teatro radiofónico:

- "O Camões do Rossio " (emitida em 1948)
- "Frei Luís de Sousa" (emitida em 1948, incompleta, apenas existem 2 extratos)
- "Frei Luís de Sousa" (emitida em "Noite de Teatro", 1958)
- "O Conde de Novion" (emitida em "Teatro das Comédias", 1966)
- "Viagens na Minha Terra" (folhetim de 10 episódios, com trailer, emitido em 1968)
- "O Noivado no Dafundo" (emitida em "Teatro das Comédias", 1969)

- “Falar a Verdade a Mentir” (emitida em "Rádio Teatro", do Emissor Regional Norte, 1971)
- “Falar a Verdade a Mentir” (emitida em "Noite de Teatro",1971)
- “O Impromptu de Sintra ou Corcunda por Amor” (emitida em "Tempo de Teatro",1978)
- “Merope” (emitida em "Noite de Teatro",1978)

Existe também um dos folhetins biográficos referidos pelo ouvinte: “Almeida Garrett. Perfil de um Homem Português” (12 episódios emitidos pela RDP em 1998).

Iremos publicar estes registos à medida que for possível.”

Julgo que a resposta vai ao encontro do que pretende.

Cordialmente,

Caro ouvinte,

Volto ao contacto para lhe dar conta que estão disponíveis nos arquivos da rádio pública o que solicitou. Transcrevo a resposta que recebi da área dos Arquivos:

“Relativamente a este pedido, envio os link dos conteúdos publicados:

Peça de Teatro "O Noivado do Dafundo, ou.....":

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/peca-de-teatro-o-noivado-do-dafundo-ou/>

Peça de Teatro "Frei Luís de Sousa"

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/peca-de-teatro-frei-luis-de-sousa-i-ato/>

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/peca-de-teatro-frei-luis-de-sousa-ii-ato/>

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/peca-de-teatro-frei-luis-de-sousa-iii-ato/>

Peça de Teatro "O Conde de Novion":

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/peca-de-teatro-o-conde-de-novion/>

Peça de Teatro " O Impronto de Sintra ou o Corcunda por Amor":

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/peca-de-teatro-o-impronto-de-sintra-ou-o-corcunda-por-amor/>

Peça de Teatro "Mérope":

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/peca-de-teatro-merope/>

Peça de Teatro "O Camões do Rossio":

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/peca-de-teatro-o-camoes-do-rossio/>

Peça de Teatro "Falar Verdade a Mentir":

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/peca-de-teatro-falar-verdade-a-mentir-2/>

Peça de Teatro "Falar Verdade a Mentir"

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/peca-de-teatro-falar-verdade-a-mentir-3/>

2º Centenário de Almeida Garrett:

<https://arquivos.rtp.pt/programas/2o-centenario-do-nascimento-de-almeida-garrett/>

Folhetim Radiofónico:

<https://arquivos.rtp.pt/programas/folhetim-radiofonico/>

Nota: neste link está incluído o Folhetim "Viagens na Minha Terra" (trailer + 10 episódios)"

Julgo que a resposta da área dos Arquivos responde ao que pretende.

Cordialmente,

33.

O Caso das Crianças Desaparecidas + Uma Hora de Fantasia

Exma. Provedora do Ouvinte,

Venho por este meio enviar a seguinte pergunta.

Desejava saber se existe nos arquivos da RTP um programa de seu nome "O Caso das Crianças Desaparecidas", que ouvi algures num programa evocativo da história da rádio em Portugal, e se existem nos mesmos arquivos mais emissões do programa "Uma Hora de Fantasia".

*Caso existam, desejava saber se está previsto nos próximos tempos a sua disponibilização na RTP Arquivos ou a sua transmissão radiofónica em algum dos canais radiofónicos da RTP
Atenciosamente e muito obrigado.*

Caro ouvinte,

Recebi a sua mensagem e tenho uma resposta dos serviços do Arquivo da RTP. Os áudios estão disponíveis para publicação e estes programas serão disponibilizados durante as próximas semanas:

"O caso das crianças desaparecidas", folhetim Companheiros da Alegria, da autoria de Artur Varatojo, com 30 episódios (duração total, cerca de 5h45m).

"Uma hora de fantasia", programa EN do qual existem em arquivo 39 emissões, 7 delas já publicadas arquivos.rtp.pt (duração total, cerca de 40 horas)."

Julgo que a resposta vai ao encontro do que pretende,

Cordialmente,

Exmo Senhor

Recebi do Arquivo a seguinte indicação, que é do seu interesse:

"É com prazer que informo que os dois programas já foram publicados. As ligações são as seguintes:

O caso das crianças desaparecidas:

https://arquivos.rtp.pt/?s=o+caso+das+crian%C3%A7as+desaparecidas&advanced=1&sort=date_asc&start_year=1958&end_year=1958

Uma hora de fantasia (foram publicadas 38 emissões do programa, uma vez que existia uma repetida, entre as 39 que encontramos na pesquisa):

https://arquivos.rtp.pt/?s=*&advanced=1&sort=date_asc&shows%5b%5d=298702

Com os melhores cumprimentos

Exma. Ana Isabel Reis,

Venho por este meio confirmar e expressar a minha satisfação perante as respostas enviadas às minhas questões, e que excederam as minhas expectativas.

Com os melhores cumprimentos e votos de continuação de bom trabalho,

34.

Acerca do Desporto

Caríssima Provedora,

Sou ouvinte há muitos anos da Antena 1. Aliás acho que é a única rádio que consegue manter-nos fielmente informados. Não quero que esta minha mensagem seja considerada uma crítica. Porém, acho um pouco exagerado a cobertura que a Antena 1 dá ao desporto, e neste caso ao futebol, sobretudo aos domingos à tarde e mesmo até durante a semana. Tenho consciência que é difícil chegar a todos os gostos. Pergunto se há alguma razão para esse facto? E se puderem reduzir essa programação, fica a sugestão!

Com os meus cumprimentos!

Caro ouvinte,

Esta questão já foi abordada várias vezes no programa Em Nome do Ouvinte. A programação da Antena 1 tem a difícil tarefa de agradar aos ouvintes que querem mais futebol e aos que desejam exatamente o contrário. O ponto de equilíbrio nem sempre tende para os que não apreciam as horas de emissão dedicadas ao desporto.

O contrato de concessão é claro ao definir que, no campo do desporto, o serviço público deve promover a divulgação e transmissão de provas e competições que envolvam equipas ou

atletas nacionais. Ou seja, a Antena 1 tem de cumprir o que está determinado e não pode, nem deve, furtar-se a essa tarefa.

Sucedem que aumentou, entretanto, o número de competições e das modalidades em que Portugal se tem destacado. E assim, o desporto, e sobretudo o futebol, vão tomando conta da emissão. Recebo mensagens de ouvintes que questionam as horas dedicadas ao futebol, mas há também quem reclame por não serem transmitidos mais jogos e provas. A Antena 1 tem vindo a aumentar, por exemplo, o número de transmissões do futebol feminino e de outras modalidades.

Convém reafirmar que a rádio pública não tem um canal de desporto ou de futebol. E que utiliza pontualmente os meios digitais como via alternativa à emissão em FM. Embora não esteja ao alcance de todos, esta é uma opção a ser equacionada para libertar a antena e diversificar provas e modalidades. No entanto, para isso são necessários recursos técnicos, logísticos e humanos de que a rádio pública não dispõe atualmente.

Cordialmente,

35.

Venho juntar a minha voz ao vasto coro de críticas por parte de outros ouvintes relacionadas com o excesso de cobertura desportiva, nomeadamente as competições profissionais nacionais e internacionais de futebol masculino. Nas semanas anteriores às eleições autárquicas, a Antena 1 alterou toda a sua grelha de programação para se focar em conteúdos relacionados com estas eleições, ora cancelando temporariamente programas ou alterando os conteúdos de programas para cobrir as autárquicas...exceto os programas desportivos, incluindo transmissões em direto de futebol! Não é admissível que a Antena 1 considere ser serviço público transmitir jogos de futebol em direto quando múltiplas rádios com cobertura nacional no FM o fazem simultaneamente, não oferecendo alternativas neste período aos ouvintes que procuram conteúdos alternativos. Congratulo a cobertura de competições de outras modalidades, quer em diretos, quer nas notícias, incluindo o futebol feminino. Mas a Antena 1 tem de reconhecer de uma vez por todas que existe um foco totalmente excessivo no que respeita à cobertura das competições profissionais de futebol masculino, nacionais e internacionais. Chega desta monocultura intensiva da bola!

Caro ouvinte,

Recebi e considerei a sua mensagem.

Devo esclarecer previamente que não é objetivo da rádio pública ser uma alternativa a outras rádios ou ter uma programação complementar às rádios privadas e comerciais. O contrato de concessão é claro ao definir que, no campo do desporto, o serviço público deve promover a divulgação e transmissão de provas e competições que envolvam equipas ou atletas nacionais. Ou seja, a Antena 1 tem de cumprir o que está determinado e não pode, nem deve, furtar-se a essa tarefa.

Sucedem que aumentou, entretanto, o número de competições e de modalidades em que Portugal se tem destacado. E assim, o desporto, e sobretudo o futebol, vão tomando conta da emissão. Recebo mensagens de ouvintes que questionam as horas dedicadas ao futebol, mas há também quem reclame por não serem transmitidos mais jogos e provas. A Antena 1 tem vindo a aumentar, por exemplo, o número de transmissões do futebol feminino e outras modalidades. É suficiente? Certamente não será, e essa questão já foi abordada várias vezes no programa Em Nome do Ouvinte. Podemos reconhecer que há um esforço para incluir mais provas, mas ainda não se chegou a uma situação de equidade.

Convém reafirmar que a rádio pública não tem um canal de desporto ou de futebol. E que utiliza pontualmente os meios digitais como via alternativa à emissão em FM. Embora não esteja ao alcance de todos, esta é uma opção a ser equacionada para libertar a antena e diversificar provas e modalidades. No entanto, para isso são necessários recursos técnicos,

logísticos e humanos - nem sempre suficientes para assegurarem uma cobertura tão ampla como a que sugere. Poderá argumentar que podem ser feitas opções. Podem, também sob pena de deixar defraudados os ouvintes que gostam de futebol.
Cordialmente,

Anexo 2

Guiões dos Programas Em Nome do Ouvinte

Programa 01_Correspondentes 1_Condições

A rádio no país, o país na rádio

Nos últimos dois anos o Gabinete da Provedora esteve nos centros regionais, delegações e ouviu os correspondentes da rádio pública. Conhecer as condições em que trabalham é essencial para perceber o que o ouvinte escuta – porque muitas das decisões editoriais dependem, afinal, de recursos humanos e de condições técnicas e logísticas. Terminada a ronda pelo país, é tempo de fazer um balanço.

A rádio pública está em 10 dos 18 distritos de Portugal continental: em Braga, Bragança, Porto, Castelo Branco, Guarda, Viseu, Coimbra, Lisboa, Évora e Faro.

Os ouvintes perguntam frequentemente por que motivo não se fez uma reportagem, porque não se foi àquele local, porque que é que o repórter chegou tarde – a justificação mais comum é a **falta de recursos humanos** – de norte a sul.

01_Gente_Porto_osso – eu costumo dizer que estamos no osso...imprevistos...complicada esta gestão – **12”**

Falta gente na redação de Vila Nova de Gaia...

02_Gente_Porto - Quando temos 1 turno a funcionar à tarde...o editor tem que ter...no caso de...ter alguém que possa fazer esse trabalho...opções...fazem-se opções – **21”**

Na redação de Coimbra.

03_Gente_coimbra – precisamos de reforçar Coimbra...informação...atenção distrito leiria – 1 pessoa em Leiria? – em Coimbra que pudesse ajudar Coimbra ...distrito de leiria – **15”**

E em Évora.

04_Gente_Évora - A tv tem ...folga...continua a ter 1 jornalista...nos dias em que não +e possível...7 dias...4...1 pessoa...meio jornalista? Às vezes meio jornalista – **31”**

Quando não há gente falham-se notícias de última hora e também o que está programado. Tomam-se opções e cada uma delas significa um pedaço do país que não é noticiado.

O emagrecimento das delegações foi acompanhado pela política de **sinergias**. Ou seja, o mesmo jornalista desdobra-se pela rádio e pela televisão – o que nem sempre é fácil de gerir, como explica o correspondente em Évora Paulo Nobre.

05_TV_Évora 1 – é complicado estar no local e reportar para os dois sítios... tempos formas diferentes de fazer...quando se impõe a rapidez...rádio prejudicada – **24”**

Nos diretos há que fazer escolhas. Entre a rádio e a televisão, a rádio acaba por sair a perder - apesar de haver um esforço para equilibrar os dois meios, como explicam Paulo Brás, correspondente em Castelo Branco, e Jorge Esteves, jornalista na Guarda:

06_TV_Castelo Branco – uma rádio só hora a hora...conseguimos intervenção antes...falso direto...resto do tempo ocupado tv...hora seguinte mesma coisa...mas se for em direto é difícil gerir...consegue agilizar-se desta forma – **como estabelecem prioridades?** vai um falso direto para um deles...falso direto para a rádio...se...rtp 3...A1 também quer...gravar antes...e o contrário também é verdade...duas situações – **41”**

Em Coimbra, Pedro Ribeiro avalia caso a caso:

07_TV_Coimbra –falo com Di rádio, Di Tv e traço meu caminho...nem sempre mesmas equipas vão mesmo dia para mesmo trabalho – **18”**

Na delegação de Viseu, Fátima Pinto está sozinha. Quando há um acontecimento que implica diretos, não tem dúvidas:

08_TV_Viseu – a tv leva sempre a melhor...problemas...colegas da rádio não gostam...resolvemos falso direto...tv...impede que faça outras coisas...falso direto resolve prioridade...gregos e troianos – **26”**

O mesmo já aconteceu com Paulo Nobre, jornalista na delegação de Évora:

09_TV_Évora 2 - desde que haja concertação com Lx...não se torna complicado...falso direto...rádio...e eu estarei disponível...tv...não é bom para jornalista, tv rádio...não se consegue estar no mesmo sítio à esma hora...quem fica prejudicada é sempre a rádio – **43”**

Não é a rádio que é prejudicada – são os ouvintes – e este é o equívoco. São os ouvintes que são prejudicados – os que sintonizaram a rádio – o meio do imediato - para acompanhar a par e passo um acontecimento.

Nas delegações, os **carros** são atribuídos aos repórteres de imagem – ou seja, à equipa da televisão. Quando a agenda sobrepõe reportagens para os dois meios – é, de novo, a rádio - que passa para segundo plano.

10_Carro Castelo Branco e Guarda – se houver algum dia...televisão...não tenho carro...trabalho para tv...se tiver ir outro serviço...fico sem carro para a rádio...leva...tenho de usar carro próprio...2 carros...se quiser utilizo...se estiver ocupado...não há...não tenho...agora só temos cá um – **43”**

Ter carro faz toda a diferença. A correspondente em Braga, Ana Gonçalves, tem carro da empresa há um ano. Na prática isso significou ampliar a área de cobertura, para ir ao local onde está a notícia.

11_Carro_Braga - O carro é que demorou mais...fazes mais coisas? Sim...abri exceções, agora sim...prefiro ir aos sítios...ouvir a pessoas...olhos nos olhos...relações-públicas, não é? – **22”**

Com carro atribuído à jornalista que cobre os distritos de Braga e Viana do Castelo, falta agora Bragança - o único correspondente no país que não tem carro da empresa para as deslocações.

Os centros regionais e as delegações ocupam edifícios que foram sendo adaptados. Alguns precisam de obras, como o de Castelo Branco, ou mesmo de remodelações estruturais, como o de Faro.

12_Edifício Faro_ rua do emissor – este bairro...trata Emissor...rua Emissor regional do sul...todos sabem onde nós estamos – **12”**

O jornalista Mário Antunes fez-nos uma visita guiada ao Centro Regional de Faro - classificado como imóvel de interesse municipal pela autarquia. A casa tem dois pisos, mas apenas um é utilizado. O outro não oferece condições de segurança.

13_Edifício Faro – piso que está...desativado inutilizado...termos utilizados - **17”**

No rés do chão está a redação - um espaço antigo e degradado, a precisar de obras urgentes – que garantam condições de trabalho e dignifiquem a presença da RTP no Algarve. No que diz respeito às condições técnicas, os estúdios de Faro foram, entretanto, modernizados.

Os estúdios do Centro de Produção do Norte também entraram em obras, mas ainda sem a desejada atualização do sistema de gravação e gestão da emissão, o Dalet Galaxy. A uniformização deste sistema em todo o país vai demorar dois anos, o que significa que os problemas técnicos vão continuar a ouvir-se.

Coimbra continua à espera de novos **estúdios**, e ainda trabalha com equipamentos do século passado, como descreve Pedro Ribeiro, responsável pelo Centro Regional.

14_Estudios_Coimbra_Pedro Ribeiro – eu quando vim para a RDP em 1991 a mesa...era a mesma...vamos esperar...é preciso reformular parte técnica...colocar no ar...entrevistados...mesmas condições e qualidade...outros...-**mais produção estímulo?** - De certeza absoluta – **47”**

Mas não foi – Coimbra continua à espera. As obras têm sido repetidamente adiadas. Questionada sobre o assunto, a Direção de Engenharia, Sistemas e Tecnologia respondeu que

a situação de Coimbra está a ser novamente avaliada e que deverá ser tomada uma decisão neste primeiro trimestre do ano.

As delegações do resto do país estão equipadas com pequenos estúdios. À exceção de Évora.

15_Estúdio_Évora_isto era - Isto era o estúdio de rádio...bancada...3 microfones... isto tudo – **7”**

Era – mas, como explica Paulo Nobre, na última mudança de instalações o estúdio de rádio foi eliminado.

16_Estúdio_Évora_tudo - Tinha estúdio...equipado, não tenho...tudo resto...nesta parte da redação havia 2 ilhas montagem tb...quando regressámos...não havia espaço para ilhas...espaço aproveitado foi o de rádio...foi cortado...ficou a ser ilha de montagem...-**onde grava?** –tenho ali...computador...meu microfone...gravações...somos poucos...sozinho...silêncio...se estiver mais gente...este sítio...posso gravar em condições – **49”**

Em Évora a rádio tem um jornalista, mas não tem estúdio. Em Bragança tem um estúdio, e um jornalista que nunca o usou, porque não tem a chave para entrar no edifício. É uma situação no mínimo insólita e com repercussões editoriais, como sublinha Rosa Azevedo, da Direção de Informação.

17_Estúdio_Bragança_Rosa – se convidamos alguém...PD...vir ao Porto...não posso ir a Bragança?...não vou explicar...chave...contornar...entra à distância...venha ao Porto – questão logística intervém na editorial – logística e burocrática...afeta...também resto operação rádio...se pudéssemos usar...estúdios...acesso outros convidados– **1’17**

Uma questão logística e burocrática que tem consequências editoriais. A delegação de Bragança da Rádio e Televisão de Portugal é utilizada apenas pela equipa de televisão.

Em Castelo Branco, o edifício da RTP tem um pequeno estúdio. Paulo Brás diz que funciona, mas que podia ser melhorado.

18_Estúdio_Castelo Branco - Em termos de estúdios...merecia...mais elaborada...dignificar...convidado...estamos a falar sala um bocadinho desleixada...outra arrumação – **29”**

Esta questão radica numa outra – a ausência de assistência técnica às delegações.

19_Manutenção_Viseu - Antigamente...vinham 6 em 6 meses de Lisboa...há muito tempo...desde anos 90...se precisar...manda...qq problema costuma resolver – **22”**

Em Viseu, Fátima Pinto recorre ao Centro Regional de Coimbra para a manutenção do equipamento e dos estúdios.

Na Guarda, Jorge Esteves faz o que pode.

20_Manutenção_Guarda - Percebe-se...manutenção...mudou radicalmente...deixou de haver...tínhamos tudo direitinho...já não existe...conseguido manter estúdio operacional...receber convidados...na Guarda – **30”**

A assistência técnica às delegações já foi regular e preventiva. Agora é feita apenas quando são necessárias reparações indispensáveis e urgentes. Pelo caminho, há trabalhos que não se fazem ou que se desenrascam.

Os avanços tecnológicos permitem encontrar alternativas, mas, como afirma Paulo Brás, nem tudo se resolve com boa vontade.

21_Manutenção_Castelo Branco – é claro que se precisar manutenção não tenho...tenho de enviar para Lisboa...passam 2, 3 dias...situações dessas – **26”**

Em 2024 todos os correspondentes receberam um equipamento novo para a realização dos diretos – mais eficiente e com maior qualidade sonora.

Mas, para quem trabalha fora dos grandes centros urbanos, há questões práticas que têm de ser tidas em conta por quem decide – como, por exemplo, a cobertura da rede de telemóvel e de internet ou uma frota automóvel adequada a todo o tipo de terreno.

As decisões editoriais deviam ser soberanas, mas dependem sempre de outros fatores que as limitam ou condicionam – sobretudo quando andamos pelos territórios onde se movem os correspondentes ou quem trabalha nas Delegações e Centros Regionais.

Encontrámos dificuldades específicas e problemas idênticos – todos abordados neste programa – mas há questões estratégicas que motivam uma reflexão mais profunda - é o que faremos no próximo Em Nome do Ouvinte.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em [rtp.pt](https://www.rtp.pt) - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Alberto Cardoso e Montagem de João Carrasco.

Programa 02_Correspondentes 2

O país na rádio, a rádio no país

Percorrem quilómetros

01_Início_km_Viseu_Fátima - Já me aconteceu sair de um e correr para outro...aí...para ali – 5”

Conhecem tudo

02_Início_lugares_Guarda_Esteves CURTO – 10”

E conhecem todos

03_Início_pessoas_Guarda_Esteves CURTO – 6”

Ouvem conversas

04_Início_conversas_Guarda_Esteves CURTO – andamos no terreno...café...não estão a falar daquilo...estão a discutir outras coisas – 9”

Ouvem e trazem o país para dentro da rádio.

05_Mix Em todo o lado (Braga,Coimbra,Porto,Viseu) – 58”

Os correspondentes - e quem trabalha nos centros regionais e delegações - são o rosto da rádio em cada região e são também a voz que nos mostra o país – ou parte dele. Neste programa olhamos para o mapa da rádio pública.

Dos 18 distritos no continente, a rádio pública está presente em 10 – E, destes dez, há 6 com um único jornalista que, por vezes, cobre mais do que um distrito.

A rádio não está representada em Vila Real, Aveiro, Leiria, Santarém, Portalegre, Setúbal e Beja – ou seja, quase metade do território continental.

Nos Açores há correspondentes nas 9 ilhas e a Madeira continua sem jornalistas em Porto Santo.

06_Martim_Porto Santo - às vezes acontecem...ilha aqui ao lado...se um dia acontece ali alguma coisa..vamos ter chegar lá primeiro...avião...barco...em 10 minutos não estamos – 25”

O exemplo dado pelo diretor do Centro Regional da RTP na Madeira, Martim Santos, aplica-se a todos os territórios sem correspondente e àqueles em que há um único jornalista para áreas geográficas extensas.

Com poucos recursos, cumpre-se a agenda, mas nem sempre há espaço e tempo para ir à procura de notícias próprias e ouvir as pessoas – ouvir quem sintoniza a rádio pública.

07_Afonso histórias/vidas Bragança CURTO – mas há muitas histórias...Portugal profundo...agricultura...dia a dia...amor e ódio...há vidas ali – 16”

Em Bragança, como em Évora.

08_Paulo Nobre_pessoas_Évora – estas pessoas aqui...fazer coisas...mais próximos...sentem...sp é fundamental nesse aspeto – **15”**

A informação local, e quem está terreno, reforçam a confiança e a ligação entre os media e as comunidades – é o que nos conta um dos autores do estudo Desertos de Notícias, Pedro Jerónimo.

09_PJ_primeiro balcão - recorde...somos 1º balcão onde as pessoas apresentam o seu problema...confiança...sentimento pertença...ligam para nós...vêm cá... no fundo esta herança de confiança...elemento forte...meios proximidade – **21”**

Os temas locais nem sempre conseguem ocupar um lugar de destaque na agenda mediática. Estar no terreno ajuda a combater essa invisibilidade.

10_Pedro Moreira_noticias Açores - Fora do PD...açores não sejam conhecido...sismos...aviões...algo...auditório nacional – **20”**

Pedro Moreira, Responsável pela Informação da Rádio no Centro Regional dos Açores. São os correspondentes quem dá voz ao que se passa fora dos grandes centros urbanos – onde há todo um país à espera de ser ouvido.

11_MIX noticias – PD_radio asas + radio foia + rep afonso sousa – **45”**

Três notícias recentes, que refletem o estado dos média de proximidade.

Mais de metade dos concelhos é ou está na iminência de ser - um deserto de notícias. É esta a conclusão sobre o panorama português revelada no Relatório “Desertos de Notícias Europa 2022”, do MediaTrust.Lab da Universidade da Beira Interior. Dos 308 concelhos, 118 não têm rádios com noticiário local e 78 não têm meios de comunicação com sede no concelho sobre o qual produzem conteúdos.

Luis Bonixe é professor de rádio e jornalismo no Instituto Politécnico de Portalegre e tem estudos publicados sobre a informação de proximidade e as emissoras locais.

Ponto de partida para esta conversa: Quando é que Portalegre foi notícia, pela última vez, nos média nacionais?

12_Bonixe_inf local CURTO_OK - Não sei se ...não há muitas...é um facto...vão aparecendo...quando falamos em catástrofes, situações extremas de chuva e temporais...Portalegre...representado como boa parte do país desta forma...enviesado – **quando é notícia?** Maioritariamente sim...tem muito mais para oferecer...gera perceção do interior que não corresponder realidade...há mais coisas para dizer...interior...Alentejo...noticia...nesses momentos...estava-me a lembrar...futebol...interessante...taça de Portugal...o que também é revelador...**quando há**

valor notícia? Vários estudos...indicação...jornalismo centralizado litoral, Lisboa, Porto, resto país à parte dessa representação...ainda que...positivo...esforço...correspondentes locais...delegações...pp RTP...de quando em vez aparecem notícias...não com frequência...desejariam...populações locais desejariam...se **sintam** representadas espaço mediático – **2'57**

Para Luís Bonixe, num cenário em que os meios de comunicação locais vão desaparecendo, o serviço público de rádio assume outra relevância.

13_Bonixe_sp_OK– o serviço público tem um papel importantíssimo neste cenário...de substituição não...sp continua a ser espaço plural...diversidade...serviço público tem um programa...PD...vacionado...mas é aquele programa...cada vez mais...não pode ser muito mais...**qual é o papel?** Continuar a dar expressão...o todo...território...valor notícia proximidade...promover essa inf local para uma rádio nacional...função...não deixar...representatividade deixe de existir – **1'17**

Luis Bonixe, professor de rádio e jornalismo no Instituto Politécnico de Portalegre, investigador com estudos publicados sobre a informação de proximidade.

Não cabe à rádio pública substituir ou ocupar o espaço das emissoras locais, mas cabe-lhe o papel de tornar audível a diversidade de cada região – e para isso há que encurtar distâncias e estar presente em cada distrito.

É pelos correspondentes que sabemos como o país vê, sente e vive a atualidade. A Direção de Informação diz que é uma forma de descentralizar, mas que por vezes também serve para colmatar outras fragilidades - como admite Rosa Azevedo.

14_Rosa_descentralização RH - É uma linha previamente definida...não reduzir o país...Lx ,Porto e Coimbra...greve...hospital mais pequeno...consulta...tentamos fazer descentralização...muitas vezes...admitimos também...falta recursos...ter reportagens noutras zonas do país...poucos repórteres...contornar...por repórter noutra zona do país – **54"**

O telefone surge como opção quando não há repórter, ou quando o local do acontecimento fica longe das redações.

15_Rosa_reportagem CURTO_OK - O território entra nas notícias com o esforço...telefone...lamego...ligar...telefone...entidades...colmatados tempo que demoramos a chegar...**entidades dão uma versão?** dão uma versão...local olhos, jornalista...solução possível **-reportagem?** Complicado...primeiros momentos...cautelas...limbo...citando quem está no local...à espera – **1'31**

À distância, faltam os olhos e os ouvidos do repórter - que são os olhos e os ouvidos de quem escuta a rádio de norte a sul e nas ilhas.

O jornalismo de proximidade vai além das fronteiras físicas. As notícias de Vila Real, de Aveiro ou de Portalegre não são apenas para quem ali vive, são também para os que saíram da região e para o resto do país.

Mesmo sem estar presente em quase metade do território, a Antena 1 tem um programa diário de informação regional. A atualidade local pode ainda ser ouvida noutros canais e noutros espaços da emissão. A rede de correspondentes, Delegações e Centros Regionais não cobre todo o país, mas é a grande mais-valia, instrumento de descentralização e de proximidade - um dos pilares do serviço público: contribui para o fortalecimento da democracia e da cidadania e reforça o sentimento de pertença, a identidade e a coesão nacionais – pressupostos garantidos no contrato de concessão.

A rádio – e sobretudo o serviço público de rádio – tem responsabilidades acrescidas – tem de estar onde está quem a escuta – deve dar voz aos interesses e preocupações dos ouvintes, àquilo de que falam todos os dias. Onde quer que seja – até porque a rádio faz-se de qualquer lugar

16_Mix_ Em todo o lado Ricardo Soares + Em todo Lado Edgar + Em todo o lado Graça Moniz – 39”

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Edgar Barbosa e Montagem de João Carrasco.

Programa 03_Museu 1 Viagem ao centro da rádio

01_Abertura_Gongo e xilofone – 18”

Neste programa recuamos às origens da rádio. Entramos na Coleção Visitável Museológica da RTP:

02_Vivaldo_resumo – conseguimos colocar aqui uma zona...mais antigas...rádio...televisão...estúdio de rádio...material difícil encontrar...museu da rádio foi possível guardar...difícil encontrar...temos peças RCP, EA...RDP...EN...fundos de todas essas empresas – 40”

A RDP – Radiodifusão Portuguesa – já teve um Museu. Agora tem uma Coleção Visitável.

Há mais de 200 peças em exposição, metade são objetos que contam a história da rádio. Vamos mostrá-los neste programa.

A história nem sempre para na linha cronológica. Num espaço museológico, é possível transpor a barreira do tempo - e sentir, ver, tocar. E fazer Rádio - como se fazia dantes.

03_#recriação de teatro_é o vizinho – 07”

Um lugar como este não conta apenas a história da rádio e dos seus objetos. Aqui, também se escutam as histórias de quem o visita, como conta Rosário Vivaldo - um dos membros da equipa que mantém esta cápsula do tempo.

04_Vivaldo_noticias da guerra à janela - Uma vez uma senhora contou...aldeia dela...não havia...um dia...senhor embarcado...levou um rádio...foi novidade...altifalante à janela...noticiário...EN...oh maria vai lá saber...não é – **48”**

Para saber as notícias da II Guerra Mundial ouvia-se a BBC às escondidas. A onda curta antecipou a era da globalização proporcionada pela Internet. Sintonizavam-se as estações estrangeiras para saber o que em Portugal era censurado.

05_Vivaldo_onda curta - Todos têm este enorme quadrante...cidades estrangeiras...não tinham de saber...nome da cidade e captavam...rádios do mundo inteiro...ouvir a BBC...fugir à censura do regime...rádio do povo só com onda média...onda curta com esta capacidade e enorme quadrante – **47”**

A voz de Rosário Vivaldo guia-nos pela história da rádio que é, no fundo, a história do mundo e de cada um de nós.

Nesta coleção há peças do início das telecomunicações, recetores, colunas, equipamentos de emissão e gravação, microfones, altifalantes e todo o tipo de objetos usados para fazer rádio. Algumas peças são raras.

06_Vivaldo_Lotus_CURTO - E aqui temos...raro altifalante plano...Lotus...forma curiosa...concha, leque, cauda pavão...flor de lotus...riachos...aço e pergaminho...vibrava e fazia emissão do som...só 3 no mundo...rara...primeiros...cinema sonoro dos irmãos Lumière – **46”**

É uma das peças da Coleção Visitável Museológica da RTP, em Lisboa, e que foi vista por um grupo de estudantes de uma escola de Vila Nova de Gaia.

No átrio, passaram primeiro pelo escritório do jornalista Fernando Pessa e depois por uns painéis com recortes de notícias antigas: lá estão a inauguração da Emissora Nacional em 1935; a viagem inaugural do primeiro carro de exteriores em 1937, a Estremoz – está escrito que o ‘camião sonoro’ foi acolhido com entusiasmo popular; e uma reportagem sobre os laboratórios técnicos da Emissora Nacional, explicando aos leitores como se arquivava a emissão em discos para ser reproduzida dali a muitos anos.

Deste átrio abriu-se a porta para a exposição, estudantes e professores iniciaram a visita – gravada – pelo microfone da repórter Célia de Sousa.

Reportagem

A Coleção Visitável Museológica da RTP, pelos olhos e ouvidos de um grupo de estudantes. De telemóvel na mão, foram passando os olhos pelas vitrines até pararem junto a um recetor concebido para os jovens ouvintes do início do século passado – um aparelho de rádio pintado de cor clara, com motivos infantis e botões coloridos.

07_Vivaldo rádio crianças – esse rádio é lindíssimo...muito raro...RCA ...modelo berçário...década 30...tinha ter muito dinheiro...não encontramos nenhum igual...norte europa...museu judaico...semelhante...decoreção diferente...encomenda...quarto das crianças – 30”

O rádio para crianças que era um luxo é agora uma peça de museu. Os jovens visitantes olham-na com curiosidade – o aparelho de rádio já não faz parte da mobília de quarto, nem tão pouco do seu quotidiano. As novas gerações substituíram a velha telefonia pelas aplicações no telemóvel.

08_#só ouve música aplicações – quando vou no meu carro...conecto telefone...ouvir músicas...sem interrupções...quando vou no meu carro com os meus pais – 11”

As peças do presente e do futuro já não são apenas de radiodifusão, a rádio instalou-se nos ecrãs e na nuvem global dum mundo virtual.

Hoje já não se rodam botões: é o dedo que percorre o ecrã e desliza até parar num podcast ou numa música que se escuta de auriculares dentro dos ouvidos.

A história da rádio e dos seus equipamentos também se faz desta evolução - e a dos Museus também. Sem limitações físicas, toda a coleção da RTP pode ser vista e ouvida virtualmente no sítio da internet museu.rtp.pt.

São mais de sete mil e quinhentas peças – mas a grande maioria está na Reserva Visitável, aberta apenas a grupos restritos e investigadores.

A Reserva e o Museu Virtual são temas a abordar num próximo programa.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Edgar Barbosa e Montagem de João Carrasco.

Viagem às profundezas da rádio

...Às profundezas da rádio e do edifício sede da RTP, em Lisboa, onde estão guardadas peças únicas que contam a história da rádio em Portugal. Neste programa vamos conhecer a Reserva Visitável.

No último programa percorremos as vitrines da Coleção Visitável. Aí podem ver-se aparelhos e equipamentos de outros tempos da rádio. São apenas algumas peças, selecionadas - amostra de um espólio maior preservado num dos pisos inferiores. É para lá que nos dirigimos.

01_Ambiente a caminho - (em fundo até à reportagem da Célia)

Passamos pelas paredes cinzentas das garagens, até chegarmos à porta da Reserva Visitável Museológica.

Cumprindo-se a metáfora, é nas profundezas que encontramos não um tesouro, mas mais de 7 mil e 500 – à distância de uma campainha.

Rep Célia – 4’37

Reportagem de Célia de Sousa, com os sons do passado - que atravessam o tempo e nos transportam para o início da rádio em Portugal.

No passado houve um Museu da Rádio que, entretanto, encerrou e que deu lugar a uma Coleção Visitável, como conta Manuel Lopes do Núcleo Museológico da RTP.

02 – Manuel Lopes_ história do museu - O museu da rádio...anos 60...RCP...nunca chega a ser constituído...depois 25abril...em 76 decreto-lei...RDP museu nacional da rádio...não avança...1981 decidido...passa...museu da empresa...em 92...inaugurado museu da rádio como museu de empresa...evolução...museu nacional para museu empresa...entre 92 e 2007...quando encerra...em 2009 evolui coleção visitável museológica... – **1’21**

A diferença entre Museu e Coleção Visitável é explicada por Pedro Braumann, Diretor do Núcleo Museológico.

03_PedroB – diferenças – tinha acabo sair lei museus...previa 2 alternativas...o museu tem implicações...conj investigadores...conservação...obrigações legais...custos – **estrutura equipa investimento?** -lógica estrutura mais pesada...temos equipa mais leve...fomos reduzindo– **52”**

Uma equipa de seis pessoas para a Coleção Visitável, para a Reserva e para o Museu Virtual. O espólio tem mais de 7 mil e 500 peças de rádio e televisão, mas apenas duzentas podem ver-se no pequeno espaço de exposição. Pedro Braumann enumera os critérios desta escolha.

05_Pedro B_critérios - há peças emblemáticas...fáceis escolher...critérios não foram difíceis...exposições temporárias...renovar...outra vantagem...estão no museu virtual...não

podemos olhar para...lógica de integração...rádio...tv...peças...novas áreas...modernidade...caso concreto, maioria grandes operadores sp europeu...limitado...mesmo BBC...Radio France...-**ex português único?** – claramente...integrado rádio e televisão...e espólios europa...deve-se muito componente rádio...peças raras– **2’13**

Pedro Braumann, Diretor do Núcleo Museológico.

Na Reserva encontramos equipamentos de produção e emissão desde o início do século passado: dos gravadores de fita magnética aos rádios a pilhas de todo os tamanhos e épocas, passando pelo mobiliário e até os relógios de estúdio - que contam os segundos do tempo de quem faz rádio.

Com um espólio tão numeroso e raro, a questão coloca-se: não se justificaria a existência de um Museu ou de um espaço de exposição maior?

06_PedroB_Museu – nós atendemos...nesse quadro...já foi estudado...(Pegões, expo)...tentativas sem custos...não foi possível...nesse quadro...se me perguntar...gostaria ter...sim...se estamos satisfeitos...acho que sim, balanço claramente positivo. – **55”**

A opinião de Pedro Braumann, responsável pela coleção.

O espólio reúne peças da rádio, e também da televisão, numa perspetiva integrada. Ou seja, espaço físico e espaço virtual complementam-se. É o que destaca Manuel Lopes, do Núcleo Museológico da RTP.

06_Manuel Lopes_Virtual – nós...integração física e museu virtual...200 exposição...120 de rádio...rácio 60 por cento rádio e 40 tv...se pensarmos interligação...museu virtual 1.600 neste momento expostas – **41”**

Destas, mais de mil são da rádio.

A Reserva Visitável só está aberta a grupos restritos e a investigadores – grande parte destes objetos, da rádio e da televisão, podem, no entanto, ser vistos - e ouvidos - no Museu Virtual da RTP, de que falaremos noutra programa.

O Contrato de Concessão dedica apenas um parágrafo aos deveres Museológicos da RTP: a empresa só é obrigada a manter uma coleção museológica visitável. E é isso que existe. A referência breve e sintética contrasta com o valor desta coleção para a história da rádio em Portugal - em número de peças, conservação, relevância, raridade e simbolismo.

Registámos a fita do tempo das decisões políticas e legislativas que ditaram o destino da coleção, ouvimos as explicações dos responsáveis sobre os contextos e as condições – as que existem e as que não existem. Mas um legado como este pede um espaço de exposição maior e mais flexível e, sobretudo, um espaço que reflita a real importância dos objetos, documentos, sons e imagens preservados desde o início do século passado. Cada um deles é um mergulho nas profundezas da nossa história coletiva.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 05_trânsito

Trânsito na Rádio

Foi provavelmente a última informação que ouviu antes deste programa ir para o ar: os pontos assinalados a vermelho nas estradas do país – indicações, alertas e sugestões para escapar aos engarrafamentos. Quem precisa das informações de trânsito não passa sem elas. Mas também há quem ache uma perda de tempo e escreva à Provedora. Hoje damos resposta a estas queixas e aproveitamos o pretexto para saber como funciona o Serviço Nacional de Informação de Trânsito - Antena1 RTP.

Durante anos, a rádio foi a única a dar-nos conta das filas de carros, acidentes, obras ou estradas cortadas. A informação de trânsito teve uma época áurea, no final do século passado, quando helicópteros sobrevoavam os principais acessos de Lisboa e Porto. Os repórteres deixaram, entretanto, o espaço aéreo, e passaram a circular em terra - de carro ou motorizada. Ficavam parados ao lado de quem os ouvia.

Hoje, na Antena1, o trânsito perdeu o toque do espetáculo e faz-se de olhos postos em ecrãs e mãos nos telefones – ao longo de quase todo o dia, de segunda a sexta-feira.

A rádio pública já teve informação de trânsito ao fim de semana. Agora não tem. Há ouvintes que sentem a falta e escrevem à Provedora:

01_Q_fds_homem 1 - “Sou um ouvinte assíduo e relativamente à informação de trânsito não compreendo por que não existe durante ou parte do fim de semana. Seria muito útil para não ter de sintonizar outras estações para a obter.” – **14”**

Por que motivo não há informação de trânsito ao fim de semana - foi o que perguntei ao Diretor de Programas da Antena 1, Nuno Galopim.

02_Q_fds_Galopim 2- tem a ver contingências pessoal...alocadas...2 a 6f só aumentando a equipa – em perspetiva? – se for possível – à tarde? A equipa serve outros canais rádio e tv...era importante pode alargá-la...envolvendo outros canais? Exatamente - **38”**

Uns querem mais, outros querem menos. Também recebo mensagens de ouvintes para quem este tipo de informação é desnecessário.

03_Q_apps_mulher 1 - venho por este meio manifestar o meu desagrado com a constante perda de tempo de antena com que somos confrontados minuto a minuto com as informações de trânsito. Nos tempos que correm e tendo acesso às novas tecnologias e à informação em tempo real não vejo nem sinto necessidade desse tipo de informação – **17”**

Na era das aplicações, ainda se justificam as informações de trânsito na rádio? À pergunta dos ouvintes, responde Nuno Galopim.

04_Q_apps_Galopim 2 – quem está a guiar nem sempre pode olhar...miope...não sou só eu...focados no trânsito...concentração...ouvintes fonte de informação...importância hoje...trânsito na rádio...-inovar? – haverá sempre...não temos tudo foco...é desafio...podemos refletir...fugir rotinas...momentos inesperados mais do que...rotinas...podemos refletir sobre o assunto, é sempre interessante – **1’22**

Recebo com frequência mensagens sobre a música de fundo das informações de trânsito – a trilha sonora:

05_Q_trilha_homem 1 - “por favor alterem a música de fundo quando comunicam informações de trânsito. As pessoas já andam stressadas na estrada e o que menos precisam é de mais stress em cima com o fundo musical frenético das informações de trânsito. Os locutores que falem sem qualquer fundo musical ou então qualquer coisa calma.” – **18”**

As trilhas na rádio têm mais do que uma função, como começa por explicar o Diretor de Programas da Antena 1

06_Q_trilha_Galopim 2 – música de fundo tem a ver...cadência...enumerar...ajuda a ritmar a apresentação...contrastar com a emissão...algo que entra em cena...trilhas...intuitos...contrastes e ritmo – como foi escolhido? – naturalmente, meteo mais tranquilo...a do trânsito...frenesim...trânsito evolui...ouvintes terão razão? – são questões de gosto...difícil agradar a todos – **1’31**

Escutámos as respostas de Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1, às críticas e sugestões dos ouvintes sobre o Serviço Nacional de Informação de Trânsito Antena1 RTP.

As mensagens à Provedora levaram-nos à pequena sala onde trabalha a equipa do trânsito – três pessoas apenas para duas das antenas da rádio e para a televisão. Mais do que vozes, são a companhia para quem vai de mãos ao volante, mas também para quem está em casa ou no trabalho.

Sem papéis, sem texto, sabem as estradas de cor e improvisam ao microfone – de olhos postos nos mapas e nos vários ecrãs que mostram as estradas do país, como nos dá a ver agora a reportagem de Inês Forjaz

Reportagem

Os olhos e os ouvidos do Serviço Nacional de Informação de Trânsito Antena1/RTP.

Oito milhões e meio de carros circulam nas estradas portuguesas – os números da base de estatísticas Pordata são de 2023.

Lisboa e Porto concentram 40 por cento dos automóveis do país. Seguem-se os distritos de Braga, Aveiro e Setúbal. A maioria da população, cerca de 65 por cento, usa o carro para ir trabalhar – e conduz a escutar rádio. Não é por acaso que os períodos nobres da rádio coincidem com as viagens diárias casa-trabalho-casa – é o chamado drive-time.

Dados da Marktest indicam que o carro continua a ser o principal local de escuta, tendo mesmo crescido cerca de 20 por cento nos últimos 10 anos.

A informação de trânsito está colada à história e à função utilitária da rádio, desde a invenção do autorrádio nos anos 20 do século passado. Hoje o aparelho já não ocupa todo o banco traseiro dos automóveis, nem se retira como uma gaveta – agora, os carros integram painéis multimédia e multifunções.

Apesar da evolução dos dispositivos e aplicações táteis ou de voz, não creio que seja – ainda – o tempo para questionar a existência das informações de trânsito na rádio. O que não significa deixar de repensar conteúdos e formatos, sem perder de vista o que a tecnologia não tem: voz humana, calor, empatia – um espaço de comunicação que, mais do que dar indicações, acompanha e ouve...os ouvintes.

07_Mónica+Galvão MONTAGEM PARA FINAL

INÊS - Ouvintes que liguem com regularidade e que deixem de ligar, vocês interrogam-se sobre o que lhes aconteceu?

MÓNICA - Por acaso, sim! Perguntamos aqui em conversa o que terá acontecido àquela pessoa que não está a ligar. E, às vezes, passado algum tempo, se liga, nós perguntamos: então, há tanto tempo! O que aconteceu? O que é que acontece: ou mudaram de turno, ou estão de férias, ou mudaram para outro sítio, já fazem outro percurso e já não precisam tanto dos nossos serviços porque é um percurso mais calmo... Mas, sim, nós aqui, em off, perguntamos: o que é que terá acontecido àquela pessoa que ligava sempre a esta hora?

GALVÃO – E é um meio que algumas pessoas têm para, por vezes todas as semanas, ligarem a perguntar se está tudo bem e só para cumprimentar. É o caso de uma senhora que vive em Beringel, no Alentejo, que liga para cá há anos, com muita frequência, a perguntar por nós. + Por isso vamos dizer não à extinção da informação + Obrigado e um abraço! - **1'06**

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Morgado e Montagem de João Carrasco.

Programa 06_Braga25

Há Ir e Voltar

De regresso à série de programas Fora de Portas, acompanhámos uma emissão especial da Antena 1 em Braga.

A equipa da tarde rumou à cidade para antecipar o início da Capital Portuguesa da Cultura - Braga25. E teve reforços do Centro de Produção do Norte.

Ouvimos quem trabalhou e ouvimos os bracarenses que - em direto e ao vivo - conheceram as vozes da rádio.

01_Início_bombos_1389 braga25 – 10/15”

A emissão especial Braga25 começou à boa maneira do Minho. Mas, para a equipa da rádio, as três horas Fora de Portas começaram muito antes – e com muito planeamento, como resume a produtora Ana Sofia Carvalheda:

02_Ana Sofia Carvalheda_tudo a postos – a equipa técnica...porto...ontem...lisboa nuno rodrigues...eu e a sofia esta manhã...5 ilhas...técnica montado...testes...net...wifi...bastidores para que tudo esteja pronto às 4 da tarde...com calma...planeamento...não está a chover – 23”

Ainda, porque acabou por chover – e bem - ao final de tarde.

Braga acolheu a rádio pública num dia cinzento e frio. Nada que fizesse os bracarenses ficar em casa. A praça da República e as esplanadas da Arcada continuaram cheias como se estivesse um dia de sol. E foram muitos os que ficaram a ver como se faz uma emissão de rádio em direto, de um dos cafés históricos da cidade para todo o país. Momentos registados na reportagem de Célia de Sousa.

03_Reportagem – 6’07

Mais do que saudades, é preciso vontade e meios para produzir outros exteriores - fora de portas – pelo país – com ou sem o pretexto de um determinado acontecimento.

No final, juntámos quem conduziu a emissão especial: o animador José Carlos Trindade e o jornalista Nuno Rodrigues. Preparar um programa temático feito fora do conforto do estúdio é sempre um desafio.

04_Nuno e Trindade_preparação - o programa da tarde já é muito exigente...vir para fora...dominar assuntos...envolve outra preparação...principalmente número de convidados...implica quem é...faz...é desafiante...não é mais trabalhoso...é diferente e aquece-nos, apesar do frio – 39”

Nestas 3 horas falou-se da cidade, da região e de cultura.

Mix1 Rio + Mix2 VilaNova + Mix3 Dino –

Mostrou-se uma parte do país ao resto do país e falou-se de cultura – uma dupla missão do serviço público.

06_Nuno e trindade_descentralizar e sair – é fundamental...levar rádio aos sítios...sair estúdio...Dino olhos nos olhos...fundamental...falar com elas...sentirmos...pessoas gostam da rádio...frase...é engraçado...conhecia vossas vozes...tenho hoje um rosto...não ouvimos diariamente...faz falta...falo para pessoas...falo com quem me está a ouvir... ...mas estar na rua...contactar diretamente com as pessoas dá-nos outra luz – **1’06**

Nuno Rodrigues e José Carlos Trindade conduziram a emissão especial sobre a capital da cultura Braga25.

Não é a primeira vez que informação e programação produzem emissões exteriores em conjunto. E há vantagens, como defende Mário Galego, Diretor de Informação.

07_Galego_esforços comuns - Para já interesse...sair, mostrar acontecimento relevância...programação e informação junta-se a pensar em conjunto...informação preocupada com o que é novo...reportagem, entrevistas...programação, mais ligeira, música...conjugado dá uma bela emissão de rádio...braga25 – **50”**

A Antena 1 dedicou uma emissão especial a Braga, numa sexta-feira - véspera da abertura da Capital Portuguesa da Cultura. Um destaque que contrastou com a cobertura noticiosa no dia seguinte, sábado, data da abertura oficial. A programação de Braga25 ocupou todo o sábado, mas, nos noticiários, teve uma presença discreta. Perguntei porquê ao Diretor de Informação, Mário Galego.

08_Galego_Braga25 - Apostamos mais na emissão...do que ir no sábado...não quer dizer que ao longo do ano não vamos...vamos fazer reportagem...equipa melhorada na cultura...desde setembro mais cultura...vamos a braga mais vezes...assim tempo...outros assuntos...nossa agenda – **não estar naquele dia foi opção?** – há sempre limitações fds...equipa curta...dividir...de facto...foi impossível lá ir – **havendo emissão dia anterior canalizar para o próprio dia?** – isso aconteceu...pois...acho que há uma aposta no que podemos fazer...de peso e relevância...emissão desenhada pela informação e programação para poder ter muito Braga, mas ao longo do ano, socorrer da agenda – **1’49**

Mário Galego, Diretor de Informação da rádio pública.

Antecipou-se - e bem - Braga25. A rádio saiu de casa e montou estúdio no centro da cidade, dedicou 3 horas de emissão à Capital Portuguesa da Cultura, fez reportagens e entrevistas, andou pelas ruas, e ainda teve música tocada ao vivo – três horas intensas que contrastaram com a cobertura noticiosa no dia seguinte, a data da abertura oficial. Nesse sábado, quem sintonizou os noticiários da Antena 1 pouco ficou a saber sobre Braga25 – a não ser que tivesse acompanhado a emissão do dia anterior.

O planeamento de uma programação especial não pode fechar-se em segmentos isolados. A continuidade não é apenas uma questão de coerência – é também valorizar o que se fez por antecipação, e é, sobretudo, estar presente quando efetivamente a notícia acontece.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Alberto Cardoso e Montagem de João Carrasco.

Programa 07_Queixas Congressos Congressos e Critérios

Os encontros político-partidários ocupam grande parte da agenda mediática. A cobertura informativa da rádio vai além dos noticiários. São transmitidos em direto discursos e outras intervenções dos vários agentes políticos - mas nem sempre. Neste programa vamos falar dessas opções editoriais e do que as condiciona.

Num congresso partidário discutem-se estratégias, votam-se moções, escolhem-se representantes e candidatos, elegem-se líderes. Não é apenas uma reunião de militantes, fala-se para dentro e também - para o país. Os media seguem os passos e as polémicas. Noticiam, reportam e fazem diretos.

Congressos, convenções, mesas nacionais – a terminologia varia consoante os partidos, mas todos agendam estes encontros para os fins de semana e, nos dias seguintes, recebo quase sempre mensagens de ouvintes.

01_Q_IL_mulher – “Gostaria de saber por que motivo a Antena1 não transmitiu pelo menos o discurso final da convenção deste fim de semana. Gostaria de poder acompanhar a actualidade política na rádio pública, não faz sentido que haja transmissão em directo de conferências de imprensa de treinadores e sobre o que realmente importa, vão pegar em duas ou três frases da convenção e vão passar no noticiário.” - **21”**

02_Q_IL_homem – “tive o cuidado de escutar a Antena1, 2 e 3 e nenhuma delas estava a transmitir o discurso de encerramento da convenção, ainda assim fizeram um breve directo. Pena que não tenham transmitido o discurso final na integra.” – **12”**

Estes são apenas dois exemplos para uma mesma questão: que critérios definem o acompanhamento noticioso dos encontros partidários. Coloquei a pergunta ao Diretor Adjunto de Informação José Guerreiro.

03_Guerreiro_critérios - A representação parlamentar critério principal...sp rádio acompanha...1 jornalista pivot e 1 repórter ou 2 se for partido maior...os partidos com representação parlamentar alvo...depois nós temos os partidos com grupos parlamentares...1

deputado...com mais do que 1 é grupo...quer dizer o quê...no encerramento...o discurso do líder do partido... mas no caso de 1 deputado...esse critério não é considerado...porém...se estiver em jogo liderança ou algo mais...mudar líder...considerar...fazemos tb o encerramento – **os que deixaram de ter?** – sim...reportagem...sim...**para resumir** – importante...decisão várias direções...direto....pessoas interessadas...eleitores...militantes...não militantes...rádio pública...dignificar democracia deve fazer acompanhamento...congresso eletivo...combate pretendente...líder desafiado...podemos fazer alguns ajustes...fazer discursos de abertura dos congressos...líder...e pretendente...partido – **4'36**

São estes os critérios editoriais. Mas, quando os encontros partidários coincidem com jogos de futebol, há que fazer opções.

04_Guerreiro_futebol – um relato de futebol...clássico ou derby...campeão...ver melhor...jogos normais de campeonato...o que se sobrepõe é o discurso do líder de um partido... ...se tivermos acontecimento decisivo...ex andebol...e final...jogo futebol optar outra solução – **sempre negociada?** – sim...negociadas sim...-**acordo?** Sim – **1'19**

As reuniões partidárias acontecem ao fim de semana - quando grande parte da programação da antena1 é gravada. São normalmente programas de autor, produzidos com antecedência. Se o alinhamento do congresso é alterado, ou se as intervenções começam mais tarde do que o previsto, a opção pode passar por não fazer a habitual transmissão em direto, como justifica o Diretor Adjunto de Informação.

05_Guerreiro_gravados - Esta rádio não sendo...informativa...negociado...fds programas gravados...perceber a que horas é...sabemos...não encerram...atrasam-se...na antena não há nem programa nem discurso porque não está a acontecer...problema...tb não é fácil...está programa gravado...interrompido...colocar discurso...não devemos fazer isso...foi decidido...respeitar programa, autor, os que estão ouvir...não +e fácil – sacrifício da atualidade? – depende do que for...discurso súbito...nem sabemos bem...temos de sacrificar, já o fizemos...é sacrificado...nesses casos...atualidade é exigente...justificar – em nome da agilidade da rádio? – sim...nem sempre é...importante que continue a ser – **2'57**

É importante, mas nem sempre acontece – alguns exemplos foram já abordados em programas anteriores. A rádio pública precisa de ser mais flexível e ágil, de forma a responder no imediato à atualidade – essa é a sua natureza.

Os diretos e a transmissão dos discursos dos encontros partidários têm regras - José Guerreiro, da Direção de Informação da rádio, explicou quais, e em que circunstâncias não são seguidas. Opções editoriais à parte, há ainda a considerar outros fatores: quando os momentos marcantes dos congressos coincidem com jogos ou programas gravados, sobretudo ao fim de semana. E quando os trabalhos dos congressos se atrasam – o que baralha o planeamento da emissão.

Coloquei uma última questão ao Diretor Adjunto de Informação da rádio: estas condicionantes, não editoriais, entram em conflito com a missão de serviço público? José Guerreiro responde com exemplos concretos.

06_Guerreiro_sp – não tenho duvidas em transmitir...PM...oposição...direto...acho que sp deve fazê-lo...comemorações 25ª...discursos estado da nação...o resto...filtro...jornalistas existem para isso...tudo no ar...arriscamos propaganda...partes interessadas...tudo era dado em direto sem filtro...mediação...não é...muito menos jornalismo sp...erros...muitas vezes...DI assumimos nossas responsabilidades...bem feito...avaliado...olhamos com grande foco...ideia servir melhor possível...dar o que precisam...(processo)...todos os dias tentar melhor forma e formato de dar pessoas precisam importante para ouvirem – **1'52**

As respostas de José Guerreiro, Diretor Adjunto de Informação, às queixas enviadas ao Gabinete da Provedora.

Não é a primeira vez que os ouvintes sugerem que um determinado acontecimento desportivo ou político seja transmitido em direto numa das antenas do grupo RTP.

É uma sugestão que contraria o Contrato de Concessão - que traça o perfil de cada um dos canais. E, claramente, a informação e o desporto fazem parte das atribuições da Antena 1. Sendo uma rádio generalista não lhe cabe transmitir tudo, nem creio que essa seja uma função do serviço público.

A diversidade na programação e informação exige um esforço de equilíbrio entre todo o tipo de conteúdos, de forma a chegar a todos os públicos – difícil é alcançar esse equilíbrio e agradar a todo o tipo de ouvintes. O desafio é complexo, mas não deve ser perdido de vista - para uma rádio com ouvidos.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Alberto Cardoso e Montagem de João Carrasco.

Programa 08_Podcast

Pode ouvir em podcast

À caixa de correio da Provedora chegam mensagens sobre o que se escuta na rádio e na internet. O serviço público não se reduz à Frequência Modulada, ou FM, o digital acrescenta conteúdos e conquista outras audiências. Neste programa falamos dos podcasts produzidos pelas rádios do grupo RTP.

Recebo com frequência mensagens de ouvintes fieis dos podcasts dos programas das várias rádios. A queixa mais comum é sobre a demora na publicação – um processo que tem vindo a ser resolvido caso a caso. Mas estas queixas são um indicador da crescente audição em diferido – ou seja, fora do horário de emissão.

Já lá vai o tempo em que a rádio era apenas radiodifusão - há muito que integra no cardápio outros tipos de áudio - a par do podcast - que já não é novo, nem emergente. Vinte anos depois de ter surgido, emancipou-se da emissão em antena, ganhou vida própria, conquistou ouvintes e consolidou-se.

Os assuntos são tão diversos quanto os interesses e os gostos das audiências – na rádio pública, as estreias e os novos projetos também se multiplicam.

Cidadania, média, saúde mental, política, desporto, livros, filosofia, guias e informações úteis, conversas e entrevistas - são alguns dos podcasts disponíveis este ano no serviço público de média. Alguns já se estrearam, outros ainda estão a ser produzidos ou planeados. Todos estarão acessíveis na RTP Play e noutras plataformas.

O podcast contorna as limitações de tempo de uma grelha de programação – uma vantagem, como refere Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1.

01_Galopim_espaco - O espaço de antena é finito...imutável...ocupado...obrigações...nem tudo pode caber...e os podcast espaço para alargar....temas e públicos – equipa suficiente? A equipa está a fazer o possível...externos...consciência que é por aqui...futuro... - **29”**

Uma ideia partilhada por Nuno Reis, diretor da Antena3

02_Reis_espaco - A primeira ideia...outros...e outros conteúdos...visibilidade...explorar outros formatos...outras pessoas...outras ideias...fora...projeto – **37”**

E é também uma forma de alcançar públicos fora do País, como acrescenta Mário Galego, diretor de Informação.

03_Galego_espaco – temos de olhar para isto...FM e sp...são momentos diferentes...auditório...diversificado...novo...interesse público – alternativa? - Pode... Boa alternativa...outras rádios...ouvintes rádios portuguesas...programas rádios locais...comunidades...caminho...nossos podcast...servir... mundo - **54”**

A fragmentação dos conteúdos favorece a multiplicação de temas e de formatos e chega ainda a outras audiências – um assunto a que voltaremos em breve.

Falámos da aposta no *podcast* na Informação, na Antena 1 e na Antena 3 – com produções exclusivas para a internet. Os restantes canais têm estratégias distintas.

A RDP Internacional oferece programas com versões diferentes, consoante a via de difusão. O Diretor Adjunto, João Barreiros, justifica a opção.

04_Barreiros_diferente - nós na verdade, caminho diferente dos restantes...criamos podcast...só online...aproveitados para o canal...caminhos globais...fazia sentido apresentado...não temos nenhum programa que viva só online...porque...canal pequeno...também acontece versões...reduzidas...para público rádio tradicional...sumário...mais específicos...mais longa – 56”

Outra estratégia tem a RDP África, explicada pelas características da escuta. Apesar da estação ser muito ouvida nas plataformas online, o subdiretor Nuno Sardinha recorda que nem todos têm acesso à internet.

05_Sardinha_net e fm - por isso mesmo é que disponibilizamos...mundo e Portugal – limita? – não...chegar ao máximo ouvintes...5 milhões...90 e muitos em África...dificuldades acesso...venham para o FM o que não quer dizer que seja um exclusivo – 40”

A RDP África não tem *podcasts* de produção exclusiva para a internet - tal como a Antena 2. O Diretor, João Almeida, assume que não é uma prioridade, tendo em conta as características do canal.

06_JAlmeida_diferente - Para mim não são prioridade...já tenho...fenómeno...façam rádio...não há nenhuma diferença...sem baías...antena 2 já faz disso uma regra...não sinto necessidade – as 2 tem tempo...tem tempo muito diferente...passa óperas...4 horas – 52”

Antena 1, Antena 2 e Antena 3, RDP África e RDP Internacional. Ficam explicadas as opções de cada um dos canais do serviço público de rádio para os *podcasts*.

--- Medley de genéricos

Há ideias, estratégias e vontade, mas faltam recursos para concretizar o que fica no papel – sobretudo recursos humanos – equipas multidisciplinares, com formação específica para o digital. Até aqui recorreu-se à prata da casa, por outras palavras, à acumulação de trabalho e de tarefas.

Perguntei a todas as direções em que condições são produzidos os *podcasts* e obtive respostas idênticas.

Na Informação:

07_Galego_equipa - Há boa vontade sobretudo...interesse jornalistas...a DI...fazem-no dentro horário trabalho de um turno...em casa...fora tempo trabalho...escrever...produzir...acontece, sim – 38”

Na programação da Antena 1:

08_Galopim_equipa – a equipa está a fazer o possível...colaboradores externos...consciência que é por aqui...futuro...serviços de rádio – 21”

E na Antena 3:

09_Reis_equipa - equipa habituando...desafio...pessoas com essa visão...áudio como referência...outros caminhos...imagem...trabalho com prazer...trabalhão gigantesco...música pop...áudio...outras áreas e trabalhar em parceria com tv...complicado...24 sobre 24...orçamento...estímulo para equipa...dificuldade...estoirados...resultado...boa...vale a pena manter...rtp tem de olhar com atenção...ideia de marca que produz...internet seja lá o que isso for – **1’36**

Podem ser, por exemplo, conteúdos que cruzem os saberes das diferentes antenas da rádio e dos canais de televisão. Não é nada de novo: alguns programas já o fazem, mas é um caminho a explorar no online.

10_Galopim_cruzamento - Essa ideia de cruzamento... somos empresa com vários...partilhar...vários programas e várias antenas...trabalhar – **27”**

11_Reis_cruzamento - nós temos nesta altura...rtp 2...palco...lá está...novos caminhos...RTP...Play e Palco...-oportunidade juntar valências? – sim...acontece no fm...feitos pessoas outras rádios...A1 e A3...saudável...podcast permite ainda mais...aproveitar...serviço público...fazer mais...caminho normal e mais...venham só do universo da rádio – **1’06**

Os *podcasts*, e outros formatos no digital, podem ser o espaço para criar conteúdos convergentes com a marca RTP.

É uma área a explorar – não para contornar a ausência de meios e equipas, mas para atualizar competências e conteúdos e, sobretudo, para trazer o Serviço Público de Media para o século XXI. Ou seja, para o que é hoje, efetivamente, Serviço Público –_com meios, equipas, uma estratégia articulada entre todos os canais e um plano de divulgação que dê a conhecer tudo o que se produz fora dos meios tradicionais – que é onde já está boa parte dos ouvintes: os do futuro e os de agora.

12_Galopim_sp – o serviço publico tem...carta obrigações...consciência...preciso atingir vários públicos...questões...através podcasts...representados...programação – **30”**

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Cláudio Calado e Montagem de João Carrasco.

Programa 09_Antena Aberta
Antena aberta aos ouvintes

01_Indicativo Antena Aberta – 15” (só música)

Lança-se o tema, aceitam-se inscrições e dá-se voz a quem ouve a rádio. É assim de segunda a sexta-feira, na Antena 1. As mensagens que recebo sobre o programa Antena Aberta não têm variado ao longo dos anos. Visam a escolha dos temas, a moderação, o critério de seleção de quem intervém e o tempo dado aos ouvintes para dizerem o que pensam. Nesta edição, damos resposta a essas críticas.

É dos mais antigos programas da Antena 1: Antena Aberta. Abre o microfone à opinião dos ouvintes e aos especialistas que explicam a atualidade. O objetivo é esclarecer e enquadrar o que vai acontecendo no mundo, para lá de promover a troca de ideias. No centro do debate está o jornalista António Jorge, que modera o programa há 17 anos.

02_MIX- 1’

Os ouvintes intervêm, escutam e escutam-se. Por vezes, escrevem à Provedora: contestam a forma como são selecionados os temas, acham que têm pouco tempo para expor ideias e discordam da condução do programa. Críticas a que responde António Jorge.

03_AJ_explicador e queixas – para mim uma ideia clara...tema...estamos a convidar pessoas...sala estar...convidados em casa...exercício difícil...requer bom senso...amabilidade – **moderação** – censurar é verdadeiro...ultrapassar limites urbanidade...sou muito permissivo...tema do programa...tema genérico...difícil de antecipar objetivo final...é um caso...outro caso...opinar...acontece...não defendo...tento evitar...nem sempre consigo – **interrupções gestão tempo?** - Sim...utilizar espaço...cola orientação partidária...leitura simplista...populista...interrupção---gestão nomes alinhados – **função especialistas?** – tema não ser...novo...carece conjunto olhares...preocupação é auditório...espelho...diferentes perspetivas...objetivo cumprido...se o tema merece...política, social...mais cuidados...pessoas credenciadas...deixar espaço ouvintes...na verdade...conhecimento que existe lado de lá – **descodificar?** -Sim...às vezes faço perguntas óbvias...cumprem função...acessível discurso – **mais especialistas retiram voz aos ouvintes?**- Não...espaço com outro tempo...noticiários...ali...espaço...forma mais distendida...diferentes pontos vista...importante – **linhas vermelhas?** - Má educação...acusar...território mais difícil...até que ponto devo...errado...errado...difícil gerir em tempo real – **5’28**

As respostas de António Jorge às críticas dos ouvintes. Além destas, há uma outra: os critérios de seleção dos intervenientes. Por isso, o Gabinete da provedora assistiu à preparação do programa Antena Aberta. O tema é decidido no próprio dia e anunciado durante a manhã. A partir daí, está aberto o período de inscrições – um processo registado pela repórter Célia de Sousa.

Reportagem Antena Aberta - 6'45

Fica registado o processo. Uma reportagem em jeito de resposta às mensagens que questionam os critérios para intervir no programa.

De segunda a sexta, a Antena 1 abre o microfone às opiniões e preocupações de quem escuta a rádio – um espaço para o exercício da cidadania, que merece um olhar mais aprofundado – perspectiva que abordarei num próximo programa.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 10_Cidadania Cidadania

MIX – locais

De norte a sul, das ilhas – e de vários países – os ouvintes telefonam e a rádio dá-lhes voz. Escuta e amplifica pontos de vista e formas de ver o que acontece no mundo.

Nos programas com participação dos ouvintes, os papéis invertem-se – é o ouvinte que tem a palavra. Mais do que barómetros da opinião pública, são um espaço de exercício da cidadania. Tema que abordo neste programa.

São 10 horas. No estúdio na RDP África em Lisboa David Joshua gere as mensagens que chegam pelo WhatsApp e os telefonemas dos que se inscrevem para participar no programa A Hora dos Ouvintes. Ao mesmo tempo, escuta as opiniões dos ouvintes que já estão no ar.

02_África_preparação – 29”

Às 11 horas, nos estúdios de Vila Nova de Gaia, é Ilda Brito uma das assistentes do Antena Aberta, que regista os dados dos ouvintes que vão participar no programa da Antena 1.

03_AA_preparação – 1'07

Antena Aberta, na Antena 1, e A Hora dos ouvintes, na RDP África - são dois programas em que os ouvintes podem expressar opiniões sobre temas da atualidade.

Mais do que dar a conhecer opiniões, programas como estes são exemplos do exercício da cidadania e do debate no espaço público?

Fiz a pergunta ao jornalista Frederico Pinheiro, de A Hora dos Ouvintes:

04_Frederico_cidadania – de facto...a democracia exerce-se em diferentes espaços...não têm possibilidade...não são escutadas...não têm tempo...estes espaços...forma de ter voz...ouvida...auditório...sabemos que milhões ouvem...contributo...diferentes países, incluindo Portugal – **barómetro?** – não creio...visão parcial da realidade...tema...num país da África lusófona...não podemos dizer eu representa...determinado grupo...que tem essa capacidade...possibilidade...não creio que seja o caso da RDP África – **1'22**

Para o jornalista António Jorge, moderador do Antena Aberta, o programa é um espaço de consciência cívica:

05_AJ_cidadania - É um espaço em que pessoas...raros...época democrática...redes...programa rádio partilhar opinião...-**de viva-voz?** -...responsabilidade maior...menos escondida...cidadania na rádio...exercício mais importante do que tem sido – **é barómetro?** – reside uma das forças...-**evolução?** – depende dos dias...consciência cívica...trazem argumentos...mais apurado do que em momentos anteriores senti – **1'25**

Mais do que promover o debate de ideias os programas servem para medir o pulso à opinião pública, embora sem fazer generalizações.

Este tem sido o objeto de estudo de Fábio Ribeiro, professor de Ciências da Comunicação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. O investigador aponta fraquezas e forças dos programas com a participação dos ouvintes, sob a perspetiva do exercício da cidadania.

06_Fábio_não há confronto ideias – o princípio do debate...não cumprido...pressupõe confronto ideias...são meros repositórios de opinião...formato não desenhado para isso...lógica do debate não se cumpre...- **não são promotores de opinião pública?** – inegável...agora debate...discutir...megafone...não se se se cumpre...op pública mais frágil e pouco perceptível...perceções...estes programas ótimos...pulsar...não podemos retirar ...sentimento geral – **1'26**

Fábio Ribeiro analisou os programas e também as motivações dos que participam.

07_Fábio_motivações - O formato leva a que existam diferentes motivações...rádio e tv...base cidadania...desejo contribuir...para resumir...lógica do confronto mais do que cidadania...melhoria do país...naturalmente...pessoas altamente motivadas...autoridade para discutir...pessoas altamente motivadas resulta em...falar muito, dominar o assunto...frustradas quando...papel moderadores...não precisam de fazer grande intervenção...sabem como se comportar...respondem forma adequada – **1'34**

Os programas com a participação dos ouvintes são formatos consolidados, mas isolados da restante programação. O investigador sublinha que nem sempre as rádios tiram partido das potencialidades.

08_Fábio_interatividade isolada – quando se valoriza opinião público...credibilidade...abertura...espírito crítico...não se encerram – **forma isolada?** – parece-me que sim...lógica das ondas...modas...recuperam crítica...participação como marketing...integração público tem espaço fixo...depois não se concretiza...ponderar – **1’07**

Fábio Ribeiro, professor na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, e investigador na área da interatividade e participação do público nos média.

O serviço público de rádio pode marcar a diferença e integrar a visão de quem o escuta na restante programação e na informação.

Periodicamente, o Antena Aberta sai do estúdio. Uma forma de levar a rádio a outros lugares e dar voz à diversidade do país.

13_AJ_sair - Chega-se a outros ouvintes...sítio mais familiar...proximidade...outro objetivo...ir a esses lugares...outros pensamentos...dinâmicas...vale a pena incluir – **31”**

A diversidade da opinião dos ouvintes, opinadores e especialistas.

Os programas com participação dos ouvintes são um espaço de exercício da cidadania e aproximação à audiência – que se sente quando o Antena Aberta sai do estúdio para fazer programas ao vivo pelo país -, uma forma de a rádio pública de estreitar laços com quem a escuta.

14_AA_plateia UM – (início) bem vindos...bom dia a todos...auditório universidade do Minho...bom dia sonoro...de novo...já perceberam que são muitas as vozes...poucos lugares vagos...

+ jingle AA

15_AJ_plateia - Também já estive...plateia – é mais rico...deixamos ter só telefone...voz límpida a partir espaço exterior...isso é rico...estético...conteúdo...dinâmica...menos monocromático...acentuar...voz transmite e resulta contacto olhos nos olhos – **é espontâneo?** – é espontâneo – **56”**

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de João Paulo Martins e Montagem de João Carrasco.

Programa 11_podcast sp
Rádio com ainda mais ouvidos

Uma rádio ainda mais intimista. Desenhada à medida de cada ouvinte. Já foi sonho, hoje é realidade.

Neste programa refletimos sobre um serviço público de *podcast*.

Falámos com quem faz e também com quem estuda os *podcasts* em Portugal.

O termo *podcast* surgiu pela primeira vez em 2004 – já não é uma inovação. Se no início teve um crescimento lento, nos últimos anos o formato expandiu-se e consolidou-se: cerca de dois milhões e meio de portugueses ouvem regularmente *podcasts*. Mais do que uma moda, o sucesso vem das formas de consumo *on demand*: escolher e receber em vez de procurar, escutar a qualquer hora – onde, como e quantas vezes quisermos -, com a vantagem de podermos guardar o que mais gostamos de ouvir.

Ruben Martins, jornalista, formador e investigador na área do *podcast* acrescenta outras razões.

01_Ruben Martins_sucesso - Em primeiro lugar...facilidade consumo...depois plataforma gratuita...há tb uma outra dinâmica...proximidade pela forma consumo...ligação que se cria...magia entre produtor...ouvinte...-**conexão?** -...estes fatores...nova era de ouro da rádio – **57”**

A proximidade, conexão, empatia, o intimismo - que já existem na rádio são reforçados – assim como a ligação entre quem faz o podcast e quem escuta.

É o que destaca Miguel Soares, coordenador dos *podcasts* da informação da rádio.

02_Miguel Soares_podcast e publicos - num podcast...aquela pessoa...registo mais intimista, próximo – **estrutura, linguagem, temáticas abre outras possibilidades?** – abre...procuramos...conquistar novos públicos...A1 informação rádio...abrangente...nos podcasts tentar atingir determinados interesses – **mais jovens?** – podem ser...novos, não serem os da A1...mas tb...ao mais jovens, claro que sim - **58”**

Entre a rádio e o *podcast* há diferenças. Luís Oliveira dá como exemplo Homem temporariamente Só – são sete episódios sobre os 70 anos de vida de Rui Reininho, dos GNR. Um podcast da Antena3, para ouvir em exclusivo na Internet:

03_Luis Oliveira_podcast liberdade – O podcast...Reininho...dificilmente sobreviver no FM...é um podcast longform...diferente...no FM limitados...repensar formato...forma escrever e produzir...-**mais liberdade?** -dá...experimentar mais...medir...liberdade e criatividade...no campo do digital se abre mais – **55”**

Luís Oliveira, a propósito de Homem Temporariamente Só – podcast que produziu em conjunto com a jornalista Raquel Morão Lopes.

Exemplo diferente é De Cravo ao Peito, um podcast da Antena1 sobre os caminhos que levaram à revolução de 25 de abril. Inicialmente concebido só para a Internet, os episódios acabaram por ser emitidos também na rádio. O autor, e também diretor de informação, Mário Galego, explica que teve especial cuidado com a linguagem.

04_Galego_podcast – fui ao encontro de uma certa linguagem...simples e apelativa...gente mais 50/60 anos...contar vida...nossa história...democracia...quem está universidade...professores...puxar para a história...smartphone...programa sobre o passado...obrigou-me a pensar – **procurando o que não se sabia?** sim...valoriza...acrescentar...entrevistas novas– **1’11**

Mário Galego, autor do *podcast* **De cravo ao Peito**.

Estes são apenas dois exemplos entre vários que encontra nos sítios das rádios de serviço público e na RTP Play. Há uma clara aposta no formato e na variedade de temas: cidadania, média, saúde mental, política, desporto, livros ou filosofia, são alguns dos assuntos – pensados e tratados à medida de cada ouvinte.

Medley com vários podcasts- 1’49

Com tanta variedade de *podcasts* à escolha, qual a sua função, que estratégias, que conteúdos - para que audiências – interrogações que podem resumir-se numa única pergunta: há algum conceito de *podcast* no serviço público de media?

Responde primeiro Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1.

05_Nuno Galopim_SP - O sp tem carta obrigações...consciência...atingir vários públicos...através podcasts todos...representados...programação – **28”**

Para os *podcasts* da informação da rádio, Miguel Soares evoca os princípios do jornalismo de serviço público.

06_Miguel Soares_SP – estamos numa empresa...plural...rigoroso...credível...dar voz...podcast esses princípios...presentes – **22”**

Chegar a toda a gente é também a ideia reforçada por Nuno Reis, Diretor da Antena 3:

07_Nuno Reis_SP – ideia SP chegar a toda a gente...disponível em podcast...inegável...força...sp não pode ficar de fora...chegar a toda a gente...estender...toda a gente – **32”**

À pergunta se há algum conceito de *podcast* no serviço público de media, responde, por último, Ruben Martins. O investigador e formador em *podcast* vê o formato como uma oportunidade e um desafio.

08_Ruben Martins_SP - O podcast pode ser um espaço...nichos...em antena não...sp papel importante – **oportunidade para concretizar?** – oportunidade chave...nichos...audiências...sp tem de chegar a eles...porta para cumprir obrigações...garante-nos produção...importa conteúdo...chegar público alvo...se é através podcast... façamos...não pode ser reposição...conte Pensar...neste público - **ouvintes desligam da marca?** – acredito muito sp de podcast único...em vez divisão...conteúdos RTP...RTP podcasts...devia dar a cara por tudo – **1'45**

O conteúdo, a plataforma de distribuição e a forma de escutar podem ser outras - diferentes da velhinha rádio, mas os princípios do serviço público mantêm-se.

O *podcast* representa uma oportunidade para chegar a outros públicos – aos que não sintonizam a rádio tradicional. Rejuvenescer a audiência é um desafio para o serviço público. É crucial pensar numa estratégia articulada que inclua outros formatos, plataformas, temas e abordagens. É fundamental uma política de aposta na inovação e experimentação. Com os meios adequados.

O *podcast* potencia a missão de serviço público – cumpre a diversidade prevista no contrato de concessão. Ao falar para nichos, serve mais pessoas – mais ouvintes.

Se os meios tradicionais têm canais com um perfil e uma audiência definidos, o *podcast* pode servir para cruzar experiências, saberes e ideias. O caminho está aberto e pede para ser explorado – para uma rádio com ainda mais ouvidos.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Cláudio Calado e Montagem de João Carrasco.

Programa 12_podcast e app

RTP Áudio

O Digital é uma prioridade no novo Contrato de Concessão e no Plano Estratégico da RTP. É uma prioridade, mas ainda faltam condições técnicas, recursos, equipas e uma estratégia para o áudio e para as rádios. Há ideias e têm surgido novos conteúdos. É disso que falamos neste programa.

Produzir um *podcast* não é apenas trabalhar com o som. O meio invisível tornou-se visível. As vozes têm um rosto e estão num estúdio, que passou a ser filmado. No entanto, como defende o investigador e formador de podcast Ruben Martins, o foco continua no som.

01_Ruben Martins_iamgem redes - O vídeo serve...dinâmica...Youtube...não é plataforma...tudo isso ajuda...nova percepção do que é podcast...imagem...acredito que...pode ter imagem...foco á o áudio – **estratégia?** – chegar a outras pessoas...bons cortes redes sociais...redes não distribuem bem áudio...áudio isoladamente não existe...o tipo consumo não é muito amigo da áudio...estratégia...imagem com legendas...portanto...podcasts...áudio...vídeo...divulgar...não como foco principal – **1’35**

A imagem é um elemento novo para quem sempre trabalhou em rádio, como é o caso de Miguel Soares, coordenador de *podcasts* da informação.

02_Miguel Soares_podcast visual - Para quem trabalha em rádio...servir...novas propostas áudio...estranho...imagem...forma chegar outros públicos...-**promoção?** - ...marketing...capacidade desenhar imagens com som...espaço – **34”**

Cada caso é um caso, opinião partilhada por Luís Oliveira, da Antena 3.

03_Luis Oliveira_visual e cpn - Caso a caso...plataformas...se faz sentido...se estamos a criar conteúdo dos 15 aos 20...tiktok...não faz sentido...olhar caso a caso...alocar mais kow how a esta área – **foi produzido CPN, tens meios?** Não...gravar...entrevista...se filmássemos...mais-valia...até para não haver desigualdade...entre os dois centros...da empresa – **1’23**

A rádio visual exige câmaras de vídeo nos estúdios - que não existem, por exemplo, no Centro de Produção do Norte, apesar das recentes obras de renovação.

As opções editoriais, mais uma vez, estão dependentes das condições logísticas e técnicas. A estas junta-se uma outra condicionante: recursos humanos – faltam equipas multidisciplinares que assegurem a produção de conteúdos para várias plataformas com diferentes linguagens. Conceber um *podcast* vai muito além do som. Nome, foto, imagem, descrição do conteúdo, divulgação – tudo tem de ser articulado, como explica Luís Oliveira.

04_Luis Oliveira_outras coisas - A foto...gostava de trabalhar...fact checking ...transcrição podcast...não é só produzir o áudio...boa story numa rede social...- **influencia até o nome?** – e até sinopse...relevante...sucesso...mais sentido...que não defraude...mas há técnicas...que ajudam...simples busca do google – **1’04**

Uma fragilidade identificada pelo formador e investigador na área do podcast, Ruben Martins, quando analisou a RTP Play e a catalogação do áudio.

05_Ruben Martins Diagnóstico – se for feito bom trabalho...mais visível conteúdos disponíveis...o que se passa é...descarregados...RTP Play...quem não conhece...perdido...preciso mostrar às pessoas...editorialização com destaques...2 ou 3...e portanto, é muito importante...mostrar...todas as estações...desde Antena 3 madeira...direitos autor...nova vida à rádio – **1’16**

Uma nova vida que precisa de uma nova estratégia – ideia sublinhada pelo subdiretor da Antena 3 e autor de podcasts Luís Oliveira.

06_Luis Oliveira_estratégia – devia haver uma estratégia...das rádios públicas...eficiente...monetização...alocação meios...implicar...mudanças...um know-how específico...dados e por mão na massa...diz respeito – **38”**

A RTP Play reúne tudo que se produz nos diversos canais de rádio e televisão, mas é mais vocacionada para o consumo em vídeo. A página de entrada é, sobretudo, uma montra dos produtos televisivos. Nos últimos dois anos, apenas uma vez, e por um par de horas, uma iniciativa da rádio esteve em destaque.

O áudio tem características e formas de consumo que o diferenciam do vídeo, por isso impõe-se a reflexão sobre se o áudio e as rádios devem ter um espaço próprio.

Miguel Soares, coordenador de *podcasts* da informação da rádio, defende a criação de uma RTP Áudio.

07_Miguel Soares_RTP áudio - Eu sou dos que defende...RTP Play...uma RTP Áudio...desejável...o que distingue?...problema da RTP Play dilui...conteúdos audiovisuais em grande destaque...RTP áudio...montra condigna aos conteúdos sonoros...público escolher...sabe que vai...vocacionada para isso – **1’04**

Também Nuno Reis, diretor da Antena 3, sugere a criação de uma aplicação que englobe o áudio e as rádios.

08_Nuno Reis_app – acho que é muito importante termos uma aplicação...copiando modelo BBC...precisamos...dar visibilidade...evolução dos carros...desafio...não mesmo pelo FM...preparados para esse cenário...instalar RTP Play...não pode...complicado...on demand...obrigatório aplicação estar nesse novo universo...aplicação apenas para o áudio...consensual – **1’23**

A ideia de uma aplicação RTP Áudio é partilhada por Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1.

09_Nuno Galopim_app – eu creio que todos os diretores...entusiasmo...importante...mas é uma decisão de empresa...era ideia interessante – **facilita navegação?** – diferente da de vídeo...RTP Play...vertentes áudio pode...tipo consumo – **45”**

Seja aplicação, um sítio ou plataforma, certo é que o som precisa de um espaço com identidade própria, que agregue toda a produção áudio e das rádios. O Projeto Estratégico da RTP para 2024-26 prevê uma aplicação. O documento promete uma reflexão sobre o futuro da rádio, as plataformas de *streaming*, os *podcasts*, as redes sociais e inclui a renovação tecnológica e adaptação de soluções à produção digital no Centro de Produção do Norte, centros regionais e delegações.

Se ainda falta uma estratégia articulada para o áudio no digital, falta também uma divulgação que vá além das ondas hertzianas.

Promover em FM conteúdos que só estão na Internet parece um contrassenso. Fala-se – e bem -, para os ouvintes de sempre, mas não se alcançam outras audiências e mais jovens - as

que estão noutras plataformas e redes, as que não escutam rádio nem têm ligação ao nome de uma rádio.

As campanhas de divulgação têm de ser feitas onde estão os ouvintes do século XXI.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Fonseca e Montagem de João Carrasco.

Programa 13_Elogios **Elogios**

A audiência da rádio tem ouvintes atentos que escutam e escrevem à Provedora – recebo de tudo um pouco: sugestões, críticas, pedidos de informação e também elogios. E, desta vez, damos voz aos elogios.

Há uma diferença entre deixar um comentário genérico nas redes sociais ou elaborar um texto para um destinatário específico.

Acredito que quem escreve à Provedora quer melhorar o serviço público de rádio. Vai além do desabafo ou da crítica impulsiva - argumenta, reflete. Por vezes, faz sugestões.

A satisfação gera menos correspondência do que o desagrado. Se o ouvinte não tem nada a apontar ao que escutou, também não tem motivo para escrever à Provedora.

É, por isso, animador, quando alguém dispõe do seu tempo para elogiar um programa, um autor, uma emissão ou até mesmo a simples existência de um serviço público de rádio.

01_Mensagem 1_geral - Considero que a ANTENA 1 e a ANTENA 2 são estações de rádio de referência. Como tal devem constituir um exemplo de serviço radiofónico de utilidade pública, quer na área da informação e do jornalismo, que na da didáctica, especialmente num país onde ainda existem cidadãos analfabetos. Obrigada pelo abrangente serviço público de qualidade que prestam ao longo dos anos nas diversas áreas informativas. - **24”**

Os elogios abrangem todos os canais da rádio pública e chegam por diversas vias. Escrever à Provedora é apenas uma delas.

Quando a rádio abre a antena aos ouvintes, escutam-se verdadeiras declarações de amor. Foi o que aconteceu na Antena 3, no Dia Mundial da Rádio:

02_Medley A3 – 1’30

3’44 – espanhola que ouve a A3 e A1

15” – Oficina - gosto mesmo A3, música...programas...pessoas conversam...bué de importante

1’36 – Peso da Régua, a A3 faz parte da minha vida + Prova Oral ou aos 4’31 preferido matéria-prima (o que colar melhor, o matéria-prima foi um dos que fez parte do outro programa elogios)

As vozes de quem ouve a rádio - na rádio.

No início de abril, a RDP África fez anos - 29 - e foi saber o que a audiência mais gosta de escutar.

03_Medley RDP África – 1’20

Moçambique - 33” – mt mais informação desportiva...1’18 companhia há 20 anos...qualidade informação, desporto...didática + 2’14 não oculta informação

São Tomé - 3’25 – RDP África continue...levar informação a todos os cantos...palop...continue ser rádio...simpatia...e não só...timor...guiné...lusófona

Em direto na rádio, em gravações áudio, comentários nas redes sociais, por email, por telefone, por carta e escrevendo à Provedora – os ouvintes encontram formas de expressarem o que pensam sobre o que escutam. Nem sempre criticam - também se manifestam quando gostam e concordam. A maioria das vezes, destacam uma emissão ou um programa. Como no exemplo que se segue, o *podcast* Pranchas e Balões, da Antena 1, sobre Banda Desenhada.

04_Mensagem Pranchas e Balões - *Expresso a minha satisfação pelo facto de, apesar de a rádio pública ter suprimido o programa semanal sobre BD "Pranchas e Balões" da grelha de programas da Antena 1, terem os responsáveis da estação decidido a continuidade do programa em formato podcast. Aliás, agora sem o constrangimento do limite de tempo na duração de cada episódio, o programa está muito melhor porque pode abarcar mais temas. – 22”*

Em setembro do ano passado, o programa passou a estar disponível apenas na Internet. A mudança implicou alterações de estrutura e conteúdo, para se adequar ao novo meio de difusão - como explica o autor, Rui Alves de Sousa.

05_Rui Alves Sousa_Pranchas e Balões – programa tinha estrutura...rádio...3 partes...pedi...podcast não precisava...mais relaxada e divertida...dinâmica é...autor...luis Bernardino...conversa...sozinho, mas nesse formato... - **conversa** – sim...30 ou 35 minutos...passam dos 70 minutos...gosto mais do formato agora...prazer BD... - **saem e gravam fora** – sim Lourinhã, Louri BD...fazer emissões ao vivo – **com publico interagem?** não é bico 7 cabeças...nova versão – **como se fala algo visual?** – difícil...na rádio efeitos sonoros...ouvintes transportados...aqui...conversa...falar de outras formas...BD arte visual...120ep depois...algum sucesso – **fb comunidade?** – sim...mais insta...perceber msg...ao longo tempo...confesso dinâmica aumento dp podcast...mais ouvintes desta nova forma...redes fundamentais...poder crescer ao longo deste tempo – **3’**

Rui Alves de Sousa, que apresenta o *podcast* Pranchas e Balões, dedicado à Banda Desenhada. O programa existe há 3 anos. Começou na rádio, agora está disponível apenas em *podcast*.

Há também quem se mantenha ligado à rádio todo o dia – são ouvintes que acompanham mais do que um canal e elogiam várias antenas e programas.

06_Mensagem 2 várias antenas - Como ouvinte assídua da Antena 1 e Antena 2, manifestei, em tempos, o meu desagrado com alguma programação e com a escolha de alguns comentadores.

Devo agora manifestar o meu agrado pelos bons programas que se mantêm: programa da manhã, a Música a Contar, Visão Global, Portugalex, Vibrato, A Ronda da Noite, Jazz a 2... e por alguns novos como, Sou Pessoa para Isso, Mesa para Dois, A1 Doc, A Cena do Ódio, Uma Noite em Forma de Assim.... – **29”**

Um dos programas elogiados nesta mensagem é o A1 Doc – um espaço semanal de grande reportagem e documentário sonoro, da responsabilidade da Direção de Informação da rádio. A coordenadora, Rita Colaço, está atenta às reações de quem escuta:

07_Rita Colaço – A1 Doc – Tivemos A1 Doc...Lousã...carismática...no site...fb...ouvintes referiam...ouvir Portugal em estado puro...escuta atenta...estado puro...trazer outros temas...complexos...espaço com histórias...não precisam andar a reboque...factos– **aconteceu sugestão ouvinte resulte em rep?** – sim...redes, emails, comentários...vivência diária repórter...reportagem...visão lateral...oxigénio...- **tema típicos rádio publica?** – radio democráticas...todos...sp...temas e franjas...eu pessoalmente...olhar atento...minorias...deficiência...não se vêem...mediático...sp tem ter...atenção...em concreto A1 Doc – **correspondentes é marca?** – é...país uma língua...sotaques...seria crime...não ter país refletido neste espaço que é o A1 Doc – **2’15**

Rita Colaço, coordenadora do A1 Doc, um dos espaços de informação da Antena 1 elogiado pelos ouvintes.

Na Antena 2, A Ronda da Noite também gera mensagens de satisfação. O programa noturno do canal, da autoria de Luís Caetano, recebe e divulga escritores, artistas e pensadores que ajudam a perceber a atualidade.

Os elogios chegam ao Gabinete da Provedora, mas são enviados igualmente pelas redes sociais ou por email para o programa e para o autor: formas de contacto direto com quem está ao microfone – sem intermediários. Dantes, como recorda Luís Caetano, os ouvintes telefonavam para a rádio.

08_Luis Caetano_Ronda da Noite – eu fico muito grato...intimidade...rádio à noite...códigos próprios...leitura atividade noturna...tenho felicidade e gratidão...eu...sou de um tempo...mails...não havia...telefonemas...Antena 2 ouvintes muito exigentes...pronuncia nomes...telefone...mais vontade de agir...criticas...tempos mudaram...ouvintes já não telefonam...mail...privilegiado – **conversa, jornalismo cultural?** – presença forte na rádio...tem

aumentado...rádio publica...jornais...anos 80...como o junod mudou...belas páginas de cultura...rádio recebeu legado...conversa...crítica...divulgação...opinar...seleção...conversa...poesia...tudo isso...disponível arquivo rádio e televisão...recuperado... somos nós...sp...obrigação...missão...sentimo-la...quem trabalha aqui – 2'13

Luís Caetano, autor de A Ronda da Noite, da Antena2.

São várias as hipóteses para fazer ouvir a sua voz: pelas redes sociais, por email, por carta, em mensagens à Provedora. Lembro que também pode fazer chegar a sua opinião por telefone, através da Linha de Atendimento ao Espectador e Ouvinte.

Os ouvintes não são passivos nem indiferentes. Mais do que críticas e queixas, também expressam agrado e elogiam o que escutam na rádio pública.

Demonstram que querem participar na construção da sua Rádio. Contribuem para um serviço público que vai ao encontro de quem a escuta: uma rádio com ouvidos.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Coelho e Montagem de João Carrasco.

Programa 14_Crónica Apagão Ligados ao rádio

Perguntaram-me um dia qual era o som da minha vida. Não podia ser outro: o som da minha vida é o som da rádio.

Na casa da minha infância ligava-se o rádio mal o despertador tocava e desligava-se depois das notícias da meia-noite. A rádio era o som de fundo que preenchia todas as horas do dia. Um vício que herdei e não me saiu dos ouvidos.

Venho ainda da geração em que a telefonia ocupava o lugar central da sala - e das nossas vidas. Na minha vida, continua a ocupar esse lugar.

A rádio segue-me desde que acordo. E, quando viajo, levo comigo um rádio de bolso – o que é sempre motivo de brincadeira para quem me acompanha. Sou antiga – tenho um rádio a pilhas em cada divisão da casa e do trabalho.

Nesta segunda-feira, às 11 e 33, estava a escutar a rádio pública quando a luz nos falhou. A aparelhagem de secretária emudeceu. Foram uns segundos de silêncio – o tempo de tirar o rádio a pilhas da estante, rodar o botão e voltar à escuta –, ainda sem saber que o apagão era

geral e que o transístor seria o objeto mais procurado – uma raridade em vias de extinção nas prateleiras das lojas.

Se arranjasse 500 rádios, tinha-os vendido, disse um comerciante à repórter da Antena 1 Inês Martins, enquanto noutra ponta da reportagem uma senhora contava que soube de tudo pelo rádio a pilhas. A amiga não - porque tinha um rádio de luz:

SOM_vizinha

Neste dia, a rádio pública foi guia, companheira, voz. Foi luz.

Habituada a que decretem o fim da rádio desde os anos 50, ela aqui está, sem surpresas, a ter o papel principal num dia de apagão: a heroína do dia, feita estrela - a estrela que iluminou os ouvidos e a alma de quem esteve deste lado da telefonia. Quem esteve à escuta não ficou sozinho e a caixa de correio da Provedora encheu-se de elogios.

01_H_mensagem 5 - Parabéns à Antena 1 pelo trabalho de ontem. É caso para apropriação da frase do Mark Twain e dizer que as teorias da morte da rádio eram manifestamente exageradas. Agora podemos dizer que eram completamente erradas. É caso para dizer que é o único meio de comunicação que tem a possibilidade de nos informar e fazer companhia em todo o lado, a qualquer momento, em qualquer situação. – **21**”

02_M_mensagem 4 - Sem internet, sem telefone, sem qualquer comunicação, o rádio a pilhas ligado toda a tarde permitiu-nos estar permanentemente a par do que se passava.

Esta informação foi preciosa para estarmos calmos, ouvirmos os avisos e apelos. Nunca houve sensacionalismo. As descrições dos jornalistas ajudaram a que não se instalasse a ansiedade e o medo. Prestou-se um SERVIÇO PÚBLICO. – **23**”

03_H_mensagem 3 - A condução da emissão foi exímia e sem problemas de receção na área da grande Lisboa o que revela também o excelente trabalho de bastidores a garantir energia aos estúdios e ligações a quem entrava em direto.

Por um dia tivemos a magia do rádio a pilhas de volta e a rádio pública esteve à altura do desafio. – **17**”

04_M_mensagem 2 - Obrigado a todos, ontem vocês fizeram verdadeiro serviço público. - **04**”

05_H_mensagem 3 - Num dia em que apenas os rádios funcionavam para grande parte dos portugueses a seriedade com que a informação foi sendo transmitida, complementada com os excelentes apontamentos dos repórteres de rua com histórias da população, merece todos os louvores e revela os excelentes profissionais que fizeram o direto – **15**”

06_M_mensagem 6 - Durante todo o período de apagão estive a ouvir a Antena1 através de um telemóvel antigo, ainda com bateria. Durante a emissão, alguém disse que a Antena1 estava com a mão no país. Permitam-me corrigir: a ANTENA 1 esteve de mão dada com o país! – **15**”

A partir destas e outras mensagens dos ouvintes, no próximo programa faremos uma reflexão sobre a emissão do dia 28 – o dia em que, uma vez mais, a rádio provou que quando tudo falha é ela que resiste. Cola-se ao acontecimento, informa, faz companhia. É a voz invisível que nos mantém ligados ao mundo e aos outros.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

É o ouvido que nos traz as primeiras sensações do mundo, antes mesmo do despertar da vista, do paladar, do tacto. O ouvido é também o centro do equilíbrio e da orientação – Adriano Duarte Rodrigues

Programa 15_Apagão Ligados ao rádio a pilhas

00_Antena Aberta_problemas técnicos

Foi o primeiro sinal do apagão – pouco tempo depois, a Antena 1 abriu uma emissão especial que se estendeu a todos os canais do serviço público de radiodifusão.

01_FSS_a Rádio - A rádio foi ubíqua...ágil...instantânea...deu-nos o país...foi a amiga...diz...ao instante...precisamos saber para recuperar a tranquilidade – **17”**

A voz é de Francisco Sena Santos – aqui no papel de ouvinte. É também o jornalista que conduziu o maior número de emissões especiais ditadas pelos acontecimentos - emissões inesperadas, sem planos, sem rede, como a que ouvimos a 28 de abril.

Neste programa, respondemos aos ouvintes que escreveram à Provedora sobre o serviço público de rádio no dia do Apagão.

Foram 16 horas a radiodifundir para o país – todas as estações da rádio pública numa emissão conjunta que manteve os ouvintes informados - e ligados -, quando tudo o resto falhou.

Estar no ar, garantir a emissão por ondas hertzianas sem interrupções, foi o trabalho da equipa das antenas da RTP. Sem estes técnicos, teríamos tido...apenas...o silêncio.

São eles quem cuida para que a voz da rádio nunca se apague.

02_Vítor Fernandes_11.33 cortado - As 11.33 recebemos...falha geral...seguida...sites a confirmar...combustíveis...tudo funcionar...a partir daí...manter emissão no ar – **35”**

Vítor Fernandes, responsável técnico dos emissores da RTP. A partir daí, conta, as equipas foram para o terreno assegurar que a emissão chegava a todos - e a todo o país.

03_Vitor Fernandes_72 horas - No minino dos mininos...24 horas...importantes 48 a 72 horas – **mais alargado?** – superiores...governo...timing alargado...próximos 3 4 dias...margem manobra...abastecer...geradores – **43”**

Noventa e cinco por cento das estações emissoras – e os sites - mantiveram-se ligados e a difundir a Antena 1, sem interrupções, até a luz voltar.

04_Vitor Fernandes_equipa pp - Temos uma equipa fantástica...10 pessoas...oleado...sabemos o que temos fazer...sem falar...mais de 20 anos...formação...interajuda e cooperação...não é preciso comunicar...sabe...conhece...atua...mediante diretivas...pela chefia...conversamos...temos essa perceção...sem comunicações não vale a pena perder tempo...vamos para o terreno – **autonomia** – sem duvida...RTP não pode ficar dependente...autonomia...garantir emissões para o ar sem...isso implica timings que não conseguimos controlar...se (ex) alternativas controladas pelo grupo RTP...não pode ficar dependente terceiro...sobretudo rádio...provou-se...aconteceram – **1’48**

Vítor Fernandes, o responsável técnico dos emissores da RTP.

A luz apagou-se às 11 e 33 de 28 de abril. Ao meio-dia começou a emissão especial da Antena 1. E foram muitas as mensagens de ouvintes que elogiaram e agradeceram o trabalho da rádio pública.

A estas mensagens responde Mário Galego, Diretor de Informação.

05_Galego_apagão_agradecimento - Gosto de agradecer a quem está do outro lado...casa...carro...rua...reconhecimento importante...jornalistas sentem...missão sp...esforço dar informação...somos pessoas...colocamo-nos pele dessas pessoas...melhor reconhecimento...rádio...ouvir A1...para quem nos ouve - **58”**

Num dia sem eletricidade e sem comunicações, a rádio foi companhia e quem manteve os ouvintes informados. Para o Diretor de Programas da Antena 1, Nuno Galopim, o que aconteceu no dia do apagão só veio reafirmar a função da rádio em situações de emergência.

06_Galopim_rádio e responder msg - A rádio é absolutamente fundamental...falha...rádio...continua a existir – **mensagens como tresponde?** – continuando a fazer a rádio...qualidade...antenas têm cumprido – **32”**

A opção foi unir todas as rádios numa emissão única.

07_Galopim_emissão conjunta – não era um emissão da A1...feita em conjunto...RTP...escutar um ou outra antena...encarrear esforços...bem e melhor...emissão...escutar...todo o país...correspondentes...centros regionais – **48”**

Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1.

Uma situação como a do dia 28 obriga as rádios de perfil musical a repensar prioridades. Nuno Reis, Diretor da Antena 3, colocou-se no lugar do ouvinte.

08_Reis_apagão_simultaneo – ía no carro...vinha no carro a pensar...emissão normal...numa altura destas...sp serve para isto informar...medidas emergência...normal...cadeia de rádios...ao mesmo tempo...rede elétrica...geradores...durar muito tempo...salvaguardar...obviamente...parar...poupar eletricidade – **1’05**

Nuno Reis, Diretor da Antena 3.

A decisão de ter uma emissão única teve razões práticas e logísticas, como ouvimos, mas também editoriais - por se tratar de uma situação de emergência em que informar, orientar e tranquilizar são prioridades. Mas nem todos concordaram com a opção. Foi o caso deste ouvinte da Antena 2.

11_MSG_H_A2 – 22”

João Almeida, Diretor da Antena 2, respondeu ao ouvinte.

12_João Almeida_resposta simultâneo – a rádio...ferramenta...insubstituível proteção civil – **adequado A2?** – todos...nada distingue A2...respondi...plano pessoal...ouve sempre a mesma coisa...uma só emissão...qual...deve ser...sp na sua essência informação...- **ouvinte reconhece**- o ouvinte não tem de concordar...agradecemos...tem sua opinião...responder como adequado...concordância – **1’11**

Este ouvinte acabou por compreender e concordar com a opção.

As mensagens que recebi foram quase todas de elogio, mas também houve críticas:

09_MSG_H_país – 25”

À opinião do ouvinte responde Mário Galego, Diretor de Informação

10_Galego_apagão_resposta país - A diversidade geográfica...país...é verdade que devíamos ter...já falámos...há zonas...não estão cobertas...cá estiver – **27”**

É um facto que a rádio pública não está presente em todos os distritos do país, mas é também um facto que na emissão do dia 28 se ouviram repórteres de norte a sul e informações sobre o que estava a acontecer fora dos grandes centros – apesar da quebra nas comunicações e dos constrangimentos enfrentados por jornalistas, produtores, técnicos e toda a equipa.

O volume de mensagens de agradecimento e elogio supera largamente as críticas. Nem tudo foi perfeito, como escreveu um ouvinte, foram detetadas fragilidades, identificadas lacunas. O apagão também serviu para testar o que funciona bem e menos bem – para refletir sobre o que aconteceu, corrigir e melhorar. E deixou bem claro que é urgente repor a rede de correspondentes, ajustar meios técnicos e cuidar das antenas de FM e de Onda Média. Em resumo: é preciso investir mais na rádio.

No dia 28 a rádio pública foi, mais do que nunca, aquilo que já é: serviço público – e uma prova real de que a radiodifusão é um bem precioso quando tudo falha. Se dúvidas houvesse, a realidade demonstrou que a aposta nas ondas hertzianas continua a ser fundamental - e não vestígio de um dia ou de uma época que já passou.

Acessível, ágil, imediata e de longo alcance, fez-se de todo o lado e chegou a todos, onde quer que estivessem, como sempre fez, porque é essa a sua essência, a sua missão primeira, como a história nos ensina. Não é por acaso que os rádios portáteis a pilhas fazem parte dos *kits* de emergência.

O rádio de pilhas avivou a memória. Foi o meio da informação, da comunicação, da companhia, porto seguro. Foi a voz de um serviço público com gente, um guia para quem estava de ouvido à escuta: no carro, em casa, na rua, para quem continuou a trabalhar – como os que asseguraram esta emissão especial e os que a mantiveram no ar, os que fizeram chegar informação contínua e fiável ao velho-novo transístor. Ou seja, às pessoas - que precisavam de saber o que se passava.

Vitor Fernandes_agradecimento_FECHO - Mas no fim disto tudo...visibilidade...neste caso deixou de ser invisível...somos como a rádio frequência...RTP excelente trabalho...grupo...equipa...valorizados por isso – **35”**

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de José Inácio e Montagem de João Carrasco.

Programa 16_Luto Nacional

Humor e Luto nacional

A morte do Papa Francisco alterou a programação habitual da Antena 1. Além das emissões especiais, a estação decidiu suprimir os espaços de humor. A Antena 3 decidiu mantê-los. As duas opções geraram reações dos ouvintes, que vamos escutar neste programa.

No dia 21 de abril, os noticiários das 9 horas abriram com a morte do Papa Francisco. Ao final da manhã o Portugalex, na Antena 1, não foi transmitido e não foi dada qualquer explicação aos ouvintes. Só no dia seguinte de manhã, à hora habitual da rubrica, foi apresentada uma justificação.

01_Ricardo Soares_dia 22_não há portugalex - Faltam 2 minutos...devido luto nacional decretado pelo governo...3 dias...não há...portugalex...habitualmente a esta hora...rádio – **29”**

Alguns ouvintes não concordaram com a decisão de não transmitir o Portugalex na Antena 1 ao longo de toda a semana e escreveram à Provedora.

02_Msg 1_H - *Portugal é, segundo creio, considerado (ainda) oficialmente um país laico. Não faltam, muito justamente, rasgados elogios à vida e obra do Papa ora falecido, bem como à sua quase sempre boa disposição e requintado sentido de humor. E é aqui que "bate o ponto", é aqui o motivo para esta minha intervenção, muito crítica, enquanto ouvinte da antena 1, a rádio pública. O programa da antena 1, talvez há mais tempo no ar, talvez dos mais ouvidos e acarinhados, "PORTUGALEX" de seu nome, foi autenticamente silenciado por uma semana! Haverá alguma plausível razão para tal? Um luto (bem) superior aos 3 dias oficiais. Que provincianismo é este que atira para o silêncio aqueles 3 ou 4 minutinhos bem-dispostos durante 7 dias? Acho, acho mesmo, que o Papa Francisco seria o primeiro a condenar tal atitude! – **45”***

03_Msg 2 _M - *Hoje, no período da manhã da Antena 1, ouvi os locutores referirem que o programa humorístico "Portugalex" foi suprimido devido ao luto nacional decretado pelo governo pela morte do Papa. É estranho um estado laico decretar 3 dias de luto nacional pela morte de um líder religioso, especialmente considerando que não o faz nas outras religiões. Mas a rádio pública considerar que os programas de humor devem ser suprimidos é ir ainda mais além e condenar todos a um luto cinzentão e desadequado. Já agora repensem também as músicas emitidas durante estes três dias, não vão ser demasiado alegres.- **37”***

04_Msg 3_H - *Venho manifestar a minha perplexidade com o cancelamento da emissão do Portugalex na Antena 1 durante uma semana. O programa continua, e bem, a ser emitido na Antena 3. Recordo ainda a reunião do Papa Francisco com humoristas de todo o mundo no Vaticano em junho de 2024, reconhecendo como "a arte da comédia pode contribuir para um mundo mais empático e solidário" – **20”***

O Diretor de Programas da Antena 1, Nuno Galopim, responde às críticas e aos argumentos dos ouvintes.

05_Nuno Galopim_explicações luto nacional - Existe guião...aplica-se...supressão conteúdos humor...Antena 1...cautela letra uma ou outra canção...interpretação...não censuramos canções, mas...cuidado...conflito – **luto qq figura?** – luta nacional é nacional – **luto vaticano dia 24 e luto nacional 21, anteciparam-se porquê?** – não ficámos à espera...figura...mira atenção...desaparecimento...a todo o momento decretado...não estávamos à espera...aplicámos...regras...datas oficiais...decisões rádio pública...seguimos...fazer – relação papa com humor...ouvintes invocam – se há uma regra aplicamos mesmo sendo exceção à regra – **1’57**

Os esclarecimentos de Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1.

À caixa de correio da Provedora chegou também uma mensagem sobre a emissão da Antena 3. A notícia da morte do Papa foi dada pela primeira vez às 9 horas. Logo a seguir, no horário habitual, foi emitida a rubrica previamente gravada, Aleixopédia.

06_Aleixopédia REM – jingle+ olá...mais um capítulo...enciclopédia musical...losing my religion people...vamos falar banda REM...fazem anos...45 anos...REM foram primeiras bandas rock alternativo...REM significa...movement – **38”**

Este conteúdo da Aleixopédia motivou a crítica de um ouvinte, que escreveu à Provedora.

07_Msg 4_H - *Na Antena 3 lançaram-se piadas ofensivas com Losing my religion e a morte do Papa. Eu também não sou católico praticante, no entanto, respeito quem o seja. Era de bom tom ter respeito. – 10”*

À mensagem do ouvinte, responde Nuno Reis, Diretor da Antena 3.

08_Nuno Reis_Aleixopédia - No caso concreto da...Aleixopédia...my religion...anos naquele dia...não havia relação com morte papa...palavra...my religion...difícil...não houve...problema...nem sequer...há **escuta prévia?** – próprios autores...acontecimento...relacionar...Portugalex como lida com atualidade...ultrapassado...já não bate certo com realidade...autores avisam...naquele dia – **45”**

Nos dias de luto nacional pela morte do Papa Francisco, a Antena 3 não alterou a programação nem a *playlist*. Nuno Reis justifica a decisão com o perfil da rádio.

09_Nuno Reis_programação luto - Não é a primeira vez...luto nacional...diferença 3 e 1...Antena 1 emissão especial...antena 3 entretenimento...demos notícia...emissão normal – **altera a play list?** – não...não é um tema – **luto nacional influência programação?** – Antena 3 entretenimento...futebol...conversa animadores...reduzir emissão a música e pouco mais...mantemos emissão normal...- **já houve circunstâncias em que sim?** – nestes anos todos...mexemos...tragédias...incêndios 2017...consternado...não havia ambiente...de resto...falamos com CA sobre esse tema...caso a caso...próprio papa apreço humor...não é falta respeito...não vamos fazer piadas...morte Papa...entendo Antena 1, no caso da Antena 3 não faz muito sentido – **2’12**

Nuno Reis, Diretor da Antena 3.

O Luto Nacional é um período de homenagem, solidariedade e pesar nacional para com figuras de relevo ou em acontecimentos excecionais.

A Antena 1 decidiu suspender os espaços de humor no dia em que o Papa Francisco morreu – 21 de abril – e antecipou-me mesmo à decisão governamental e à data oficial. O governo só tomou a decisão no dia 23 e o Luto Nacional foi decretado de 24 a 26 de abril.

Durante toda a semana, o Portugalex, rubrica diária de humor, não foi transmitida na Antena 1 - mas os episódios dessa semana foram sendo publicados na RTP Play e emitidos na Antena 3.

A Direção da Antena 1 justifica a decisão com o cumprimento do guião de procedimentos do Luto Nacional - sem se olhar a particularidades –, mesmo aquelas que possam caracterizar a ação e o pensamento deste Papa.

Os ouvintes que escreveram à Provedora evocam a relação do Papa Francisco com o humor e lembram – e bem –, o momento em que humoristas de todo o mundo foram recebidos no Vaticano, um momento que foi recordado na emissão da Antena 1, no dia das cerimónias fúnebres de Francisco, conduzida pela jornalista Rita Soares.

10_rueff e padre V3 curto – 1’33

Os humoristas também fazem Deus sorrir, disse Francisco quando os recebeu no Vaticano. A linguagem do humor é a adequada para compreender e para sentir a natureza humana.

Som_papa_

O humor como via para conhecer a natureza humana desde que não ofenda não humilhe

Som_papa_

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa_17_Museu Virtual

Clicar e ouvir

Em Nome do Ouvinte, já mostrámos a Coleção Visitável Museológica da RTP

01_Coleção Vivaldo_Resumo – 29” – a cortar

E descemos à Reserva Visitável.

02_reserva_os gira-discos – 35 – a cortar

Neste Programa, deixamos os espaços físicos e navegamos pelo Museu Virtual da RTP.

A história da rádio, do país e do mundo desliza na ponta dos dedos.

Navegar pelo sítio do Museu Virtual, é mergulhar num mundo de sons, imagens e palavras que nos transportam para outras Eras.

Entramos em - museu.rtp.pt

Escolhemos uma data, por exemplo, 1918 – a imagem que aparece é de uma Grafonola, a Grafonola da Mala.

03_SOM – Oui Marie

Ao som de "*Oui, Oui, Marie*" ficamos a saber que Durante a I Guerra Mundial a grafonola portátil foi usada pelos oficiais para se distraírem durante as refeições. Uma publicidade mostra soldados numa trincheira a pôr um disco numa grafonola - Um presente de casa, anunciava o folheto da marca Deca.

A cada clique surgem fotografias, documentos, vídeos e sons. Todos os objetos têm uma história e um contexto.

A visita virtual inclui peças e conteúdos da rádio, mas também exposições temporárias, como uma sobre o radialista Artur Agostinho

04_Relato Artur agostinho

Há uma videoteca que nos leva aos bastidores do teatro radiofónico, ao mundo dos transístores ou aos primórdios da rádio pública.

Cada página é uma viagem no tempo.

Para este programa, mostrámos o Museu Virtual da RTP a duas gerações que clicaram - e percorreram - os caminhos sonoros da história da rádio, do país e do mundo. A repórter Célia de Sousa captou as reações de descoberta dos mais jovens e as lembranças de quem reviveu memórias.

Reportagem – 7'44

Um passeio pelo Museu Virtual da RTP, pelos olhos e os ouvidos de quem o visita.

O Museu Virtual foi criado em 2009. Sem os limites de um espaço físico, o sítio na internet tem centenas de peças e dá ainda acesso ao Arquivo Documental, aos núcleos museológicos da Madeira e dos Açores, a uma videoteca e a exposições temporárias.

Até ao final do ano passado, mais de 700 mil pessoas tinham visitado as exposições físicas e virtuais que mostram a história da rádio e da televisão – contas feitas por Pedro Braumann e Manuel Lopes, do Núcleo Museológico.

05_L&B_visitas - Quando fazemos interligação...virtual e físico...saltar...118 mil para 738 mil...faz com que interligação...número mais pessoas ter acesso...de outra forma não teriam...interligação...pandemia...importância...escolas...a partir nossas instalações...nossa técnica...(BRAUMANN) realidade virtual disponível...som...na prática mais peças...multiplicar por 6...nossa aposta...acessibilidades...país, estrangeiro...complementaridade...valências existir no museu virtual – **1'20**

Na era digital e do armazenamento em nuvem, a desmaterialização é um desafio para os museus e para a preservação da memória. E muita coisa já mudou, como refere Manuel Lopes, do Núcleo Museológico da RTP.

06_Manuel Lopes_futuro - Já mudou...pensar bem...daqui a uns anos...risco...documentação...últimas 2 décadas...e não ter acesso...pensar rapidamente...objetos também...doações...obsoleto...espero que no futuro...de facto...até anos 80/90...a partir daí diminui...também há...nível interno...abate...avaliação...integrar nosso acervo museológico – **1'04**

Manuel Lopes, do Núcleo Museológico da RTP.

A equipa tem seis pessoas. Disponibilizam o espólio nos diferentes espaços físicos e virtuais - redes sociais incluídas -, organizam e conduzem visitas guiadas, respondem aos pedidos de investigadores e estudiosos da rádio e televisão e respondem ainda às solicitações internas como acontece, por exemplo, neste ano em que se assinalam os 90 anos da rádio pública em Portugal.

Para ouvir, basta entrar em museu.rtp.pt

Som – José Jorge Letria 1974

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Cláudio Calado e Montagem de Henrique Lobo de Carvalho.

Programa 18_Legislativas

Fomos a votos

A campanha eleitoral para as legislativas dominou os espaços informativos da rádio pública. Os ouvintes estiveram atentos, tomaram notas e escreveram à Provedora. Neste programa falamos sobre critérios editoriais - e equilíbrio -, entre as diferentes forças políticas.

Na Antena 1, noticiários e jornais de campanha deram voz às ações de líderes e partidos que percorreram o país. Nas mensagens que recebi, questiona-se por que motivo um noticiário abriu com o Partido A e não com o partido B; ou por que só se ouviram uns líderes e não outros. Fazem-se contas ao tempo e ao número de vezes que uma declaração foi transmitida. Alguns ouvintes têm a expectativa de que todos os noticiários façam a ronda por todos os partidos, o que não acontece. Mário Galego, Diretor de Informação, explica porquê.

01_MGalego_noticiários todos e tudo - O noticiário tem sempre um tempo limitado...tem seu tempo...nem todas reportagens prontas à mesma hora...agenda dos partidos diferentes...noticiário refletem isso...do que está a acontecer...não todos ao mesmo tempo...tempo noticiário...não é possível ter todos...não seria bom noticiário – **46”**

A editora de política da Antena 1, Natália Carvalho, adianta outro motivo:

02_Natália_agenda partidos e atualidade- Se um determinado partido...uma ação...só tem uma ação...agenda reflete-se...nos noticiários...não vou por um partido uma agenda por dia...mesma peça...não faz sentido...tratamento jornalístico é o mesmo...tem tempo de vida...reflete-se nos noticiários – **a atualidade faz parte?** - atualidade está sempre presente...o que é notícia...o que é reportagem...colorido...à margem...refletido...os factos à volta...ilustram...está a decorrer . – **1’07**

A cobertura da campanha eleitoral centra-se sobretudo nas forças políticas com representação parlamentar. Os pequenos partidos raramente entram nos noticiários, mas têm sempre espaço no Jornal de Campanha, como esclarece Natália Carvalho.

03_Natália_pequenos partidos – menos espaço? Todos tiveram...2 peças no mínimo...por cada um...dificuldade...não têm ações campanha...isso acontece...nenhum falhou – **20”**

As mensagens dos ouvintes visaram os noticiários, mas o acompanhamento da campanha eleitoral não se restringe às notícias de hora a hora.

04_Natália_2 espaços - Há 2 espaços...jornais campanha...edição....diretos...no último dia a norma...menos tratado...no meio de uma edição...se um partido...o repórter entra preferencialmente em direto...uma campanha não é diferente...normais...intensidade, colorido, tensão....reflete-se nos conteúdos....- **1’14**

Noticiários e Jornais de Campanha têm objetivos, estruturas e conteúdos diferentes. À hora certa ouvem-se as notícias mais recentes e imediatas enquanto o jornal de campanha tem outras características.

05_Natália e Galego_jornal campanha - Eu diria que é...sistematização e monotema...noticiários...toda atualidade...hora a hora...jornal campanha só campanha – e **análise** – sobre a campanha...este ano edição da manhã...foi uma opção...análise e

comentário...painel...10...academia e comunicação política...-**intenção não era áreas partidárias'**- exatamente...sobretudo...análise distanciada dos partidos...estreada por forma...tentar passar...mais fina e polida, académica – **de alguma forma monitorizam?** Sim...não são...faço por não medir ao segundo...horrível...tenho preocupação...reportagem minuto e meio...baliza...não vou cortar...tem de haver equilíbrio...compto geral...existiu não medido ao segundo...(Galego)Editorialmente não há regra...valor referência...depende de...material que tem...todos editores e coordenadores têm interiorizado...não é preciso ter uma regra...régua...equilíbrio...-**prevalece critério jornalístico?**...sim...não pode haver outro – **4'24**

Natália Carvalho, Editora de Política da Antena 1 e Mário Galego, Diretor de Informação.

Medley com trilha – 1'30

O fluxo informativo da rádio distribui-se pelas 24 horas do dia. Os partidos promovem várias ações de campanha que vão sendo noticiadas ao longo dessas 24 horas, ou seja, a informação dispersa-se entre noticiários, entrevistas e debates durante toda a emissão. Já as duas edições diárias do Jornal de Campanha agregam e resumem tudo o que todos os candidatos foram fazendo nas horas anteriores.

Na maior parte dos casos, os ouvintes são fiéis a um horário e escutam apenas o que é transmitido nesse período, ficando assim com uma perceção parcial do que é efetivamente emitido.

O equilíbrio não pode ser avaliado num único espaço informativo, ou até mesmo num horário, seja manhã ou final da tarde. Deve ser avaliado no seu todo – tendo em conta toda a emissão. Feita uma análise global aos noticiários da Antena 1 entre as 7 da manhã e a meia-noite, concluí que - entre noticiários, programas e jornais de campanha -, a cobertura da rádio pública foi equilibrada e coerente.

Ouvimos neste programa que há fatores que influenciam as opções editoriais: os constrangimentos do dia a dia de quem está em reportagem e alguns imponderáveis, o tempo dos noticiários, a agenda dos partidos, e o resto da atualidade que muitas vezes se sobrepôs à Campanha. Foi o caso das emissões dedicadas à morte do Papa Francisco e à eleição de Leão 14.

Como já sublinhei noutros programas, as notícias das campanhas eleitorais não se medem com cronómetro, nem numa folha Excel. Mantêm-se o valor-notícia, a relevância e a atualidade imediata inerente à rádio. Prevalecem, e bem, os critérios jornalísticos e editoriais.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz
Gravação de Rui Morgado e Montagem de João Carrasco.

Programa 19_Modelo Debates **Modelo de debates**

Os debates partidários ajudam a esclarecer os eleitores? Questão lançada no Programa Antena Aberta:

01_Medley debates AA – (AJ neste programas estamos a olhar) ...se podem influenciar sim...não vejo debates...não me mudam de ideia...quando temos quem esteja à altura tomamos decisões de modo mais claro...o modelo...contribui para clarificar – **1'**

Clarificar, informar e discutir ideias.

Neste programa, abordamos o atual modelo dos debates.

A rádio pública já promoveu debates com todos os cabeças de lista, pequenos partidos incluídos. Mas nestas legislativas transmitiu apenas o das rádios: oito líderes dos partidos com representação parlamentar, num debate organizado por quatro estações: TSF, Renascença, Observador e Antena 1 – representada pela editora de política Natália Carvalho, a quem perguntei se um único debate é suficiente.

02_Natália_um debate_sim_convites - Eu acho que sim. Atenção, nós queríamos, e fizemos essa proposta que foi recusada pelos próprios, nós queríamos um frente-a-frente entre o líder do partido mais votado, neste caso da coligação mais votada, que era a AD, e é primeiro-ministro, e o líder da oposição, à época hoje já não é assim, mas o líder da oposição, o líder do Partido Socialista. Esse frente-a-frente, eles aceitaram, à semelhança do ano passado também já tinha acontecido isso, eles aceitaram nas televisões, ou nas televisões, não aceitaram nas rádios, o que é pena, porque valeria a pena, ou teria valido a pena, uma espécie de prova dos nove, ou seja, um segundo debate frente-a-frente entre os dois, mas a proposta foi feita pelas rádios. – **42''**

Negada esta proposta, a Antena 1 não organizou outros debates.

A RDP Internacional promoveu dois - com os cabeças de lista pelo círculo da Europa e fora da Europa.

À editora de política, Natália Carvalho. e ao Diretor de Informação, Mário Galego, coloquei a questão: estando em causa uma rádio pública, não deveriam ter sido promovidos mais espaços de discussão de ideias entre as diversas forças políticas?

03_Natália_Mario_outro tipo debates – **NATÁLIA Carvalho:** Debates cruzados. Já os da televisão, multiplicamos em segundo seriado debates idênticos na rádio, eu acho que há um excesso, ou seja, temos que pensar que fizeram-se 30 debates, eu não sei se há muitos países

a fazer 30 debates numa campanha eleitoral e com as audiências que estes tiveram, portanto, eu não sei se justifica mais debates cruzados, provavelmente poderia justificar-se debates temáticos, ou seja, procurarmos, e eu penso que em próximas eleições é, no fundo, o nosso caminho, será o nosso caminho- **Para desenvolver, no fundo, pontos do programa político de cada um.** Mário **GALEGO** - Sim, exatamente, a ideia é exatamente essa e não é ter nesse debate os cabeças de lista, é ter dentro das campanhas, dentro dos partidos, especialistas, pessoas que têm estudado essa matéria e que levam, às vezes, a formular algumas propostas de lei no Parlamento em determinadas áreas e trazê-los cá, à rádio, durante a campanha eleitoral e debater, por exemplo, a habitação, por exemplo, a saúde, a educação, temas que são sempre muito procurados pelo auditório e a rádio pública pode e deve, e está a pensar neste momento, tal como disse a Natália, em pensar neste tipo de debates e abordagem nova para uma campanha eleitoral.– **1’39**

Além do debate a oito, a rádio pública optou por entrevistar os líderes partidários. Um modelo de entrevistas curtas, com uma duração média entre os 15 e os 20 minutos, é tempo suficiente para aprofundar um programa eleitoral? Responde Mário Galego, Diretor de informação.

04_Galego_entrevistas - Eu acho que não, eu acho que fica sempre alguma coisa por dizer, mas no entanto, também depende do afunilamento de cada uma das perguntas que o repórter faz ao entrevistado e obter a melhor resposta para cada um dos assuntos e se calhar até uma entrevista de 12, 15 minutos pode dizer quase tudo, ao passo que uma entrevista maior, se tiver perguntas abertas, que deixam o candidato discorrer sobre o assunto, se calhar perde na comunicação, perde entre quem está a ouvir e quem está a ser entrevistado e essa comunicação às vezes não é bem feita. Tem de haver sempre equilíbrio entre boas perguntas, perguntas afuniladas e boas respostas. – **53”**

Mário Galego, Diretor de Informação.

O líder do PSD recusou a entrevista na Antena 1 e ao Programa Prova Oral, da Antena3, tal como o líder do Chega.

05_Natália_entretenimento e novo modelo - São opções. Hoje em dia, nas estratégias de comunicação dos partidos, privilegia-se sobretudo a imagem, a televisão e eles são muito solicitados a dar entrevistas. Dão aquelas a que são obrigados a dar e depois procuram resguardar-se em outros espaços, cada vez mais os chamados espaços de entretenimento. Portanto, não sei se até não deveríamos reprogramar o espaço da entrevista antecedendo a campanha eleitoral, portanto, para um período pré-eleitoral, do que propriamente em cima da campanha. – **32”**

Natália Carvalho, editora de política da Antena 1.

Os grandes debates deram lugar a outros modelos, proliferam as entrevistas curtas e os debates a dois ao estilo *speed dating* – os encontros cronometrados ao segundo. O formato até pode mudar, para acompanhar os tempos, mas o jornalismo não.

06_Flor_essência jornalismo - Não mudou a essência da rádio, nem mudou, do meu ponto de vista, nem pode mudar a essência do jornalismo, que é escrutinar o poder, os poderes vários. – **10”**

As palavras são de Maria Flor Pedroso. A jornalista da Antena 1 modera debates entre políticos há mais de 30 anos e não tem dúvidas.

07_Flor_democracia - E eu acho que as campanhas eleitorais, pelo menos sempre as vi assim, as campanhas eleitorais são momentos essenciais de quê? De encontro dos protagonistas políticos com o povo, com aqueles a quem se destina a mensagem, com aqueles, porque a democracia, como nós sabemos, não é um dado adquirido e provavelmente hoje pensamos que a democracia é um dado adquirido ou que é uma coisa que podemos viver sem ela. Não, não podemos. Ela custou muito a ganhar e pode-se perder. E nós já vimos, ao longo da história, que ela já se perdeu. E, portanto, o momento de campanha eleitoral é essencial no jornalismo político para dar conta da relação dos protagonistas políticos com aqueles que são representados. Portanto, dos representantes aos representados. E não há outra maneira de fazer. -**Um debate ainda é hoje entendido como um instrumento da democracia ou já não?** Eu acho que tem que ser, mas eu acho que os políticos aí também têm muita responsabilidade. Mas eu vi nesta campanha coisas que não esperava ver, de falta de respeito quase que nem sequer do ponto de vista político, mas do ponto de vista de relacionamento entre pessoas. E não foi só nem de um, nem de dois, nem de três, foram vários em simultâneo. Quando os políticos não se sentam à frente de jornalistas que estudam as matérias, que trabalham as matérias, jornalistas políticos, para fazer entrevistas políticas, por exemplo, não vamos aos debates, vamos às entrevistas, isto é uma total falta de respeito. Não é pelos jornalistas, é pelos ouvintes e pelos telespetadores e pelos leitores desses jornalistas. Porque o jornalista não se representa a si próprio, representa o seu auditório, o seu conjunto de leitores, o seu conjunto de telespetadores. E de facto isso aconteceu. – **2’02**

Maria Flor Pedroso, jornalista da Antena 1.

Há 50 anos a RTP transmitiu um debate que fez história, entre Álvaro Cunhal e Mário Soares. Em vésperas do 25 de novembro de 1975 o país ficou preso a um frente-a-frente que durou três horas e quarenta minutos.

8_Som – Olhe que não

O momento permanece na memória coletiva, como símbolo de um debate que marcou o seu tempo. Este foi o ponto de partida para uma conversa com Rita Figueiras, Investigadora na área da Comunicação Política e professora na Universidade Católica Portuguesa.

09_Figueiras_debate 75+evolução - Parece-me que foi um debate em circunstâncias muito diferentes em termos políticos, mas também em termos mediáticos. Até porque é um debate no único canal de televisão existente, enfim, no canal público de televisão. Um debate que teve uma duração enorme, digamos assim, e pensemos que estes novos debates que temos estão por volta de 30 minutos no máximo, no total, para os dois políticos debater. Nesse debate primeiro entre Álvaro Cunhal e Mário Soares, digamos que o jornalista tinha um papel

mínimo, quase para não cortar o raciocínio de ambos os candidatos, em que podiam falar durante 20, 25, 30 minutos de resposta contínua, porque a elaboração do raciocínio, do pensamento, da interligação, utilização de termos com uma carga ideológica muito forte, em que o tempo lento era o tempo em que se via o raciocínio a ser formado e a ser explicitado, muito diferente do que nós temos hoje. - **Podemos dizer que os modelos de debates e de entrevistas também espelham a sua época?** Ah, com certeza. O ritmo, a questão do ritmo é muito diferente, uma estrutura discursiva muito mais próxima da linguagem do cotidiano. Hoje em dia os debates têm um ritmo muito mais acelerado, é quase uma espécie de jogo de ténis ou de ténis de mesa, em que ali está em curso, em que as tais frases de efeito têm uma função muito importante para demonstrar predomínio naquele debate. – **2’06**

A multiplicidade de canais afetou a forma como os políticos comunicam e alterou os hábitos de consumo de informação dos cidadãos.

10_Figueiras_canais - Há muitos espaços distintos, o contexto comunicacional hoje em dia é mais complexo e a oferta é variada, nós temos várias rádios, temos muitos podcasts, temos vários canais de notícias, temos os noticiários nos canais generalistas, temos inclusive os programas do daytime, do horário durante o dia e temos também os espaços de humor que todos eles são formatos disponíveis para os políticos e portanto nesses vários espaços há diferentes oportunidades de se mostrarem dimensões distintas desses mesmos políticos. Podemos dizer que face a tamanha parafernália, digamos assim, entre tantos tantos lugares, que os espaços onde a discussão mais profunda, onde o nível de resposta não pode ficar nas frases de efeito, em que é preciso se desenvolver raciocínio, em que se pode, digamos, questionar algumas incongruências ou alguma dificuldade de perceber como é executável determinadas propostas, esses espaços continuam a existir, agora, eles são menos, digamos, exuberantes, digamos assim, numa lógica mediática, muitas vezes digamos que são mais discretos, são mais exigentes, E dão muitas vezes mais destaque a algumas dimensões também mais, vou dizer, folclóricas, até em termos de discursos ou de ideias, de determinado tipo de comportamentos e não significa que também não deem depois atenção às questões mais profundas, mas elas, digamos, que são mais discretas, são menos vistosas num contexto em que, de facto, a exuberância comunicativa é aquilo que consegue captar mais a atenção. – **1’45**

Para Rita Figueiras, as redes sociais não alteraram as questões de fundo: os jovens veem os debates, mas de outra forma.

11_Figueiras_último - se quisermos investigar, perceber o que é que significa ver o debate. Significa ter visto um conjunto de clipes daquele debate nas redes sociais, nas mais variadas redes sociais, mas para eles isso é ver o debate. **Informação fragmentada, isolada e descontextualizada?** A questão é que, e reformatada, reformatada, porque ela está descontextualizada do seu momento de origem, mas ela está recontextualizada no outro enquadramento. Portanto, é, pode ser um enquadramento muito diferente do seu original, não é? Portanto, mas o que significa ver e acompanhar estes debates, sejam em que suporte eles sejam produzidos no seu sentido original, é muito complexa essa questão do que é que é fazer uma espécie de mosaico, que é o que acontece ainda mais com os

jovens, que é um mosaico construído de vários fragmentos de todos os médiuns que estão disponíveis e com os quais se confrontam, não é? **Ainda há espaço para discutir ideias, programas eleitorais, soluções?** Eu penso que sim, há. Agora, é mais exigente fazê-lo de uma forma que seja interessante quando há tantas solicitações que podem dispersar a atenção. – **1’33**

Rita Figueiras, Investigadora na área da Comunicação Política e professora na Universidade Católica Portuguesa

Cada modelo de debates espelha o seu tempo. Mas, independentemente da forma, os debates entre políticos são ainda o único espaço de discussão de ideias, ideologias, programas eleitorais. O formato não está esgotado – tal como a velha rádio, adapta-se, renova-se, coexiste. Mantém-se um instrumento da democracia e contribui para a formação de uma opinião pública informada.

Vivemos uma época de escrutínio permanente, com reações quase imediatas: o confronto de ideias mede-se ao segundo. O cronómetro pode ajudar a gerir o equilíbrio entre as diferentes forças políticas, mas limita a exposição e debate de argumentos. Na voragem do tempo curto, também os meios de comunicação ficam acantonados na ideia-chave, no resumo e na frase simbólica ou *soundbite*.

Nestas legislativas, a rádio pública promoveu um único debate e entrevistou os líderes dos partidos com representação parlamentar. Foi uma opção editorial, mas foi também resultado da recusa de convites e do tempo disponível na emissão em FM.

No online, a página da RTP Notícias reúne tudo o que a rádio produziu sobre as eleições. Só que o online não pode ser apenas um agregador do que foi emitido, nem as redes sociais podem ser vistas só como um meio de divulgação - antes devem abrir a possibilidade de explorar novos e velhos modelos para chegar a novos e velhos públicos, sejam os ouvintes da rádio em FM ou ouvintes do digital.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Edgar Barbosa e Montagem de João Carrasco.

Programa 20_Rali e webrádios
Rádios à Medida

00_Jingle Rádio Rali – 08”

Todos os anos a Antena 1 vai para a estrada e segue os pilotos que dão a volta ao país. O rally de Portugal já se ouviu em FM, mas desde 2007 passou a ter um canal próprio na internet – uma *webradio* temporária - apenas para os dias em que a prova decorre.

Este ano a Rádio Rali teve imagem – o que agradou a quem seguiu a competição na RTP Play.

01_MSG_“*Todos os anos tenho acompanhado o Rali de Portugal através da vossa emissão online da Rádio Rali da Antena 1, sendo de longe a melhor opção para acompanhar os 3 dias da prova.*

Este ano, verifico que para além da equipa habitual, (que nos acompanha com a habitual excelência, acompanhando e alertando para pormenores que o ouvinte comum não domina), incluíram ainda a transmissão de vídeo em Directo de todas as etapas (Suponho que sejam imagens da WRCTV).

É uma melhoria significativa nesta transmissão que acompanho já há muitos anos, pelo que só me posso congratular com o serviço público que estão a oferecer.” – 33”

A rádio teve imagem, como escreve o ouvinte - foi a novidade deste ano, como destaca o coordenador do canal, Jorge Alexandre Lopes.

02_JAL_imagem evolução audiências – foi inclusão imagem...tempo real...permitiu criar outra dimensão...todos que quiseram seguir...em 2007...apenas em áudio...2 mil e 200 ouvintes...desta vez...ultrapassámos meia centena de milhar...4 dias...entre ano passado...sem imagens em tempo real... vídeo...operação em termos de audiência aumentou 6 vezes...- **1’05**

A imagem fez crescer as audiências também no áudio.

03_JAL_audiências áudio - mesmo só a versão áudio...sem a imagem...subiu 3 vezes...significa...crescimento orgânico...imagem serve de isco...incluindo a versão áudio...exemplo...áudio e imagem...trazer aos conteúdos nova dimensão e crescimento – **55”**

Jorge Alexandre Lopes coordena a Rádio Rali desde que foi criada em 2007. Em 18 anos a cobertura da prova mudou.

04_JAL_conteúdos –era emissão rádio...histórico o rali sempre foi acompanhado desde os anos 80...classificativa a classificativa...tempos mudaram...A1 única que se manteve...fazia sentido...canais que se abrem e fecham para eventos específicos...canal de referência...cobertura intensiva, total, permanente...dar conta...repórteres, entrevistas análise...na estrada...cronos pilotos...conteúdos que servem os que estão a acompanhara prova – **1’20**

A Rádio Rali dirige-se a uma audiência específica que quer acompanhar a competição ao minuto e aceder a conteúdos mais aprofundados que não têm espaço nos noticiários em FM.

A rádio dedicada ao Rali de Portugal é temática e temporária, aquilo a que se chama uma rádio de oportunidade: tem a mesma duração do evento que acompanha. Junta conteúdos emitidos em FM, diretos para a internet e alguma produção própria.

O Serviço Público já criou várias rádios temporárias - musicais, sobre compositores, associadas a celebrações ou datas históricas.

05_Medley rádios temporárias – Rádio república, Brasil 200 e acabar com rádio Liberdade – 31”

Em abril, a Rádio Liberdade cumpriu o ano de vida para que foi programada. Um canal dedicado aos 50 anos do 25 de abril, que reuniu produções de todas as antenas da rádio pública. Antes, tinha sido criada a Brasil 200 - com música, programas de cultura, desporto e política. Terminado o ciclo de vida, algumas ideias foram adaptadas para passar em FM, como refere Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1.

06_Galopim_Brasil - A radio Brasil 200...oportunidade com princípio meio e fim...objetivo era...independência...findo projeto...vontade...manter viva...podcast...presença regular brasileiros...entre nós – **43”**

Além das rádios temporárias, a RTP Play oferece algumas *webrádios* temáticas – é o caso dos canais de um único género musical. São desenhados a pensar em nichos de ouvintes, em contraponto às grandes audiências das rádios generalistas em FM. Em Portugal popularizaram-se a partir dos anos 90 do século passado - anteciparam as rádios pessoais e as *playlists* personalizadas nas plataformas de escuta música. Para o Diretor de Programas da Antena 1, ainda é possível marcar a diferença.

07_Galopim_lista vs webradio - Naturalmente, grande diferença...muitas nasceram como playlist...encarregar de canções...as webrádios repetem o que já está disponível...uma webradio num sp deve acrescentar qq coisa...trazer para A1 fado mais do que...repensarmos a curadoria...laboratório Radio Brasil 200...diferente...repensar reprogramar webrádios– **1’18**

Hoje, o serviço público tem cinco *webrádios*: a Zig Zag para crianças, a Jazz in, Fado, Ópera e ainda a Lusitânia - para a música portuguesa que marcou os últimos 50 anos.

08_Galopim_lusitânia – a rádio lusitânia...música portuguesa...70% A1...mostra...produção discográfica portuguesa 100%...a Antena 1...a cem por cento – **21”**

O Serviço Público já teve várias *webrádios* que deixaram, entretanto, de estar disponíveis, como a Antena 1 Vida. Nuno Galopim explica porquê.

09_Galopim_vida – Há outras...necessidades...cumprir objetivos...a Vida não estava...arquivos...sendo de arquivo...acesso ao que está disponível – **28”**

Nuno Galopim, Diretor de Programas da Antena 1.

Webrádios temáticas, rádios de oportunidade, experiências de áudio com imagem ou outros elementos associados – são caminhos possíveis. As opções motivam reflexão interna, como revela Jorge Alexandre Lopes, responsável da Área de Conteúdos Digitais da Antena 1.

10_JAL_2opções- é uma reflexão...faz sentido criar rádios em permanência...longo tempo...há essa opção...quem cria...percentagem pequenas...soma de todas...canais muito nichados...audiências residuais...bolo...ancorar...audiência razoável...é uma solução...contrária...não...faz sentido...estações...canais específicos...períodos – **rádios de nicho ou webrádios?** – reflexão permanente...atualmente...rádios oportunidade é a indicação mais recente...há quem julgue...múltiplos canais...não há grandes audiências individuais...é olhar para o todo...20 ou 30 canais – **1’03**

Jorge Alexandre Lopes, responsável da Área de Conteúdos Digitais da Antena 1 e coordenador da Rádio Rali.

11_ Jazzin ou Ópera?

A Antena 2 mantém duas *webrádios*: a Jazzin e a Ópera. Já recebi mensagens a sugerir a criação de mais canais. Na altura, o Diretor da estação, João Almeida, explicou que isso implicaria outros meios.

12_João Almeida_webrádios – nós já pensámos...ex...ter renovação...sempre a produzir...preciso pessoas...novos alinhamentos...tem de ter 4 ou 5 pessoas para renovarem...ter alguém dedicado...é uma questão de meios...a A2 tem 24 pessoas...antena e eventos...o50 concertos...festivais...concertos...produção programas de autor...rádios online...era preciso...pessoas e meios...rádios online não crescem de público...por causa da redundância...-esforço meios humanos e técnicos para nicho? – só como agora...custo reduzido...curador...sequência diferente...mesmas músicas...não é a mesma coisa...Antena 2...não há um dia igual a outro - **2’02**

A falta de recursos apontada pelo Diretor da Antena 2 foi também invocada noutros casos. Aconteceu com o Europeu de futebol do ano passado. Alguns ouvintes perguntaram por que motivo não houve a Rádio Euro 2024 – como aconteceu em competições anteriores. Na altura, a Direção de Informação justificou a decisão com questões logísticas -relacionadas com obras em estúdios de Lisboa e Porto –, e a falta de recursos humanos, lembrando que a redação tem de garantir a informação das várias antenas do grupo RTP.

Como um fato feito à medida, as *webrádios* e rádios temporárias focam-se em temáticas e géneros musicais específicos. É uma forma de aumentar a oferta e chegar a outras audiências. Potenciam a missão de serviço público, cumprem a diversidade prevista no contrato de concessão, falam para nichos e servem mais pessoas – mais ouvintes.

A reflexão sobre este assunto vai além do conceito e do afinar de uma estratégia. Depende também das condições que existem, das que não existem e das que podem ser criadas ou reforçadas. E estas são questões centrais.

São precisos recursos e, antes disso, é preciso uma estratégia que defina claramente as apostas: o que deve existir, em que áreas, quando e durante quanto tempo – para que haja uma linha coerente de ação que antecipe situações conjunturais. Só assim se evita que os ouvintes criem expectativas que são depois defraudadas, como aconteceu no ano passado com a Rádio Euro.

Para isso, é crucial saber o que os ouvintes querem ouvir. É preciso conhecer os públicos e mantê-los. Para uma rádio à medida de cada ouvido.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Fonseca e Montagem de João Carrasco.

Programa 21_Entre Políticos Entre Equilíbrios

Com frequência, os ouvintes questionam os critérios editoriais da seleção de temas e convidados. Nos programas de debate político, partem do princípio de que a escolha corresponde à representatividade parlamentar. Hoje voltamos ao assunto, para responder à mensagem de um ouvinte.

Todas as quartas-feiras a atualidade é debatida Entre Políticos.

01_início pgm – ?”

O programa Entre Políticos está no ar há dois anos. A ideia inicial, conta o moderador, João Alexandre, era trazer à Antena 1 outras vozes.

02_JAlexandre_início programa EDITADO A - O programa quando **começa** de início...tinha a ver com fazer um programa de debate na rádio (2:25) que tivesse representação dos partidos que têm representação parlamentar. (2:30) Não necessariamente deputados que tivessem assento na Assembleia da República, (2:35) mas figuras políticas que representassem os partidos (2:40) que no fundo estão representados dentro da Assembleia da República, (2:45) mas também aberto a algumas exceções. (2:48) Até ao momento creio que não ocorreu...obrigatoriedade. – **30”**

Em função dos temas, definem-se os convidados. Não há lugares marcados, embora alguns políticos sejam mais assíduos do que outros.

03_JAlexandre_convidados_rotativos EDITADO B- Alguns dos convidados foram repetidos várias vezes, (3:35) diria que no fundo também por opção dos partidos. (3:40) Muitas vezes os convidados são diretos aos deputados, (3:43) outras vezes os deputados são escolhidos pelos partidos, (3:47) tendo em conta que há aqui um pedido ao partido para que se faça representar (3:51) num determinado debate, mas no que diz respeito aos partidos (3:55) que estão presentes semanalmente, é feito de forma **rotativa** (4:00) e tendo em conta a configuração parlamentar e o resultado das eleições. – **30”**

Para a seleção dos convidados, o jornalista João Alexandre diz que também tem em conta as vozes já ouvidas noutros programas de informação.

04_JAlexandre_outros espaços EDITADO -Mas não há aqui critérios rígidos, não há aqui compartimentos estancos (4:10) e há até uma escolha que é também muitas vezes em diálogo (4:16) com aquilo que são outros horários da Antena 1 e da emissão da Antena 1. (4:20) Ou seja, por exemplo, se eu convido uma determinada pessoa para o Entre Políticos, (4:25) essa pessoa não irá ser convidada, por exemplo, para um noticiário da manhã (4:29) ou para um espaço da manhã daquilo que nós designamos a Manhã 1 da rádio, (4:35) o horário nobre da manhã na rádio. (4:37) Isso já aconteceu algumas vezes no Entre Políticos (4:39) e por isso mesmo também aquilo que nós podemos apontar como (4:47) um partido que está mais ou menos representado dentro do programa, (4:51) por vezes não podemos fazer essa análise de forma tão fechada (4:54) porque por vezes um partido não é representado no programa (4:58) mas pode estar representado durante a manhã. (5:01) E é assim que no fundo as coisas vão funcionando semana a semana. – **49”**

Ficam claros os critérios e a forma de chegar ao equilíbrio Entre Políticos. Mas, numa mensagem que recebi, um ouvinte manifesta dúvidas sobre a contabilidade na escolha dos convidados.

05_QUEIXA : MSG_*Sou ouvinte interessado e fiel das manhãs da Antena 1, pelo valor que atribuo às rubricas que me permitem seguir a atualidade política do país.*

Nesse sentido, estranho que os personagens que continuam a ser os 'fazedores de opinião', pessoas que à parte do seu valor intelectual, não representam o eleitorado, saído das últimas legislativas. Refiro-me principalmente ao horário 10-11. -

A partir da observação do ouvinte, perguntei especificamente ao responsável pelo Entre Políticos como se adequa o programa aos resultados eleitorais.

06_JAlexandre_convidados e tema + CONVIDADOS - Obviamente que quando há eleições e quando os partidos têm uma representação parlamentar diferente (5:10) isso também se vai refletir naquilo que é o Entre Políticos. (5:14) Ou seja, um partido que numa legislatura ou

numa sessão legislativa (5:18) seria convidado menos vezes a fazer-se representar, (5:22) com uma votação maior, há uma probabilidade maior, obviamente, (5:25) de se fazer representar mais vezes no programa. (5:29) Mas, portanto, para resumir, não há compartimentos estanques, (5:32) há, no fundo, o bom senso e o respeito por aquilo que são os resultados saídos das eleições (5:38) e é dessa forma que vamos trabalhando. (5:41) Não necessariamente fazendo com que um partido se faça representar em todos os programas (5:45) porque teve mais votos nas eleições legislativas, (5:49) mas obviamente que esse partido terá maior preponderância dentro do programa (5:52) no que diz respeito ao número de convites (5:54) e obviamente que um partido que tem muita representação parlamentar (5:59) e que não é convidado numa semana, (6:01) conv 6:04) e se o partido, por exemplo, é ou não um partido proponente de determinado tema, (6:09) por exemplo, no âmbito da Assembleia da República, (6:11) mas é semanalmente uma avaliação e uma análise que se vai fazendo, (6:16) havendo sempre um critério editorial por trás, obviamente, (6:19) mas com esse cuidado e com essa tentativa de bom senso e de respeito (6:24) por aquilo que são também resultados de eleições (6:25) e a força e a correlação de forças que existe dentro da Assembleia da República. (6:32) - **Os dois maiores partidos estão geralmente sempre representados, é isso?** (6:36) Não estão sempre representados, estão maioritariamente representados, (6:39) mas não há uma obrigatoriedade de os partidos, (6:43) os dois maiores partidos, neste caso na última legislatura falávamos do PS e do PSD, (6:48) nesta legislatura falávamos do PSD e do Chega, (6:51) não há uma obrigatoriedade de estarem permanentemente representados todas as semanas, (6:56) até porque semanalmente o número de convidados vai variando, (6:59) nós já tivemos programas em que tivemos apenas dois convidados, (7:02) já tivemos programas em que creio que chegámos aos cinco convidados, (7:06) cada um de um partido diferente- 1'49

Já me disse há pouco que os convidados são escolhidos em função do tema (10:17) e da relação que os partidos têm com o tema que é escolhido, (10:21) é normal haver convites que são recusados? (10:24) É normal haver convites que são recusados e já aconteceu convidar um determinado deputado, (10:31) determinada figura política diretamente, sem passar por assessorias, por exemplo, (10:36) e essa figura política rejeitar por questões de disponibilidade, por questões de agenda (10:42) ou porque simplesmente não quer falar sobre um determinado assunto, (10:46) sendo que esse assunto será um dos assuntos abordados dentro do programa. (10:50) Há também pedidos que são feitos aos partidos para que se façam representar (10:54) que por vezes não têm resposta ou que têm uma resposta negativa. **Quando os convites estão rejeitados ou os convidados não aparecem, isso é dito no programa?** (12:32) Não, não é dito no programa. Acontece apenas quando há um anúncio (12:36) de que há um determinado convidado para o programa e esse convidado, por exemplo, (12:41) tem uma indisponibilidade ou simplesmente não aparece no programa, (12:47) já aconteceu, aí pode ser dito. - **Quando é apresentado o tema do programa logo no início e são também apresentados os convidados, (13:27) há o cuidado de explicar porque é que são aqueles e não outros, (13:30) o envolvimento dos partidos ou das figuras convidadas?** (13:33) Há um apontamento sobre o cargo do convidado em questão, (13:38) que muitas vezes já pode elucidar o ouvinte sobre o porquê de termos convidado uma determinada figura, (13:45) ou seja, por exemplo, se eu ao anunciar um determinado convidado digo que é deputado (13:51) e que é o coordenador desse partido, por exemplo, numa comissão parlamentar (13:56) de uma determinada área, como a saúde ou

educação ou as obras públicas, (14:00) eu no fundo já estou a assumir que convidei essa figura, (14:04) porque essa figura tem uma determinada relevância, por exemplo, dentro de um grupo parlamentar (14:09) e uma determinada responsabilidade que lhe permite e que faz com que seja eventualmente (14:14) uma das figuras ideais a convidar, por exemplo, desse grupo parlamentar. (14:20) E é assim que é apresentado o convidado no Entre Políticos. (14:27) Obviamente que há outras formas de abordagem e, insisto, não há aqui compartimentos estanques (14:34) e a forma como as apresentações são feitas ou os convidados são anunciados semana a semana (14:40) também pode variar. – 2’35

Feitas as contas, o que pesa mais na escolha dos participantes? O número de deputados na assembleia da República, o equilíbrio entre forças políticas ou os critérios editoriais?

07_JAlexandre_critério editorial SEM PERGUNTA -Eu creio que acaba sempre por prevalecer o critério editorial, (15:21) aliado à tentativa de haver aqui um bom senso e um equilíbrio...e creio que essa tentativa de equilíbrio, não querendo ser juiz em causa própria, (16:09) creio que vai mais sendo feita semana a semana no programa, (16:13) não apenas por mim, mas diria também em diálogo com outros espaços da rádio. (16:21) Creio que esse equilíbrio tem de acontecer não necessariamente dentro do programa dessa semana, (16:26) que é um programa que tem 35 minutos e que tem um determinado tema.(16:29) Obviamente que tem de haver o cuidado para que haja um determinado equilíbrio dentro do programa, (16:33) mas creio que o equilíbrio geral que é necessário é que ao longo do ano (16:37) haja essa tentativa de que o programa seja um espelho da atual configuração parlamentar. – 52”

João Alexandre, jornalista responsável pelo programa da Antena1 Entre Políticos.

--

É certo que a emissão da rádio não se esgota num único programa e a avaliação do equilíbrio político-partidário faz-se de forma global, mas este argumento não pode justificar a ausência do contraditório ou de visões diversificadas. Para quem ouve um único período da emissão a perceção é sempre parcial. Assim, uma explicação, referência ou contextualização, podem ajudar a esclarecer os ouvintes - para que não se instale a dúvida.

Rotatividade, representação parlamentar, trazer à antena outras vozes, ter no horizonte o equilíbrio são critérios válidos, mas o jornalismo não se rege por cronómetros nem divisões à linha. O critério editorial deve prevalecer na escolha de quem melhor conhece o tema. Só assim se contribui para discutir e esclarecer uma opinião pública com ouvidos.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Fábio Abreu e Montagem de João Carrasco.

Programa 22_Rádio Faneca Rádio para Todos

Comunidade, partilha, memórias e histórias, música, a vida e as pessoas que cabem dentro de uma rádio. Em mais um programa da série Fora de Portas, escutamos a emissão da Antena 3 em Ílhavo - com a Rádio Faneca.

01_Jingle_Festival Rádio faneca – 13”

A Antena 3 esteve em direto e participou na emissão que apenas se ouve em Ílhavo durante os três dias do festival Rádio Faneca. Em 2025, tal como no século passado, a rádio pertenceu a quem a escuta: os ouvintes.

02_Dedicatória_paião – 38”

Subiam umas escadas, batiam à porta da Cabine Sonora, e ofereciam uma canção dedicada à amada que passeava no picadeiro. Entre 1946 e 1998 - durante 50 anos -, a Faneca animou as tardes de domingo em Ílhavo. A música e as dedicatórias saíam dos altifalantes pendurados nas árvores do jardim Henriqueta Maia. Além dos discos pedidos, alguns trazidos do estrangeiro pelos bacalhoeiros, transmitiam-se provas desportivas, saraus culturais e a música das bandas da região.

A cabine deu lugar a um festival que recupera os dias da rádio com uma emissão em FM para recordar e construir novas memórias ao som de uma rádio feita a pensar em quem a escutava – uma comunidade de ouvintes, que agora se junta para trocar recordações e as deixar - em legado -, às novas gerações.

A rádio é de todos e, por isso, a repórter Célia de Sousa foi ouvir a história da Faneca - pela voz dos ilhavenses.

03_REP_Célia – música de abertura da Faneca...eles iniciavam...ponte rio...era à tarde...catrapisar...vínhamos para o jardim...discos pedidos...nesse tempo...atrás das meninas...pedíamos um disco...meias de xadrez...era surpresa...era agência publicitária por cima edifício dos Correios...faz acordar as pessoas...3 dias...andam todas nas rua – As Memórias - Antena 3 participa....A3 em modo Rádio Faneca – **5’38**

Termina o especial da Antena 3, mas continua a emissão da Rádio Faneca até ao encerramento do festival. O microfone é partilhado entre a animadora da 3, Marta Rocha, e a ilhavense Maria Inês Santos, que dá voz a esta rádio Faneca. O festival ultrapassou as fronteiras da cidade, reconhece, mas soube preservar o sentido comunitário.

04_Maria Inês - Eu sinto que veio carimbar...concertos...becos...publico que temos agora...diferente...elas chegam de algum lado...-**forma projetar ílhavo?** – sim...3 horas...em que ílhavo está numa rádio nacional – **manter id festival?** – não nos interessa crescer...equilibrar...crescer o suficiente para não seros demasiado grandes...cabermos todos

aqui...não se quebrou id...mantem-se fiel...transformou...tinha potencial...comunidade se envolvia a ponto de merecer isso...melhorar e dar visibilidade a eles...nosso – **1'41**

A rádio pública sai dos grandes centros e mergulha num festival que nasceu de uma ideia de comunidade que perdura das memórias às novas gerações.

Para Catarina Palma e Marta Rocha, da Antena 3, essa é uma das missões do serviço público de rádio.

05_Catarina e Marta – é muito bonito ver a comunidade...bordadeiras...passar aos mais novos...´e assim que se passa...festivais comunidade – crianças – momento mais caótico...ligação é o melhor rádio faneca...ligação memória e futuro...temos muitas histórias...memórias da própria rádio...toda essa alma...presente...fala-se muito para a frente...melhor maneira...imortal...memória renovada...futuro e passado garantem imortalidade – A3 – fazemos muito bem...Ílhavo, Amarante, Tomar, Sines, Loulé...trazer vários sítios do país ao país inteiro...muitas vezes - **1'58**

Catarina Palma e Marta Rocha, a dupla da 3 no Festival Rádio Faneca.

O apoio e transmissão deste tipo de eventos cumpre os princípios inscritos no Contrato de Concessão de valorizar a língua e a cultura portuguesas, criar comunidades em torno de eventos, na aproximação à sociedade civil - nomeadamente aos meios locais -, reforçando assim a ligação aos cidadãos e ainda o princípio de promover a coesão social e familiar, através de dinâmicas entre gerações.

06_miudos 1

06_miudos 2

Um regresso ao passado, com as vozes do futuro.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Coelho e Montagem de João Carrasco.

Programa 23_Interatividade

Ouvir e ser Ouvido

01_Matos Maia – A ideia qual era? Dar aos ouvintes aquilo que raramente lhes é dado, ou seja o seu tempo de antena: era a pessoa ouvir a sua própria voz na telefonia foi daí, desse ovo de Colombo, que nasceu a ideia do quando o telefone toca.

É das mais antigas fórmulas da rádio: dar voz aos ouvintes.

Por telefone, nas redes sociais, em mensagens de áudio, por email, ou por carta, hoje há várias formas de participar numa emissão de rádio. Quem escuta deixa de ser apenas um ouvinte: passa também a ser ouvido.

É desta interação de que vamos falar neste programa.

02_ Jorge Alves a contar cartas

As novas tecnologias ampliaram as hipóteses de participação: os ouvintes deixaram de estar limitados às cartas e ao telefone – o velho companheiro da interatividade radiofónica.

Na informação e no entretenimento, em estúdio ou na rua, o objetivo é trazer o ouvinte para dentro da rádio.

Nas tardes da Antena 1, cabe a Filomena Crespo apelar à participação.

03_Filomena_só mensagens de voz + Filomena aqui está sol – 30”

São mensagens breves, às vezes triviais.

04_Filomena_msg - Basta simples piscar de olhos...onde está a ouvir...se...se...gostam de participar...sem ser tema ordem dia...forma de aproximar...chamar...só porque sim– **mais msg escritas ou áudio?** . escritas...voz tb...àquela hora...carro...casa...teletrabalho...que voz é que tem...msg escrita mais complicado...qd peço de voz aparecem. – **1’06**

São mensagens que mais parecem declarações de amor à rádio e a quem a faz

05_ oh susana ouvir rádio – 19”

Palavras que provam a ligação afetiva que se estabelece com os ouvintes.

06_Filomena lê_felicidade ouvir rádio -30”

A proximidade de que fala Filomena Crespo é também invocada por Valentina Jesus, que fez parte da dupla das manhãs da Antena 3 Madeira.

07_Valentina_pequemo almoço – era quase espécie café matinal...cumprimentar...dar conta do dia...fotografias...aproximam ouvinte aos locutores...deixamos ser...inalcançáveis...somos pessoas comuns...pontos altos da interatividade...WhatsApp – **42”**

Quando Valentina Jesus sai do estúdio e vai ao encontro dos ouvintes, a conversa em diferido das redes sociais dá lugar à conversa olhos nos olhos.

08_Valentina_universidade -percebemos reação à emissão...decorre...contacto não diria mais imediato...olhos nos olhos...imprevisível – espontâneos (...)–**40”**

Dentro ou fora do estúdio, o contacto com a audiência alimenta a ligação da rádio com os ouvintes.

09_Mix Candeias

José Candeias faz programas com a participação dos ouvintes há 38 anos. Na rádio pública tem uma audiência fiel. Mais do que ouvintes, são uma comunidade que se conhece pela voz. Telefonam, escrevem ou gravam mensagens. Sabem da vida de cada um, como estão, o que fazem, para onde vão. Ligam-se através da rádio, todos os dias, entre as 5 e as 7 da manhã.

10_Candeias_ent - Não é muito complicado...noção do que auditório quer ouvir...dar voz auditório...voz de (ex)...importante rádio publica ter feedback do estrangeiro...universaliza...língua e presença pelo mundo...lusofonia...neste programa das 5 às 7h reunidas todas as antenas...e rádio que se ligam...presença lusofonia...reforço...este é o sp...estamos ao serviço deles e eles...-há habituais? – sim – **conhecem-se entre eles?** – sim...companheiro...serviço militar...proporcione contacto...o sucesso imediato...ouvinte fidelizar-se porque ouviu e se ouviu– **1’53**

A proximidade e a companhia de que fala José Candeias são também sentidas por Filomena Crespo.

11_Filomena_companhia – há uma ligação proximidade...cabine...boa emissão...simpático...não pedir nada...boa emissão...simpático...proximidade...família...companhia... – **28”**

Proximidade e companhia. Valentina Jesus, da Antena 3, acrescenta mais uma palavra: partilha.

12_Valentina_comunidade e companhia - Sentimos mesmo...partilham...momentos...boas...menos boas...sentir ali algum tipo apoio...rádio...companhia através destas msg do WhatsApp – **28”**

Na rádio - participar é ser-se ouvido, como acontece nos programas de atualidade que abrem o microfone a quem os escuta.

Decidido o tema do dia no Antena Aberta, os ouvintes recebem uma notificação no telemóvel. António Jorge diz que é uma estratégia – para alertar quem não está a ouvir a emissão em FM.

13_AJ_push - Não estou a dizer...volumosa...traz tipo público...diferente...expectável ... tipo programa - **o que recebe é o que está interessado** – o que se inscreve...convicto...quem recebe notificação...internet...pode servir para aumentar número ouvintes...participantes...coisas diferentes – **43”**

Na Hora dos Ouvintes, da RDP África, a comunicação em rede permite alargar a participação, como explica David Joshua.

14_David_redes 1 - ...enriquecimento para a participação...várias...acaba apanhar diversas faixas...mais jovens...tendência...alargar...espectro das faixas etárias...melhor – **28”**

A Hora dos Ouvintes estende-se às redes sociais, ao contrário do que acontece no Antena Aberta. O programa já foi transmitido pelo Facebook, e já deu voz às mensagens recebidas pelas redes, mas regressou ao formato clássico do telefone. António Jorge explica que essa não foi uma opção editorial.

15_AJ_redes - Implica um investimento maior...recursos humanos...competências saber comunicar...bem pensada para...**-equipa maior?** – não é equipa de futebol...braços – **colocam perguntas não apenas de viva-voz?** – já foi essa a experiência no passado...não só redes...comunicação mais próxima...caminho...defendo que sim – **42”**

António Jorge, moderador do Antena Aberta. Estender o programa às redes sociais implica criar outras condições.

16_hora do ouvinte – david joshua

Na RDP África o apresentador conta com outro par de ouvidos, mas muitas vezes acumula tarefas. Enquanto modera o debate, David Joshua contacta ouvintes por telefone, lê mensagens, prepara a próxima intervenção, recebe informações de última hora.

17_David_redes 2 - É um exercício difícil...ter um ouvido na opinião e o outro...próximos minutos...concentração...conjunto...quatro ouvidos...todos os dias...melhores – **30”**

Não devia ser um exercício difícil – antes deviam ser criadas condições.

A interatividade já não se limita ao telefone. Há outras vias para participar, intervir, dizer bom dia ou dar uma opinião. Se os ouvintes têm outras ferramentas, cabe à rádio acompanhar os tempos e fornecer os meios adequados para atrair, receber, gerir e colocar no ar a voz de quem a ouve.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Fábio Abreu e Montagem de João Carrasco.

Programa 24_Jornalismo e Democracia_1 **Jornalismo e Democracia**

Qual é, afinal, o papel do jornalismo na construção das sociedades democráticas? E que responsabilidade tem no desenvolvimento de uma cidadania esclarecida?

A cada eleição, os ouvintes questionam critérios editoriais e jornalísticos. Esperam que noticiários e programas de informação espelhem – na exata medida -, os resultados nas urnas. Estas mensagens serviram de mote para falar sobre jornalismo e democracia. Convidados para refletir sobre o tema neste programa: Maria Flor Pedroso, jornalista com vasta experiência na cobertura política e parlamentar:

teaser Flor Pedroso – 12”

E João Figueira, jornalista e investigador da Universidade de Coimbra.

teaser Figueira – 10”

Com estudos publicados sobre este assunto, João Figueira lembra que o jornalismo não é uma atividade qualquer, nem um negócio. E que o direito a informar e a ser informado está consagrado na Constituição.

01 editado_E se esta atividade tem proteção constitucional, significa que o jornalismo justamente tem o dever ético de precisamente defender o Estado Democrático, que é aquele que lhe confere essa tal proteção constitucional para o desempenho da sua função, para o desempenho da sua atividade. Então justamente nessa linha de pensamento nós temos que assumir claramente que o jornalismo serve para fortalecer a democracia, serve para defender, não serve para aferir, não serve para estar do lado das ideias, das posições que no fundo estão a minar o edifício democrático – **33”**

Fortalecer, em vez de Minar a Democracia – é uma das funções do jornalismo. Maria Flor Pedroso concorda.

02 EDITADO_ (FLOR) - a prática jornalística antes de eleições, pós-eleições que fui tendo ao longo da minha vida profissional, eu creio que os ouvintes fazem aqui uma confusão entre as

suas opções políticas e aquilo que querem ouvir na rádio pública, que é de todos. E é por isso, se calhar, que eles pensam que as suas opiniões não são repercutidas pela rádio pública porque não correspondem àquilo que eles pensam. Ora bem, um trabalho de um jornalista, neste caso um jornalista político, vai muito para lá disso e é uma coisa que na rádio, e é disso que estamos a falar, e da cobertura jornalística de campanhas eleitorais, não é um tempo de antena. Nos tempos de antena, e nós aqui na rádio pública temos e vários períodos, os tempos de antena de cada partido e de cada direção têm que ter uma correspondência com o seu tamanho, digamos assim, com o tamanho do partido. No jornalismo não. No jornalismo há critérios editoriais que têm que ver com a relevância das propostas em questão. Claro que um partido que é maioritário não pode ser comparado com um partido que nem sequer chega ao parlamento. Evidentemente que sim. Portanto, depois disto, há um tratamento de bom senso e de equilíbrio. Agora, a visão do jornalista tem que ser uma visão distanciada, distanciada do maioritário e do minoritário e tem que ir à essência, àquele que é proposto pelo partido e tem que passar essa informação para quem ouve. É para isso que nós servimos, nós somos mediadores, nós temos uma massa de informação e temos que escolher dessa massa de informação aquilo que é relevante. E portanto, isto não é fácil de entender. Eu percebo que para quem tem posições políticas muito determinadas e quem seja muito faccioso e sectário na forma como olha para a vida política, em que só se revê em determinado lado do espectro político, isto não faz sentido. Por isso é que há jornalistas que tratam todos por igual. Por isso é que o nosso trabalho não pode ser feito por outros. - **João Figueira?** - Eu acho que esta questão, esta questão para além dos aspetos que referiu, eu penso que era importante também desafiar os próprios ouvintes a se refinar em torno de uma pergunta muito simples, que é, no fundo, qual é o papel do jornalismo? Quer dizer, o jornalismo deve ser apenas e só espécie quase de espelho refletor daquilo que é o peso político-partidário conjuntural do momento? Ou deve contribuir para nos ajudar a pensar melhor sobre o mundo em que estamos, sobre as múltiplas realidades que vivemos...Para mim interessa muito discutir esta questão. Quer dizer que é, no fundo, atribuir ao jornalismo uma dose de responsabilidade que muitas vezes parece que ele não quer ter. - **2'37**

A responsabilidade começa pela definição de critérios editoriais, como sublinha João Figueira.

03 editado NOVA EDIÇÃO_ enquanto houver ouvintes atentos, naturalmente que haverá sempre discordâncias sobre os critérios, isso enfim também faz parte da virtualidade de vivermos em democracia, que é exposto a terem opiniões muito diversas. Agora, se estivermos a raciocinar e a pensar em torno de uma prática profissional autónoma, livre, independente, ela tem que ser muitíssimo mais diligente, tem que ir muito para lá daquilo que é a representatividade conjuntural de um parlamento. - **24"**

A aritmética conjuntural de que fala o investigador é reivindicada com frequência pelos ouvintes e acompanha quem faz jornalismo político - como é o caso de Maria Flor Pedroso.

04 editado NOVA EDIÇÃO_(FLOR) - uma das coisas que eu sempre tentei reagir foi a ideia dos debates cronometrados. Esta ideia que importamos da América, e não foi da América de agora, da América que vem de trás, que se temos um debate entre duas pessoas, as duas pessoas têm rigorosamente que falar exatamente o mesmo tempo, isto não faz sentido do

ponto de vista jornalístico, pode fazer sentido do ponto de vista do espetáculo, que é perceber quem é que ganhou mais ou quem é que ganhou menos, mas isto não tem que ver com equilíbrio, o equilíbrio faz-se porque há pessoas que têm mais capacidade de síntese do que outras e conseguem dizer em menos tempo mais coisas, e portanto isso é, vamos lá ver, o jornalista tem um treino, o jornalista domina uma série de técnicas e tem um treino para perceber quando é que a intervenção daquela pessoa já terminou, já por ali, já não se vai mais longe, já se está a desviar do tema, etc. Os jornalistas não se podem eximir de ter critérios editoriais, e critérios editoriais não é ter os debates milimetricamente com os mesmos tempos, e dirigir debates por cronómetro, e os jornalistas deixaram-se ir nessa cantiga, deixaram-se ir. Várias direções acham que é assim que se dirige um debate, não, não é. E isso é preciso também ter coragem, ao mesmo tempo, para poder mudar isso, porque o critério jornalístico é um critério que tem que ser sustentado, tem que ser pensado, porque é que só entrevistamos aqueles, quais são os critérios, há políticos que estão sempre nas televisões, estão sempre nas rádios, estão sempre nos sítios, quer dizer, estão porque lhes dão palco, porque há alguém que decide que assim seja, porque se alguém decidir coisa diferente, isso já não acontece assim. **FIGUEIRA** - Os critérios jornalísticos são absolutamente decisivos relativamente à forma como se faz a informação. Mas os critérios não é apenas, ou não são apenas, não devem ser apenas vistos do ponto de vista das escolhas, das escolhas que se fazem, mas também depois dos enquadramentos, dos contextos, das leituras que se vão fazer a partir daí. E é evidente que há aqui uma ideia de, uma espécie quase de cronometralidade, que é de que o jornalista precisamente para se defender dá ao mesmo tempo aos vários atores nos debates, porque pelo menos aí está como que defendido, enfim, num critério que é mensurável e portanto ele está a ser altamente objetivo, etc, etc. Quer dizer, quando no fundo nós temos, os critérios podem ser objetivos, mas nós estamos numa atividade, estamos a falar de uma atividade profissional que tem uma carga subjetiva bastante grande e ainda bem, não é? e portanto isto aqui, para dizer o quê, para dizer também o seguinte, que era fundamental, pelo menos como cidadão, que as próprias redações tivessem disponibilidade, tivessem tempo também para no fundo discutirem isso, que tipo de jornalismo é que estamos a fazer, que tipo de informação é que estamos a fazer, e eu aqui não estou apenas e só a pensar no jornalismo eminentemente político, quer dizer, mas sim no jornalismo no fundo em banda larga, em sentido muito mais amplo, porque é evidente que sem esfias bem preparadas, com força, mas também naturalmente sabendo que por trás delas estão administrações que suportam as suas decisões, de facto eu percebo que eles estão sempre aqui no fio da navalha e portanto as questões são cada vez mais difíceis e sobretudo mais sensíveis – **3'18**

João Figueira acrescenta outro fator importante:

05 editado NOVA EDIÇÃO _ tem muitas vezes a ver com a velocidade, com a rapidez, e isso conduz a uma coisa que se chamasse a simplicidade, não é? Simplicidade opõe-se ao simplismo, e isso de facto é o que é perigoso, porque no fundo as leituras muito mais superficiais, muito mais populistas, e aí leva para a tal polarização de facto isso é uma espécie quase de terreno minado, de armadilha, em que muitas vezes os jornalistas também caem, e justamente por causa da velocidade, da pressa, da pressão, das faltas de condições, acaba por estar sujeito de facto aos soundbites que periodicamente ao longo do dia vão sendo editados, e depois há a reação que se vai ter de fazer a esses soundbites e acaba por não se

fazer propriamente aquilo que é um trabalho jornalístico. Fica muito dependente no fundo daquilo que são as posições de quem no fundo instrumentaliza e utiliza como sua estratégia precisamente o espaço mediático, e é nesse sentido, ou seja, nessa limitação da ação, que justamente muitas vezes os médias podem ser os instrumentos da tal polarização, que é o que é, e que está cada vez, cada vez é mais evidente, e sobretudo quando muito, muito, ou algum trabalho jornalístico depois também é feito com base naquilo que é dito nas redes sociais, naquilo que é dito por uma determinada pessoa, a A, B, C, acaba por no fundo a informação estar muito condicionada, muito limitada a este tipo de códigos, e nesse aspeto parece-me que ela sai bastante empobrecida, e é o saído empobrecido, e quando ela se limita, ou quando ela vive predominantemente neste, digamos, nestes territórios, de facto ela não está a contribuir muito para o enriquecimento da democracia – **1'31**

O enriquecimento da democracia é subjacente ao jornalismo:

06 editado NOVA EDIÇÃO _ (FIGUEIRA) porque quando nós falamos em democracia, o que é que temos subjacente a essa ideia? Temos subjacente a essa ideia, a ideia da diferença, a possibilidade dos opostos, a possibilidade do debate, a possibilidade de nós podermos discutir civilizadamente argumentos contrários, etc, e não propriamente aquilo em que no fundo estamos muito aqui, e que alguns espaços mediáticos vão atrás, e aí já não são movidos por critérios jornalísticos e acho que a questão das práticas jornalísticas justamente devem ser discutidas, devem ser analisadas e pensadas com base unicamente nos critérios jornalísticos, e não com os critérios, sobretudo introduzidos pelos códigos audiovisuais, que têm a ver com audiências e com esse tipo de critérios, que não são jornalísticos, que são critérios igualmente respeitáveis, é evidente, mas que escapam, digamos assim, aos valores fundamentais, ou pelo menos no entendimento, aos valores matriciais da profissão. - ***Maria Flor Pedroso estava a fazer sinais de concordância, quer também?*** (FLOR) É, exatamente, porque, felizmente, nós trabalhamos na rádio, e na rádio as audiências chegam três meses depois, portanto, e sobretudo trabalhamos numa rádio de serviço público que não tem publicidade e que portanto não se rege por esses critérios. O critério da audiência não é critério para coisa nenhuma, como o critério da venda também não é critério para coisa nenhuma, do meu ponto de vista, e sobretudo quando falamos de jornalismo, pode ser critério para outras coisas, para produtos, etc, mas o jornalismo não é um produto. Eu queria só dar conta de duas coisas. Primeiro, reforçar a ideia de que fazer jornalismo não é cumprir tempos de antena. Segundo, eu acho que é muito importante esta ideia de que as redações têm que discutir o jornalismo que fazem. E terceiro, creio que o jornalista tem de assumir também a sua responsabilidade. Ele tem um código deontológico. e portanto o jornalista não é obrigado claro que tem que cumprir ordens, mas não é obrigado a seguir ordens. Portanto, muitas vezes quando nós nos justificamos com alguém deus a ordem e, portanto, eu tenho que fazer, não, o jornalista não tem que fazer, tem é que saber quais são as regras da sua profissão que também é protegida por leis, por estatutos e sobretudo pelo código deontológico. O código deontológico está lá tudo aquilo que o jornalista precisa de fazer. E portanto a questão da responsabilidade vai muito para lá das direções, do chefe direto, do chefe intermédio, portanto isto é muito mais complexo do que isso e às vezes também se infantiliza um pouco esta coisa de que eles não têm culpa porque eles estão a receber ordens, não, eles estão a receber ordens mas eles têm um código deontológico, eles têm instrumentos na sua mão, claro que a precariedade da

profissão também não ajuda, mas esta é uma profissão que tem esses riscos...as redações tem de ter capacidade para discutir as questões do jornalismo...não é sói quem tem responsabilidade...é mais fácil desculparmo-nos...erros...não funcionaram...revelaram errados...erro faz parte disto – **passar palavra a João Figueira** - (FIGUEIRA) E, portanto, esse tipo de exigência é absolutamente, é absolutamente crucial. Há pouco estava a ouvir algumas das opiniões da Maria Flor Pedroso e justamente estava a pensar para mim próprio o que é que é, o que é que impede as redações de terem vontade, de terem desejo de, no fundo, discutirem criticamente o seu próprio trabalho. Quero dizer, eu acho que o trabalho jornalístico também só pode melhorar, ou pelo menos numa certa dimensão ele pode ser melhorado se de facto houver também uma discussão crítica acerca do trabalho que é feito. – **3'46**

Jornalismo e Democracia – para uma cidadania com ouvidos, no próximo programa continuamos a refletir sobre este assunto. Com a ajuda da Jornalista Maria Flor Pedroso e do investigador da Universidade de Coimbra João Figueira.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte
Um programa de Ana Isabel Reis
Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz
Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 25_Jornalismo e Democracia_2 **Jornalismo e Democracia – Segunda Parte**

De que forma o jornalismo pode contribuir para a qualidade da democracia e para a cidadania? O tema surge a partir das mensagens de ouvintes, que questionam com frequência os critérios editoriais de programas de informação e noticiários.

Neste programa, continuamos a refletir sobre Jornalismo e Democracia.

Convidados: Maria Flor Pedroso, jornalista com experiência na área política e parlamentar, e João Figueira, jornalista e investigador da Universidade de Coimbra.

Com estudos publicados sobre jornalismo e democracia, João Figueira afirma que são dois valores intrínsecos. Defende, por isso, o conceito do jornalista democrata radical.

01_João Figueira_democrata radical_1 -o ser democrata radical é ...defensor...valores...matriciais da democracia...implícita ideia liberdade...diversidade...se exerce profissão...social...em liberdade...porque há quadro jurídico...permite...exercício

livre...ordenamento jurídico...constitucional...liberdade...direito ser informado...protege esfera cidadão...perante este quadro...significa atividade não é igual às outras...defesa constitucional...democrata radical...do lado da defesa... - 1'35

O conceito de Jornalista Democrata Radical é desenvolvido à luz do atual contexto.

02_João Figueira_democrata radical_2 - vivemos contexto político...complexo...ataques...vemos...crueldade discursiva...por parte de...e o jornalismo tem de saber de que lado está...não tem de mitigar...não pode tratar forma igual o que é desigual...vítima...agressor...não ter mesmo respeito com aspas...é neste sentido...democrata radical sob pena...risco...ferido...nas suas capacidades – 1'31

Jornalismo, ética, responsabilidade, diversidade, pluralismo, transparência – palavras e conceitos que vamos escutar nesta reflexão a dois, com Maria Flor Pedroso e João Figueira. Quando falamos de jornalismo e democracia, falamos também de cidadania?

03_Bruto – (Figueira) estamos a falar...claro que sim...hoje...mais complexa...cidadãos têm acesso...manifestar sua opinião...há 20 anos não...cacofonia...em certa medida problema acrescido para jornalismo...questão cidadania ligo-a...jornalismo...defesa inegociável valores democráticos...contribuir...melhor democracia...jornalismo...torna...cidadão melhor...bem informado...melhor informação...temas...completo

– Jornalismo de contexto?

(Figueira) não pode fugir a isso...rádio...4 ou 5 minutos...imediate...relevante...fora isso...tem que ser...enquadramento e contextos...fragmentada.

FLOR - Explicar porque é que as coisas são assim, não é? Porque é que as coisas acontecem dessa forma.

Não é tanto só o relator de factos, mas é o produto de fornecer informação, conhecimento.

FLOR - Exato. Perceber porque é que esta lei tem este caminho, e voltando aqui ao jornalismo político, explicar porque é que as coisas são desta forma. Aí o jornalismo tem que ser sucinto, sem ser simples. Ainda há pouco o professor João Figueira falava da simplicidade, que é uma das armas terríveis de quem pretende manipular a informação, no fundo, porque através de tornar simples aquilo que é de facto complexo, o que acaba por resultar é uma manipulação da informação. E lá está o contexto. E eu penso que essa é uma das... Nós temos pouco tempo, nós temos que ser concisos, nós temos que ser curtos, nós temos que ser claros, mas temos que explicar porque é que as coisas acontecem assim. E, de certa forma, a evolução do jornalismo, nós hoje temos mais explicadores de várias formas. Encontramos modelos, formatos, radiofónicos até, que podem explicar de forma diferente aquilo que é complexo. Nem tudo tem que ter um minuto e meio, nem tudo tem que ter um minuto, enfim, há formas de arranjar formatos que colocam ao nosso ouvinte a informação de uma forma mais explicada digamos assim. E isso é um trabalho também muito importante, acho eu, neste contexto difícil que todos nós vivemos hoje.

Contextualizar, explicar e também perguntar.

Bem, isso aí é o essencial, que é o porquê que é assim. Porquê é que se disse que se resolvia, vamos, desde uma guerra que se resolve em 24 horas até um serviço nacional de saúde que se resolvia em 60 dias, até... Tudo isso são formas de explicar a realidade que depois não têm

correspondência, porque depois nós percebemos que nada é assim. Nós, de facto, hoje temos um mundo muito, quase diria, distópico, não é? Porque estão a passar-se coisas que há uns anos não conseguiríamos, talvez, imaginar. Mas nós temos que ir às raízes das coisas, temos que... E a pergunta obriga a isso, a pergunta obriga a estudar, obriga a estudar o problema, que é uma coisa que às vezes nós sentimos quando ouvimos algumas coisas que aquela pessoa não trabalhou o suficiente, que aquela pergunta não tem a informação necessária, que se fazem às vezes muitas entrevistas que o entrevistado é ele que domina a entrevista. E uma coisa é uma entrevista, outra coisa é uma conversa. Por exemplo, isto aqui não é uma entrevista, o que nós estamos aqui a fazer não é uma entrevista. Apesar da provedora nos estar a fazer perguntas, mas não é uma entrevista. E, portanto, voltemos um pouco à literacia mediática que, de facto, nós temos vários géneros jornalísticos que nos permitem explicar, contar, narrar a realidade, que também tem que ser contada e narrada, mas tem que ser enquadrada, tem que se perceber como é que se chegou aqui, tem que se perceber como é que o diálogo, mesmo político, o diálogo se perdeu, onde é que se perdeu, como é que se perdeu. Isto às vezes não é fácil de explicar e politicamente tem sempre muitas narrativas, mas há coisas que acontecem. Não é que os factos sejam inquestionáveis, mas uma coisa são factos, outra coisa são opiniões. Porque de facto há uma contaminação e por vezes, quando a notícia é contaminada pela opinião, não cumpre o seu objetivo. Não está a cumprir o seu objetivo. É mais uma coisa que os jornalistas deviam refletir.

João Figueira

Figueira – criou-se aqui...audiovisuais só sinalizar...comentadores...contribuir desvalorização papel jornalistas...perguntas...curtas melhor...ouvimos perguntas que (exemplos) ...têm ser incisivas...jornalista bem preparado para aquela situação – **5’31**

Tempo para pensar, preparar, fundamentar critérios. E tempo para depois analisar e discutir – com o fim último de prestar ao ouvinte a informação completa, plural, diversa, contextualizada. Uma informação que vá além da notícia fugaz e fragmentada do dia a dia medida ao cronómetro.

João Figueira ressalva sempre a dimensão ética do jornalismo. Sobre os critérios editoriais, sublinha como fatores-chave a pluralidade e a diversidade.

04_Figueira_ pluralidade - Esta tal ideia da diversidade, olhares...jornalismo que nos dá muitas vozes...pensar mesma maneira...não está a ser plural...diverso...coro...+arfa enriquecimento democracia precisamos...solistas...canção...tonalidades...perspetivas – **43”**

E também a transparência.

05_Figueira_transparência – jornalismo exige...transparência em...(exemplos) é bom que exija a si pp tb transparência...no sentido de os órgãos...acionistas...jornalismo de investigação...como se investiga...porque...critérios...tb exige isso...esforço enquadramento...confiança? Para obter a confiança – **1’12**

João Figueira, jornalista, investigador da Universidade de Coimbra com estudos sobre jornalismo e democracia. Maria Flor Pedroso, jornalista com uma longa experiência no jornalismo político e parlamentar.

Reflexões e contributos para pensarmos de que forma o jornalismo contribui para a qualidade da democracia e para a cidadania.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Edgar Barbosa e Montagem de João Carrasco.

**Programa 26_90 anos
90 anos de rádio pública**

Servir os ouvintes

01_Frase_silvio_sp - As estações de sp servem...ajudar pessoas...credível...decisões conscientes – **13”**

Uma rádio com todos

02_Frase_silvio_sp estar onde outros não estão – o sp deve estar onde outros não estão...só...mas deve estar – **12”**

Confiança

03_Frase_silvio_podcast farol – seria extraordinário...podcast sp são porto abrigo...farol no caos...seguro...confiável...independente – **15”**

Reconhecimento

04_Frase_silvio_ consciência sp - só possível sociedade apoie sp consciência produtor independente e isento – **10”**

Quatro ideias de uma entrevista a Sílvio Correia Santos, investigador da Universidade de Coimbra, com estudos publicados sobre o Serviço Público de rádio.

Em agosto a rádio pública assinala 90 anos - a data corresponde à inauguração oficial. Mas, em 1934, no ano anterior, já se escutava a Emissora Nacional.

A história da rádio pública também se faz de memórias – das memórias dos ouvintes.
As de Rosário e Rosarinho:

05_Rosário e Rosarinho – 43”

As recordações de Joaquim, quando tinha 8 anos:

06_Joaquim 8 anos – 30”

As memórias de Gabriela e da mãe, Maria Beatriz:

07_Gabriela e Maria Beatriz – 26”

Recordações dos primeiros anos da rádio pública e dos ouvintes – quando ainda não se falava de rádio de Serviço Público. A distinção é feita pelo investigador Sílvio Correia Santos:

08_Silvio_diferenças - Essa distinção...o fim último a eu se destina...rádio...uma estação sp age em favor dos cidadãos...uma estação oficial...é meramente controlada por órgãos governamentais...sem obrigação...independente – **40”**

A distinção assenta nos princípios fundamentais de Serviço Público.

09_Silvio_conclusão diferenças - Mas eu diria que aplicação desses princípios...independência cargos de gestão ou previsibilidade financeira são fundamentais...a estação de sp tem de ser efetivamente independente...e servir o público...em muitos estados...em favor do público...primeiramente outros interesses...estação sp...servem para ajudar as pessoas a ter informação credível...que as ajude a tomar decisões...gerir sua vida...cada vez mais importante...no contexto hoje... sp cada vez mais importante – **56”**

Sílvio Correia Santos distingue três grandes períodos na história da rádio pública, em que os princípios de Serviço Público só são incorporados com o amadurecimento da democracia.

10_Silvio_fases rádio pública – há ali vários momentos...técnica...propaganda para fora do país...outros momentos de alargamento da rede...alargamento e cobertura regional...distinguir um período em que a rádio...serviço de um ideário político até 1974...prec...rádio manipulada com pendor ideológico contrário...anos seguintes...continua dependência político...pós 25 abril...e depois...anos 90..assume ideia sp...como vejo desenvolvimento RDP tem esse marco anos 90...mecanismo garantido...distância ao poder político...existe em todos os sp...é decisiva, claro que foi mudando...é princípio de sp decisivo – **1’41**

O Serviço Público tem por missão servir as pessoas. Assenta nos princípios da universalidade, pluralismo, rigor, isenção, independência. Deve promover a cidadania, o conhecimento, valorizar a língua e a cultura portuguesas. Deve promover a coesão nacional e, simultaneamente, refletir a diversidade da sociedade portuguesa e estar atento às realidades regionais.

Ao longo dos 90 anos de rádio pública, a proximidade às populações nem sempre foi uma prioridade, afirma Sílvio Correia Santos, mas, no contexto atual, é das mais relevantes.

11_Silvio_importância proximidade - essa é uma primeira dinâmica...mais importante de todas...se olharmos panorama radiofónico...deserto notícias...estações locais...venderam...muitas zonas pouca informação ou nenhuma...coisa que define sp...estar onde outros não estão...diferente...esse papel...deficiência noticiosa...cabia estação publica-
1'18

Sílvio Correia Santos, investigador da Universidade de Coimbra, com estudos publicados sobre o Serviço Público de rádio.

12_Medley_vox pop -

Em casa, no carro, no aparelho de rádio, nas aplicações do telemóvel, no computador – a escuta da rádio diversificou-se e deu lugar a outros formatos e conteúdos. A afirmação do Serviço Público, sublinha Sílvio Correia Santos, passa também pelo *podcast*.

13_Silvio_Podcast e jornalismo e sp – o sp e o podcast no contexto publico é espaço extraordinário...jornalismo aprofundado...investimento sp em podcast tem potencial enorme...jornalismo hoje...não sei estava ouvir alguém falar...fiquei a pensar...princípios deontológicos...qd olho para importância sp...isso ainda é mais nuclear...porto de abrigo...absorvemos centenas informações...não está preparado...distinguir...certo errado...podcast sp porto abrigo...farol...confiável...independente...desejável conseguir fazer...consegue...não sei se consegue fazer passar a ideia...sociedade apoie sp se tiver consciência...produtor independente, isento - **como um bem de 1ª necessidade** – é para aí caminhamos – se não for viável para muitas empresas...sp...bastião ultimo independência...equilíbrio...fundamental – **2'11**

Nos 90 anos da rádio pública, o investigador Sílvio Correia Santos deixa uma nota para reflexão: recentrar a discussão sobre o Serviço Público de média.

14_Silvio_do que se fala qd se fala de sp - Normalmente fala-se de sp...não é sobre estras questões...inf de proximidade...não é por isso...é porque gasta...reestruturado...não agradou...infelizmente...eu gostava mais de ouvir falar...proximidade...fundamental – **46"**

Uma rádio com ouvidos abertos aos que a escutam – os ouvintes.

15_Medley final_(frases ouvintes sobre telefonia) – 34"

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte
Um programa de Ana Isabel Reis
Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz
Gravação de Cláudio Calado e Montagem de João Carrasco.

Programa _Jovens Músicos
Prémio Jovens Músicos

01_SOM DE ENSAIO – início programa – 45”
(e manter por baixo do off)

Estamos a ouvir um exemplo de Serviço Público. Em mais um programa da série Rádio Fora de Portas, hoje vamos a Leiria. Foi nesta cidade do centro do país que decorreu a última eliminatória do Prémio Jovens Músicos – promovido pela Antena2.

02_Avô João – 17”

O Gabinete da Provedora acompanhou um dia de provas.

Em 38 edições, o Prémio Jovens Músicos já percorreu parte do país para ouvir novos talentos.

03_Luis Tinoco locais – de frente para trás...Leiria...Guimarães...Loulé...Sardoal...Castelo Branco...Coimbra...uma dezena...Porto, sempre. – 16”

Descentralizar é uma das apostas de Luís Tinoco, Diretor Artístico do Prémio e do Festival Jovens Músicos. Até porque os concorrentes vêm de vários pontos do País.

04_medley locais? (Esposende, Alcobaça, Barcelos, Viseu, Pedrógão Grande, Silves, Viana do Castelo)

Os jovens músicos chegam cedo. Pisam o palco, ensaiam, testam microfones, afinam instrumentos.

Antes da prova, vestem-se a rigor: substituem as t-shirts e os calções pelas clássicas peças de roupa pretas e brancas, com sapatos de cerimónia a condizer.

Respiram fundo e concentram-se. O nervosismo fica para as famílias que acompanham os concorrentes – como nos dá conta a reportagem de Inês Forjaz.

Reportagem

Lista de vencedores fechada em julho, setembro traz o Festival Jovens músicos – são dois dias de concertos com entrada livre, para ver e ouvir todos os laureados em cada uma das categorias. E é aqui que se decide o Prémio Jovem músico do ano.

A festa final mantém-se em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian. Mas as provas eliminatórias passaram a circular pelo País.

Compositor, professor e divulgador musical, Prémio Pessoa no ano passado, Luís Tinoco é o Diretor Artístico do Prémio e do Festival - promovidos pela Antena2 para apoiar novos talentos. Elogia o ensino da música no país e destaca o papel das Bandas Filarmónicas:

05_Luis Tinoco_de onde filarmónicas – As filarmónicas são...1ª experiência musical com bandas e filarmónicas...todo o país...1, 2...muitos jovens músicos...dos sopros o começo foi na banda...conservatórios ou escolas...tocar novel extraordinário...há muitas coisas boas a acontecerem...me dá satisfação...ponto de encontro dos aspetos mais felizes do ensino da música em Portugal – **51”**

A vitória no Prémio Jovens Músicos garante aos novos talentos a presença em concertos e festivais – é uma rampa de lançamento para a entrada no meio profissional.

Luís Tinoco faz contas: em média passam pelo concurso cerca de 350 participantes por ano.

06_Luis Tinoco_para onde vão os laureados – se começo a contar...passaram pelo prémio...é enorme...orquestra (ex....)...estão cheias...música camara...38 anos...fora do país...europeus mas não só...Itália (...)...portanto...exportar estes talentos...audições...taxa sucesso é cada vez maior...os nomes estão lá – **1’05**

O Prémio Jovens Músicos não é apenas um concurso, não se limita a descobrir e dar palco aos novos talentos. Tem uma componente pedagógica. Abre horizontes.

Anunciados os resultados, diretor artístico, jurados e jovens músicos conversam sobre as provas - o que podem melhorar e como –, uma forma de orientar vocações para a direção certa, como sublinha a presidente do júri, a pianista Ana Telles.

07_Ana Teles_vertente pedagógica - No caso concreto...não foi...porquê... dimensão pedagógica... transformamos, oportunidade de formação...o que se vão tornar amanhã...potencial ao máximo – **33”**

Esta dimensão pedagógica é também destacada por Luís Tinoco.

08_Luis Tinoco_noticia triste não é só got talent – tem um lado triste...não conseguem chegar...noticia triste não passou...não é bom...processo todo ajuda ao nível do incentivo e formação...professores...ano seguinte...ano seguinte...este prémio não é só um got talent...televisiva...deixa transparecer muitas horas muitos anos de estudo...mais alto nível...para se chegar a este nível...não acontece porque sim...muito esforço...sacrifício...abdicar...nível excelência – **48”**

Luís Tinoco, Diretor Artístico do Prémio Jovens Músicos, da Antena2.

Prémio e Festival são um marco na formação e no percurso de novos músicos, fazem parte do calendário cultural do país há quase 40 anos e são também um exemplo de descentralização – são Serviço Público.

09_som serviço público para final – 11”

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Cláudio Calado e Montagem de João Carrasco.

Programa 28_V2_Queixas Agosto Queixas em agosto

Em agosto o programa da Provedora foi de férias. A rádio não parou e os ouvintes continuaram, e bem, a enviar mensagens. Hoje destacamos dois dos assuntos que chegaram à caixa de correio: os noticiários da Antena 2 e a Tarde Desportiva da Antena1.

Depois de uma curta ausência, no mês de agosto o futebol regressou à rádio pública. A Antena 1 transmitiu alguns jogos, mas sem a tradicional Tarde Desportiva.

Razão suficiente para que vários ouvintes escrevessem à Provedora a perguntar se, afinal, o programa tinha acabado. A história recente ainda está na memória de muitos, que não se esquecem de que não houve Tarde Desportiva durante quase dois anos. Receiam, por isso, que volte a acabar. Mas não é o caso.

A garantia foi deixada pelo diretor de informação. Mário Galego explica os critérios que justificaram a interrupção.

01_Galego_Critério TD – há sempre no arranque...debilidades horários...1ª jornada...não houve...nem sequer 2ª liga...volta a Portugal...espaços próprios...2ª e 3ª jornadas uma partida naquele horário...forçar duas horas e meia...não envolveu 3 grandes...não havia capacidade fazer TD...garanto não acabou nem vai acabar...marca...não vai acabar – **1’20**

A Tarde Desportiva acompanha eventos desportivos em direto. São várias horas de emissão ancoradas na palavra - o que exige alguma diversidade de provas, competições e modalidades. Fator não menos importante: são necessários jornalistas, comentadores e técnicos, argumentos que justificaram uma pausa em tempo de férias.

Entretanto, a Tarde Desportiva já regressou à Antena 1 - e traz novidades.

02_Galego_novidades TD - Haverá novidade ao longo da temporada...outras modalidades...contrato concessão obriga...TD cabe...desporto universitário...escolar...deficientes...TD lugar ideal...no arranque não havia matéria, mas não vai acabar – aumenta horas emissão desporto? – mais para além do futebol...outras modalidades...áreas...que não tratamos...desporto e não só futebol – **1’18**

Mário Galego, Diretor de Informação, promete mais diversidade sem aumentar o tempo dedicado ao desporto em antena – é esta a nova época da Tarde Desportiva –, a somar à garantia de que o programa não vai sair do ar.

Este ano, a Antena 2 manteve os noticiários durante o mês de agosto – três por dia, de segunda a sexta-feira. No ano passado não houve e o assunto foi aqui abordado, em Nome do Ouvinte.

Na altura, os responsáveis pelo canal e pela informação invocaram razões de programação. Ficou a promessa de que, este ano, a situação poderia ser revista. E foi – como nos conta o Diretor de Informação Mário Galego.

03_Galego_noticiários verão - Não já mais gente...desenho mais rigoroso para garantir A2 e A3 não houve alterações programação Antena 2...na 3 manter tal como anos passado. – **quantas pessoas?** – A2 equipa 4...2 noticiários...qd não estão outras asseguram...na 3...2 pessoas...manhã e tarde...férias...redação geral – **1’07**

Este ano, a Antena 2 manteve, e bem, as notícias em agosto. A atualidade não vai de férias e os ouvintes podem continuar informados sem terem de sintonizar outra estação. Apesar disto, dois dos noticiários não foram emitidos.

04_Som Antena 2

O silêncio em vez das notícias. E não foi caso único: a situação repetiu-se dias depois. Além da falha dos noticiários, os ouvintes protestaram contra a falta de uma explicação.

05_Q Noticiário A2 - Como ouvinte da Antena 2, oiço com frequência os blocos de notícias através desta antena. Esta manhã, o noticiário não aconteceu e foi interrompido no seu lançamento sem que tenha sido dada qualquer justificação para a não realização do programa.

Gostaria de perceber o porquê do sucedido e dizer, com esta mensagem, que os ouvintes merecem ter algum tipo de justificação na altura, mesmo que seja algum problema técnico, quando a normal programação foge do normal. – 29”

Dois noticiários não foram para o ar na Antena 2. Porquê – foi o que perguntei ao Diretor de Informação, Mário Galego.

06_Galego_falha noticiário Antena 2 – duas falhas...uma do lado da informação...troca de horários...não estava lá...foi um erro gravíssimo...pedimos desculpa por isto...já tinha acontecido...esta segunda...organização da Antena 2 –**não houve explicação ao ouvinte?** – pois é verdade... é erro nosso ouvinte merece respeito...não surgiu...explicação em antena...nota temos de tomar em conta não podemos falhar – **1’10**

Mário Galego, Diretor de Informação da rádio.

As explicações que ouvimos justificam duas notas.

Por um lado, aplaudo a decisão de manter os noticiários da Antena 2 em agosto. Não há como justificar uma interrupção. A atualidade não vai de férias e a informação é um bem de primeira necessidade inerente à missão de serviço público. Já o tinha afirmado em relação à Antena 3 e o mesmo se aplica às outras rádios da RTP.

Por outro lado, dou razão às queixas dos ouvintes: pelas falhas e pela ausência de um esclarecimento.

Já abordei esta questão em programas anteriores: o facto de muitas vezes, demasiadas, não se ter o cuidado de avisar ou justificar o que se ouve ou não ouve na emissão. Simplesmente acontece e não há uma palavra para quem está à escuta.

Mais do que o dever a rádio tem a obrigação de dar uma explicação, assumir a falha, e, sobretudo, demonstrar respeito por quem está do outro lado – o ouvinte –, o fim último do serviço público de rádio – para uma rádio com ouvidos.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Coelho e Montagem de Filipe Pinto.

Programa 29_Incêndios

O resto é Paisagem

Falhas no sinal da rádio, um debate anunciado, mas não transmitido.

Queixas que chegaram em plena época de incêndios – que merecem reflexão Em Nome do Ouvinte.

Em agosto o país atravessou uma onda de incêndios que dominou a atualidade. Quase no final no mês, foi agendado um debate de urgência no Parlamento. A Antena 1 preparou-se para a transmissão e anunciou-o nas redes sociais e na emissão.

01_Noticário 15h – o debate de urgência...pedido por...aprovado.A1 vai acompanhar debate...emissão especial...começa...seguir este jornal – **20”**

O noticiário terminou pouco depois das três da tarde. Seguiu-se música até às quatro – sem a anunciada emissão especial e sem qualquer explicação aos ouvintes.

O que aconteceu - foi o que perguntei ao Diretor de Informação, Mário Galego.

02_Mário Galego_debate AR – o que aconteceu...não houve uma ligação entre parlamento e nossos estúdios...falhou...tudo preparado...2 repórteres...aguardamos...nunca se fez...chamamos responsáveis técnicos...à espera sistema definitivo...provisório falhou - **39”**

O esclarecimento do Diretor de Informação. A direção de Engenharia, Sistemas e Tecnologia, respondeu por escrito:

Garante que o problema que impediu a transmissão do debate já foi identificado e resolvido. Esclarece que – e passo a citar -, *a falha foi causada por alterações recentes na infraestrutura do Parlamento.* - (fim de citação).

E, quanto aos passos dados no dia em que a ligação entre a Antena 1 e o Parlamento falhou, esclarece que se fizeram - primeiro - testes remotos. Sem sucesso.

Depois, confirmou-se o circuito da rádio junto da Altice, a entidade que gere as redes de comunicação. Por último, foi contactada a equipa de informática da Assembleia da República.

Durante todo este tempo, quem sintonizou a Antena 1 ficou à espera do debate parlamentar sobre os incêndios. Esperava acompanhar os trabalhos, mas só ouviu música. E, mais uma vez, não foi dada qualquer explicação aos ouvintes.

03_ Mário Galego_debate AR_falta explicação - ainda acreditávamos...pudesse ser feita...não houve explicação...se a dermos passado muito tempo...quem não estiver a acompanhar a emissão não vai perceber...optámos por não dar...ouvimos sons...repórteres não entrar...seguir curso natural dos acontecimentos de hora a hora – **41’**

Mário Galego, Diretor de Informação da rádio.

Os incêndios acompanharam o nosso dia a dia todo o mês de agosto. Transmitir o debate era a decisão certa.

Anunciá-lo nas diversas plataformas mantém os ouvintes sintonizados na sua rádio e é uma estratégia que saúdo. Mais difícil é compreender porque não aconteceu algo que estava previsto e planeado, sem uma palavra para quem estava do outro lado.

Se a ideia era continuar a tentar a ligação ao Parlamento, isso mesmo deveria ter sido dito em antena.

Independentemente das razões da falha, os ouvintes têm o direito a uma explicação. Já o afirmei em programas anteriores: a rádio tem a obrigação de dar explicações.

O fogo de agosto andou perto das antenas e estações emisoras da rádio pública, pondo em risco a receção da rádio quando é mais precisa.

04_paulo galvão_transito curto – estradas cortadas + apelo proteção civil – 26”

Mais uma vez, é o rádio - onde quer que estejamos - que orienta e informa.
Por essa razão, a localização das antenas é estratégica.

05_paulo galvão_transito trevim– 15”

Trevim, na serra da Lousã, foi uma das áreas mais atingidas pelas chamas e é lá que está um dos principais postos emissores da RTP. O fogo não chegou às antenas da rádio pública porque há uma política de prevenção, como nos conta Vítor Fernandes, responsável técnico dos emissores.

06_Vitor Fernandes_prevenção – da nossa parte...sítios perto...não fomos afetados...nestes locais existe espaço proteção...desmatado...ajuda...acidentes não aconteçam...Lousã desmatado...**Trevim**...parque eólico...desmatagem...acessos melhorados – **nenhum afetado?** – não – **Política prevenção?** – sim...em maio...faz desmatagem...lei...previne situação incêndio...uma falha...pode por em causa...é feito todos os anos –**1’15**

Vítor Fernandes, responsável técnico dos emissores da RTP.

A rádio pode ser o único meio de informação que nos resta numa emergência, como o episódio do apagão nos lembrou. Não pode falhar em plena época de incêndios.

07_Rep Dina_apelo PR CM Oliveira Hospital – 59”

É, por isso, fundamental garantir que a rádio é escutada em todo o lado - o que não aconteceu no Alto Minho.

Ouvintes de Moledo e de Viana do Castelo escreveram à provedora. Davam conta da falta de sinal das Antenas 1, 2 e 3 - e queriam saber porquê.

Em nome do Ouvinte, fizemos perguntas. Hoje trazemos as respostas.

A estação emissora da RTP que servia esta zona estava situada numa propriedade da União de Freguesias de Moledo e Cristelo. Mas o contrato para a utilização do terreno terminou e não foi renovado. A torre e as espias interferiam nas vistas do miradouro do Sino dos Mouros – é o que se lê na página oficial da Junta de Freguesia no Facebook.

A RTP foi obrigada a mudar a antena de sítio. Passou a emitir de forma improvisada, provisória e com menos potência.

A imprensa local fez manchete: *agora já podem tirar fotos* – foi o título do jornal o Minho na notícia sobre a retirada da antena da RTP junto ao Miradouro do Sino dos Mouros de Moledo.

As vistas ficaram desimpedidas - e os ouvidos também.

Porque, com a mudança, a rádio de Serviço Público deixou de se ouvir em parte da região.

Esta não foi uma decisão da RTP.

A solução provisória diminuiu a área de cobertura e os ouvintes continuam a ser prejudicados, como nos explicou Vítor Fernandes, responsável técnico dos emissores da rádio pública.

07_Vitor Fernandes_Moledo – nós fizemos estudo técnico...deslocalização se continuávamos a ter cobertura aceitável...zona complicada...Moledo, Vila Praia...nem estação emissora Muro - ***nesta zona não estão a receber***- sem duvida...bastante mal – **por exe – Moledo** - montamos antena cota abaixo...potência reduzida...aguardar CM e RTP acordo...para avançar com instalação...parceria RC...partilhar antena...previsto...feita aquisição...contratos assinados– **1’14**

Enquanto as negociações decorrem, o serviço público de rádio não chega como chegava a todos os ouvintes do Alto Minho.

Nesta região há outra zona sem cobertura: Merufe, em Monção. A direção de Engenharia, Sistemas e Tecnologia esclarece que a ANACOM - que gere o espectro de radiofrequências -, fez saber que não há espaço para instalar novas estações de radiodifusão em Merufe.

Os casos de Moledo e de Merufe são dois exemplos de que nem todas as decisões dependem apenas da vontade da RTP. Mesmo quando o que está em causa é a melhoria da cobertura do serviço público de rádio.

O contrato de concessão determina que cabe à RTP assegurar a cobertura integral do território nacional. A empresa tem também de garantir a continuidade de uma emissão nacional em caso de emergência ou de catástrofe.

Por estas razões, as antenas são colocadas nos locais que garantem melhor cobertura e maior alcance de sinal – independentemente da paisagem –, para que a rádio de serviço público cumpra a sua missão: ser escutada pelo maior número de pessoas possível, sobretudo em situações de emergência, quando a rádio é o único meio de comunicação que não cai. O apagão foi um exemplo para todo o país, os incêndios são-no, todos os anos, para os que vivem nas rotas do fogo.

Aqui, a rádio não pode falhar – e o sinal tem de chegar. O resto é paisagem.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 30_Geometria Variável Geografia Variável

O programa Geometria Variável variou de geografia. Foi até Melo, em Gouveia, para ser transmitido em direto do Festival Literário "Em nome da Terra". O Gabinete da Provedora esteve na plateia com os ouvintes, em mais uma edição da série Fora de Portas.

Chegamos a Melo num sábado de setembro. Está uma tarde quente...

00_teresa salgueiro 1 – WhatsApp – aqui ou onde ficar melhor

...e uma voz canta - como Vergílio Ferreira escreveu no livro Para Sempre. A voz é de Teresa Salgueiro - ensaia no palco em frente à Casa Amarela que pertenceu à família do escritor. É agora a Casa Vergílio Ferreira-Para Sempre. E um dos pontos do roteiro do Festival Literário Em Nome da Terra.

Esta é a segunda vez que o programa da Antena 1 Geometria Variável é transmitido em direto de Melo. O Festival nasceu há quatro anos. O convite surgiu de uma conjugação de vontades, como conta a autora e moderadora do programa, Maria Flor Pedrosa.

01_Flor_saida e natureza do programa - Houve o convite...eu conhecia organizadora...ela gostava de ter rádio cá...trazer rádio pública...achei que GV...programa diferente...e é mais de análise...trazer esse modelo para fora de portas...é muito importante rádio sair do estúdio...eu...tem sido estúdio...eu acho que se enquadra...personalidade de Vergílio Ferreira...na lógica do GV...há sempre frase...dá mote...achei, fazia sentido – **1'06**

O mote deste ano foi Conversas para Sempre.

A pequena Capela da Misericórdia transformou-se para acolher microfones, auscultadores, uma mesa de mistura, computadores e cadeiras extra para o público assistir à emissão.

Leitores de Vergílio Ferreira, habitantes da aldeia de Melo curiosos, escritores, jornalistas e ouvintes foram ocupando os bancos de madeira à espera de ouvir - e ver –, um programa de rádio em direto e ao vivo. Houve também quem viesse de fora. E um menino Jesus vestido de Napoleão.

Já vamos a ficar a saber porquê, na reportagem de Inês Forjaz.

02_Reportagem

Conversas para Sempre, na aldeia de Melo. O Geometria Variável vai para o ar à sexta-feira de manhã e costuma ser gravado. Circunstância que suscitou uma mensagem à provedora. Perguntou a ouvinte se um programa de política não deveria ser em direto.

Maria Flor Pedrosa estabelece as diferenças entre as duas versões do programa – gravado ou em direto com público a assistir:

03B_Flor_direto e gravado – O programa gravado tem mais temas do que em direto...programa vive interação...propositadamente gravado...não é de atualidade estrita...noticiário 2 da tarde...importante estar com pessoas...como dinâmicas de fazer...rádio mais mistério...sinalefas para Ana Fernandes...não se faziam assim com auricular...auscultadores...nada acontece...ninguém lhe fala ao ouvido...só direto...emissões especiais...não é o caso disto – **1’11**

Porque o Geometria Variável estava em Melo, a conversa não esqueceu os incêndios que dias antes rondaram Gouveia.

04_Flor_proximidade e aplausos - Quando se falou de incêndios...2017...muito perto de onde estamos...trazer...todo o sentido...ideia proximidade importante...falámos dos incêndios...agosto politico relevante...teríamos sempre de falar – **é serviço público?** – então não é...trazer a rádio para perto de quem a escuta...proximidade...perto da vida das pessoas...tenho pena...geralmente acolhimento...bom...nunca tive uma má reação – **tinha um a plateia cheia e no final aplausos** – tinha um plateia cheia e ...acho que as pessoas percebem...não padronizadas...falar maneira diferente...tempos difíceis...é preciso explicar...desconstruir...e isto é importante...discute-se politica...oposição...outras perspetivas...isto é cidadania...sempre quis...promovesse cidadania...vida comum...que é a politica – **2’**

Esta ideia de cidadania defendida por Maria Flor Pedroso, jornalista e moderadora do Geometria Variável, foi confirmada pelo público presente na Aldeia de Melo. Ao debate na rádio, seguem-se outros debates – mesmo entre quem não ouve o programa:

05_Medley “Não costumo ouvir, mas o meu marido gosta e às vezes debatemos os assuntos do programa” + “costumo ouvir - opiniões e pontos de vista diferentes, muito interessante” + “ouvir pessoas que sabem mais do que eu e que me ajudam a pensar” - **28”**

Pontos de vista que ajudam, também, a pensar a rádio. Resultado da proximidade quando a rádio sai Fora de Portas, ao encontro de quem a ouve – ao encontro de quem precisa de ser ouvido:

06_Diálogo_Aurora – Assim a gente sabe que todos os anos há aqui uma grande festa
Maria – Somos melenses a sério, gostamos que a nossa terra vá para a frente
Aurora – E gostamos que haja alguém que faça alguma coisa pela nossa terra, que não seja só política, que seja também benefícios.
Pergunta Inês: E a vossa Terra a passar na rádio, o que acham?
Aurora - Acho bem
Maria - (risos) Acho bonito para vermos, sim.
Inês – Muito obrigada, minhas senhoras
Aurora – Obrigada eu. – **1’05**

Aurora e Maria, duas vizinhas da Aldeia de Melo, em Gouveia – para ser ouvida, a rádio tem de saber ouvir.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Morgado e Montagem de João Carrasco.

Programa 31_Reis_Parte 1 **Identidade e missão**

Um único diretor de programas para todas as estações da rádio pública – a mudança foi anunciada em julho pelo Conselho de Administração da RTP e aprovada em setembro pela ERC, a Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

Mas, na prática, o que é que isto significa?

O que acontece à identidade de cada um dos canais?

E quais são os planos do novo diretor, Nuno Reis?

É o que vamos ficar a saber neste programa, Em Nome do Ouvinte.

-- trilha?

Até há bem pouco tempo, era o diretor de programas da Antena 3.

Nuno Reis tem uma longa carreira na rádio – começou na Rádio Comercial da Linha, trabalhou depois na Rádio Energia, TSF, XFM, Rádio Comercial. Estava na Antena 3 desde 2001.

Tem agora em mãos as cinco estações da rádio pública – Antena 1, Antena 2, Antena 3, RDP África e RDP Internacional –, motivo para uma entrevista.

Esta semana ouvimos a primeira parte: Nuno Reis promete uma mudança tranquila, mais do que uma revolução, e garante que os vários canais em FM não vão perder a identidade.

A maior alteração acontece no digital, com a construção de uma grande praça digital para reunir programas de todas as estações da rádio pública – e não só.

--- fim trilha e início de entrevista? spot Paulo Rocha “Em nome do Ouvinte Ana Isabel Reis?”

Reis_Parte 1 – Esta reestruturação mais profunda na rádio...deixa de haver um diretor para cada antena...um superdiretor...passa por uma estratégia de articulação entre todas as antenas?

Também tem...caminho...começar a colocar o digital no centro da operação...todas equipas...e a rádio...pensar menos na marca...e mais na produção conteúdos para várias áreas...sem influenciar FM...ao mesmo tempo...articulação equipas...faz sentido...numa altura em que os meios escasseiam...equipas trabalham mais próximas...aproveitar recursos...cada rádio era ecossistema...funcionava na sua lógica...faz sentido aproximar...partilhar...recursos humanos e técnicos...caso A1 e A3...partilham ADN defesa da música portuguesa...complementares...apesar de lógicas próprias em cada...pontos em comum...não pisar calos uns dos outros...pode ser extensível a outros...cada um por si, mas coordenado

Não há risco perda id de cada uma das antenas que têm um perfil e uma missão muito específicas?

Sinceramente acho que não...perfil bem definido...salvaguardar id cada uma, cada rádio tem adjunto...não há 1 diretor a olhar para todas as ao mesmo tempo...cada rádio...ecossistema...referência...definir estratégia dia a dia em cada um dos canais...cada canal perfeitamente definido...não mexer linha editorial...reunimo-nos praça comum que é o digital...coordenar esse esforço...oferta complementar ao linear...sem multiplicar conteúdos...ex cinema...A1, 2, 3...conjunto e perceber...próximo e o que falta fazer...se faz sentido noutra antena, como já aconteceu...trabalho convergência...juntar direções foi caminho lógico

Partilha de recursos mais no digital?

Ideia não é fazer trocas programas e animadores...não é a ideia...há áreas comuns que pisámos...ex festivais...A1 e A3...acontece...juntas...cada uma sua equipa...a partir daqui...ex Sines...olhar...perceber que equipa servir um lado e outro...meios...estratégia...cada uma...seus momentos...equipa multidisciplinar...opção estratégica...rentabilizar recursos

Articulação no digital...previstos conteúdos específicos, site, app, algo novo?

Sites...recentemente...trabalho editorial a fazer nos sites...velocidade...importante...vai ser feito por uma equipa juntou...quanto app...debate com área multimédia...RTP Play, separação áudio vídeo...ou se nos mantemos...play muito subjugado pela imagem...separar o áudio ou dar-lhe outro peso RTP Play...nos carros na Play...app otimizada para áudio... caminho carro...falta telemóvel...prós e contras...separar Play u manter. Quanto aos conteúdos...cada canal percebeu importância...mais conteúdos fora FM...queremos apostar e temos capacidade...públicos sem espaço grelhas lineares...caso A1 Pressionada informação e desporto...áreas por falta tempo...difícil acudir a esses públicos...vozes...formatos...experimentação...fora do nosso...diferentes

Implica novas contratações?

Implica alguns casos os que fazem parte...e ir à procura...acolher...desafiar pessoas de fora...especialistas...trabalharem connosco...contratações na medida do possível

Aposta digital, novas contratações, equipas próprias, isso significa mais orçamento?

Poder gerir em conjunto...vantagem...olhar de cima...se A1...ambiente...A2 não...economia de meios...e dinheiro...visão de conjunto...até agora cada rádio...agora com visão de conjunto...ter 3 em vez de 5...não vai haver mais dinheiro...gestão racional rádio...não canais

Fazer omeletes sem ovos?

Com alguns ovos...riquíssima...boas omeletes com poucos ovos, mas bem batidos

Mudanças verão...grelhas continuidade...estamos fase transição?

Ponto 1...não há revoluções para fazer...depois...junho, julho, férias...ideia manter grelhas que estavam a ser pensadas para setembro...a partir de 26 mudanças em alguns pontos...não

sinto...revoluções...ir acertando...programa...novas entrando...mudança tranquila...planeadas em 26

Novidades só em 26?

Houve agora algumas A1, A2, A3...normal da rádio...mudança profunda e complexa, mexe estrutura toda...criação equipas...ajustes...processo mais complexos...cria sempre alguma ansiedade...não vale a pena estar a criar mais confusão...com a alteração estrutural // a partir de 26 mexidas mais notórias // nas rádios// – **13'18**

Primeira parte de uma entrevista a Nuno Reis, novo Diretor de Programas das Antenas 1, 2 e 3, RDP Internacional e RDP África – uma única direção para todas as rádios.

Ficou a garantia: cada antena mantém a sua identidade e missão, a convergência faz-se no digital – uma praça comum –, como lhe chama Nuno Reis. Mas esta aposta não traz mais dinheiro – o orçamento do serviço público de rádio mantém-se.

Alterações nas grelhas de programação só no ano que vem. Como e por quem vão ser decididas, é o que vamos saber na segunda parte da entrevista a Nuno Reis - para ouvir no próximo programa, Em Nome do Ouvinte.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de João Paulo Martins e Montagem de João Carrasco.

Programa 32_Reis_Parte 2

Olhar Global

O que vai mudar em cada estação, como e com que critérios - é o que vamos saber na segunda parte de uma entrevista a Nuno Reis, o novo Diretor de Programas das Antenas 1, 2 e 3, RDP Internacional e RDP África.

--

Uma única direção para todas as rádios; aposta no digital, mas com o mesmo orçamento. Dois dos Assuntos abordados no último Em Nome do Ouvinte, na primeira parte de uma entrevista a Nuno Reis.

O novo diretor do Serviço Público de rádio prometeu uma transição tranquila – mais do que uma revolução. Cada estação mantém a sua identidade e tem subdireção própria: Nuno Galopim passa da Antena 1 para a Antena 2; Ricardo Soares fica com Antena 1 e RDP Internacional; Bruno Martins com Antena 3; e Nuno Sardinha na RDP África.

As principais mudanças acontecem em janeiro – daqui a pouco mais de dois meses -, mas já se ouvem algumas alterações.

Começamos pelas *playlists*: a música que escutamos nas diversas rádios vai mudar?

Reis_Parte 2 – A Antena 1 é a rádio...música...ser tão pouca...tem papel central...fazer acertos...música portuguesa...relação A1 e A3...A3 novos talentos...A1...próxima mainstream portuguesa e estrangeira...deixar esse lado experimental para A3...A1 olha para passado...não pode passar por cima...da espuma dos dias...A2...tem de entrar flow metadata...vai escapando...

Embora os ouvintes o peçam...

Exatamente...metadata é fundamental...colocar rádio nesse campeonato...A2...é falha...tem ser resolvida...1 e 3 coordenação música portuguesa e estrangeira...A1 papel música é passagem entre conteúdos

Estão projetados alterações e ajustes em 2026, o que preside critérios? Com base em estudos de mercado e audiência...qualitativos...com o que os audiência espera e gosta?

Com os números digitais temos outro tipo informações...reações...horários...

O Digital é diferente do FM

Sabendo nuances...reunindo peças todas...ter olhar mais fino para horários...com desconfiança...decisões científicas...rejuvenescer A1

E a Antena 3?

Principais chegar todos os públicos...sem cerrar fileiras...A3 mais jovem...dos 15 aos 35 complicado...podemos acabar numa terra ninguém...trabalha agora...25-45...tentar agregar conteúdos...mais jovens...não têm de estar canal linear...não está...(ex pai)...relação jovens com rádio...com áudio melhor...rádio mais difícil...outras soluções áudio

No digital pode-se diversificar...

Como

Parte difícil é o como...

Com que meios e o que fazer...não apenas rádio...outra área...mas a rádio e áudio tem papel a cumprir

Há projetos para RDP África e Internacional?

Internacional vive encruzilhada no século XXI

RDP Internacional tem pouca programação própria e muitos simultâneos

Tem ver com meios humanos...missão com que nasceu, com internet colocada em causa...conteúdos...é aproximação comunidades no ponto de vista delas e não de Portugal...acedem net...puxar conteúdos dessas comunidades para cá...dar voz...falta recursos afetam a rádio...sinergias com televisão...juntar...trabalhar conjunto...urgência, definir papel RDP Internacional...na África bem feito...Internacional indefinição

RDP África...missão específica...ajuste?

Não...podem ser...há sempre...não vejo necessidade de mudanças...solidificada...trabalha bem...pode ter mais meios, mais capacidade ir para a rua...implica meios...dar mais condições do que mexer...

Última entrevista ao CA, ano da rádio, pode apostar-se mais?

Sim

O quê?

Melhorar condições técnicas...radio transformação

Hoje não ouvimos, mas ouve-se o barulho das obras em programas, entrevistas...

Altura complexa gestão estúdios...meses complicados...gestão...gravação...imagem...dar meios filmagem

Só possível em Lisboa...

Problemas técnicos...sistema emissão, também Porto...CPN meios filmagem tem de ter imagem...dificuldades técnicas...saídas exteriores...todos os dias há uma rádio que vai para a rua...saídas difíceis por falta meios...técnicos...não temos...remodelação estúdios...lento...apenas 1 e 3 modernos...outras também virados séc. 21...mais meios, mais conteúdos, mais colaboradores, vozes...2025 se foi terá de ser, 27, 28 por aí fora

Apagão trouxe outro olhar?

Consciência coletiva...não falha...já sabíamos...não falha...do lado RTP...melhorar...vinha sendo feito...há dificuldades gestão...tentar batalhar melhores condições...frustrado queremos sempre mais...sinto últimos anos...não com ritmo...melhorando

Antena vai sempre saído...ouvintes gostam de proximidade...rádio vai a sair mais?

Sim...ouvintes gostam...nós tb...podemos comunicar marcas fora do FM...rua com muito gosto...limites técnicos e humanos...gestão com vontade...ex gabinete...A1, A2, África...esbarra gestão meios e recursos humanos

Envio mensagens...fazem refletir além, repensar estratégias?

Sim...mesmo as específicas...faz-nos pensar...é normal pessoas se queixem...respondendo: sim, pensar, refletir...ir bem...razão de ser...críticas e ainda bem...sim é sempre importante ouvir voz dos ouvintes...rua...gostam de conhecer...ver...de dar opinião...gostam...fundamental...estratégico

Uma rádio com ouvidos

Sempre – 14'49

Levar a rádio aonde está o ouvinte, escutá-lo e dar-lhe voz – promessas de Nuno Reis, o novo Diretor de programas da Antena 1, Antena 2, Antena 3, RDP África e RDP Internacional.

--

A direção única para FM e digital revela uma intenção - da RTP -, de olhar global sobre as rádios – além das especificidades de cada canal.

A Praça Digital defendida por Nuno Reis promete uma lógica editorial, mais do que um espaço que reúna a produção das rádios. Pode remeter para a ideia de praça democrática – um espaço que ofereça conhecimento e informação fiável, que promova a reflexão e o debate sobre os tempos que correm.

Ser relevante para os cidadãos – os ouvintes –, será o maior desafio.

Um contexto em permanente mudança exige novas estratégias, novas estruturas e novas competências. Mas não basta declarar intenções. São necessárias condições para pôr as ideias em prática.

A política do *fazer mais com menos*, ou com o mesmo orçamento, não poupa recursos – sobrecarrega os que existem, dificulta a inovação.

A rádio tem de responder às novas realidades – ou morre. Há que explorar caminhos, sem esquecer os valores e a missão de Serviço Público.

Para ser ouvida, a rádio tem de estar onde o ouvinte estiver - e a um passo de distância -, seja num rádio a pilhas, numa aplicação ou num carro.

Para ser relevante, a rádio tem de viver no seu tempo - que é o tempo em que os ouvintes vivem.

Para uma rádio – e uma cidadania - com muitos ouvidos.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Rui Morgado e Montagem de João Carrasco.

Programa 33_Tarde Desportiva Tempo Desportivo

Um golo sem relato, excesso de comentário na Tarde Desportiva,-futebolização da Antena 1. Em Nome do Ouvinte, trazemos hoje perguntas dos ouvintes e as respostas da Direção de Informação.

Grande parte das mensagens que chegam ao Gabinete da Provedora, dizem respeito ao desporto na Antena 1. São queixas sobre o excesso de tempo dado ao futebol, mas também sobre o que não é transmitido - relatos, provas e modalidades. Algumas criticam a forma como é conduzida a Tarde Desportiva ou questionam o modelo do programa. Uma das mais recentes dá como exemplo a emissão de 28 de setembro. A tarde foi dominada pelo futebol e pelos jogos da terceira Liga. No campeonato nacional realizou-se o Alverca-Guimarães. A forma como a Antena 1 transmitiu o jogo suscitou a crítica de um ouvinte.

1_Q Augusto Alverca_Gravado e Direto - *Como é possível um espaço onde devia haver reportagens em vários espaços e pavilhões ser preenchido com entrevistas e mais entrevistas? E o mais ridículo ainda é que Não deram o final do Alverca-Guimarães em direto porque estava a dar uma entrevista longuíssima. No final desse jogo houve um penalty e um golo e não se soube em direto – 22”*

A mensagem não se esgota no exemplo deste jogo ou desse domingo. O direto é essencial na Tarde Desportiva. Quando há trabalhos gravados, como se gerem prioridades? Mário Rui Cardoso, responsável da Direção de Informação pelo desporto, justifica as opções.

2_MRC_Alverca direto e gravado – o nosso compromisso em termos de relatos...integrais...Benfica, Porto, Sporting e seleções...na TD...relato parte jogos...não envolvem equipas grandes...informações através de relato...quando temos conteúdos gravados...importantes...como aconteceu...é preciso ver o que aconteceu...conteúdos gravados...candidato... fazia todo o sentido... ponto vista editorial ...peso...entrevistas com os

6...TD popular e 3 horas...margem...se temos conteúdo gravado...pode acontecer...decorrer jogo...Alverca-Guimarães...haver 1 golo...em cima entrevista... ...compromisso não é dar relatos integrais é dar informações...não faz sentido interromper...problema é retomar entrevista...dar informação...terminada entrevista...voltámos ao campo ...demos informação...acontecido – **1'49**

Mário Rui Cardoso, da Direção de Informação.

Tema recorrente nas mensagens dos ouvintes, é o tempo e a relevância dados ao comentário nas transmissões desportivas. O assunto já foi abordado num programa anterior, mas continuo a receber críticas.

3_Q_Carina Comentário - *Venho aqui expor o meu desagrado total, pela autêntica overdose de notícias de futebol. É incrível, como é que a Antena 1 gasta horas diárias com discussões sobre futebol! Bastariam os respetivos relatos e o que se ouve no final de cada jogo. Agora aquelas autênticas tertúlias acho que não tem interesse nenhum e afasta uma camada enorme de ouvintes – 19”*

A esta mensagem, responde Mário Rui Cardoso, da Direção de Informação.

4_MRC_comentário – penso que a forma como se monta...correta...não podemos...em cima do jogo...pré-jogo...significa começar...15 ou meia hora antes para projetar...não é concebível enquanto jornalista e ouvinte...espero...depois...ouvir...comentário...protagonistas...isto leva tempo...não pode ter apenas hora e meia de jogo...duas horas...pré e pós jogo...quando há jogos que...seguir aos outros...grandes...isto...leva...muitas horas de emissão – **Comentário tem outra função...entre terminar jogo e entrevistas...comentador alimenta?** – precisamente...por vezes...preenchendo emissão até ouvir protagonistas...conferência de imprensa – **1'49**

Mário Rui Cardoso responde também a outra mensagem sobre a duração das emissões de desporto, ou de futebol. Um ouvinte aponta o dia 5 de outubro, em que a Tarde Desportiva começou às 3 da tarde e terminou já passava da meia-noite.

5_Q_Augusto 9 horas - *A emissão de desporto começa com a Tarde Desportiva e vai "para lá da meia-noite" como acabou de dizer o senhor que conduz a emissão logo no início da Tarde Desportiva. Será que 9 horas de "desporto" não é um exagero? -15”*

O responsável pelo desporto na Direção de Informação explica o que aconteceu.

6_MRC_9 horas + noticiários – isso terá sido no domingo 5 outubro...TD 3 às 6...logo a seguir...7 e um quarto...(clubes)1 grande...à noite...9 e um quarto...(Clubes)...nesse domingo emissão...até meia noite...repite foi situação atípica...(ex domingo 19)...TD ao longo das 3 horas...noticiários completos..._- **à hora certa** - normais...esta DI entendeu que...zona 3 horas...tuneis de futebol...não podia ser assim...passou ter hora certa noticiários normais...- **era queixa frequente** – sim...retomando raciocínio...3 às 6 e no domingo 26...TD...a partir das 6...a seguir...grande em Tondela...já temos 5, 6 horas de emissão de futebol...mas mais de 9 horas...esse domingo foi muito atípico...não é regra – **2'39**

Foi uma exceção – garante Mário Rui Cardoso, da Direção de Informação.

As críticas não se limitam à duração das emissões. Visam também a frequência dos noticiários sobre desporto. Além dos dois jornais alargados, a Antena 1 tem títulos e sínteses desportivas às meias horas - de manhã e ao fim da tarde.

7_Q_Carina Sínteses 1 - *Um aspeto negativo da programação é o número de horas diárias consumidas pela informação relativa ao futebol, repetida em várias intervenções ao longo do dia – 9”*

8_Q_Augusto _Sínteses 2 - *No Programa da manhã, já não bastava o título no noticiário, depois vem o desenvolvimento (ainda no noticiário), depois vem outro título à meia hora, depois mais um comentador durante 10 minutos e depois ...tudo se repete. Às 12h 30 é a mesma coisa e durante a tarde, fim de tarde, noite... – 22”*

As mensagens dos ouvintes suscitam uma pergunta: justifica-se haver títulos e sínteses de desporto na manhã e fim de tarde da Antena 1?

Mário Rui Cardoso defende que sim e explica porquê.

9_MRC_novo síntese - *Eu acho que se justifica...A1 tem tradição...percebo a crítica...risco de futebolização...equilíbrio...mas...não deve esquecer tradição...inf desportiva...muita gente que nos ouve por causa...marca A1... marca desporto A1...não nos pode levar canal desporto...tem muito...quem ouve não pode dizer que é canal A1 desporto...muitas propostas...A1 tem meio milhão ouvintes em Portugal...muitos desses...inf desportiva...há uma aposta...não é de deixar cair – 1’29*

Mário Rui Cardoso, responsável pelo desporto da Direção de Informação. Manter uma tradição – o critério da direção de Informação para a aposta no desporto.

Duração, modelo, frequência das emissões de desporto – ou de futebol – na opinião de alguns ouvintes, a futebolização da programação da Antena 1. A crítica é frequente.

10_Q_Carina Futebolização - *Há já muito tempo que quero mostrar a minha indignação sobre o tempo que a Antena Um dedica ao futebol. Na grande maioria das vezes que ligo o rádio, é o futebol que se ouve – 9”*

Esta mensagem pode resumir-se numa pergunta: há ou não uma futebolização da Antena 1?

11_MRC_futebolização_multiplicação – *eu percebo as críticas...há multiplicação jogos...porque há...multiplicação competições...envolvidos...muitas competições por exemplo...liga nações...jogos apuramento...mundo, europa, fases finais...nações...há tb esta multiplicação– 41”*

Os argumentos da direção de Informação, pela voz de Mário Rui Cardoso.

O tempo que o futebol ocupa na Antena 1 tem sido um assunto frequente nas mensagens para o Provedor desde que o gabinete foi criado. É por isso, também, um tema recorrente do programa Em Nome do Ouvinte. Há quem questione as horas dedicadas ao futebol, mas há também quem reclame por não serem transmitidos mais jogos e provas.

Entre críticas e elogios, a Antena 1 procura cumprir o que está escrito no contrato de concessão: promover a divulgação e transmissão de provas e competições que envolvam equipas ou atletas nacionais.

Sucedem que aumentou, entretanto, o número de competições e de modalidades em que Portugal se tem destacado.

E, assim, o desporto, e sobretudo o futebol, vão tomando conta da emissão. É esta a percepção dos ouvintes que me escrevem. Mas, feitas as contas, não é bem assim.

A ERC, Entidade Reguladora para a Comunicação Social, analisa todos os anos a programação do serviço público. No relatório do ano passado, conclui-se que os conteúdos desportivos ocupam quase 11 por cento da programação da Antena 1 – um pouco menos do que no ano anterior. É um resultado global porque, quando olhamos para a distribuição horária, verificamos que há momentos de maior concentração: ao final da tarde, com mais de 22 por cento, e à noite - em que o valor ultrapassa os 38 por cento, sendo superior ao da música.

Ou seja, em certas alturas do dia, a programação normal é substituída pelas transmissões desportivas o que desagrade aos ouvintes fiéis de certos autores e programas, e também aos que não gostam de futebol – afastando-os. É a pensar nestes ouvintes que se deve refletir e analisar cada opção, para que uma fatia da audiência não seja marginalizada.

Encerrar o assunto no número de competições e na sua inevitável transmissão, ou no argumento de que há uma maioria que quer ouvir informação desportiva a todo o momento, é legitimar um fator de exclusão – quando a rádio pública é de todos e para todos.

Convém reafirmar que a rádio pública não tem um canal de desporto ou de futebol. E que utiliza pontualmente os meios digitais como via alternativa à emissão em FM. Embora não esteja ao alcance de todos, esta é uma opção a ser equacionada para libertar a antena - sobretudo quando o digital foi eleito como a grande aposta da RTP.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 34_Audiências e Mulheres

Quando as ouvintes não Ouvem

Adulto, homem e da classe alta – é este o perfil dos ouvintes da rádio pública. Cada estação tem uma audiência com características próprias. Mas há um fator comum a todos os canais:

01_Vera - masculinas – 02”

Em Nome do Ouvinte, procurámos explicações:

02_Basilio -desajuste – 11”

E soluções:

03_Reis – solução – 07”

Para atingir um objetivo:

08_Rita Basílio_fecho – o que nós precisamos é uma inclusão...implica...espaço público verdadeiramente democrático – **13”**

--

Os primeiros estudos de audiência mostraram que se ouvia menos rádio em Lisboa e no Porto. Estávamos em meados do século passado. A escuta acontecia no lar, sobretudo à hora das refeições. À tarde as mulheres acompanhavam teatro radiofónico e programas de discos pedidos - em casa.

Os homens ouviam rádio em locais públicos e preferiam os programas de humor e de desporto. Eram ouvintes fiéis a uma única estação - para a vida inteira. Dessa época para hoje, a rádio e o país mudaram - e as audiências também. Novas rotinas trouxeram novos hábitos de escuta e a programação teve de se adaptar. As mulheres saíram do lar - encontraram espaços para falarem e serem ouvidas, ainda que num meio masculinizado.

Atualmente os homens consomem mais rádio – 65 por cento –, do que as mulheres - 54 por cento. Mas, no caso do Serviço Público, o fosso aumenta. A audiência é marcadamente masculina, dado confirmado por Vera Roquette, do departamento de Audiências e Estudos da RTP.

04_Vera Roquete_números - Vou-lhe dar o ex da Antena 1, 8.6 masculino e 2.2 feminino...**é diferença** ... 70-30, A2 09 par 0.3 e na A3 é 2.5 para 1.4 – **grupo público masculino**...sim, grupo publico precisa de olhar seduzir as senhoras – **29”**

Mais homens do que mulheres sintonizam a rádio pública – é o que dizem os números –, e há pistas para compreender porquê.

05_Vera Roquete_explicação - as nossas rádios marcadamente masculinas...ou porque têm muita informação caso A1 e desporto...antigamente...mais música companhia...público feminino...antena 2...mais difícil...diria...mais sénior e letradas...A3 muita musica nova...público feminino mais música conforto...fora do espectro das nossas rádios – **42”**

Vera Roquette do Departamento de Audiências e Estudos da RTP. Para seduzir públicos é preciso saber mais. E, para saber mais, são precisos estudos – qualitativos –, para compreender as causas.

Os dados mostram que as mulheres preferem as estações de música e os homens escolhem as que têm mais informação – conclusões dos estudos da Marktest, da Obercom e da ERC – a Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Mas a preferência em si não explica as escolhas. É preciso ter em conta a evolução da história, da sociedade, da programação radiofónica e do papel da mulher - dentro e fora das rádios.

É sobre este contexto que nos fala Rita Basílio, professora na Universidade de Coimbra e investigadora sobre as questões de género nos média.

06_Rita Basilio_Mulheres – esta divisão simbólica do consumo mediático... presta-se várias interpretações...faltam estudos qualitativos...medias informação continuam...reprodução padrões desigualdade...mulheres menos representadas...protagonistas...fontes...maior presença nas redações...não traduziu...conteúdo...esfera decisão...masculina...a verdade não é descabido...invisibilidade (ex) criam...desconexão...reforça imaginário autoridade masculina...dita legitimada por vozes masculinas...sentem menos interpeladas...território...não valorizadas...mais que hábito consumo...simbólico...quem tem direito...esfera pública...radiofónico reproduzir e excluir...debate público...problemático...musica...audiências femininas...formatos dirigidos...segmentação com base género...formato informativo pertence a outro publico alvo – **números parecem objetivos mas há subcamadas** – por ex...papel práticas escuta e contextos de vida?...se mulheres tarefas domésticas...multitarefa...formatos que acompanham essas tarefas....musicais e não mais atenção...informação...se coincidem com esses afazeres...estudos...mulheres mais velhas...reduz tempo atenção ativa...situações multitarefa em que rádio...acompanha...não se adequa aos que exigem foco ou envolvimento...- **reflexos participação cívica ou nos programas e comentário?** – justamente, diminuição...precisamos estudos...ter influência consumos...ponderar não se trata de falta de interesse pela atualidade mas desajuste entre oferta e experiências quotidianas...no seio redações...repercussão na sociedade...ponto vista democrático...limitação participação...limitação à diversidade...para garantir pluralidade...depende democracia – **não falamos do gosto mas do que condiciona forma de consumo e o consumo** – seguramente...mulheres pouco presentes em (ex) o afastamento é natural...repercussões...soc informadas precisamos de...ex...esfera publica robusta (ex)...precisamos incorporar...masculina e mulheres...garantir espaço publico plural – **não produzir espaços próprios mas integrá-los** – integrá-los...historicamente ...mulheres nas redações...temáticas de mulheres...segmentação que continua...estudos...segmentação evidente o que fazem nas notícias...fontes...vozes masculinas dominam...vozes femininas pessoal...autoridade diminuída...o que precisamos...e na esfera decisão redações...implica participação alargada homens e mulheres experiências diversificadas...alimentar espaço publico verdadeiramente democrático – **8'04**

Rita Basílio, professora na Universidade de Coimbra. A investigadora cita causas e contextos para o domínio de uma audiência masculina na rádio pública.

Feito o diagnóstico, como é que se alcança um equilíbrio? Responde o diretor de Programas das rádios, Nuno Reis.

07_Nuno Reis_mulheres - É um velho debate...A1 tradição informação e desporto...msg feminino...faltam dados...mais palavra...informação...desporto...A3 foi sendo esbatida com...vozes femininas...música...há série caminhos podem ser feitos...no caso A1 mais dificuldade...menos música, muita palavra, informação, desporto...trabalho mais complexo...perceber como procurar...tem de ser feito – **1'19**

Nuno Reis, diretor de Programas das Antenas 1, 2 e 3, RDP Internacional e RDP África.

A medição de audiências é quantitativa. Conhecemos os números - idade, sexo, região, género, horários de escuta -, mas sabemos pouco sobre o que está além destes dados. Faltam estudos de receção sobre o que o ouvinte pensa, deseja e como age.

Os resultados recolhidos merecem sempre uma análise mais profunda, porque são um instrumento da programação. Quando há sinais nos números, como neste caso - em que se verifica que a rádio pública é marcadamente masculina -, devia soar uma campainha de alerta que fizesse aplicar o que tem de ser uma regra: sem lugar para *achismos*, olhar para o que nos rodeia e perceber o porquê das coisas. E mudar alguma coisa – dentro e fora de portas.

Também é preciso andar na rua, estar onde estão as pessoas. Definir estratégias na programação passa por conhecer bem o ouvinte – o fim último do serviço público de rádio –, seja mulher ou homem.

Conhecer os ritmos da vida quotidiana - para uma rádio com ouvidos –, é este o garante da sua resiliência.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de João Paulo Martins e Montagem de João Carrasco.

Programa 35_Audiências e Web Audiências e Consumos na Web

Onde, como e quem ouve a rádio pública na internet?

Que estudos há sobre estas audiências?

O que nos contam?

E que influência têm nas decisões estratégicas da rádio?

Numa altura em que a ordem na RTP é para apostar no digital, falámos com quem tem pistas para responder a estas e outras perguntas.

Não procuram os sites das rádios - vão diretos às plataformas que agregam tudo o que lhes interessa ouvir.

01_Medley 2_ouvintes podcast e online

São os novos consumos de áudio. Um comportamento que condiciona a estratégia digital para o som, opinião de Ruben Martins, jornalista, formador e investigador na área do *podcast*.

02_Ruben_rtp play e spotify – com mau som - É difícil trazer pessoas para plataforma própria...habitadas consumir...plataforma...se eu habitualmente...se tenho todos...não vou ter trabalho para...procura...site RTP – **26”**

Para Ruben Martins, as plataformas são uma forma de expandir a rádio e chegar às novas gerações.

03_Ruben_plataformas - É muito importante...conteúdos rádios RTP...estejam nas plataformas onde as pessoas estão...por muito que queiramos...não esqueçamos...maioria ouvintes...não está na nossa plataforma...remos de estar onde pessoas estão...outras plataformas também – **29”**

Ruben Martins, investigador na área do podcast.

Através da RTP Play, as rádios chegam a mais pessoas. E, para alcançar outros públicos, estão também em plataformas externas - onde estão os ouvintes -, em especial os mais jovens. É o que podemos concluir quando olhamos para as medições de audiências: fora da RTP Play, o número de escutas é significativamente mais elevado. A título de exemplo, o programa da Antena 3 Voz de Cama é o mais escutado nas plataformas, mas está fora da lista dos 20 mais ouvidos na RTP Play. Vamos aos números. Em outubro, na RTP Play, registou dois mil e 300 acessos – no Spotify teve mais de 224 mil e na Apple Podcast ultrapassou os 66 mil. Se juntássemos os resultados, seria o segundo programa mais ouvido na internet do universo RTP.

Vera Roquette, do Departamento de Audiências e Estudos da RTP, explica como se medem as audiências no digital e porque é que o grupo não aderiu ao PodScope – o mais recente *ranking* de *podcast* da Marktest.

04_Vera_como medem - Nós RTP ainda não estamos nessa medição do mercado monetizável...tem a ver com questões segurança...**podscope**...forma de tentar estar com nossos parceiros...reservas...- como conseguem, numero global, nas plataformas mais consumidos do que na RTP Play – sim, pessoas associam àquela plataforma temos que estar lá...dão-nos resultados...na Play sei o que está a ser medido...nas outras...não sei...temos resistência a somar dados...cada...diz e pode ser diferente – não são comparáveis – não - nível de consumo é dispare? – olhando para conteúdos...ranking do s10 mais ouvidos rádio...não

têm 1ª nem 2ª, grupo dos 10 não tem diferenças à adesão... - alguns têm bastantes mas na play não, como...-como lhe digo – **2'33**

Ou seja, a RTP não trabalha os dados por canal.

05_Vera_dados agregados - Nós trabalhamos o digital num todo...desagregar não tenho um bolo...migalhas...prefiro olhar para o todo...as nossas rádios...app, spotify, google...Youtube...onde está o consumidor...tenho de lá estar...lado das audiências tenho de ver...tenho de trabalhar o big data...é tanto...tínhamos de ter imensidão e não chegávamos a lado nenhum...aplicações...no dia a dia é agrupado – **1'13**

Vera Roquette do Departamento de Audiências e Estudos da RTP.

A medição de audiências no digital divide-se por diferentes plataformas. Não há uma entidade única que o faça, como acontece noutros países.

No caso das rádios e dos *podcasts*, os números da RTP Play representam apenas uma pequena parte do universo de ouvintes.

Exemplo disso, é a RDP África. O subdiretor do canal, Nuno Sardinha, sublinha que o modo de acesso e de escuta online revelam outra dimensão.

06_Sardinha_audiências - Eu tenho a perfeita noção que maior parte conteúdos...não são na RTP Play...fora – **têm outras plataformas?** -...sim nomeadamente...aplicações...grátis...- recebem essas medições? – sim...noção por ex...app angola...tanto consumo como o anual da RTP Play...250 mil...num ano...no online...num território...e na RTP Play 600 mil...- **Moçambique?**- Também, grande aposta é parcerias...para além nosso consumo FM com rede reduzida...capital e Nampula...FM mais forte...casa centenas...- **vantagem, que conteúdos?** – ouvidos o desporto...noção exata hoje...emissão desporto com 3 grandes...audiência sobe 30%...consumo, debates e notícias e reportagens...informação...fator de diferenciação...independência permite audiência que tem...ex – **3'22**

Nuno Sardinha, subdiretor da RDP África. Em Nome do Ouvinte, realidades diferentes pedem soluções específicas. A medição digital fornece dados detalhados, que permitem fazer rádio à medida de quem a ouve. E essa é a grande vantagem, como defende o diretor de programas da rádio pública, Nuno Reis.

07_NOVO REIS_audiências - felizmente números digitais...análise mais fina...olhar...ver reação pessoas...horários...reunindo peças todas, olhar mais fino...decisões mais científicas que até aqui...2 em 2 meses...difícil...A1 debate estado da nação...não sabemos...tv sabe...rádio não...marktest e dados digital linear e on demand dá para começar a perceber... com alguma desconfiança certeza...vamos fazendo...tentativa erro – **1'36**

Nuno Reis, diretor de programas das Antenas 1, 2 e 3, RDP África e RDP Internacional.

O digital permite leituras precisas sobre o comportamento do ouvinte, mas nem tudo o que se faz na rádio pode estar na RTP Play ou nas plataformas. Em causa estão o pagamento de direitos de autor e conexos online e as autorizações de transmissão. Uma situação que afeta em especial os programas com música, concertos e alguns jogos de futebol.

No caso dos acordos de transmissão com limites geográficos, é o público da diáspora quem sai mais prejudicado.

O grupo RTP tem vários sítios na internet e aplicações para telemóvel, embora nenhuma exclusiva para o áudio - ao contrário do que acontece noutros serviços públicos europeus.

Todas as páginas conduzem o ouvinte para a RTP Play. Uma plataforma mais vocacionada para o vídeo – basta abrir a página de entrada: os conteúdos das rádios diluem-se nos audiovisuais. No dia em que gravei este programa, em 30 ofertas apenas três eram sonoras - a emissão em direto, a categoria Para Ouvir e Música.

Nas restantes páginas, só encontramos programas de rádio na secção de Informação: onze em 30 destaques.

O domínio da imagem também se verifica: mais de 80 por cento para os conteúdos em vídeo.

A apresentação e distribuição de áudio na internet é diferente do FM - tal como o comportamento de quem escuta.

Por outro lado, vídeo e som são coisas distintas e reclamam estratégias próprias – adequadas ao público a que se dirigem.

Os números das plataformas externas e da RTP Play sugerem uma reflexão - não só sobre as formas de escuta na internet, como também sobre a presença das rádios e dos *podcasts* no digital, a palavra que encarna o futuro no Projeto Estratégico da RTP. O documento reconhece o áudio como grande atrativo para os jovens. E promete analisar a pertinência de uma aplicação específica - uma RTP Áudio –, assunto que já abordei noutros programas.

Na altura, investigadores e diretores das rádios mostraram-se favoráveis à ideia.

O comportamento da audiência determina os conteúdos, os formatos e até a distribuição. Se os ouvintes mudam a forma de escuta, só resta à rádio acompanhá-los – como tem feito ao longo dos anos. A rádio é maleável - adapta-se a todos os cenários, mesmo aos mais inesperados. Mas tem também de antever tendências para preparar o futuro, porque o digital já é o presente. Só assim – com estratégia e investimento adequado -, se ganhará a aposta.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de João Paulo Martins e Montagem de João Carrasco.

Em altitude, tudo muda

Falta ou quebra do sinal em algumas zonas do país – é uma queixa frequente aos provedores. A rádio pública ainda não chega a todos, mas a situação mudou nas áreas abrangidas pelo Centro Emissor de Montejunto.

01_Frase inicial – eu diria que neste momento...melhorada... mais valia...A1 , e 3...contentes...catástrofe garantidos...emissão...completamente coberta...ouvintes...se houver de facto essa catástrofe – **34”**

Já vamos saber, ao detalhe, onde melhorou a cobertura da rádio pública.

Em Nome do Ouvinte, fomos ver o que mudou em Montejunto – à boleia de uma visita técnica com Pedro Mendes e Vítor Fernandes:

02_Hipótese B - Eu costumo sempre dizer...se não estamos para os ouvintes...e a qualidade do áudio é muito superior – **10”**

[som curto de rádio]

De ouvido à escuta no rádio no carro, o gabinete da provedora foi à Serra de Montejunto. A renovação do Centro Emissor era um projeto muito aguardado – para responder às queixas dos ouvintes.

Terminados os trabalhos em Outubro, a rádio passou a ouvir-se melhor.

Vítor Fernandes, responsável pelas antenas, diz-nos onde:

03_zonas de melhoria de sinal – Parte norte Lisboa...lezíria...A23...oeste...melhorada...**em caso de catástrofe?** – sim, sim...PAR Montejunto e Banática...Monte Caparica...melhorada...parte baixa...desde St Apolónia até Cascais...Bairro Alto...Alfama...no caso haver catástrofe...caso falhe Monsanto...cobertura baste bem...só com...Montejunto e Banática – **1’13**

Se Monsanto falhar, Montejunto pode manter a rádio no ar. É uma garantia, já que o serviço público tem de assegurar a emissão nacional em caso de emergência ou de catástrofe – conforme se lê no contrato de concessão.

Seguimos em direção à serra, com os técnicos Pedro Mendes e Vítor Fernandes:

04_Viagem 1_o que vamos ver? fim cortes na emissão e ruído – vamos começar...cobertura no carro e em casa...olhar...transformação da estação emissora...ups...não haja cortes...no alto das serras vários cortes deixou verificar...ver emissores novos...estação emissora na PAR...estávamos abaixo...provocava algum ruído...sinal não era suficiente...chegar a alguns locais – **1’07**

De carro, de Lisboa a Montejunto, passamos por uma antiga zona sombra – sítios onde o som da rádio pública tem mais dificuldade a chegar.

05_Viagem2: melhoria de sinal – portagem de alverca – estamos aqui a passar portagem Alverca...sombra...porquê...como subimos potência...sinal mais elevado...muito melhor do que anteriormente – **29”**

+

06_Viagem 3? – neste trajeto...A1...que zonas? – A1 Lx para Porto...dois...terceiro será Grândola...rádio local próxima...interferência...alternativa Montejunto e Monsanto...aqui um ponto...não têm...melhorou...nalguns...ruído...Anacom...frequências próximas das nossas...Grândola...**Válido para outras antenas? – podemos ouvir?** – Montejunto...A1 melhor cobertura...outros...ótima – **1’53**

+

07_zapping – 44”

Ao longe, vê-se o Centro Emissor Nacional de Castanheira do Ribatejo, que emite em onda média desde os anos 40 do século passado.

Vítor Fernandes guia-nos da roufenha Onda Média até à escuta limpa em FM.

08_Rm Viagem 4_passagem por Castanheira do Ribatejo – isto era torre onda média...castanheira Ribatejo...cobertura Montejunto...entrar cada vez mais...estamos ouvir OM de Castanheira...(som)...eu diria...muito abaixo da potência para Castanheira...vai cumprindo enquanto OM estiver ativa – não há investimento...é manter...FM mais qualidade...não faz sentido manter redundância...de facto ouvintes têm rede FM a 100 por cento país...não deixam ouvir...se pudéssemos ter não seria mau...depende...o que queremos...ON, FM DAB...depende capacidade investimento ou 1 com qualidade – **2’11**

Saímos da autoestrada e rumamos à serra de Montejunto. As antenas avistam-se ao longe – o céu limpo traz as condições ideais para a visita ao Centro Emissor.

09_a chegar – nevoeiro...vamos conseguir ver...mostrar trabalho efetuado...-Altura? 62 metros – 25”

Em altitude, tudo muda - como explica o responsável técnico dos emissores Vítor Fernandes.

10_em altitude tudo muda - por vezes...micro climas...equipamento...altitude tudo muda...chuva...sol...vida das serras...é isto – gravilha – é o nosso lugar...não foi só...edifício todo...- **33”**

+

11_gravilha – 23”

Desta vez não é preciso casacos extra - o tempo está ameno. Nesta, como nas outras estações emissoras, o letreiro da RDP - Radiodifusão Portuguesa -, salta à vista:

12_ obrigado...nosso lugar...mantém, o RDP...casacos (portas carro) – 36”

O Centro Emissor de Montejunto está pronto. Além de melhorar a cobertura, pode garantir a emissão nacional em caso de emergência. Era um projeto antigo da Direção de Engenharia e Sistemas Tecnológicos.

Resolvido este problema, Vítor Fernandes diz-nos o que está por fazer

13_regresso_o que falta fazer - Estamos à espera...em breve...melhor cobertura Trás-os-Montes, Chaves e Vila Pouca Aguiar...fazer trabalhos no Pico...aumento potência...intervenção pontuais...próximo ano...avançar...PAR da A3 em faro...emissor novo e Bornes A3 na PAR...à espera...do próximo orçamento – **1'12**

Planos para que todos possam sintonizar a rádio pública, onde quer que estejam. Para isso, é preciso investir nos centros emissores e em equipas dedicadas. O financiamento vem sobretudo da CAV – a Contribuição Audiovisual que todos pagamos e que nem sempre sabemos para onde vai.

Mais do que uma obrigação legal, melhorar a cobertura tem de ser um desígnio nacional - para que a informação chegue aos cidadãos em caso de emergência –, mas também para acompanhar os dias daqueles que, com tantas estações à escolha, não desistem da sua rádio pública.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de João Paulo Martins e Montagem de João Carrasco.

Programa 37_Independências Independências

À orquestra afinada de pássaros...

01_Sinfonia pássaros – 8”

juntaram-se os acordes angolanos...

02_A_acordes– 5” –

as vozes da rádio...

02_ B_vozes da rádio – 8”

e o sons de quem passava

03_quem passa – 12”

Em mais um programa Fora de Portas, o Gabinete da Provedora acompanhou a emissão especial que encerrou - em Faro -, o ciclo dedicado aos 50 anos de independência das antigas colónias portuguesas em África.

Três antenas e cinco países – unidos para assinalar meio século das independências.

Emissões em simultâneo, diretos, programas e reportagens fizeram um retrato dos países de língua oficial portuguesa – e das comunidades que vivem deste lado do oceano.

O ciclo começou em 2023 com a Guiné-Bissau, o primeiro país a declarar a independência. Este ano foi a vez das emissões dedicadas a Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Angola. A rádio pública saiu do estúdio para estar onde estão essas comunidades – uma viagem entre Portugal e as antigas colónias

04_Medley_Emissões - locais, deixas e música- 2’

Seixal, Damaia, Coimbra, Faro – os locais de cada emissão especial foram escolhidos em função das características das comunidades de cada país, como explica o subdiretor da RDP África, Nuno Sardinha.

05_Sardinha_saidas e critérios - Tentou-se sempre sair de Lisboa...há tendência...o desafio foi sair da grande cidade...procura...fora...no caso do Algarve, a maior associação...RDP África colaboração...Coimbra...moçambicanos...no caso Damaia...município...forte representação cabo-verdiana...nos arredores Lisboa...São Tomé foi no Seixal...critério de termos...centralidade...diversas dimensões...- **Guiné?** – estas emissões não foram feitas...equipa A1...esse processo..2025 ano mais marcante...independências – **1’42**

O especial 50 anos de independências juntou Antena 1, RDP Internacional e RDP África. Nuno Sardinha justifica a opção.

06_Sardinha_simultâneo - Entrámos...publico mais vasto...explicar tudo...desafio...tentar fazer emissão abrangente...o que são hoje realidade de cada país...desenvolvimento e debilidades...ponto a que chegámos em várias áreas... o que propusemos...contrário...equipas...assumido pela antena nacional...foi para o terreno...sair zona conforto...RDP África permanente...desta vez...A1...ao mesmo tempo RDP África...ir aos países...o que são hoje...em 50 anos – **1’19**

As cerimónias oficiais foram acompanhadas na capital de cada país, desta vez em Luanda.

Em Portugal, a emissão simultânea decorreu em Faro, cidade onde se encontra a maior associação angolana em Portugal. O estúdio foi montado junto à marina, por baixo das árvores

do jardim, onde, ao fim da tarde, se abrigavam os pássaros – convidados inesperados registados na reportagem de Célia de Sousa.

07_reportagem – 4’40

...e sempre com a sinfonia dos pássaros em fundo.

A animadora Carina Jorge e o jornalista Nuno Rodrigues - da Antena 1 -, conduziram a emissão que também se ouviu na RDP África e na RDP Internacional.

08_Nuno e Carina_antenas diferentes – há sempre essa consciência...simultâneo...independência...natureza na memória...pensar em quem nos ouve...//eu acho que...queremos abraçar públicos das 3 rádios...umas...RDP África...sentir muito próximo...Internacional...sentir...ser emigrante...na A1...gostar saber...cidade portuguesa junto de comunidade de Angola...feita aqui para todos nós...não sinto...feita caixinhas...falar para cada um, mas...abraçar todos estes públicos – **1’26**

Um abraço só possível quando se leva a rádio às pessoas.

09_Nuno e Carina_bolha - Sair do estúdio é sair da bolha – ir ao encontro de que escuta Estas emissões...estúdio...consciência...de quem está do outro lado...proximidade...sair e estar com as pessoas...quando se regressa leva...proximidade...mesmo não estando na rua...//baterias...bolha...estúdio protegidos do mundo lá fora...redes...quando saímos...direto...pessoas que passam...ouvem...olhar e entender curiosidade...ver como se faz...serviço público...é diferente...depois voltamos para o estúdio...amanhã...vamos fazer de forma diferente...leva-se aprendizagem...contacto importante...falta...fazer emissões fora mais vezes – **1’36**

É um convite e uma promessa para que a rádio esteja cada vez mais perto das pessoas – das que já são ouvintes e das que podem vir a ser. Nesta emissão, apenas a presença da Antena 1 era visível. Montar estúdio fora de portas é também uma oportunidade para divulgar a marca de cada um dos canais – oportunidade que poderia ser mais bem aproveitada.

Sair do estúdio é uma forma de mostrar e afirmar o Serviço Público de rádio junto do mundo lá fora. E, quando se trazem o mundo e as pessoas, para dentro da rádio...

10_Valeu – 6”

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sítio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVEDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de Alberto Cardoso e Montagem de João Carrasco.

Programa 38_livros Livros para Ouvir

Última Edição, Escrever na Água, Conversas para Ler – são alguns dos programas sobre livros na rádio pública.

Os canais têm espaços com periodicidade e duração diferentes, o que espelha a relevância que cada antena dá às letras.

Em Nome do Ouvinte, mapeámos as leituras que se podem ouvir na rádio.

À caixa de correio da provedora chegam mais queixas e críticas do que mensagens de satisfação. Nos últimos dias alguns ouvintes escreveram a elogiar uma entrevista ao escritor João de Melo, conduzida por Teresa Dias Mendes na Antena 1.

Som entrevista João Melo com TDM – abrir a janela

Foi o pretexto para pormos o ouvido à escuta da palavra dos escritores.

Excerto entrevista João de Melo – a escrita é a minha tribuna

É na Antena 2 e na RDP África que encontramos os dois programas sobre Livros mais antigos – e ainda no ar.

Têm conceitos, objetivos e públicos diferentes.

Na Antena 2, Luís Caetano apresenta a Última Edição há mais de 20 anos.

01_Jingle – Última edição

Tem entre 15 e 30 minutos. Não falta matéria para alimentar um programa diário sobre livros. Pelo contrário – é preciso seguir critérios para decidir o que passa – e o que não passa – na rádio.

02_CRITÉRIOS CAETANO HIPÓTESE 2 – os critérios são...subjetivos...meu entendimento...validade...qualidade...gosto...critérios objetivos...não entrevisto...autoedição...país poetas...explodia...não posso ler...são milhares de livros por ano – **35”**

Luís Caetano tem mais programas sobre literatura – todos na Antena 2.

03_Luis Caetano_todos os programas CURTO – a força das coisas...2horas...entrevistas longas...só acontece na A2 e públicas...quanto tempo é a entrevista? necessário...ultima edição e ronda da noite...dar voz a quem faz livros...editando...tradutores...livreiros...o mundo dos livros tivesse uma voz na A2 – **41”**

Luís Caetano é ainda autor de Vida Breve, um programa diário, de poesia dita por quem a escreve.

Na RDP África, encontramos Escrever na Água - apresentado há mais de 20 anos por Fernanda Almeida.

04_Jingle_Escrever na Água

Programa semanal de quase uma hora, com uma versão diária de dois minutos, para uma vasta audiência com uma língua em comum:

05_Fernanda Almeida_entendível e proximidade MAIS CURTO- Eu tento que seja um programa...entendível por todos...serviço público...se não haja tem acesso aos livros há acesso às histórias...e autores...maravilhoso e pode mudar a vida de alguém...tento...discurso...mais próximo possível...cabo-verdiano...aproximado todos os países...fazer esse aproximar estes universos...proximidade linguística...toda a matéria nos aproxima – **1'11**

Aproxima – e, para muitos, é a única forma de ler um livro: ouvi-lo, na rádio – é serviço público, como sublinha Fernanda Almeida.

06_Fernanda Almeida_ajudar a sonhar – pensar que estamos sempre...falta de leitores...livros...livros para estudar...professores...ter alguém a ouvir uma história e sonhar...pode um dia...precisamos...lanterna...rápido e menos empático...fazem falta...ajudar a sonhar - **33"**

Escrever na Água, na RDP África.

Desde setembro que se fala de livros na Antena 1 no Anfiteatro, rubrica no programa da manhã sobre vários assuntos – um deles, os livros.

Uma vez por semana Ana Daniela Soares sugere leituras ou acontecimentos literários. São três a quatro minutos de diálogo com o animador – que faz o papel do ouvinte

07_Ana Daniela Soares diálogo ouvinte - Vamos fazer isto...cara a cara...direto...interagir...compreender melhor...no fundo anfitrião sabe quase nada...papel ouvinte...observações...tinha de ser em diálogo...tinha de ser – **29"**

Para estas sugestões Ana Daniela Soares definiu alguns critérios.

08_Ana Daniela Soares_critérios - Habitualmente...sexta-feira...tento sempre escolher...nessa semana...outro...livros não ficção e estrangeiros...rádio...tradução e dobragem...essas sugestões com atualidade é fundamental – **39"**

Ana Daniela Soares no Anfiteatro da Antena 1 nas manhãs de sexta-feira.

Além desta rubrica, a estação estreou há pouco tempo o programa Papel da Música

09_Jingle papel da Música – 17"

Um programa semanal de livros sobre música - assinado por Rui Miguel Abreu.

Na Antena 3, desde abril que Raquel Morão Lopes escolhe livros para os ouvintes.

10_Jingle_a Vida numa Estante – 13"

A primeira edição não foi sobre um livro ou um autor, mas sobre livrarias. Motivo de sobra para justificar a ideia do programa como conta Raquel Morão Lopes.

11_Raquel Morão Lopes_livrarias resistência CURTO - É sobre livros sim...gravita...autores...leitores...bibliotecas...fecham...ousam abrir...1ª episódio...livrarias fechado...mas...duas...abertas...ato de resistência e coragem...partilhamos esta paixão e

queremos partilhá-la não ponto de vista pedagógico...não queremos converter...valorizar esse ato de resistência...contraciclo...aventurar-se no negócio e partilhar...amor pelos livros – **1'05**

Livros, autores, iniciativas estão sujeitos a critérios de seleção. Raquel Morão Lopes aponta alguns - tendo em conta a audiência da Antena 3.

12_Raquel Morão Lopes_critérios - Tentamos estar em cima dos lançamentos...atualidade...relevante...aproximação...universo antena 3...não podíamos afastar sob pena...não é apenas sobre livros...reportagem...(ex)...não seja apenas gente sentada a conversar...ir rua...partilhado pelos livros – **57"**

Oito minutos por semana para partilhar leituras n' A Vida numa Estante na Antena 3.

Todos estes programas passam em FM e ficam na RTP Play. Mas há um podcast – sobre livros - exclusivo para o digital.

A autora, a jornalista Cláudia Godinho, optou pelo formato por ser mais flexível: tanto na duração, como na linguagem, pelas temáticas e o pelo tipo de audiência.

Conversas para Ler dirige-se a ouvintes mais jovens e a leitores digitais - que chegam aos livros através dos booktokers.

13_Claudia Godinho_booktoker – 7"

Ou seja, criadores de conteúdos digitais sobre livros - mas não são os únicos convidados.

14_Claudia Godinho_com quem fala CURTO– ideia é falar com leitores...diferentes tipos...redes sociais gostam...criadores de conteúdos...agora se lia menos...ler mais...por causa leitores mais jovens...falar com...ajudam promover a leitura...conhecemos dos vídeos...pandemia...reaproximaram...leitura passatempo solitário – **54"**

Conversas para Ler, em podcast, de e para os ouvintes digitais, com a jornalista Cláudia Godinho.

15_conversas pata ler #027_fecho

Todas as antenas têm pelo menos uma **rubrica** ou um programa sobre literatura - com sugestões, iniciativas ou lançamentos. É na Antena 2 e na RDP África que se encontram os programas de entrevista e divulgação, mais longos e mais antigos.

Na Antena 1, os livros ocupam três a quatro minutos por semana. E na Antena 3 pouco mais – são programas recentes, de curta duração e emitidos em horários que nem sempre convidam à leitura. As conversas com os autores não têm um formato próprio, dispersam-se por vários espaços.

O pouco tempo dedicado aos livros salta ao ouvido, apesar dos novos programas do último ano. O serviço público tem responsabilidades acrescidas na promoção da leitura e do conhecimento. É o que está escrito no Contrato de Concessão: assegurar programas regulares

de promoção da língua portuguesa, história e literatura; e adotar uma programação que valorize a cultura e a educação dos cidadãos – que são - afinal - os ouvintes.

16_Frase_Caetano _frase: falar de livros é falar de tudo – 9”

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sitio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação de João Paulo Martins e Montagem de João Carrasco.

Programa 39_Cultura Mais Cultura

Qual é o lugar da cultura na rádio pública?

Que espaço ocupa na informação e na programação?

Que áreas são noticiadas e com que critérios?

Em Nome do Ouvinte refletimos sobre a forma como a cultura é tratada nas diversas antenas.

A cultura está associada à rádio desde os primórdios – foi a rádio que levou aos ouvidos do grande público a música, as letras, o teatro, e os concertos – retirou-os das salas fechadas e abriu as portas do conhecimento a quem não tinha acesso - foi assim no início do século passado quando a cultura era apenas para as elites. A rádio levou a cultura a todos – bastava rodar o botão onde quer que estivesse OU escutar nos altifalantes dos espaços públicos.

Hoje o serviço público tem um papel consagrado no contrato de concessão: deve garantir uma programação diária que promova a cultura e o conhecimento, e valorize a língua portuguesa.

Razões para saber qual o lugar da cultura na rádio.

Há 2 anos a Direção de Informação recuperou a editoria de cultura que não existiu durante uma década – uma opção no mínimo peculiar, por se tratar da rádio pública e da missão que tem de cumprir.

A editoria de cultura é agora coordenada pela jornalista Sandy Gageiro.

01_Sandy_Critério nacional_Em relação aos critérios...tenha uma abrangência nacional...territórios...correspondentes...Algarve, Alentejo, Bragança...é há sempre alguém que pode estar interessado...temas mais abrangentes...atravessa todas as antenas – **1’**

Outro dos critérios é a audiência de cada canal.

02_Sandy_critério público – eu acho...escolher...pensando nosso público A1 e A2...a equipa cultura tem...há temas que usamos na A2 que não vão para A1...A2 temas específicos que na A1 com toda atualidade não tem espaço...publico curioso e atualizado sobre todas vertentes artísticas...A3 menos...tem espaço...domínio público...mais pop...partilhamos conteúdos, mas...não vem A1 ou A2 porque...há pessoas com curiosidade sobre a musica que mais novos fazem em Portugal ou pop...menos mainstream...direcionado para A3 – **1’46**

A equipa de cultura trabalha para os noticiários E para outros espaços da Direção de Informação.

03_Sandy_além not e acaba com biblioteca - Os noticiários é sempre aquela corrida e minuto e meio...tem dado para dar agendas...eventos...encontros...património e outras áreas artísticas...orçamento estado cultura...manhã...anfiteatro...e programa da tarde...desenvolver trabalhos que se perdem naquele minuto e meio...bibliotecas em Portugal – **59”**

Os espaços da manhã e da tarde têm maior duração e acolhem com frequência reportagens ou entrevistas de cultura. É uma forma de contornar a informação imediata e rápida do dia a dia, como sublinha a Editora Sandy Gageiro.

04_Sandy_5 minutos vs minuto e meio - Tem sido possível dar destaque dar destaque...que no minuto e meio não...frustrante e desafio...queremos sempre dar mais...não cabem...e em 5 minutos rende muito mais – **30”**

É um facto a ter em conta: quem ouve os noticiários pode não ouvir o resto da emissão. O que reforça a importância da cultura na informação diária.

05_Sandy_valor noticia - Eu acho que peças cultura é importante...atribui-lhe esse valor noticioso...tenho tido feedback como positivo...só ouvem...só param para ouvir noticiários e não resto da antena...A1 bastante espaço...cultura – **36”**

Tem espaço, mas nem sempre tem destaque. As notícias de cultura continuam a fechar noticiários como reconhece Sandy Gageiro.

06_Sandy_cultura não abre – a atualidade é um camião pesado...minha experiência...a cultura pode abrir em várias ocasiões...prémios...eventos...(ex) extraordinário imenso agenda...eu compreendo...não é criticável...é gestão...camião pesado...saúde á justiça...tocam às pessoas mais premente...algum dia vai ser possível...os noticiários – **58”**

Perguntei à Direção de Informação se havia indicações sobre o lugar da cultura nos noticiários. Mário Rui Cardoso diz que deve ser tratada como qualquer outra editoria, mas admite que nem sempre é assim.

07_MRCardoso – cultura fecha sim + bach - De facto reconheço...fechar...são brinquinho e coisa gira...achamos que não...merecem ser tratados pelo valor-noticia...abrir – **recorda-se?** – exemplo partituras Bach...era para abrir...e foi o que aconteceu – **55”**

A informação cultural está dispersa por diversos programas e rubricas quer da informação quer da programação – por vezes remetida para horários com pouca audiência. E não há um espaço que reúna tudo o que é produzido, nem mesmo no digital. Faria sentido ter um programa só para a cultura na Antena 1 ou na 3?

Mário Rui Cardoso da Direção de Informação responde:

08_MRCardoso_magazine - Nós não temos de facto um programa dedicado à cultura...fazer trabalho...apreciável nesta área...estão bastante presentes...noticiários...janelas...anfiteatro...PD...se calhar faria assentido...semanal dedicado a estes assuntos – **53”**

Opinião partilhada pela editora de cultura, Sandy Gageiro.

09_Sandy_magazine - Se houvesse magazine...cruzar...matérias...como não temos mãos para chegar a tudo ou espaço onde incluir...magazine seria interessante...mas há mão obra...mil coisas para fazer...tempo e ponderação...um programa semanal...há um magazine o destacável...são outras matérias...não é só magazine cultural...ótima ideia...mas há sempre essa questão da mão de obra – **1’10**

Estrategicamente, faz sentido a cultura ter espaços próprios e segmentados OU deve estar integrada na programação? Fiz a pergunta ao Diretor dos canais públicos, Nuno Reis.

10 b_Reis_estratégia - faz sentido falar das 2 coisas...faz mais sentido...diversas vozes...não ganharíamos nada...2f para, 3fpara...acho...fixar presenças nos painéis de emissão...conteúdos...temas...convidados...é bom fixar momentos...mas não...acho que as coisas podem ser mais fluidas...importar liberdade do digital...não estar presos...liberdade...coisas vão acontecendo – **Mudança?** - na A1...dp presidenciais...vontade colocar mais cultura...(ex)...colocá-los manhã...anfiteatro...transpô-lo para a tarde...trazidos várias pessoas...A2 e A3...espaço para trabalhar...musicais e abrindo espaço outras áreas...tentando criar...conteúdos...menos rígida...abordar cultura forma ampla e variada...musica preponderância 1,2,3 – **2’45**

No próximo ano haverá mais cultura na rádio pública – promessa do Diretor de Programas das rádios, Nuno Reis.

Os diversos estudos sobre a cobertura cultural nos media portugueses apontam para uma mesma tendência: o valor informativo sobrepôs-se ao valor cultural, a informação imediata e diária substituiu os formatos de longa duração, de entrevista, de debate – e formatos que aprofundam temas.

A cultura foi, também ela, tomada pela voracidade do imediato – dominada pela agenda, pela efeméride e pelos espetáculos – mais divulgação do que jornalismo – mais entretenimento do que formação e conhecimento – uma cultura *fast food*, de consumo rápido, descartável, que cabe em minuto e meio, e se esgota no acontecimento efémero.

A rádio pública, apesar de tudo, ainda vai fazendo a diferença. Mas isso não significa que não reequacione estratégias e opções.

A cultura é inata à missão de serviço público. É uma questão estratégica e diferenciadora.

Qualquer que seja o caminho tem sempre de ser pensado em função dos ouvintes: no acesso que têm – ou não têm – à cultura // onde quer que estejam - do que escutam- e em que horários.

Sem nunca esquecer que ESTE é um dos pilares do serviço público de rádio.

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sitio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz

Gravação e Montagem de João Carrasco.

Programa 40_Balanço Balanço do Ano

Em Nome do Ouvinte, é tempo de balanço de mais um ano como Provedora.

O apagão, os 90 anos de rádio pública e a rede de correspondentes. Três dos vários assuntos que suscitaram reflexão em 2025 e que passamos em revista neste programa.

Nos últimos três anos, o Gabinete da Provedora visitou os Centros Regionais e Delegações da RTP, e assistiu a emissões especiais, em direto, de norte a sul // e nas ilhas. Terminada a ronda, os dois primeiros programas deste ano foram dedicados à presença e ao impacto da rádio pública no país.

01_Jingle-o país na rádio / a rádio no país

Um retrato cheio de lugares vazios: 45 concelhos portugueses não têm qualquer meio de comunicação local e 38 vivem num regime de informação ocasional ou insuficiente. Os dados são do Media Trust Lab, da Universidade da Beira Interior, na Covilhã.

As rádios locais também vão fechando e as nacionais nem sempre abrem os microfones para ouvir o país – um território onde a rádio pública faz toda a diferença, como sublinhou o investigador Luís Bonixe.

03_Local_Luis Bonixe_local – há algum esforço...alguns órgãos...correspondentes...delegações...rtp...outras também...ajuda minimizar...de quando em vez aparecem essas notícias...não com a frequência...e as populações desejariam...representadas...importante – *visibilidade?* - Pouca...problemas locais...ainda assim

+e preciso colocar ponto de ordem...não falamos abertura telejornal...talvez não faça sentido...variação de espaços nos media para local...passo importante...poderiam dar...nem todos...embora...esforço reconhecido...também deve ser aqui sublinhado...Portugal não temos tradição...olhar local...rotina e agenda do jornalismo...aparecesse meda nacionais...quebra rotina...catástrofe...acontece e aparece, mas não está na agenda – 2’01

Luís Bonixe tem estudado a rádio e a informação de proximidade.

O panorama dos média regionais está em linha descendente: jornais e rádios estão a desaparecer, há concelhos que já não os têm, e a imprensa nacional nem sempre chega - ou está em risco de não chegar.

04_Local_CIM Douro_democracia – 39”

Perante esta realidade, o papel do serviço público torna-se ainda mais fundamental – haja meios, vontade e investimento.

O serviço público não substitui – nem deve substituir – os meios locais – mas este cenário de crise reforça a necessidade de ter uma rede de correspondentes que cubra todo o território e lhe dê mais espaço em antena.

É de referir que a rádio pública tem um programa diário de informação de proximidade e que os centros regionais e delegações contribuem para os noticiários e outros espaços de informação – marcam a diferença em relação a outros meios de comunicação – mas - não estão em todo o lado.

Vamos ao mapa: dos 18 distritos no continente, a rádio pública está hoje presente apenas em 10. E destes dez, há 6 com um único jornalista que, por vezes, cobre mais do que um distrito e trabalha para a rádio e para a televisão.

A rádio pública não está representada em Vila Real, Aveiro, Leiria, Santarém, Portalegre, Setúbal e Beja – ou seja, quase metade do território continental.

Nos Açores há correspondentes nas 9 ilhas e a Madeira continua sem jornalistas em Porto Santo.

Por vezes, os ouvintes perguntam porque não se foi a determinado sítio e acenam com o centralismo na capital. Questionadas as direções, a justificação mais comum é a **falta de recursos humanos**, logísticos ou técnicos – por outras palavras: falta de investimento.

Nas conversas na ronda do Gabinete da Provedora pelo País, sobressaíram problemas e situações que condicionam o que os ouvintes escutam - ou esperam escutar - numa rádio de serviço público.

Acresce que equipas e recursos são partilhados entre a rádio e a televisão. A política de sinergias parece fazer todo o sentido - mas rádio e televisão têm características próprias – tanto na linguagem, como na atuação no terreno. Rádio e televisão movem-se em tempos diferentes.

No momento da partilha, é a rádio que fica em segundo plano – ou seja, são os ouvintes que saem prejudicados.

Os correspondentes - e quem trabalha nos centros regionais e delegações - são o rosto do serviço público de rádio em cada região e dão-nos a ouvir as vozes do país. Se Lisboa e Porto concentram o maior número de ouvintes, o resto do país - todo junto - representa a maior parte das audiências da rádio. Mas é esse 'resto do país' que fica fora das notícias - uma invisibilidade que não se coaduna com o que é esperado do serviço público de rádio.

A cobertura de todo o território nacional não é facultativa - é uma obrigação - está no contrato de concessão - é um compromisso com os cidadãos - os ouvintes - e há todo um país à espera de ser ouvido.

Outro ponto de reflexão: a rádio pública é marcadamente masculina. Quando olhamos para as audiências constatamos que é mais ouvida por homens do que por mulheres. É um fator comum a todos os canais como nos contou Vera Roquette, do Departamento de Audiências e Estudos de Mercado da RTP.

05_Vera Roquete_números - Vou-lhe dar o ex da Antena 1, 8.6 masculino e 2.2 feminino...**é diferença ... 70-30, A2 09 par 0.3 e na A3 é 2.5 para 1.4 - 18"**

Os números mostram que as mulheres preferem as estações de música, mas há razões que explicam esta predisposição.

06_Basilio -desajuste - 11"

Rita Basílio, professora na Universidade de Coimbra e investigadora sobre as questões de género nos média.

A rádio pública é marcadamente masculina - os indicadores de audiências são um sinal para uma reflexão mais profunda - para mudar alguma coisa - dentro - e fora de portas.

Também este ano o serviço público de rádio em Portugal fez 90 anos.

A rádio pública faz parte da história do país - e da vida dos ouvintes. Marcou momentos chave - como no 25 de abril de 1974, a revolução comandada aos microfones da rádio.

Já este ano, também em abril - o país ficou sem luz.

07_Apagão_Noticiário_noticiário 12h_28abril - 25"

Durante o apagão, foi a rádio que manteve os cidadãos informados - e ligados - quando tudo o resto falhou.

08_Apagão_FSS_como se fossem amigos - A rádio...esteve Bragança, Faro...Covilhã...Castelo Branco...Lisboa - **onde estavam as pessoas/repórteres** - trataram ouvintes como amigos - **28"**

A voz é de Francisco Sena Santos - aqui no papel de ouvinte.

09_Apagão_FSS_momentos do apagão - Pensar em cada instante...o que importa para cada ouvinte...o que está a acontecer...tentar perceber quando vai ser superado...depois...mais à noite...porquê - **44”**

Jornalista-ouvinte – Na rádio, Francisco Sena Santos tem um record: conduziu o maior número de emissões especiais ditadas pelos acontecimentos, emissões inesperadas, sem planos, sem rede – como a que ouvimos a 28 de abril deste ano. Desse dia, o jornalista-ouvinte destaca a sobriedade dos repórteres.

10_Apagão_FSS_não houve alarmismo - A calma...segurança...nunca houve...alarmismo...especulação...gritaria...calmamente...ajudou-nos á tranquilidade naquele dia – **20”**

Informar, orientar e tranquilizar.

A luz apagou-se às 11 e 33 de 28 de abril. Durante 16 horas as estações da rádio pública juntaram-se numa emissão conjunta.

11_Apagão_antena 2_em simultâneo – 17”

O apagão foi uma oportunidade para detetar fragilidades e identificar lacunas - serviu também para testar soluções – para corrigir e melhorar.

O apagão deixou bem claro que é urgente repor a rede de correspondentes, ajustar meios técnicos e cuidar das antenas. Em resumo: é preciso investir mais na rádio.

No dia 28 de Abril, a rádio pública foi, mais do que nunca, aquilo que já é: serviço público – e uma prova de que a radiodifusão é um bem precioso quando tudo falha - Se dúvidas houvesse.

Os ouvintes agradeceram e elogiaram o trabalho da rádio pública – em mensagens à provedora e no programa Antena Aberta do dia seguinte.

12_Medley ouvintes – 1’30

Palavras de agradecimento e satisfação – que destaco – dado que a maior parte das mensagens que recebo são de crítica ou insatisfação.

Não há muitos ouvintes que escrevam para elogiar, mas existem - e é com as suas palavras que fecho este Em Nome do Ouvinte.

13_Medley elogios – 1’18

A caixa de correio da Provedora está aberta aos ouvintes das rádios, webrádios e podcasts – pode escrever a partir do sitio da RTP - em rtp.pt - ENVIAR MENSAGEM À PROVIDORA DO OUVINTE.

Em Nome do Ouvinte

Um programa de Ana Isabel Reis

Com apoio das jornalistas Célia de Sousa e Inês Forjaz
Gravação de Rui Coelho e Montagem de Tiago Vaz.